Lilian Fátima Zaniboni

O Funcionamento das Pausas na Atividade Discursiva de Sujeitos com Doença de Parkinson



1910001059

LILIAN FÁTIMA ZANIBONI

O FUNCIONAMENTO DAS PAUSAS NA ATIVIDADE DISCURSIVA DE SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON

LILIAN FÁTIMA ZANIBONI

O FUNCIONAMENTO DAS PAUSAS NA ATIVIDADE DISCURSIVA DE SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto
T 1.059/02

Orientador: Prof. Dr. *Lourenço Chacon Jurado Filho*

São José do Rio Preto

2002

801000003

T41:616.858
Z31f

Zaniboni, Lilian Fátima.
O funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson / Lílian Fátima Zaniboni. – São José do Rio Preto : [s.n.], 2002.
228 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Lourenço Chacon.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Doença de Parkinson. 2. Pausa. 3. Discurso. 4. Linguagem. 5. Prosódia. 6. Fala. I. Chacon, Lourenço. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41

LILIAN FÁTIMA ZANIBONI

O FUNCIONAMENTO DAS PAUSAS NA ATIVIDADE DISCURSIVA DE SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador.....

2º.Examinador.....

3º.Examinador.....

São José do Rio Preto, 13 de março de 2002

DADOS CURRICULARES

LILIAN FÁTIMA ZANIBONI

NASCIMENTO: 13.05.1973-São José do Rio Preto/SP

FILIAÇÃO: Benedito Valdir Zaniboni

: Ionetes Gonçalves Zaniboni

1991/1994: Curso de Graduação

: UNESP-Marília

1995/1997: Curso de Aprimoramento em Fonoaudiologia pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

1998: Curso de Aprimoramento teórico em 'Fonoaudiologia Hospitalar' pelo CEFAC (Curso de Especialização em Fonoaudiologia Clínica)

2000: Ingresso no Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-UNESP, Campus de São José do Rio Preto

2001: Monitora da disciplina de *Lingüística Geral*, do curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista-Campus de Marília



A Lourenço Chacon Jurado Filho

AGRADECIMENTOS

FAPESP, pelo apoio financeiro (Processo: 00/00773-0);

Célio Nabuco, Ilo Xavier, Jurandir Pavarini e Valdo Garcia;

Alessandro Caldeira da Silva;

José, Maria, Mada e Ionetes;

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa;

Maria Irma Hadler Coudry;

Erotilde Gorete Pezatti;

Roberto Gomes Camacho;

Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher;

Eleonora Cavalcante Albano;

Aglael Juliana Gama Rossi e Sandra Madureira;

Alessandra Carla Comar, Elaine Cristina de Oliveira, Larissa Cristina Berti;

Márcio Henrique Pereira.

Lutemos agora para libertar o mundo, abater fronteiras nacionais,
dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência.
Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o
progresso conduzam à aventura de todos nós...

(Charles Chaplin, *In: 'O grande ditador'*)

unesp

SUMÁRIO

Lista de Quadros.....**10**

Lista de Figuras.....**12**

Resumo.....**15**

Apresentação.....**16**

I. Revisão Bibliográfica.....**19**

1.0 A doença de Parkinson.....**19**

1.1 A pausa.....**45**

II. Aspectos Teórico-Metodológicos.....**64**

2.0 Seleção dos sujeitos.....**70**

2.1 Gravação.....**72**

2.2 Transcrição dos dados.....**74**

2.3 Digitalização das gravações.....**77**

2.4 Seleção das pausas.....**83**

2.4.1 relação entre pausas e fatores lingüístico-discursivos.....**90**

III. Resultados.....**99**

3.0 Um primeiro olhar sobre os dados.....**99**

3.0.1 Resultados obtidos a partir da comparação entre P1 e G1..**101**

3.0.1.1 quanto aos turnos discursivos.....**101**

3.0.1.2 quanto às pausas.....**105**

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.0.2 Resultados obtidos a partir da comparação entre P2 e G2..**112**

3.0.2.1 quanto aos turnos discursivos.....**112**

3.0.2.2 quanto às pausas.....**116**

3.1 Um segundo olhar sobre os dados.....**123**

3.1.1 fatos relativos aos turnos discursivos.....**123**

3.1.2 fatos relativos às pausas.....**143**

3.2 Diferenças enunciativas.....**167**

3.2.1 quanto aos turnos discursivos.....**167**

3.2.2 quanto à distribuição das pausas nos turnos discursivos.....**179**

3.2.3 quanto às características acústicas das pausas.....**186**

IV. Considerações Finais.....**196**

Referências Bibliográficas.....**212**

Anexos.....**227**

Anexo I.....**228**

Anexo II.....**282**

Abstract.....**287**

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – disposição geral dos resultados baseados nos turnos discursivos de P1, de G1, de P2 e de G2.....**100**

Quadro 02 – distribuição dos pares dialógicos em correlação com os turnos discursivos de P1 e de G1.....**105**

Quadro 03 – características acústicas (de preenchimento) das pausas em início de turnos discursivos de P1 e de G1.....**107**

Quadro 04 – correlação entre pausas (quanto ao seu preenchimento) e tipos de pares dialógicos em P1 e em G1.....**109**

Quadro 05 – número de pausas e sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P1 e de G1.....**110**

Quadro 06 – disposição geral dos resultados baseados nos turnos discursivos de P2 e de G2.....**112**

Quadro 07 – distribuição dos pares dialógicos em correlação com os turnos discursivos de P2 e de G2.....**115**

Quadro 08 – número de pausas e sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P2 e de G2.....**117**

Quadro 09 – correlação entre pausas (quanto ao seu preenchimento) e tipos de pares dialógicos em P2 e G2.....**119**

Quadro 10 – número de pausas e sua característica acústica de duração no início dos turnos discursivos de P2 e de G2.....**120**

Quadro 11 – desenvolvimento dos turnos discursivos de P1, de G1, de P2 e de G2, correlacionados com a natureza e a forma dos pares dialógicos.....**139**

Quadro 12 – correlação entre a característica acústica de duração da pausa e os tipos de pares dialógicos.....**189**

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 01 – número de turnos desenvolvidos por P1 e por G1.....**103**

Gráfico 02 – percentual de turnos desenvolvidos por P1 e por G1.....**103**

Gráfico 03 – número de turnos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P1 e G1.....**106**

Gráfico 04 – percentual de turnos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P1 e G1.....**106**

Gráfico 05 – referente ao percentual de pausas quanto à sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P1 e de G1.....**111**

Gráfico 06 – número de turnos discursivos desenvolvidos por P2 e por G2.....**114**

Gráfico 07 – percentual de turnos discursivos desenvolvidos por P2 e por G2.....**114**

Gráfico 08 – número de turnos discursivos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P2 e G2.....**116**

Gráfico 09 – percentual de turnos discursivos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P2 e G2.....**116**

Gráfico 10 – percentual de pausas quanto à sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P2 e de G2.....**121**

Gráfico 11 – turnos desenvolvidos por P1, G1, P2 e G2, iniciados (ou não) com retomada de elemento verbal do turno do interlocutor.....**124**

Gráfico 12 – de turnos discursivos iniciados com e sem retomada de elemento verbal, co-ocorrendo com turnos iniciados com pausa.....**133**

Gráfico 13 – turnos discursivos iniciados sem retomada de elemento verbal e iniciados com fala cristalizada.....**133**

Gráfico 14 – extensão dos turnos desenvolvidos por P1, por G1, por P2 e por G2.....**137**

Gráfico 15 – desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo informação/aberta.....**141**

Gráfico 16 – desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo informação/fechada.....**141**

Gráfico 17 – desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo confirmação fechada.....**142**

Gráfico 18 – desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo pedido de esclarecimento.....**142**

Gráfico 19 – turnos iniciados com pausa e combinados com retomada de elemento verbal ou com fala cristalizada.....**150**

Gráfico 20 – turnos organizados por meio dos pares dialógicos 'comentário/forma aberta' e 'informação/forma aberta' que co-ocorrem com pausa inicial.....**151**

Gráfico 21 – turnos organizados por meio dos pares dialógicos 'informação/forma fechada' e 'confirmação/forma fechada' que co-ocorrem com pausa inicial.....**151**

Gráfico 22 – duração média das pausas em relação aos tipos de pares dialógicos: (A) pedido de informação/forma aberta; (B) pedido de informação/forma fechada; (C) comentário/forma aberta; (D) pedido de confirmação/forma fechada; e (E) pedido de esclarecimento/forma aberta.....**190**

ZANIBONI, L. F. *O Funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson.* São José do Rio Preto, 2002. 185p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

A doença de Parkinson é uma doença neurodegenerativa, portanto progressiva, que acomete os gânglios da base. As pesquisas sobre a doença centram-se em seus aspectos motores, inclusive os da fala. Neste estudo, porém, foi realizada uma comparação entre a fala espontânea de dois sujeitos parkinsonianos e a de dois sujeitos sem qualquer tipo de lesão neurológica (sujeitos controle), sendo as pausas em início de turno discursivo o enfoque primordial. Foi feita a gravação e a digitalização da fala espontânea desses quatro sujeitos, de modo a destacar as características acústicas (de preenchimento e de duração) dessas pausas. Observou-se que elas: a) ocorrem em maior número na fala dos parkinsonianos do que na dos controles; b) têm maior duração na atividade discursiva dos parkinsonianos do que na dos controles; c) aparecem de forma preenchida, mista e silenciosa na atividade discursiva dos parkinsonianos, ao passo que nos sujeitos controle são sempre silenciosas; e d) aparecem, tanto nos parkinsonianos quanto nos controles, com um forte vínculo com a estrutura discursiva da atividade verbal, como por exemplo com os tipos de pares dialógicos que organizam a conversação. A diferença entre a atividade discursiva dos parkinsonianos e a dos controles é, assim, o maior número de ocorrência de pausas iniciais e as características acústicas dessas pausas. Esta diferença pode ser entendida não como conseqüência de dificuldades (motoras) da fala dos parkinsonianos, mas sim como um processo alternativo de enunciação ao qual os parkinsonianos recorrem para manter a efetividade da atividade dialógica.

Palavras-chaves: doença de Parkinson; pausa, discurso.

Apresentação

"... estudar o discurso não enquanto fala individual, mas
enquanto instância significativa, entrelaçamento
de discursos que, veiculados socialmente,
realizam-se nas e pelas interações entre sujeitos"
(Beth Brait, 1997:99)

Visto que, em sua maioria, os estudos relacionados com a doença de Parkinson se restringem a uma abordagem clínica dessa doença, propomos, em nosso estudo, um intercâmbio científico entre as ciências humanas e as ciências biológicas para compreender algumas questões lingüístico-discursivas que podem ocorrer com sujeitos parkinsonianos ao fazerem uso da linguagem falada.

Como objetivo mais geral, temos o propósito de encontrar teorias lingüísticas que, correlacionadas com teorias empregadas na literatura especializada sobre a doença de Parkinson, possam favorecer a identificação e a compreensão de possíveis peculiaridades lingüístico-discursivas em sujeitos parkinsonianos. Com isso, pensamos em despertar a atenção de investigadores e terapeutas para peculiaridades outras de sujeitos parkinsonianos que não somente as de ordem motora.

Como objetivo mais específico, buscamos compreender os possíveis papéis desempenhados pelas pausas que ocorrem em início de turno discursivo de sujeitos com doença de Parkinson.

unesp

Visando atingi-los, fazemos um estudo comparativo entre a conversa espontânea de sujeitos parkinsonianos e a conversa espontânea de sujeitos sem qualquer tipo de lesão neurológica. Fundamentamos nossas investigações em teorias lingüísticas que entendem a fala[1] como um modo de enunciação da linguagem e que entendem, também, a pausa como um aspecto prosódico implícito no exercício da linguagem e plausível de ser analisado em correlação com fatores conversacionais nas e pelas instâncias discursivas.

Dessa forma, organizamos nosso estudo em quatro capítulos. No primeiro deles, (I) ***Revisão bibliográfica***, destacamos estudos que fornecem subsídios para nossa comparação. Neste capítulo, num primeiro momento, privilegiamos estudos que vinculam a doença de Parkinson principalmente a problemas de linguagem, de fala e/ou alterações prosódicas decorrentes da neurodegeneração. Num segundo momento, privilegiamos estudos lingüísticos que investigam a funcionalidade das pausas na fala.

No segundo Capítulo, (II) ***Aspectos teórico-metodológicos***, não só descrevemos o *corpus* de nosso estudo e os métodos empregados para sua análise,

---

[1] Estaremos entendendo a atividade de fala não só enquanto "sons sistematicamente articulados e significativos que representam a língua a partir do aparato disponível pelo próprio ser humano", tal como definiu Marcuschi (2001:25), mas como um modo de uso e produção da língua que, assim como outras formas de uso e produção da língua, está ligado a determinadas práticas culturais (Corrêa, 1997:25). Embora Marcuschi (2001) faça uma diferenciação entre oralidade e fala (a primeira, vista como uma prática social, e a segunda, vista como uma modalidade de uso da língua), há momentos que o autor usa "oralidade" e "fala" como sinônimos. Não desconsiderando a proposição deste autor, mas adotando contribuições também de Corrêa (1997), "podemos pensar a comunicação oral [oralidade] de acordo com uma gama muito diversa de gêneros vinculados a práticas específicas da atividade humana" (op. cit, p.25). Vemos, ainda de acordo com Corrêa, que a fala seria, então, um modo de comunicação oral, o qual, por sua vez, não se reduz ao seu aspecto fônico-acústico (p.26), já que, por ela [comunicação oral], é possível perceber a atividade do sujeito sobre a linguagem e a atividade da linguagem sobre o sujeito. Poderíamos concluir, então, que, sendo a fala um (dos) modo(s) de comunicação oral, não devemos nos prender apenas às suas características fônico-acústicas, mas devemos dedicar atenção à forma como permite a relação entre sujeito e linguagem (sobre fala e oralidade, conferir também Urbano, 1999:132).

unesp

como ainda explicitamos propostas teóricas que subsidiam nosso enfoque metodológico.

Já no terceiro Capítulo, (III) ***Apresentação dos resultados***, expomos o produto de: (a) um primeiro olhar sobre os dados, mais centrados em valores (quantitativos e percentuais) dos dados coletados; e (b) um segundo olhar sobre os dados, que busca relacionar esses valores a modos pelos quais os sujeitos que integram nosso estudo desenvolvem sua atividade verbal. Ainda neste capítulo, em sua conclusão, abordamos com mais detalhe as diferenças de condições enunciativas entre os sujeitos parkinsonianos e os sujeitos sem lesão neurológica.

Por fim, no quarto Capítulo, (IV) ***Considerações finais***, revemos (de modo geral) os resultados de nossa análise à luz de tópicos destacados da bibliografia a que tivemos acesso sobre o parkinsonismo e sobre as pausas. Destacamos, por fim, neste capítulo o que acreditamos ser as principais contribuições de nosso estudo.



I. Revisão Bibliográfica

1.0 A doença de Parkinson

Na literatura especializada, a doença de Parkinson é comumente definida como uma patologia neurodegenerativa, portanto progressiva, que acomete, na região extrapiramidal do sistema nervoso central, os gânglios da base[2]. Esses gânglios são os principais responsáveis pela produção do neurotransmissor chamado dopamina, que, por sua vez, tem papel fundamental no controle das atividades motoras[3].

Justificar, porém, a patologia por seus traços motores talvez não seja resultado apenas das manifestações que podemos observar no sujeito parkinsoniano. Podemos acreditar que essa atitude seja, também, proveniente dos primeiros estudos sobre a patologia, desenvolvidos por James Parkinson, médico inglês acometido por essa doença. Foi em 1817 que publicou sua monografia "An Essay on the Shaking Palsy"[4] (Limongi, s/d; Barbosa *et al*, 1999), descrevendo o tremor, a postura e a marcha dos sujeitos acometidos pela doença (Limongi, s/d), bem como os movimentos tremulantes involuntários, a diminuição da força muscular, a tendência à

---

[2]Gânglios da base: agrupamento de corpos celulares que constituem as células nervosas situadas na região subcortical do sistema nervoso central.

[3] (Canter, 1963; Asnis, 1977; Matthews *et al*, 1979; Bevilacqua *et al*, 1979; Sarró, 1985; Illes *et al*, 1988; Murdoch *et al*, 1989; Lieberman *et al*, 1992; Jones *et al*, 1992; Marsden, 1994; Lamônica, 1997; Teulings *et al*, 1997; Buchholz, 1997; Chrisquilles *et al*, 1998; Iansek, 1999; Limongi, s/d).

[4] James Parkinson nomeou a doença de Parkinson como 'paralisia agitante', em decorrência dos tremores sucessivos nas extremidades dos membros, mesmo quando em repouso. A doença recebeu o nome do médico inglês após o seu falecimento, quando Charcot decidiu homenageá-lo (Cf. Barbosa, 1999; Limongi, s/d).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

inclinação do tronco para frente e alteração na marcha, mas afirmando a preservação dos sentidos e do intelecto (Barbosa *et al*, 1999).

Com a morte de James Parkinson, outros estudiosos continuaram as pesquisas: como Jean-Martin Charcot, que se dedicou à busca de tratamento dos acometimentos motores da doença de Parkinson; Kinner Wilson, que se preocupou em descrever a acinesia (ausência de movimento) e a rigidez muscular no parkinsonismo; Brissaud, que levantou hipóteses sobre a possível base anatômica da doença; e Lewy, que descreveu alguns aspectos histológicos dos neurônios nigrais[5] de indivíduos parkinsonianos falecidos (Limongi, s/d; Barbosa *et al*, 1999).

Percebe-se, assim, que os primeiros investigadores se dedicavam prioritariamente aos problemas motores provocados pela doença, e foi com base nesses problemas que o quadro clínico da doença de Parkinson historicamente se estabeleceu[6]. Exemplo dessa ênfase nas dificuldades motoras dos sujeitos parkinsonianos é o que veremos a seguir.

Para Matthews e seus colegas (1979), as manifestações motoras são consideradas como as de maior relevância. Lembram, contudo, que não há muitos estudos que tentem quantificar as variações dessas manifestações motoras (p.951). Descreve-nas como déficit motor do tipo: (a) tremor; (b) rigidez; (c) pausa ou demora para iniciar um movimento; e ainda (d) comprometimento nas atividades reflexas (p.953).

---

[5] Neurônios nigrais: células nervosas que compõem a substância negra, que, por sua vez, é um dos gânglios situados na base do sistema nervoso central.

[6] Essa dedicação aos aspectos motores da doença é ainda dominante em estudos mais recentes, o que, a nosso ver, acaba situando o sujeito parkinsoniano às margens do que realmente representa enquanto sujeito bio-psico-social.

unesp

Jones *et al* (1992:505), por sua vez, destacam que os gânglios basais formam a área motora suplementar do córtex cerebral e que, na doença de Parkinson, é sugestiva a diminuição do "output" dos gânglios basais até o córtex frontal, acarretando dificuldades em movimentos seqüenciais, típicas da doença. Destacam, também, que essa área suplementar é responsável pelo controle motor bilateral e que, em função disso, os parkinsonianos podem ter problemas em realizar movimentos simultâneos e/ou alternados. E, por esse "desvio na relação intra-hemisférica" e por essa "desorganização na integração intra-hemisférica", os autores exemplificam suas conseqüências, mencionando problemas que os parkinsonianos encontram na atividade escrita, tais como o da escrita espelhada[7], bem como na fala, tais como desordem do tipo "gagueira"[8].

Já Marsden (1994) define o parkinsonismo como uma síndrome clínica dominada por uma desordem de movimentos que se caracteriza por tremor, rigidez, elementos de bradicinesia (lentidão dos movimentos), hipocinesia (diminuição dos movimentos), acinesia (perda dos movimentos) e anormalidades posturais. Com base nessa descrição, afirma que a doença de Parkinson consiste de uma síndrome do parkinsonismo associada, porém, à degeneração de pigmentos de núcleos cerebrais. Aponta o tremor como uma característica que engloba cerca de 70% dos pacientes, além de sintomas como entorpecimento ou dores sem perda sensorial, dores musculares, fraqueza ou enrijecimento muscular, e, ainda, dificuldades em escrever ou em iniciar uma tarefa com repetições seqüenciais, como escovar os dentes, tomar banho ou abotoar botões. De modo semelhante, Chrischilles *et al* (1998) enfatizam

[7] Sobre a escrita espelhada em parkinsonianos, ver Tashiro *et al*, 1987.
[8] Sobre as desordens de fala (do tipo 'gagueira') no parkinsoniano, ver McNamara *et al*, 1992:41.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

dificuldades motoras da doença, salientando, também, o tremor, a rigidez, a bradicinesia, a instabilidade postural e as discinesias nos parkinsonianos.

Assim como os demais autores, Teullings *et al* (1997) enfatizam as dificuldades motoras na doença de Parkinson. Indicam problemas no controle dos movimentos, tais como redução e desaceleração prolongada das amplitudes dos movimentos, levantando, então, a hipótese de que esses pacientes apresentam dificuldades na coordenação e no controle de vários sistemas musculares. Além desses aspectos, os autores citam dificuldades que os parkinsonianos podem apresentar na escrita (apenas enquanto ato motor, e não como ato enunciativo), tais como: falta de controle, mudanças abruptas de direção, tremor, lentidão, hesitação, rigidez e, em alguns casos, micrografia[9].

Pode-se, pois, perceber como os aspectos motores ainda são acentuados na caracterização da patologia neurodegenerativa de Parkinson. Contudo, há estudos que, embora ainda centrados na caracterização das dificuldades motoras resultantes da doença, propõem investigações sobre outros tipos de dificuldades que os sujeitos parkinsonianos apresentam.

É o caso, por exemplo, do estudo realizado por Murdoch e seus colegas (1989), em que há referência a desordens de fala na doença de Parkinson, decorrentes de problemas de suporte respiratório. Esses autores levantam a hipótese de que características de disartria hipocinética[10], tais como diminuição no nível de *loudness*, frases curtas, fala apressada e com interrupções abruptas são sugestivas de

---

[9] A propósito, ver também Lewitt, 1983.

[10] Darley *et al* (1975:2 e 3) definem a disartria hipocinética como uma desordem na fala decorrente de uma alteração neurológica (central ou periférica). Para os autores, essa alteração acarreta um distúrbio no controle neuromuscular do mecanismo da fala, resultando no comprometimento de algum dos processos motores envolvidos na execução da fala.

um suporte respiratório visto pelos autores como inadequado para uma produção normal da fala (p.610). Contudo, relacionam essas desordens de fala apenas à rigidez da musculatura respiratória, verificada na sinergia dos músculos agonista-antagonistas da respiração, bem como na redução dos movimentos da caixa torácica e do músculo diafragma. Assim como Murdoch *et al* (1989), Solomon *et al* (1993) fazem, também, uma análise da respiração fonatória em sujeitos com a doença de Parkinson e chegam a conclusões parecidas: de que as alterações respiratórias (de ordem muscular, como diminuição dos movimentos da caixa torácica e do músculo diafragma) implicam em alterações na fala, caracterizadas como redução de *pitch* e de *loudness*, rouquidão, variação na velocidade de fala e redução do acento.

Lê Dorze *et al* (1992), ao proporem uma atividade terapêutica para os casos de disartria, agem de modo semelhante a Murdoch *et al* e Solomon *et al*. Isto é, caracterizam a disartria hipocinética como uma fala com restrição de modulação do que definem como *pitch,* como *loudness e* como velocidade. Além disso, associam essas dificuldades exclusivamente a problemas de ordem respiratória, argumentando que, devido à respiração curta e superficial dos sujeitos parkinsonianos, há uma propensão à incoordenação pneumofônica – conseqüentemente, propiciando as variações restritas dos traços prosódicos mencionados.

Além das chamadas desordens de fala (ainda que explicadas em função de dificuldades motoras no parkinsonismo), outra questão importante que vem chamando a atenção de alguns pesquisadores é a variação do humor e das condições do intelecto no quadro clínico da doença de Parkinson. É o caso de Asnis (1977), para quem, embora os sentidos e o intelecto não estejam prejudicados nessa doença, há

unesp

mudanças no estado afetivo dos sujeitos, com alta incidência de depressão (p.191). Embora, nesse estudo, o autor apresente similaridades bioquímicas entre as bases da depressão e as da doença de Parkinson, não esclarece se o quadro depressivo é uma conseqüência da doença, ou se é uma característica inerente à doença.

Katsikitis *et al* (1991) também associam doença de Parkinson e depressão, partindo de uma análise das expressões faciais, pois acreditam que mobilidade facial reduzida, olhos inclinados e uso de uma expressão tônica (muscular) como mágoa ou dor são similares nesses dois quadros clínicos: o do parkinsonismo e o da depressão. Ainda a esse respeito, Buck & Duffy (1980) comparam, de um lado, sujeitos lesados cerebrais à direita e à esquerda, e, de outro, sujeitos parkinsonianos. Neste estudo, buscam compreender a participação dos hemisférios cerebrais na comunicação não-verbal desses sujeitos, no que se refere à sua expressividade. Acreditam que a expressão facial e o tom afetivo da fala não aparecem relacionados à intenção comunicativa, mas sim numa relação natural e coordenada com o estado emocional/afetivo do indivíduo (p.360). Concluem, então, que a efetividade dessa comunicação não-verbal varia de acordo com o grau da lesão, embora os parkinsonianos sempre se mostrem menos expressivos que os demais lesados cerebrais (p.356). Outra importante conclusão a que chegam os autores é que o estado afetivo não se mostra alterado em nenhum dos grupos dos sujeitos avaliados na pesquisa.

Ainda quanto a esse aspecto do quadro emocional dos parkinsonianos, Iansek (1999) atribui as variações de humor e as variações comportamentais à lesão dos gânglios da base, supostamente responsáveis por essas habilidades.



Lima *et al* (1997) preocupam-se, porém, em mostrar que o problema de isolamento social desses sujeitos pode, muitas vezes, não estar relacionado ao quadro de depressão, mas sim ser conseqüência de alterações na atividade de fala. Outro estudo importante que considera as condições físicas, mentais e sociais dos parkinsonianos é o de Chrischilles e seus colegas (1998). Nesse estudo, os autores relacionam as dificuldades nessas condições à perda de qualidade de vida para os sujeitos com doença de Parkinson. Afirmam que a doença pode acarretar, além de limitações físicas, queda na habilidade de realizar atividades de vida diária (como resultado tanto de limitações motoras quanto emocionais), perda de vitalidade (de modo a interferir nas atividades sociais), alterações mentais e, ainda, perda cognitiva.

Como se pode observar, a literatura sobre a doença de Parkinson vem apresentando outras dificuldades (que não só as motoras) que podem estar presentes na doença de Parkinson, ainda que seja freqüente o princípio de que tais dificuldades decorrem fundamentalmente de problemas motores. Mesmo assim, é bastante significativo o fato de que aspectos de ordem comunicativa, emocional, mental e cognitiva venham recebendo atenção na caracterização do quadro clínico do parkinsonismo.

Este último aspecto, o cognitivo, tem sido abordado por alguns autores. Observe-se, porém, que os autores, quando apontam para o que caracterizam como déficit cognitivo, ou não mencionam suas razões ou, quando as mencionam, apóiam-se nas bases anatômicas da doença ou em escores de testes padronizados. É o caso do estudo desenvolvido por Matthews *et al* (1979). Os autores se referem a estudos que sugerem haver, na doença de Parkinson, implicações quanto às

habilidades motoras, sociais e cognitivas, embora nem todos os pacientes apresentem o mesmo quadro clínico (p.951). Desse modo, atribuem ao tempo de duração da doença as diferenças na performance das tarefas testadas em sujeitos parkinsonianos, inclusive no teste psicométrico de inteligência (QI). Todavia, ressaltam que, apesar de dificuldades cognitivas estarem presentes nos sujeitos com mais de seis anos da doença, essas alterações são mínimas em comparação com as alterações motoras (p.955). Limongi (s/d) também afirma que as alterações cognitivas tendem a ser mais intensas nas fases mais avançadas da doença, bem como em sujeitos mais idosos, e, dentre essas dificuldades cognitivas, destaca os problemas de memória, de cálculo e de atividades que exigem orientação espacial (p.22).

Por sua vez, Iansek (1999), em uma das descrições clínicas que faz sobre a doença, afirma que, além do déficit de memória motora[11] e dos problemas na marcha, na postura, na deglutição e na fala, o parkinsoniano apresenta vários distúrbios cognitivos, atribuindo essa alteração às lesões nos gânglios basais que se estendem da substância negra, pelo cérebro, até o córtex cerebral e a medula espinhal. Liberman *et al* (1992) também mencionam a extensão da lesão neurológica na doença de Parkinson, mostrando que se trata de uma lesão difusa, que se estende das vias subcorticais[12] dos gânglios basais até o córtex pré-frontal[13], causando distúrbios na

---

[11] De acordo com o autor, a memória motora pode ser entendida como o registro mental dos movimentos a serem executados pelo parkinsoniano.

[12] As vias subcorticais do cérebro também são conhecidas como campo motor extrapiramidal. De acordo com Luria (1979:110), a importância desta zona pré-motora do córtex "consiste em que ela cria condições para o funcionamento sistemático do aparelho motor e, em particular, assegura a transferência harmoniosa dos impulsos de uns elos de movimento a outros, garantindo a execução de complexas melodias motoras." (destaque nosso)

[13] É importante lembrarmos, aqui, que, para Luria (1979:107 e 108), as seções frontais do encéfalo (ou áreas anteriores dos grandes hemisférios) são responsáveis pela criação e manutenção das intenções e elaborações de programas de ação. Também para o autor, o córtex dessas áreas anteriores se caracteriza por raias verticais, o que sugere o caráter motor das estruturas nele dominantes. De acordo

linguagem e distúrbios cognitivos. Neste estudo, os autores procuram compreender o papel desse circuito na atividade de produção de fala e na atividade de aplicação de regras da sintaxe, bem como compreender de que modo essas bases neurológicas da habilidade lingüística corresponderiam a módulos distintos da cognição (p.171). Ao final do estudo, concluem que a sintaxe e a cognição apresentam-se alteradas na doença de Parkinson, salientando mudanças que envolvem memória, abstração, integração visuo-espacial, processamento temporal e algumas tarefas que supõem planejamento (p.183).

Assim, pelo que vimos apresentando até o momento, a literatura especializada sobre a patologia neurodegenerativa de Parkinson destaca exaustivamente as conseqüências motoras decorrentes da doença. Mesmo quando apresenta outras de suas características clínicas (como problemas respiratórios, problemas perceptuais, problemas cognitivos e problemas que envolvem as ordens intelectuais), vincula-as a questões de natureza anatômica e neuromotora. Dessa forma, o sujeito que emerge dessa abordagem assemelha-se a uma máquina repleta de engrenagens, ou, dito de outro modo, minimiza-se, nesse tipo de abordagem, a integridade do sujeito parkinsoniano enquanto Homem[14], tanto nas suas particularidades físicas e psíquicas, quanto na sua história e na sua inserção social.

---

com o autor, há forte relação entre as áreas anteriores e as áreas que comportam a formação reticular, o que garante aos lobos frontais o papel de regular (também) o estado geral da atividade do organismo, mudando tais atividades em conformidade com as intenções formadas no córtex. Vista, assim, a relação das áreas frontais com as áreas posteriores do cérebro, entendemos por que Luria (op. cit., p.112) destaca o papel decisivo das regiões frontais na criação de intenções e formulação de programas de ação que concretizam essas intenções.

[14] "O homem é transição; isto é, se transforma de acordo com as possibilidades que ele tem para ser o que ele é, que permite o surgimento do novo, do desdobramento da essência humana, da reincidência do princípio, das inovações da linguagem, das criações e descobertas do mundo." (Nietzche, 1994 *apud* Ferreira, 1999:111).

unesp

Essa mesma postura se verifica, inclusive, nos estudos em que encontramos menções a problemas de fala[15] na doença de Parkinson. Com efeito, esses estudos abordam de modo privilegiado os aspectos fonoarticulatórios da fala (portanto, seus aspectos motores) e deixam de considerar seu valor lingüístico, enquanto modo de enunciação da linguagem. Destaquemos, a propósito, que apenas no estudo de Lima *et al* (1997) encontramos uma breve colocação dos problemas de fala sob perspectiva enunciativa, problemas que, segundo os autores, podem levar ao isolamento social dos parkinsonianos.

De modo geral, apenas os aspectos motores da fala (despida de seu valor enunciativo) são considerados. É o caso do estudo bibliográfico realizado por Lamônica (1997). A autora, ao tratar do que caracteriza como fala monótona dos parkinsonianos, acredita que essa chamada monotonia ocorra por uma extensão dos problemas motores globais até os órgãos da fonoarticulação, tais como os lábios, língua e laringe. Além disso, associa à doença de Parkinson quadros de apraxia, disfagia e disartria, definindo esta última como uma desordem neuromuscular que afeta a articulação da fala. A mesma autora, ao citar o trabalho de Gentil *et al* (1995), enumera alterações referentes aos processos ártricos da fala de parkinsonianos, catalogadas como: aprosódia, *mono pitch*, *mono loudness*, diminuição do contraste de acento, imprecisões articulatórias e qualidades vocais definidas como desviantes. Outra característica apontada por Lamônica é a da dificuldade que os parkinsonianos encontram para "controlar o início do ato motor na fala e na escrita". Desconsidera, porém, fatores neurolingüísticos que podem estar envolvidos nessa situação.

---

[15] Não por acaso, veremos que a maioria dos estudos que fazem menção aos 'problemas de fala' nos parkinsonianos entendem-na apenas enquanto execução de movimentos fonoarticulatórios.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Lemos (1992, p.36), num enfoque próximo ao de Lamônica (1997), também caracteriza a fala do parkinsoniano como monótona, com um tom vocal uniforme e invariável, sem inflexões normais. Para a autora:

> dentro de uma conversa o indivíduo com doença de Parkinson não consegue mudar a altura do tom ... parece que a tonalidade vocal está sempre sob o mesmo som harmônico.

Avançando, contudo, um pouco mais, Lemos (1992) preocupa-se em caracterizar o funcionamento do que denomina como intensidade vocal na fala dos parkinsonianos. Observa que esta varia de acordo com o indivíduo afetado; acrescenta, porém, que a debilidade da intensidade vocal varia de diminuída até uma voz imperceptível. A autora também destaca o bloqueio que os parkinsonianos apresentam para iniciar a fala, comparando, porém, esse bloqueio às dificuldades que esses mesmos sujeitos apresentam para iniciar uma atividade motora global (p.37).

Embora a autora tenha mencionado dificuldades que o sujeito parkinsoniano apresenta de iniciar sua fala, restringe, também, tal condição conversacional ao ato fonoarticulatório implicado na fala, em suas bases puramente motoras. Conseqüentemente, também acaba restringindo suas investigações quanto a outros aspectos possivelmente envolvidos no funcionamento da linguagem na doença de Parkinson. Além disso, a autora faz a seguinte afirmação – que, lamentavelmente, limita o funcionamento da linguagem a questões motoras da fala:

> Em resumo, a disartria que aparece no parkinsoniano é classificada como disartria hipocinética e, quanto à linguagem, a característica dominante das

> alterações hipocinéticas é a grande limitação no alcance dos movimentos e estes são sempre lentos e sem vigor. (p.37)

Critchley (1981) também descreve a chamada monotonia da fala desses sujeitos, observando que essa desordem se apresenta em fases mais avançadas da doença:

> *The shades of inflection to emphasize a point disappear, the volume of the voice is reduced, pronunciation of consoants is defective and the sentence often ends in a mumble. From a monotonous, soft voice without variation in pitch, there is gradual progression of the dysarthria until the patient's diction may become neither audible not intelligible. ... the general slowness of movements finds its expression also in the rate of speech in some cases ...* (p.751)

Esse mesmo autor atribui essas alterações na fala a conseqüências de lesões bilaterais na região dos gânglios basais, que desencadeiam acinesia, apraxia e deficiência postural na fixação da língua. Assim como ocorre com a maioria dos estudiosos, Critchley, ao citar Lenneberg, considera os distúrbios da fala como disartria e a caracteriza como um distúrbio puramente articulatório[16] que tem em sua base algum tipo de anormalidade neuromuscular (p.752). Ainda sobre a disartria, o autor diz que a deficiência articulatória mais comum é uma igualdade e uma regularidade não natural de movimentos articulatórios produzidos com rigidez dos músculos faciais, orais, bucais e faríngeos, resultando numa disartria hipocinética (p.753).

---

[16] Gostaríamos de antecipar que, ao nosso ver, a disartria de fala não implica em alterações apenas de ordem motora, mas alterações que envolvem essencialmente o gesto articulatório na organização e execução do enunciado como um todo (cf. Albano, 2001).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Hammem *et al* (1994) dedicam especial atenção às alterações temporais da fala, associando-as, também, à disartria. Baseando-se em Darley, Aronson and Brown (1975), caracterizam essa disartria como uma alteração na velocidade da fala de parkinsonianos, que pode se tornar mais lenta ou mais acelerada, comprometendo sua inteligibilidade.

Outro estudo sobre o comprometimento da organização temporal da fala nas doenças que envolvem os gânglios basais é o de Volkmann e seus colegas (1992). Para esses autores, a fala e os sistemas esqueleto-motores compartilham os mesmos moldes de controle neural, apesar das diferenças bioquímicas. Ainda para esses autores, há um declínio nos valores de modulação da velocidade de fala nas desordens decorrentes de lesões nos gânglios basais, bem como dificuldades na mudança de duração dos segmentos numa seqüência de fala. Além disso, acreditam que o tempo relativo à estrutura da sentença parece preservado, mas a execução dos movimentos para a produção da sentença parece mais rígida, resultando no que chamam de fala monótona e pouco comovente.

Como se pode facilmente verificar, os estudos que tematizam o que seus autores definem como dificuldades de fala na doença de Parkinson dedicam-se quase que exclusivamente aos seus aspectos motores. Quando muito, fazem menção a alterações percebidas em alguns de seus aspectos prosódicos, tais como os definidos como *pitch*, *loudness* e velocidade de fala.

Observe-se, ainda, que, nesses estudos que se propõem investigar os aspectos prosódicos a partir da análise da fala de sujeitos parkinsonianos, apenas um deles (Illes *et al*, 1988) foi realizado com base em amostra de fala espontânea. Na

grande maioria desses estudos, os autores usam a repetição de palavras e frases e/ou leitura de sentenças para analisar o que entendem como alterações prosódicas presentes na doença de Parkinson, e que envolvem preferencialmente características definidas como *pitch*, *loudness* e velocidade de fala. Dentre esses estudos, podemos citar Canter (1963), Kent *et al* (1982), Canter *et al* (1985), Darkins *et al* (1988), Illes *et al* (1988), Blonder *et al* (1989), Caekebeke *et al* (1991) e Hird *et al* (1993).

Ainda em relação aos estudos que, dentre o que definem como dificuldades de fala, destacam alterações prosódicas, um outro fato deve ser destacado: a ênfase no papel desempenhado pelos hemisférios cerebrais e por outras regiões do sistema nervoso central quanto à prosódia (ou seja, quanto a seus aspectos topográficos) e/ou a ênfase em aspectos motores da fala envolvidos na produção de variações prosódicas. Muito pouco se diz, nesses estudos, sobre os vínculos entre a prosódia e a significação lingüística – exceção feita a Hird *et al* (1993), que mencionam, ainda que brevemente, os valores assumidos pela prosódia na atividade verbal:

> *Prosody is the term used to refer to the suprasegmental properties of verbal communication. It encompasses those process involved in both reception and production. Where production is concerned, for example, prosody involves the use of variations in vocal parameters to communicate linguistic, attitudinal, pragmatic, emotional as well as idiosyncratic information ... Prosodic variation normally carries these types of information concurrently ... Individual prosodic signals are the consequence of unique combinations of acoustic parameters. As yet, the mapping functions showing the relationship between specific acoustic profiles and the various pragmatic and linguistic categories in discourse have not been described.* (p.47)



Embora nesse estudo os autores enfatizem os aspectos orgânicos da atividade prosódica, diferentemente dos demais, também alertam para aspectos comunicativos da prosódia:

> *... there are direct links between the shape of the prosodic contour and the meaning conveyed by that configuration. That is, the number of prosodic contours available for use is constricted by physiological limitations of the larynx and each of these shapes has a specific communicative function. The production of these contours occurs independently but in parallel to formulation of the prepositional message.*
> *... the prosody is an integral aspect of the message, and the characteristic contours reflect decisions made at any level above and including the segment. Thus, like the prepositional message, prosodic form is determined by speaker intent, it is then formulated 'on line' in much the same way. The prosodic signal is also, therefore, vulnerable to the on-line repairs that are typical of spontaneous speech.* (p.48)

Voltemos aos autores que, ao mencionarem dificuldades de prosódia na fala de parkinsonianos, relacionam-nas a problemas de topografia cerebral (envolvendo o aspecto motor da fala) e desvinculam-nas de questões de significação lingüística. Para Darkins *et al* (1988) os gânglios basais seriam responsáveis pela integração entre planejamento motor, linguagem e prosódia (desvinculada, nesses autores, da linguagem). Desordens em aspectos prosódicos definidos como *pitch*, *loudness* e duração seriam, para eles, decorrentes de perdas de controle motor e não de perda de conhecimentos lingüísticos necessários para fazer distinções na fala que envolvem esses aspectos. Além disso, para Darkins *et al* (1988), seria importante

distinguir entre uma prosódia lingüística e uma prosódia emocional, já que desempenhariam funções diferentes e independentes entre si:

> *The linguistic and affective functions of prosody may be independent and thus cannot be defined with reference to speech parameters alone; consideration of the affective, cognitive, and linguistic state of subjects is also necessary.* (p.323)

De modo semelhante, para Caekebeke e seus colegas (1991), aquilo que denominam como disprosódia ocorreria, na doença de Parkinson, em razão de uma disartria hipocinética associada a disfunções respiratórias, fonatórias e articulatórias. Seguindo Darkins *et al* (1988), Caekebeke *et al* também fazem uma diferenciação entre uma prosódia lingüística e uma prosódia emocional, com base numa distribuição intra-hemisférica, no sistema nervoso central, desses dois funcionamentos da prosódia[17]. Outro fato que aproxima essas duas pesquisas é que Caekebeke *et al* (1991) também destacam como características prosódicas apenas o que definem com *pitch*, *loudness* e duração da fala, já que, como ocorre em Darkins *et al* (1988), seriam independentes e permitiriam uma quantificação do funcionamento da prosódia.

Por sua vez, Blonder *et al* (1989), apesar de também assumirem uma distinção entre prosódia emocional e prosódia lingüística, não correlacionam nem mesmo fazem qualquer aproximação entre alterações prosódicas, na doença de Parkinson, e alterações motoras da fala. Preocupam-se, apenas, em acentuar o papel

---

[17] Encontramos alguns estudos realizados com sujeitos afásicos que também investigam uma dominância hemisférica da prosódia no cérebro: Shapiro *et al*, 1985; De Bleser *et al*, 1985; Emmorey, 1987; Shipley-Brown *et al*, 1988; Blonder *et al*, 1995.

unesp

desempenhado pelo hemisfério cerebral direito e pelo hemisfério cerebral esquerdo nas atividades prosódicas que definem como lingüística e emocional. Outro fato a ser destacado nesse estudo é que, assim como Darkins *et al* (1988) e Caekebeke *et al* (1991), Blonder e seus colegas também investigam apenas as variações do que entendem como *pitch*, *loudness* e duração para confirmar os distúrbios de prosódia na doença de Parkinson.

Kent *et al* (1982) e Illes *et al* (1988), por outro lado, embora correlacionem dificuldades prosódicas e problemas de ordem motora da fala (ou seja, a disartria), não buscam correlações localizacionistas diretas entre o problema prosódico e alguma área específica e correspondente no cérebro.

Kent *et al* (1982), por exemplo, destacam (p.285) a integridade do funcionamento neurológico no controle das atividades prosódicas da fala, ou seja, dispõem tal funcionamento dentro de um circuito interligado, onde as estruturas estabelecem uma certa dependência para garantir, como resposta, a prosódia. Além disso, caracterizam como aspectos prosódicos, além do que definem como *pitch* e *loudness*, a entonação, a força, a juntura, o ritmo e a duração, embora, como nos demais estudos, se concentrem na análise desse último aspecto – duração-; na análise da intensidade – *loudness* -; e na análise da freqüência fundamental – *pitch*.

Illes *et al* (1988), em grande contribuição para os estudos lingüísticos com sujeitos parkinsonianos, além de não estabelecerem correspondências entre um local específico de lesão neurológica e conseqüências ártricas e prosódicas, investigam prováveis alterações prosódicas na fala dos sujeitos parkinsonianos a partir do funcionamento dinâmico da fala. Outra contribuição de suma importância é

que esses autores analisam não só variações de freqüência, intensidade e duração da fala, como ainda atrelam informações lingüísticas às variações de duração, categorizadas como: número de hesitação silenciosa por minuto, número de hesitações silenciosas mais longas, número de palavras a cada hesitação e classes de frases envolvidas nessas ocorrências.

Antes de Illes *et al* (1988), porém, Canter (1963) também não se preocupa com o mapeamento da predominância da prosódia nos hemisférios cerebrais. Tematizando aspectos prosódicos definidos como *pitch*, *loudness* e duração da fala, o autor, assim como Illes *et al*, engloba nesse último aspecto não apenas o número de sílabas por unidade de tempo, mas, também, a ocorrência de pausas durante a atividade de fala. Ressalve-se, porém, que sua análise, ao invés de fala espontânea, baseou-se numa atividade de leitura oral, contudo salientando e reconhecendo que a leitura oral não pode ser considerada idêntica à fala espontânea. Essa tarefa foi privilegiada com o argumento de que possibilitaria uma amostra mais uniforme para uma comparação entre o seu grupo de pesquisa e o grupo controle.

A partir de suas investigações, Canter observou que o nível de variação do que definiu como *pitch* e como *loudness* nos sujeitos com doença de Parkinson encontrava-se reduzido, assim como a velocidade de fala também se apresentou alterada. Fato a ser destacado a esse respeito é a menção que Canter faz à maior duração das pausas na leitura dos parkinsonianos, quando comparada à duração das pausas encontradas na leitura feita pelos sujeitos do grupo controle. Outro fato que merece destaque é que o autor não atribui tais alterações à disartria de fala. Aliás, quanto a esse aspecto – disartria da fala – é possível inferir que, para Canter, a fala

não é puramente um ato motor, já que, ao abordar uma das formas de tratamento cirúrgico da doença de Parkinson para resolver as dificuldades motoras, salienta que, mesmo com a melhora motora global, não se pode ver nenhum tipo de melhora na qualidade da fala dos sujeitos parkinsonianos submetidos à cirurgia (p.221).

Essa observação de Canter reforça, ainda mais, o pressuposto que nos orienta em nosso trabalho: o de que a doença de Parkinson não deve ser entendida e investigada como uma patologia de acometimentos exclusivamente motores. Acreditamos que a investigação de questões lingüístico-discursivas da doença, se feita com afinco por pesquisadores diretamente preocupados com a organização e com o funcionamento da linguagem, poderia esclarecer fatos que permitiriam, além de um entendimento mais global sobre a doença, um melhor planejamento terapêutico e uma melhor convivência com a doença, tanto por parte do parkinsoniano, como por parte dos seus familiares.

É importante, contudo, destacarmos mais uma vez que são escassos os trabalhos sobre a doença de Parkinson que tenham como foco principal outros aspectos (que não as dificuldades motoras) da doença. Talvez porque a maioria dos estudos se desenvolva nas áreas clínicas, com pouca interface com outras áreas do conhecimento. Mas esse fato, se, por um lado mostra os limites que alguns pesquisadores podem encontrar durante o desenvolvimento de suas investigações, por outro, reforça a importância e a necessidade de se estabelecerem intercâmbios entre as ciências para o desenvolvimento de algumas pesquisas[18].

---

[18] A propósito, Morato (1997:300 a 303) destaca as contribuições interdisciplinares para o crescimento e desenvolvimento de pesquisas tanto no âmbito da Neurolingüística, como no âmbito da Lingüística e da Afasiologia.

unesp

Pensamos que esse seja o caso de investigações que possam esclarecer um pouco mais sobre a atividade conversacional de sujeitos com doença de Parkinson. É com base nesse pensamento que, neste nosso estudo, procuraremos localizar fatos envolvidos na ocorrência das freqüentes pausas iniciais de turnos na fala de parkinsonianos, apoiando-nos, para tanto, não apenas em contribuições da literatura especializada, mas principalmente em subsídios da teoria lingüística.

Gostaríamos de destacar que, do que vimos constatando em nossa revisão bibliográfica sobre a doença de Parkinson, a grande maioria dos estudos dedica especial atenção ao fenômeno de velocidade de fala (interpretada como duração), ou seja, destaca a organização temporal da fala, sem fazer, porém, uma maior reflexão sobre as pausas – fato prosódico, este, diretamente vinculado à continuidade do fluxo da fala (cf. Abercrombie, 1967:96; Cagliari, 1992a:142). Exceções a essa maioria são os trabalhos de Canter (1963) e Illes *et al* (1988), que dispensam maior atenção às pausas, bem como Darkins *et al* (1988) e Hird *et al* (1993), que, com menor atenção, pelo menos tematizam o papel desse aspecto prosódico, na fala de parkinsonianos.

De modo geral, para esses autores, a pausa é entendida como um momento de interrupção, parada ou bloqueio no fluxo da fala, seja na fala encadeada, seja na produção isolada de uma palavra ou até mesmo de uma sílaba. Quanto à fala encadeada, apenas Canter (1963) e Illes *et al* (1988) desenvolvem suas análises com base nessa atividade, respectivamente, na leitura e na fala espontânea. Já Darkins e seus colaboradores verificam o fenômeno da pausa em pequenas frases na quais a emissão de um sintagma nominal do qual parte um substantivo e um modificador

adjetivo é comparada à emissão de um substantivo composto (por exemplo: "That's a green house" e "That's a greenhouse"; "That's a black board" e "That's a blackboard"). Hird e seus colegas, por vez, fazem suas análises partindo de resultados extraídos da aplicação de *The Delayed Word Recall Test*, além de resultados extraídos do mesmo procedimento desenvolvido por Darkins *et al.*

Todos esse autores chegam a um denominador comum: a incidência de pausas e sua duração são maiores nos sujeitos com doença de Parkinson do que nos sujeitos dos grupos controle. Quanto ao modo como esse resultado comum é discutido pelos autores, há variações. Canter apenas correlaciona valores encontrados quanto ao número de sílabas por minuto e o número de ocorrência e duração das pausas durante a atividade de leitura oral. Mas não busca explicações para a diferença encontrada entre o grupo composto por sujeitos com doença de Parkinson e o grupo composto por sujeitos sem lesão neurológica.

Já Darkins *et al*, Illes *et al* e Hird *et al* se preocupam em aprofundar a descrição dos resultados. Darkins e col. observam que a ocorrência e a duração das pausas são maiores nas frases em que não ocorrem os substantivos compostos. Nessas frases, as pausas coincidiriam com o limite entre o adjetivo e o substantivo.

Illes e col. constatam a maior presença e duração das pausas em sentenças maiores, enfatizando, porém, que as pausas não decorrem da complexidade sintática da sentença, mas da complexidade estrutural da seqüência da mensagem (p.155). Destacam, ainda, que, em função da presença das pausas, a fala dos sujeitos parkinsonianos se assemelha à pronúncia de uma "lista de palavras", embora

ressalvem que ela não se parece com a fala agramatical ou telegráfica de alguns afásicos.

Hird *et al* (1995), por outro lado, fazem uma aproximação, mesmo que rápida, entre a duração das pausas e a atividade de planejamento da linguagem (p.51), de tal modo que: (a) a duração serviria para distinguir limites silábicos; e (b) manifestaria a intenção do falante de finalizar um enunciado ou de distinguir entre uma nova ou velha informação num mesmo enunciado. Reforçam, também, que uma interrupção no sinal acústico pode indicar uma possível dissociação entre controle cognitivo e controle motor.

Quanto à explicação de todos esses autores para a maior incidência e a maior duração das pausas na fala de sujeitos com doença de Parkinson, esta não difere substancialmente da explicação dada pelos demais autores mencionados neste Capítulo sobre problemas que envolvem qualquer característica prosódica de parkinsonianos: dificuldades motoras características do parkinsonismo. Assim sendo, Darkins *et al*, Illes *et al* e Hird *et al* também atribuem a maior incidência e a variabilidade da duração das pausas à disartria, justificando, inclusive, que, com a evolução da doença, há uma maior incidência de pausas na fala dos parkinsonianos, bem como o aumento de sua duração, uma vez que as dificuldades motoras se acentuariam com a neurodegeneração.

Desse modo, mais uma vez podemos confirmar que os problemas motores do parkinsonismo ocupam o centro da atenção dos estudos sobre modificações na atividade de fala dos sujeitos com doença de Parkinson. Nada sobre os modos de enunciação e sobre as modalidades de expressão da linguagem é levado

unesp

em conta para a explicação dessas modificações, mesmo quando aspectos lingüísticos (tais como os sintáticos) são mencionados.

Em nossa investigação, porém, estamos assumindo o princípio de que a doença de Parkinson é uma patologia na qual **os comprometimentos motores** podem estar correlacionados (ou necessariamente estão em correlação) com **ajustes e soluções** de outras ordens, tais como, por exemplo, **os de ordem discursiva/enunciativa**. É, pois, assumindo esse princípio que buscaremos, neste nosso estudo, indícios de alguns mecanismos conversacionais que poderiam estar envolvidos na maior incidência e na maior duração das pausas na fala de parkinsonianos.

Convém destacar, antes de prosseguirmos, que nosso ponto de partida é a linguagem em funcionamento, por acreditarmos que:

> ... o que dizemos ou pensamos é em última análise determinado por aquilo que fazemos. São práticas históricas que se encontram no fundo de nossos jogos de linguagem. ... o que fazemos enquanto seres históricos é sem dúvida profundamente ligado com o pensamento e a linguagem; não há prática humana fora do domínio do significado, da intenção e da imaginação. (Eagleton, 1999:15)

Complementando essa idéia de prática (humana) da linguagem, Benveniste (1995) também nos respalda, na medida em que, para esse autor, é a partir do uso da linguagem que o indivíduo se constitui enquanto sujeito – um *eu* – ao delimitar um interlocutor – um *tu* – no uso que faz da linguagem. Desse modo, não se justifica, a nosso ver, a atitude de reduzir a atividade de linguagem dos

parkinsonianos a apenas atos motores de fala, tão presente na literatura sobre a doença de Parkinson.

Outro aspecto de confronto teórico entre o que é dominante nessa literatura e a nossa proposta diz respeito a como conceber o funcionamento das estruturas cerebrais. Distanciando-nos das perspectivas localizacionistas bastante enfatizadas na literatura sobre parkinsonismo, assumiremos a concepção de Luria (1979) de que, no cérebro, ocorre a integração de suas estruturas para a dinâmica do funcionamento neurológico como um todo, seja das funções fisiológicas, seja das funções da linguagem.

Vale lembrar que esse autor propõe o conceito de "sistema funcional" para designar toda a atividade exercida pelo cérebro em sua heterogeneidade, descartando, de vez, a hipótese da homogeneidade de toda a massa cerebral. Esse conceito sintetizaria, pois, a idéia de que o cérebro exerce atividades complexas, num trabalho conjunto de suas estruturas, as quais se organizariam em "zonas cerebrais". Assim, para o autor, uma lesão numa dada área cerebral pode provocar alterações em todo o sistema funcional que se integra com a área lesada, e não alterações específicas, como propõem as teorias localizacionistas[19].

Em outras palavras:

> ... ao invés de localizar funções específicas no hemisfério direito, [Luria] vê o hemisfério direito como cooperando com o hemisfério esquerdo em um

[19] Ver, também, Saffran *et al* (1980) e Damasceno (1997), A propósito, este último autor destaca contribuições dos estudos de Luria sobre os 'sistemas funcionais' para a Neurologia, para a Neurolingüística, para a Afasiologia, para a Lingüística e para a (Neuro)Psicologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> sistema funcional. Cada hemisfério faz sua própria contribuição e o dano afeta de modos específicos sistemas funcionais como a fala e a linguagem. (Kagan *et al*, 1997: 32)

É, pois, com base em contribuições dos estudos lingüísticos, bem como em contribuições de Luria, que vimos organizando nosso olhar crítico sobre a literatura acerca do parkinsonismo. A nosso ver, apesar de fornecer um quadro clínico consagrado sobre a doença de Parkinson, essa literatura mostra limitações na medida em que:

(a) dedica-se a determinar a localização cerebral e a dominância hemisférica tanto dos aspectos motores da fala quanto dos aspectos responsáveis pelo funcionamento da prosódia;

(b) fragmenta a atividade da linguagem em atos motores, desvinculados de valores lingüísticos, tais como o discurso e a significação;

(c) faz uma divisão entre uma prosódia dita lingüística e uma prosódia dita emocional, já que desvincula a prosódia da atividade subjetiva da linguagem;

(d) centra-se em aspectos prosódicos caracterizados de modo impreciso (por exemplo: ora como freqüência, ora como pitch), já que não se define com clareza se esses aspectos são concebidos a partir de sua produção ou de sua percepção;

(e) basicamente, entende como elementos prosódicos freqüência (também definida como *pitch*), intensidade (também entendida como *loudness*), e velocidade de fala (caracterizada de modo não claro como duração de sílabas

e pausas), desconsiderando outros aspectos de fundamental importância para a compreensão do papel da prosódia na fala[20], tais como a duração, o ritmo e as pausas;

Em nosso estudo, porém, além de propormos bases metodológicas alternativas a essa perspectiva dominante de enfoque dos problemas de prosódia em parkinsonianos (como o leitor verá, mais adiante, no capítulo II), a prosódia (de modo geral) será vista como um aspecto constitutivo (portanto fundamental) da atividade discursiva, indispensável em seus mecanismos interpretativos e argumentativos (cf. Morato *et al*, 1993). Sob essa perspectiva, as pausas (elemento prosódico que privilegiaremos em nossa análise) não serão reduzidas a momentos de interrupção da sílaba, ou da palavra, ou da frase, em decorrência de problemas essencialmente motores. Buscaremos, sim, compreender de que modo essas interrupções[21] na fala dos parkinsonianos, para além de problemas motores, poderiam estar vinculadas a processos que remetem à organização da atividade conversacional (Marcuschi, 1997) e à organização de atividades cognitivas (Rochester, 1973).

Dessa forma, além de assumirmos as atividades neurológicas sob o prisma de um "sistema funcional", assumimos, de modo análogo, também a

---

[20] A respeito desses outros elementos prosódicos, cf., a título de exemplo, Abercrombie (1967), Scarpa (1988), Cagliari (1992) e Moraes (1993).

[21] Quando Urbano (1999:132) aborda as características externas da fala e da escrita, mostra que a fala se evidencia numa realização oral e auditiva, marcada por um *continuum* sonoro, ao passo que a escrita apresenta-se gráfica e visualmente em vocábulos delimitados por espaços em branco. De modo importante, lembra, ainda, que "a concepção de '*continuum sonoro*' não exclui a presença de pausas, que de alguma forma se ligam ao ritmo e à entonação". Assim, entendemos as pausas não como lacunas na fala, mas sim, como modulações que garantem um aspecto mais dinâmico no *continuum* falado.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

integridade do funcionamento da linguagem, tal como se mostra marcada pelo sujeito que enuncia.

1.1 A pausa

Pudemos perceber que as pausas, quando investigadas na fala de sujeitos parkinsonianos, são compreendidas como conseqüência de alterações motoras do parkinsonismo. Nesse contexto, ora são definidas como interrupções na fala que caracterizam, junto com as chamadas alterações de *pitch* e de *loudness*, a disartria hipocinética dos parkinsonianos, ora são definidas como interrupções na fala desses sujeitos decorrentes da disartria hipocinética[22], uma vez que, nessa perspectiva, esta disartria, por ser resultado de uma rigidez dos músculos responsáveis pela fonoarticulação, pode levar o sujeito parkinsoniano a falar semelhantemente a um mecanismo de "roda dentada", em que um movimento é distanciado do outro por uma pausa.

Embora em alguns estudos[23] a pausa esteja relacionada ao funcionamento pneumofônico das estruturas envolvidas com a produção da fala, esses estudos pecam por manterem a íntima relação entre pausa e respiração baseada, exclusivamente, na atividade motora das estruturas responsáveis pela fonoarticulação,

---

[22] A título de curiosidade, Freitas (1997) destaca, em sua tese, alguns comprometimentos motores da fala decorrentes de lesão neurológica. Dentre eles, a autora destaca as apraxias de fala, vistas como distanciadas das manifestações disártricas da fala.

[23] Por exemplo: Murdoch *et al* (1989) e Solomon *et al* (1993).

deixando escapar a possibilidade de se vincularem, ao aspecto motor, fatos envolvidos, por exemplo, na organização do discurso.

É justamente buscando esse vínculo que aqui revisaremos alguns estudos os quais, quando aplicados à recorrente persistência das pausas na fala espontânea de parkinsonianos, permitem-nos levantar a hipótese de que essa recorrência não se dá apenas em função de alterações motoras na fala desses sujeitos, mas, muito provavelmente, em função de uma (co)relação entre atividades motoras e atividades cognitivas da linguagem.

De acordo com Abercrombie (1967), as pausas mantêm fortes vínculos com a *continuidade* na cadeia da fala, podendo marcar uma hesitação ou uma ruptura na fala, decorrente da respiração, variando, portanto, de falante para falante. Para o autor, essas pausas para respiração geralmente não são percebidas nem pelo falante nem pelo ouvinte e, ao contrário da crença popular, mantêm pouca relação com a sintaxe. Abercrombie deixa subentendida, também, a relação das pausas com o ritmo da fala, uma vez que faz a correspondência direta entre o ritmo e o mecanismo da corrente aérea pulmonar, atribuindo ao primeiro os processos de produção de sílaba e força, conjuntamente com o mecanismo da respiração.

Cruttenden (1997), além de enquadrar as pausas em duas categorias (preenchidas e não-preenchidas, ou silenciosas), faz uma ressalva quanto a essa relação entre respiração e pausa:

> *Reference is sometimes made to the fact that breaths are often at pauses and some writers even regard the taking of breath as the reason for pausing. It is indeed true that some people talk so much and so fluently that they are*

> *forced to pause for breath, but the vast majority of pauses cannot be accounted in this way.* (p.30)

Já para Cagliari (1992a), a pausa tem função aerodinâmica, que permite ao falante respirar durante a fala, em *momento oportuno*. Dentre esses *momentos oportunos*, o autor destaca a segmentação da fala no final de conjunto de orações, depois de frases, sintagmas e palavras e, mesmo, entre sílabas (quando silabamos uma palavra). Lembra-nos, ainda, de que a pausa é usada para indicar o deslocamento de elementos sintáticos (situação em que normalmente a pausa ocorre em combinação com a tessitura) e para assinalar algum tipo de mudança brusca do conteúdo semântico (por exemplo, quando o uso dessas pausas não ocorre dentro do que é esperado, representando uma hesitação, o que significa, para o autor, uma reorganização do processo de produção da fala – ou da linguagem).

Jubran (1993b), ao discorrer sobre a organização tópica da conversação, mostra que as marcas lingüístico-discursivas, além de servirem como pistas e coordenadas da progressão da atividade conversacional, permitem a delimitação tópica. Dentre essas marcas (prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas, conversacionais, ilocutórias), a autora destaca a importância das pausas (silenciosas e preenchidas) e das hesitações.

Para Jubran, as pausas, entendidas como momentos de vacância verbal na enunciação, podem determinar pontos de segmentação tópica, ocorrendo, geralmente, no final do segmento tópico. Ao citar Maynard, a autora destaca que o "silêncio possibilita o apagamento do foco da fala, facilitando a instauração de novo

unesp

tópico" (p.375), fato que, a nosso ver, também facilita a troca e/ou o assalto ao turno conversacional.

Quanto às hesitações, salientamos das palavras de Jubran aquelas que descrevem as hesitações como pausas ou alongamentos de vogais – estes últimos para nós, muitas vezes correspondendo a pausas preenchidas. Para a autora, as hesitações também ocorrem marcando o final do segmento tópico e podem demonstrar 'esgotamento tópico', propiciando 'assalto a turno' para introdução de um novo tópico (p.375).

Em outro trabalho, Jubran (1993a) comenta, embora brevemente, que as pausas também podem ocorrer antes e depois da inserção de uma frase no desenvolvimento de um tópico em curso, o que pode resultar em um 'desvio temático'. Também nessa mesma perspectiva de relacionar as pausas à dinâmica da conversação, Hilgert (1993) traz contribuições ao destacar a participação das pausas nas atividades de formulação textual. O autor define as atividades de formulação textual como "aqueles procedimentos a que recorrem os interlocutores para resolver, contornar, ultrapassar ou impedir problemas, obstáculos ou barreiras de compreensão e, portanto, de formulação com que se deparam no desenvolvimento da construção enunciativa" (p.107). Retomando Schegloff, Jefferson e Sacks, Hilgert salienta que, quando o enunciador não consegue realizar todo esse processo, depara-se, então, com um *problema de formulação*, que pode se manifestar por meio de *erros ou falhas*, bem como por meio de *hesitações e fenômenos similares na busca da palavra adequada* (p.110).



Além disso, para Hilgert, quando o enunciador não consegue, de imediato, solucionar o problema de formulação textual, é necessário, de sua parte, um *particular e específico investimento cognitivo e de tempo* (p.111), tempo este que, com a compreensão do interlocutor, coincide com a ocorrência da pausa.

Ainda sobre as atividades de formulação textual, Koch *et al* (1996; cf. também Alves & Castro, 1994) entendem-nas como "todas as atividades que estruturam e organizam o texto" (p.381), classificando-as como *fluentes* (ou seja, com alternativa imediata para a construção do texto) e como *disfluentes* – que são as que, nesse estudo, mais nos interessam:

> ... não é razoável opor dificuldades no processamento a dificuldades ou problemas na verbalização, visto que processamento e linearização são inseparáveis e simultâneos. A diferença, na verdade, é que, em alguns casos, o problema é resolvido 'on line', isto é, 'pari passu' com a linearização discursiva, dando origem ao fenômeno da hesitação, com todas as suas manifestações (falsos começos, alongamento de vogais, pausas preenchidas ou não, repetições de sílabas iniciais ou de palavras de pequeno porte, cortes oracionais, etc) ... (p.383)

Num estudo posterior, Koch (2000:104) retoma essa situação especial da atividade conversacional, reforçando que, em momentos de disfluência é necessário ao locutor "tempo para o planejamento mais adequado de seu discurso" (p.105), tempo do qual, a nosso ver, a manifestação concreta, no discurso, é a pausa.

Silva e Koch (1996), porém, propõem que seja abandonada a oposição *fluência/disfluência*, na medida em que "a hesitação é um fenômeno que perpassa toda a atividade de construção do texto falado", cujas marcas seriam falsos começos,

unesp

repetições de sílabas iniciais ou de palavras de pequenos portes, cortes oracionais e, também, alongamento de vogais e pausas (preenchidas ou não). Além disso, consideram que a ocorrência dessas últimas teriam função cognitiva, já que possibilitariam ao falante *ganhar tempo para o planejamento/verbalização do texto* (p.328).

Ressaltamos, porém, que essas marcas conversacionais não são dispostas aleatoriamente na fala:

> A hesitação tem como característica básica o fato de constituir evidentes rupturas da fala, na linearidade do material, em pontos não previstos por fatores sintáticos ou prosódicos, mas que também não são aleatórios. Portanto, a hesitação pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, já que a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente. Assim, a fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que dizem respeito a níveis de observação diversos. (Marcuschi, 1999:163)

Tais considerações de Marcuschi, ao lado de considerações de autores como Goldman-Eilser (1958b), Beattie (1980) e Rochester (1983), possibilitam-nos, então, o distanciamento de pensamentos que tendem a marcar qualquer ruptura na continuidade da cadeia verbal como erro, ou como um distúrbio de fala (cf. Swerts, 1998), e nossa aproximação de Scarpa (1995).

Esta última autora mostra que a fluência é sempre abordada e explicada pelo seu reverso – a disfluência – e sempre considerada como um aspecto de fala normal. Contrariando tal tendência, Scarpa observa que a fluência é antes uma abstração metodológica, baseada na leitura ensaiada ou "proposicional" de um texto

unesp

escrito ou em textos orais decorados e ensaiados. A autora enfatiza, também, que *o sujeito fluente é abstrato*, já que na atividade concreta da linguagem o sujeito obedece a estilos de fala e comportamentos sociais.

Em linhas gerais, nesse seu estudo, Scarpa nos mostra que a fluência da fala está presente, sobretudo, em enunciados ritualizados, estereotipados, familiares e cristalizados, que garantem, portanto, a estabilidade do fluxo conversacional. A disfluência da fala, por outro lado, está presente em instâncias verbais que apresentam complexidades tanto no nível sintático-semântico, como no nível discursivo-pragmático, ou seja, instâncias verbais de construção complexa do enunciado que marcam a elaboração ou o processamento de memória e de acesso lexical. Para a autora, os momentos de disfluência da fala podem, também, coincidir com lugares de subjetivação, uma vez que se acentua, aí, a expressividade lingüística do S*ujeito* falante.

Na mesma direção, para Coudry (1996)[24] e Coudry & Morato (1988), essas saliências da subjetivação caracterizadas por rupturas no fluxo conversacional ficam ainda mais evidenciadas quando se observa a correlação entre essas descontinuidades da fala e as atividades epilingüísticas da linguagem. Para Coudry (1996), a atividade epilingüística é indispensável à construção e reconstrução da linguagem:

> ... quando o sujeito explora recursos de sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos lingüísticos até para produzir certos efeitos ... quando o sujeito, a partir de fatos lingüísticos a que foi exposto ou que

[24] A primeira edição deste trabalho de Coudry se deu no ano de 1986.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> produz, elabora hipóteses sobre a estruturação da linguagem sobre formas específicas de uso ... Essa atividade muitas vezes se explicita ao examinador nos silêncios, nas parafasias, nas contaminações, autocorreções e mesmo quando expressa sua tensão e insegurança. (p.15)

Ainda sobre a atividade epilingüística, a autora sugere que é necessário conhecer e interpretar o silêncio e as hesitações[25]:

> ... as pausas e as hesitações diferem de sujeito para sujeito, mas são sempre um índice importantíssimo para o investigador do momento em que se dá a ruptura no prosseguimento da instância discursiva pela interferência de uma dificuldade específica que pode então ser identificada e compreendida. (p.78 e 79)

Vê-se, pois, o fenômeno da pausa – silenciosa ou preenchida – diretamente vinculado ao exercício (dinâmico) da linguagem. Obviamente, não se trata aqui de negar os laços que a pausa mantém com os aspectos motores da produção articulatória da fala, como nos mostram, por exemplo, os estudos realizados com sujeitos com doença de Parkinson. No entanto, não devemos deixar ao relento nem sua relevância lingüístico-discursiva, nem sua relevância cognitiva, uma vez que os estudos citados confirmam que a pausa tem papel fundamental na organização do discurso não só como elemento estruturador, mas principalmente como elemento fortalecedor da linguagem, desde a sua elaboração – planejamento e construção – até sua expressão e interação, marcando aí, o jogo da (inter)subjetividade.

---

[25] No caso da autora, trata-se da observação do discurso de sujeitos afásicos.

unesp

Feitas essas considerações, passemos a outras características e funções das pausas na atividade conversacional.

Para Cruttenden (1997), são três os lugares onde as pausas ocorrem. O primeiro desses lugares é o limite de constituintes maiores. Para o autor, quanto maior esse limite, mais longa será a pausa. Além disso, de acordo com Cruttenden, as pausas também tendem a ser mais extensas em limites de constituintes nos quais se insere um novo tópico. O segundo lugar de ocorrência das pausas é antes de palavras de grande valor lexical ou em pontos com limite de constituintes menores. O terceiro lugar de ocorrência das pausas é depois da primeira palavra num grupo tonal, posição típica onde acontecem, por exemplo, correções, falsos começos e repetições.

Para Marcuschi (1997 e 1999), as pausas, além de facilitarem a troca de turno, podem manifestar momentos de planejamento verbal. Desse modo, a posição das pausas seria relevante para determinar, por exemplo, se sua ocorrência se deve a uma atividade: (a) de planejamento sintático; (b) de busca de um item lexical; (c) de uma dificuldade de planejamento cognitivo. Além disso, o mesmo autor (1997), embora indiretamente, faz uma relação entre a duração das pausas e tais atividades, o que nos leva a pensar que não só o local de ocorrência, mas também a duração das pausas, têm papel constitutivo na atividade conversacional.

Por outro lado, ao classificar as hesitações em pausas preenchidas, em pausas não-preenchidas, em gaguejamentos, em repetições hesitativas e em falsos inícios, Marcuschi (1999) procura mostrar que as hesitações (como um todo) "não são estratégias de formulação textual e sim indícios ou sintomas de dificuldades de

processamento cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática"[26]. Ou seja, as hesitações seriam, prioritariamente, *um índice problemático de formulação* e não apenas fenômenos da atividade formulativa.

Continuando nossa exposição sobre características e funções das pausas na atividade conversacional, para Scliar-Cabral *et al* (1994), em sua constituição, as pausas devem ser consideradas de acordo com a presença ou a ausência de sinal acústico (preenchidas ou silenciosas, respectivamente). Também para essas autoras, a função desses dois tipos de pausa estaria diretamente relacionada ao planejamento, à execução e ao monitoramento da fala, com a observação de que as pausas para o planejamento seriam mais comuns em início de enunciados. As autoras fazem estreita relação entre as pausas e o desempenho do falante, na medida em que elas – as pausas – "propiciam tempo ao emissor a fim de traduzir o pensamento em estruturação lingüística, selecionar o registro adequado ao seu interlocutor, acessar e puxar itens lexicais, acionar os gestos vocais e articulatórios adequados e corrigir possíveis falhas de execução". (p.64)

Embora o trabalho de Scliar-Cabral *et al* apresente contribuições para o nosso estudo, já que focaliza a pausa no curso da atividade verbal, não cremos, porém, que as autoras considerem essa atividade em seu plano dialógico, uma vez que deixam de mostrar o valor das pausas também para aquele que ocupa o lugar de interlocutor do processo enunciativo. Além disso, termos e expressões empregados pelas autoras para caracterizar a atividade verbal, tais como: "emissor", "traduzir o pensamento", "selecionar o registro", "acessar e puxar itens lexicais", "acionar os

[26] Acrescentaríamos, aqui, que tais dificuldades também podem estar localizadas na estrutura paradigmática, principalmente nos momentos de desdobramento do tópico discursivo. Retomaremos esse assunto ao analisarmos os resultados deste estudo.

unesp

gestos vocais e articulatórios", remetem-nos a uma concepção do desempenho verbal como execução de uma mensagem – uma tradução do pensamento – e não como uma atividade dialógica da linguagem, que garante a expressão e a interação entre sujeitos e entre esses e o mundo[27].

Em contrapartida, Swerts (1998), ao tratar das pausas na fala espontânea, observa que a pausa é indicativa de processos mentais subjacentes à atividade da fala, tanto por parte do falante como por parte do ouvinte, atuando, assim, como um fenômeno de interação. Para o autor, as pausas preenchidas, por exemplo, podem ser úteis ao ouvinte, principalmente quando sinalizam um material lingüístico importante. Além disso, Swerts destaca que essas pausas podem ter função pragmática ao indicar a percepção e conhecimento do outro, ao indicar a troca de turno, ou ao indicar como o falante conquista a atenção do ouvinte durante o turno[28].

Nesse mesmo estudo, Swerts lembra que a natureza hesitante da fala espontânea é, muitas vezes, uma forma de comunicação melhor do que a fala fluente, tal como a fala na leitura. Em suas palavras *"spontaneous is not necessarily synonymous with functionally inadequate"* e *"the filled pauses have a symbolic function in discourse structure. This would mean that filled pauses are linguistic elements."* Portanto, são *"units that exceed the level of the sentence."*

---

[27] Além disso, as autoras fazem um distanciamento significativo entre a ocorrência de pausas na fala e sua presença na escrita. Contudo, esse olhar dicotômico entre fala e escrita, principalmente no que se refere à indicação de marcas de oralidade na escrita pela pontuação, é questionado por Corrêa (1997), por Chacon (1997; 1998), por Dahlet (1994) e por Zaniboni (2001). Neste último estudo, por exemplo, pudemos observar que, tal como na fala, as pausas estão explicitamente presentes na atividade da escrita espontânea de sujeitos com doença de Parkinson, marcadas, aí, com espaços em branco em momentos sintáticos não esperados, com rasuras, com interrupções extensas para iniciar ou desenvolver um tópico discursivo e momentos de maior expressividade lingüística desses sujeitos.

[28] A propósito, conferir, também, Brito (1994).

unesp

Transcendendo, também, o nível da sentença, Rochester (1973) observa nas pausas seus valores cognitivo, afetivo e de interação social, destacando, assim, sua funcionalidade para o falante e o ouvinte. O autor também estabelece relações entre o preenchimento ou não das pausas e seu local de ocorrência, na medida em que relata maior ocorrência de pausas preenchidas antes de *function words* e de limites de sintagmas, ao passo que a maior ocorrência de pausas silenciosas se dá antes de *content words* e entre sentenças.

Rochester também estabelece (embora brevemente) uma relação entre a duração da pausa e seu papel na fala. Com efeito, as pausas muito breves (< ou = 100mseg) que ocorrem entre limites de constituintes e que guiam o ouvinte acerca da estrutura de uma sentença são caracterizadas pelo autor como *pausas de juntura*. Por sua vez, as pausas longas (até 3seg) que ocorrem em pontos de menor probabilidade de transição, refletindo, portanto, dificuldade de associação entre eventos lingüísticos e, também, definindo o início, ou fim, de unidades da fala, são caracterizadas como *pausas de hesitação*. Ainda com respeito à extensão das pausas na atividade conversacional, o autor salienta que as pausas longas levam à perda do controle do círculo conversacional, o que, conseqüentemente, leva o falante ou a pronunciar pausas silenciosas mais curtas, ou a pronunciar menos pausas silenciosas de qualquer duração. Outra hipótese do autor é a de que um maior número de pausas preenchidas tende a diminuir, em freqüência e duração, a ocorrência de pausas silenciosas. Desse modo, para Rochester, ao investigar as pausas, é necessário levar em consideração todos esses fatores, para justificar sua ocorrência e sua funcionalidade na atividade verbal.

unesp

Além de Rochester (1973), outros autores fornecem-nos subsídios para uma análise do funcionamento das pausas no desenvolvimento da conversação e sua(s) aproximação(ões), ou distanciamento(s), com os aspectos constitutivos dessa atividade. Dentre esses estudos, destacaremos Reich (1980), Butterworth (1980), Beattie (1980) e Schenkein (1980), os quais nos possibilitam compreender vínculos entre a ocorrência de pausas na atividade verbal e: (a) operações cognitivas, organização fonológica da fala e escolha lexical (cf. também Prather *et al*, 1992); e (b) planejamento sintático-semântico e regras estruturais (da frase) (cf. também Saffran *et al*, 1980). Além desses fatos, esses autores permitem-nos o estabelecimento de vínculos entre a ocorrência de pausas e fatos que dizem respeito à respiração, ao planejamento motor (da fala), à atividade de interpretação, à qualidade intelectual de uma pronúncia, à delimitação de constituintes, à delimitação do início de unidades de codificação e de constituintes – principalmente os maiores –, à percepção e participação do ouvinte, bem como à diminuição de sua atenção durante a fala.

Vale ressaltar que Beattie (1980) faz uma breve correspondência entre a ocorrência da pausa e a de movimentos corporais associados à atividade conversacional. O autor fundamenta suas afirmações na tradição psicanalítica, de acordo com a qual os movimentos podem manifestar características do estado afetivo e emocional do falante. Além disso, em seu trabalho, Beattie destaca o seguinte resultado de uma pesquisa desenvolvida por Dobrogaev[29]:

[29] In: Schlauch, M. Recent Soviet studies in linguistics. *Sc. Soc.*, v.1, p.157, 1936.

> *... the elimination of gesture resulted in marked changes in speech performance, with decrease fluency, impaired articulation, and reduced vocabulary.* (p.90)

Além desse resultado, Beattie menciona achados de Graham e Heywood[30], em que podemos perceber uma relação ainda mais forte entre 'gestos e pausas':

> *... The elimination of gesture ... produced some changes in speech content (for example a significant increase in expressions denoting spatial relationships, and a significant reduction in the use of demonstratives) as well as a significant increase in the proportion of time spent pausing ... ...gesture normally facilitate language production, at least on certain topics (i.e. those involving spatial descriptions.).* (p.90)

Além de Beattie, também Boomer *et al* (1964) estabelecem vínculos entre fatores afetivo-emocionais, gestos corporais e pausas na conversação, ao afirmarem que os movimentos do corpo podem variar de acordo com o humor e o estado emocional do indivíduo, e que estes podem estar relacionados com o número de pausas preenchidas na fala. Além disso, ao analisarem sujeitos em estado de depressão e de ansiedade, os autores observam:

> *... the movement and filled pause varied with the patient's level of emotional disturbance in the interview.* (p.324)

---

[30] In: Graham, J. A. & Heywod, S. The effects of elimination of hand gesture and of verbal codabilty on speech performance. *Eur. J. Soc. Psychol.*, v.5, p.289-295, 1975.

unesp

Por sua vez, em um estudo com sujeitos esquizofrênicos, Albert *et al* (1994) relacionam ocorrência de pausas em sua fala a momentos de alogia e de anomia desses sujeitos. Os autores concluem que o aumento da freqüência de pausas longas intraconstituintes e o aumento da freqüência de falsos começos e repetições seguidas de pausas intraconstituintes podem ser decorrentes de dificuldades que esses sujeitos encontram de formularem seus pensamentos e acharem palavras para expressá-los. Além disso, os autores afirmam que tais dificuldades – marcadas pelas pausas – também podem estar relacionadas não apenas ao tipo de esquizofrenia, mas ainda ao plano afetivo e a condições socioculturais envolvidas na atividade verbal desses sujeitos.

Além disso, para os autores, os movimentos do corpo, as pausas preenchidas e a velocidade de fala são processos que estariam direta ou paralelamente ligados a um distúrbio emocional, de tal modo que os movimentos do corpo e as pausas preenchidas ocorreriam em função de variações da velocidade de fala. Oportunamente, esses autores lembram, ainda, que, numa situação de dificuldade de comunicação, a tensão (*stress*) para a escolha sintática e lexical – marcada pela presença da pausa – pode desencadear uma tensão muscular que pode resultar no aumento da quantidade de movimentos do corpo. Assim, sugerem que os movimentos podem ser resultado tanto da tensão muscular em si, quanto da tentativa involuntária do *paciente* de reduzir sua tensão.

Essa aproximação entre ansiedade (*stress*) e pausa também está presente nos estudos de Lay *et al* (1969) e Rochester (1973). Em ambos os estudos, a ansiedade está vinculada a interrupções na fala, desencadeando as chamadas

unesp

'disfluências da fala'. Além disso, ao quadro emocional da ansiedade, os autores relacionam não só a presença de pausas, mas, principalmente, o aumento de sua recorrência e de sua duração. Convém ressaltar aqui a observação de Lay de que, em situações em que é solicitada a realização de uma atividade, ou tarefa, de alto nível de elaboração cognitiva, o quadro de ansiedade se acentua e, conseqüentemente, tem-se a recorrência das pausas e o aumento de sua duração. Assim, com Lay, tem-se, mais uma vez, a interligação entre pausas e funcionamento cognitivo.

Ainda sob esse prisma – pausa e atividade cognitiva – não poderíamos deixar de mencionar estudos realizados por Goldman-Eisler (1954, 1958a/b, 1980) e alguns colegas (cf. Henderson *et al*, 1965, 1966), autores que dedicaram atenção à presença de hesitações na fala espontânea, porém com sujeitos sem qualquer tipo de comprometimento na fala.

Primeiramente, devemos lembrar que esses autores entendem a hesitação como a ocorrência de pausas na fala, sejam elas preenchidas (com presença de sinal acústico), vazias ou silenciosas (sem presença de sinal acústico), ou mistas (com a combinação entre presença e ausência de sinal acústico na mesma pausa). Além disso, na revisão da trajetória realizada por esses autores, percebemos que, embora à pausa possa ser atribuída mais de uma funcionalidade e que a sua ocorrência é delimitada por características individuais do falante e do contexto onde se insere a fala, para Goldman-Eisler e Henderson *et al*, existe uma correspondência significativa entre as pausas e o desempenho cognitivo, tanto do falante como do ouvinte [cf. Goldman-Eisler (1980) sobre a pausa como atividade de monitoramento de codificação da fala tanto pelo ouvinte como pelo falante].

unesp

A saber, para Goldman-Eisler (1961:25)

> *... filled and unfilled pauses would thus appear to reflect different internal processes, cognitive activity being accompanied by arrest of external activity (speech or non-linguistic vocal action) for periods proportionate to the difficulty of the cognitive task, while emotional attitudes would be reflected in vocal activity of instantaneous or explosive nature.*

Tanto Goldman-Eisler (1954) como Henderson *et al* (1965, 1966) não descartam o papel fisiológico e psicológico da pausa. Quanto a esse segundo papel das pausas – o psicológico –, os autores pouco descrevem esse acontecimento; mesmo assim, correlacionam-nas ao grau de dificuldade da tarefa realizada (principalmente aquelas que desencadeiam dúvidas e inseguranças quanto à escolha lexical), que, por sua vez, pode desencadear alterações no comportamento emocional do sujeito. Já quanto ao primeiro papel – o fisiológico –, as pausas poderiam ser vistas como momentos de respiração, podendo durar 0,1seg e variando quanto ao local de sua ocorrência. Nos casos em que essas pausas coincidem com junturas gramaticais, os autores observam sua ocorrência:

a) em locais de pontuação, ex: final de frase;

b) precedendo uma conjunção;

c) antes de pronomes relativos ou interrogativos;

d) antes de constituintes adverbiais;

e) quando se completa uma referência parentética.

unesp

Nos casos em que essas pausas não coincidem com junturas gramaticais, os autores observam sua ocorrência:

a) no meio e em final de frases;

b) entre palavras e frases repetidas;

c) no meio de componente verbal;

d) diante de uma reconsideração ou falso começo.

Para esses autores, as pausas de respiração são mais salientes na leitura e na fala fluente, e tendem a seguir os padrões da sintaxe (cf. também Cagliari, 1992b). Todavia, lembram que, nos momentos hesitativos da fala, é comum encontrarmos uma parte de pausas de respiração em momentos de junturas não-gramaticais.

Outra caracterização das pausas na atividade de fala é apresentada por Goldman-Eisler (1961:18), e diz respeito à distribuição das pausas na fala de acordo com suas características acústicas. Para a autora, tanto as pausas preenchidas quanto as silenciosas são vistas mais freqüentemente antes de *lexical words* do que antes de *function words*. Mas as pausas silenciosas são mais recorrentes antes de *lexical words*. Além disso, Goldman-Eisler observa que as pausas preenchidas ocorrem com mais freqüência em limites de sintagmas, ao passo que a maioria das pausas que antecedem as *lexical words* ocorre no interior desses sintagmas.

Feitas essas considerações e a título de conclusão desta parte de nosso estudo, destacaremos o que acreditamos serem as principais contribuições dos autores revisados para nossa compreensão sobre as funções das pausas na atividade verbal.

unesp

De acordo com nossa leitura dos autores, seja na atividade conversacional espontânea, seja na leitura oral, seja na produção fonética, a pausa deve ser vista em relação a outros fatos da atividade verbal, tais como aqueles de ordem fisiológica, de ordem lingüística, de ordem pragmática, ou de ordem emocional, bem como em relação a características individuais dos sujeitos – os quais levam para a sua atividade enunciativa marcas de sua inserção sociocultural.

Além disso, vimos, de forma quase unânime, uma constante aproximação entre a ocorrência de pausas na fala e processos cognitivos envolvidos nessa atividade, ora expressos como atividade de elaboração da fala, ora expressos como atividade de planejamento da fala. Percebemos, também, a grande preocupação dos autores em averiguar a dinâmica da pausa na atividade conversacional como fenômeno intrínseco à linguagem e não como um fenômeno exterior a ela, o que nos garante fundamental participação da pausa seja na estruturação, seja na organização, seja na execução da linguagem. Em síntese, compreender a funcionalidade das pausas na atividade conversacional significa vê-las em sua correlação com aspectos dessa atividade que vão desde os de natureza fisiológica (por exemplo: os aspectos motores) até os de natureza pragmático-discursiva.

Procuraremos, pois, neste estudo, partir dessa correlação para darmos os primeiros passos na tentativa de compreendermos a freqüente ocorrência das pausas iniciais de turno na fala de sujeitos parkinsonianos.

unesp

II. Aspectos Teórico-Metodológicos

Alguns dos pressupostos teóricos que fundamentam nossa proposta provêm de estudos realizados pela equipe do Projeto "Gramática do Português Falado", e desenvolvidos por outros autores como Koch *et al* (1990; 1996; 2000), Jubran *et al* (1993a/b), Silva *et al* (1993; 1996), Hilgert (1993), Fávero *et al* (1996a/b). Nossa opção por esses autores deve-se ao fato de que, para eles, a fala, em seu curso dialógico, não é um fenômeno anárquico e aleatório. Ao contrário, trata-se de um fenômeno que mantém regularidades em sua estrutura e, assim, é hierarquicamente organizado e formulado num construto interacional entre os interlocutores que (se) constituem a (na) atividade conversacional. Em suas investigações, esses autores assumem uma concepção de linguagem como atividade, não a reduzindo a um sistema de código fechado, homogêneo e pré-estabelecido em sua significação.

É o que se pode depreender, por exemplo, de Jubran *et al* (1993b):

> A quase simultaneidade entre a elaboração e a manifestação do discurso, decorrente dessa espontaneidade, não afasta o teor de atividade estruturalmente organizada, que caracteriza uma conversação. Desenvolvida com base em troca de turnos entre pelo menos duas pessoas, a conversação implica, em conseqüência, uma construção colaborativa, pela qual um turno não é simplesmente sucessor temporal do outro, mas é produzido, de alguma forma, por referência ao anterior ... (p.359)



> ... o texto conversacional não é um simples enfileiramento aleatório de enunciados produzidos por dois falantes. A conversação é, sim, ordenada cognitivamente, mesmo sem planejamento prévio e, portanto, tem um padrão próprio ... (p.394)

A saber, são idéias como essas de Jubran *et al* (1993b) que vão sustentar nosso processo de levantamento de dados da atividade verbal de parkinsonianos com base na conversa espontânea e não com base na aplicação de testes padronizados de linguagem, como corriqueiramente ocorre nos estudos desenvolvidos com parkinsonianos, com afásicos e com sujeitos que sofrem de outros tipos de neuropatologias.

Além do caráter estrutural e organizacional que podemos encontrar no uso espontâneo da linguagem falada, nossa proposta baseia-se ainda em pressupostos teóricos encontrados em Benveniste (1995) para quem:

> É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'. (p.286)

Da mesma forma que o autor salienta o papel da linguagem na constituição da subjetividade, lembra também que a recíproca é verdadeira:

> A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma conseqüência totalmente pragmática. Polaridade,

unesp

> aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem. (*idem,ibidem*)

Se partirmos, então, do pressuposto de que a fala pode ser entendida como a ação – verbal – da linguagem e que é na linguagem que o homem se constitui como *sujeito*, podemos entender melhor por que Benveniste nos diz que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Ainda nessa perspectiva, outra afirmação desse mesmo autor de que nos valemos para que, metodologicamente, desenvolvamos nossas investigações a partir de registros de conversa espontânea dos sujeitos de nossa análise, é a seguinte:

> Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem estas categorias são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. (1989:68)

Embora os pressupostos teóricos que vimos expondo talvez já nos forneçam uma base significativa para nossa opção metodológica de coleta de dados a partir de conversa espontânea, outros estudos, estes mais centrados nos problemas de linguagem de ordem neurológica, vêm reforçar essa nossa opção. Trata-se de estudos de sujeitos lesados cerebrais que se contrapõem à tendência metodológica dominante de se extraírem dados a partir da aplicação de testes de linguagem que se concentram na repetição isolada de palavras, ou repetição de lista de palavras, ou ainda na leitura oral (de frases ou pequenos textos) como meio de investigação da produção da fala.

unesp

É o que podemos verificar, por exemplo, em Coudry (1996). Nesse seu trabalho, Coudry destaca, além de outras questões de linguagem em sujeitos afásicos, fatos envolvidos na aplicação de baterias de testes de avaliação e diagnóstico de alterações de linguagem nesses sujeitos cérebro-lesados. Para a autora, além de proporem uma avaliação de linguagem baseada em atividades verbais com predominância de tarefas metalingüísticas, esses testes tendem a localizar a lesão cerebral em áreas específicas do sistema nervoso, bem como a diagnosticar e/ou classificar o tipo de afasia com base no local da lesão. Ou seja, os testes têm função topográfica (e taxonômica). Além disso, ressaltam as dificuldades de linguagem, excluindo, portanto, as atividades de linguagem que permaneceram após a lesão. A autora lembra-nos, também, que, nesses testes:

> ... não se leva em conta a situação especial de interlocução entre um sujeito não afásico e um sujeito afásico ... O examinador ocupa uma posição de domínio da interlocução e detém um saber sobre o afásico e sobre a linguagem a respeito do qual quer testar o sujeito, de modo a desfazer a simetria e interação, indispensáveis ao exercício da linguagem. (p.1996:11)

Além disso:

> ... essas tarefas não possuem, da linguagem, o seu papel de representação de experiências efetivas sobre si próprio, sobre os outros e sobre o mundo ... Pelos parâmetros desses testes, igualizam-se todos os sujeitos como se não tivessem outra história pessoal que a do episódio comum – a afasia.[31] ... (*idem, ibidem*) (destaque nosso)

[31] A título de complementação das idéias de Coudry, e como observação de cunho pessoal, ressaltemos que não só as aplicações de testes como método de avaliação e diagnóstico do sujeito cérebro-lesado

Por sua vez, Lebrun (1988), além das críticas supracitadas sobre a insuficiência de se aplicarem testes para avaliação da linguagem em sujeitos cérebro-lesados e a insuficiência de se estabelecer uma proposta terapêutica a partir dos resultados desses testes, destaca ainda que:

> ... os escores dos testes [de afasia] convencionais podem freqüentemente ser interpretados de diferentes maneiras e podem levar a divergentes tipologias da síndrome afásica ... (p.98)
> ... além disso, deve-se ter em mente que os resultados do teste não refletem necessariamente a deficiência do paciente na conversação verbal real. Em outras palavras, o resultado do teste não pode ser considerado como um índice seguro das dificuldades que o paciente encontra quando usa a linguagem para se comunicar em situações do dia-a-dia. (p.99)

Nesse trabalho, o autor observa, também, que alguns testes acreditam basear-se em tarefas de fala espontânea em algumas de suas baterias de avaliação. No entanto, segundo Lebrun, trata-se, na verdade, de uma fala induzida (e não espontânea), com a proposição de um tema e sem o pressuposto da interlocução, o que, mais uma vez, nos leva a incertezas quanto aos resultados de sua aplicação[32].

---

baseiam-se nessa situação de assimetria entre o examinador e o sujeito cérebro-lesado (como na doença de Parkinson, na afasia, na doença de Alzheimer, dentre outros quadros neuropatológicos) e nessa tentativa de igualarem-se os sujeitos por meio de sua condição patológica. Essa mesma situação assimétrica é ainda freqüente nas atividades de (fono)terapia que se voltam para as dificuldades de linguagem desses sujeitos. Em geral, o terapeuta ainda restringe o uso da linguagem ao domínio de itens de um código e toma a si mesmo como parâmetro quanto ao modelo correto de fala a ser reproduzido pelo sujeito em acompanhamento terapêutico, esquecendo-se, porém, da importância das condições simétricas no uso da fala tanto para a constituição da linguagem (em uso), quanto para a constituição do sujeito (enquanto ser falante, ativo na - e com - sua história e sua cultura).

[32] Se retomarmos os resultados de nossa consulta à literatura sobre o parkisonismo apresentados no primeiro capítulo deste nosso trabalho, veremos que apenas um estudo (Illes *et al*, 1988) apoiou-se, metodologicamente, na fala espontânea para investigar as dificuldades de fala de parkinsonianos. Os demais estudos partiram da aplicação de testes de linguagem, dos quais vimos falando.

unesp

Buscando trazer para os estudos sobre o parkinsonismo contribuições teórico-metodológicas de Coudry e de Lebrun (bem como dos demais autores anteriormente citados neste capítulo) é que optamos por uma metodologia de extração de dados desses sujeitos que leve em conta suas condições enunciativas. Desse modo, acreditamos que nossa contribuição se dará tanto no que se refere ao conhecimento de um fato pouco explorados na literatura sobre processos verbais de parkinsonianos – a saber: o funcionamento das pausas na atividade verbal desses sujeitos – quanto no que se refere ao próprio modo de enfocar essa questão, ou seja: em contraposição à tendência dominante na literatura de levantar dados a partir da aplicação de testes, extraí-los de registros de conversa espontâneas.

Alguns outros aspectos teórico-metodológicos mais diretamente relacionados com nosso objeto específico de pesquisa devem, contudo, ser destacados. Como pudemos perceber no primeiro Capítulo deste estudo, a grande maioria das pesquisas sobre parkinsonismo estabelece uma relação direta entre a ocorrência de pausas e a disartria hipocinética, que levaria a alterações na organização temporal da fala, prejudicando a distribuição de sílabas por um dado intervalo de tempo.

Cagliari (1992b), no entanto, muito contribui ao salientar a importância de entendermos os fatos prosódicos como acontecimentos lingüísticos:

> Os aspectos prosódicos da fala não servem para enfeitar a fala, fazem parte da própria essência da linguagem oral. A linguagem seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os fonemas ... Abstrair a prosódia pode ser uma opção preliminar em alguns casos, mas não pode ser uma decisão para todo o sempre. (p.42)

unesp

Além disso, esse mesmo autor sustenta nossas opções teórico-metodológicas de conversa espontânea de sujeitos com doença de Parkinson ao observar que:

> Somente com a incorporação do discurso como objeto de estudo da Lingüística mais recente é que tem sido possível entender melhor a natureza, a função e os usos da prosódia na linguagem oral. (p. 45)

Feitas essas considerações, passemos aos procedimentos que adotamos para a escolha de sujeitos de nossa pesquisa.

2.0 Seleção dos sujeitos

Para a realização de nosso estudo, foram selecionados dois sujeitos com a doença de Parkinson, clinicamente diagnosticados por um médico neurologista, e dois sujeitos sem qualquer tipo de comprometimento neurológico. Para essa seleção, além da avaliação clínica, consideramos relevante estabelecer, na medida do possível, correspondência entre as variáveis: sexo, idade, grau de escolaridade e atividade profissional dos sujeitos.

Dentre os parkinsonianos (P), ambos (P1)[33] e (P2)[34] são do sexo masculino e escolarizados. P1, 66 anos, é ex-comandante formado pela Academia Militar de Barro Branco e tem terceiro grau completo; P2, 76 anos, é ex-funcionário do IBGE e cursou até a oitava série do primeiro grau.

---

[33] Na transcrição da conversa espontânea, P1 refere-se ao sujeito parkinsoniano **C.** do Anexo I
[34] Na transcrição da conversa espontânea, P2 refere-se ao sujeito parkinsoniano **J.** do Anexo I.

unesp

Quanto aos sujeitos sem qualquer tipo de comprometimento neurológico, ou seja, nosso grupo controle (G), foram selecionados dois sujeitos, (G1)[35] e (G2)[36], do sexo masculino e escolarizados. G1, 63 anos, é ex-coronel também formado pela Academia Militar de Barro Branco e também apresenta o terceiro grau completo; G2, 63 anos, é ex-bancário e comerciante e cursou até a sexta série do primeiro grau.

Gostaríamos de esclarecer que numa certa discrepância entre a faixa etária de P2 e G2 decorreu da dificuldade de encontrarmos sujeitos com idade igual ou acima de setenta anos que tivessem cursado o primeiro grau completo. Em sua grande maioria, os sujeitos com os quais tivemos contato e que se enquadravam nessa faixa etária ou não freqüentaram escola ou, num outro extremo, haviam completado o terceiro grau, sendo alguns advogados, engenheiros ou médicos. Todavia, é válido ressaltar que a atividade profissional de P2 e G2 exigia um significativo desempenho verbal, bem como proporcionava uma importante dinâmica social, o que garantiu uma interação distensa e pouco formal quando esses sujeitos foram gravados, Assim, não acreditamos que a diferença de idade entre os sujeitos tenha interferido significativamente na coleta de nosso *corpus*.

Quanto a P1 e G1, embora não fossem da mesma turma Acadêmica, foram estudantes contemporâneos na mesma Academia Militar, tendo, portanto, princípios e bases muito semelhantes na educação profissional que receberam.

---

[35] Na transcrição da conversa espontânea, G1 refere-se ao sujeito controle **X.** do Anexo I.
[36] Na transcrição da conversa espontânea, G2 refere-se ao sujeito controle **V.** do Anexo I.

unesp

2.1 Gravação

Como enfatizamos na primeira parte deste Capítulo, consideramos de extrema relevância desenvolver um estudo baseado na conversa espontânea de sujeitos parkinsonianos, comparando-a à mesma atividade verbal de sujeitos sem qualquer tipo de lesão neurológica, dada a precariedade de estudos desenvolvidos com sujeitos com doença de Parkinson sob perspectiva discursiva[37].

O tempo de duração que pré-estipulamos para desenvolvermos as gravações baseou-se no tempo médio de duração de uma atividade de fonoterapia, ou seja, de trinta a quarenta minutos, não nos esquecendo, porém, de que, como os parkinsonianos poderiam apresentar algum tipo de fadiga respiratória em função da própria doença, o tempo de gravação poderia ser menor do que o previsto.

Para obtermos a maior fidedignidade possível quanto à espontaneidade da fala dos sujeitos, realizamos as gravações em sua residência, ou seja, tanto na dos parkinsonianos quanto na dos sujeitos do grupo controle. Além disso, não exigimos que fosse alterada a rotina diária desses sujeitos, com o intuito de deixar o ambiente de gravação o mais próximo de seu dia-a-dia. Por exemplo: não nos importamos com o movimento da faxineira nos demais cômodos da casa; permitimos a participação, durante as gravações, de netos, esposa, filhos e outras pessoas do convívio dos sujeitos; não interferimos em situações em que os sujeitos quisessem fumar, comer, beber água, apresentar um livro ou atender à campainha.

---

[37] Para maiores informações, o leitor poderá voltar ao Capítulo 1, item 1.0, deste nosso estudo, que se centra principalmente nas dificuldades de fala de parkinsonianos.

unesp

Quanto ao nosso equipamento, realizamos as gravações em um gravador SONY, tipo DAT (Digital Audio Tape), modelo TCD-D8, acoplado a um microfone SONY, modelo ECM-MS957, localizado a cerca de 30 cm (trinta centímetros) dos sujeitos gravados.

Optamos pelo uso de equipamentos digitais com o objetivo de garantirmos uma melhor qualidade acústica das gravações, bem como utilizamos um microfone modelo multidirecional para garantirmos uma maior fidedignidade dos sons captados para a gravação. Além disso, a opção por um microfone multidirecional previa a possibilidade de encontrarmos sujeitos, principalmente dentre os parkinsonianos, que fizessem um uso mais fraco da intensidade vocal. Embora resolvêssemos esse problema, como as gravações foram realizadas em ambiente aberto, conseqüentemente sem tratamento acústico, tivemos uma contaminação importante dos ruídos de fundo sobre os sons da fala dos sujeitos gravados.

Para resolvermos, então, essa situação, realizamos o tratamento acústico dessas gravações. Para tanto, as gravações passaram por um sistema de filtragem e de amplificação do som: filtragem dos sons referentes ao ruído de fundo, e amplificação dos sons da fala dos sujeitos gravados. Além disso, remasterizamos as gravações das fitas tipo DAT para discos digitais (CD), modelo de MD (mini disc), da marca SONY, o que permitiu uma maior garantia da qualidade digital das gravações, que pode se manter mesmo com o decorrer dos anos. Assim, tivemos um resultado bastante satisfatório para a condução de nosso estudo, principalmente no que concerne às digitalizações das porções de fala das quais extraímos as pausas.

unesp

2.2 Transcrição dos dados

Com as gravações em mãos, partimos para a transcrição do *corpus* coletado, ou seja, para a transcrição da conversa espontânea de cada sujeito gravado. Para tanto, embasamo-nos em trabalhos desenvolvidos por Pretti & Urbano (1988), Marcuschi (1997) e Koch (2000).

Além de nos basearmos em suas legendas para as (de)marcações conversacionais, apoiamo-nos, também, em suas considerações sobre outros fatos relativos a questões teórico-metodológicas da conversação, tais como conduzirmos a conversa espontânea sob o prisma de uma entrevista gnômica ou instrucional, ou seja, entrevistas que "contêm depoimentos de caráter impessoal e genérico sobre alguma atividade, constituindo-se em diálogos fortemente dirigidos[38] pelo documentador" (Urbano, 1988:1).

Assim, mais uma vez, distanciamo-nos daquelas pesquisas que, ao proporem uma atividade de conversa espontânea como metodologia, na verdade se apóiam numa entrevista de ordem narrativa, ou seja, "narrativa de ordem intimista em que se relata, na primeira pessoa, alguma experiência vivida pelo informante, relativamente ao assunto proposto" (*idem, ibidem*), distanciando-se, conseqüentemente, de uma atividade interacional, em que o texto falado é construído

[38] Embora as gravações tivessem o propósito de deixar os entrevistados o mais livre possível para a produção espontânea da fala, tivemos, em vários momentos, que conduzir a atividade conversacional por dois motivos: (a) quanto aos sujeitos do grupo controle, se não interferíssimos em seu discurso, raros seriam os momentos de participação do documentador, o que poderia, no extremo, resultar num monólogo, ou numa narrativa; (b) quanto aos sujeitos parkinsonianos, se não interferíssemos em seu discurso, raros seriam os momentos de seu desenvolvimento, ou mesmo de inserção de novos tópicos, principalmente em função do elevado número de pausas também no desenvolvimento de cada turno discursivo.

unesp

no diálogo entre falantes, 'on-line'; já que essas narrativas pressupõem um tópico a ser desenvolvido apenas pelo informante, não entre os participantes da entrevista.

Outra contribuição dos autores a respeito de nossas questões teórico-metodológicas refere-se às noções de tópico e de turno conversacional (ou discursivo).

Segundo Koch (2000:72) "tópico é aquilo sobre o que se fala". A autora, porém, alerta para o grau de complexidade e abstração dessa noção:

> É verdade que poderíamos dividir (segmentar) um texto conversacional em fragmentos recobertos por um mesmo tópico. Acontece, porém, que cada conjunto desses fragmentos irá constituir uma unidade de nível mais alto; várias dessas unidades, conjuntamente, formarão outra unidade de nível superior e assim por diante. Cada uma dessas unidades, em seu nível próprio, é um tópico ... podemos denominar aos fragmentos de nível mais baixo de segmentos tópicos; um conjunto de segmentos tópicos formará um subtópico; diversos subtópicos constituirão um quadro tópico; havendo ainda um tópico superior que englobe vários tópicos, ter-se-á um supertópico.

Lembremos, porém, que tal desenvolvimento hierárquico não se mantém apenas nesse plano vertical. O desenvolvimento do tópico (e subtópico) também acontece numa sucessão linear que organiza cada um desses itens até a sua conclusão.

Nessa dinâmica, "o tópico é um elemento decisivo na constituição do texto oral, servindo de fio condutor para a organização discursiva" (Jubran, 1993b:360). Ainda para a autora, "o tópico, na conversação, manifesta-se mediante

unesp

enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis." (p.361)

Visto, assim, o papel do tópico na estruturação da atividade conversacional, conduziremos nossa análise partindo dessa idéia maior – tópico –, para, num passo seguinte, compreendermos possíveis relações entre a presença de pausas e acontecimentos lingüísticos nos turnos conversacionais que compõem os tópicos do discurso. Essa idéia será mais bem exposta no último item deste Capítulo, ao tratarmos das pausas e seu papel no discurso.

Quanto ao turno conversacional[39], trata-se de um dos componentes centrais do modelo conversacional, à medida que pode permitir o início ou o desenvolvimento de um tópico. Assim, o turno pode ser entendido como aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo, aí, a possibilidade do silêncio (Marcuschi, 1997; Hilgert, 1993). Há que se distinguir, porém, o turno do falante das sobreposições localizadas. Marcuschi as considera como "produção durante o turno do falante corrente, de modo que elas não caracterizam mudança de turno." (p.18) (destaque nosso)

Além de Marcuschi e Hilgert, também Koch (2000) destaca o papel do turno como fator organizacional da conversação, valendo a regra "fale um de cada vez" – o que, para Marcuschi, acentua o caráter disciplinador do turno discursivo na conversação. No entanto, esse mesmo autor alerta para a idéia de que o turno

[39] Galembeck (1999) entende turno conversacional como toda participação e intervenção de cada interlocutor na atividade de fala, independente de sua extensão, sejam palavras de valor referencial, sejam sinais que indiquem que o interlocutor está "seguindo"as palavras de quem fala (ex: ahn, uhm, ah ta).

unesp

> ... como uma produção lingüística de um indivíduo enquanto tem a palavra, embora formalmente correta, deve ser vista sob um ângulo crítico. Como o falante não fala para si e sim para um ou mais interlocutores, ele não produz sua fala unilateralmente, pois, mesmo enquanto fala, está sendo de alguma forma comandado pelas reações não verbais do(s) outro(s). (Marcuschi, 1997:84)

Assim, neste estudo, os turnos conversacionais corresponderão a momentos em que cada falante, na atividade conversacional, distribui porções de seu texto oral, seja como uma proposta de assunto, seja como uma atividade responsiva ao dizer do interlocutor. Além disso, temos por premissa a idéia de que os turnos se organizam alternadamente, ou seja, quando o locutor está com a palavra, o interlocutor, já formulando seu dizer, aguarda o momento de sua tomada de palavra em resposta ao já dito (pelo, então, locutor). Destacamos, ainda, que não entenderemos como turnos aquelas intervenções de interlocução que não cumpram tal função e que, em sua maioria, coincidem com momentos de sobreposição de fala do tipo 'ah tá', 'nossa', 'ãhã' etc.

2.3 Digitalização das gravações

Conforme mencionamos no item 2.1, antes de digitalizarmos as gravações da conversa espontânea dos sujeitos gravados, isto é, antes de transformarmos os sinais acústicos em sinais gráficos de espectro de fala, foi feito um tratamento acústico das gravações realizadas nas fitas tipo DAT, que foram remasterizadas em MD (mini disc).

unesp

Para digitalizarmos essas gravações de conversa espontânea (já remasterizadas), utilizamos o programa computacional Multi Speech, modelo 3700, da Kay Elemetrics.

Para a captação dos sinais acústicos por esse programa computacional, procedemos da seguinte maneira: acoplamos, com um cabo ótico, o gravador MD (Mini Disc), tipo walkman, modelo Z70, marca SONY, ao computador Pentiun III-866, de modo tal que, de um lado, o cabo ótico foi plugado no canal de saída de som (line out) do gravador e, por outro lado, foi plugado no canal de entrada de som (line in) do computador.

Antes da captação dos sons das gravações, as digitalizações foram feitas com base em considerações de Kent & Read (1992; cap.1, 2, 3 e 4) e em contribuições pessoais que tivemos da Dra. Sandra Madureira (da PUCSP) e de sua orientanda de Pós-Doutorado Aglael Juliana Gama Rossi. A padronização a que chegamos foi a seguinte:

I. Analysis

A. Capture Setup:

1.0-input channel: left (ch.1)

2.0-sample rate (Hz): 22050

3.0-length (sec): 10

4.0-display waveform during capture

B. Signal Opitions:

1.0-display options: *impulse marks/*tags

unesp

2.0-transcription font: *font-IPA/size-14

C. Speak Options:

1.0-mode: mono

2.0-muting: off

3.0-repeat delay (msec): no repeat

4.0-report output location: in source window

D. IPA Transcription Options:

1.0-active transcription line: line 1 (upper)

2.0-transcription editor: *insert into-active window

E. Analysis:

1.0-<u>LPC Frequency Response</u> (LPC Options):

1.1 frame length: 10msec

1.2 filter order: 24

1.3 pre-emphasis: level-0,980

1.4 display (y-axis): *minimun:-20dB

: *maximun: 50dB

1.5 dispaly (x-axis): *minimun: 0% - *maximun: 80%

1.6 analysis method: autocorrelation

1.7 window weighting: *blackman

: *pitch synchronous

2.0-LPC-Waterffal Setup:

2.1. Analysis:

2.1.1 filter order: 24

2.1.2: pre-emphasis: 0,980

2.1.3 window weighting: blackman

2.1.4 analysis method: autocorrelation

2.2. Framing:

2.2.1 frame length: 10 msec

2.2.2 frame advance: 10 msec

2.3 Display:

2.3.1 display (y-axis): *minimun: -20dB

: *maximun: 50dB

2.3.2 display (x-axis): *minimun: 0%

: *maximun: 80%

2.3.3 skew angle: right

2.3.4 start frame: first

3.0-FFT Power Spectrum-Options

3.1 Analysis Size: 128 points

3.2 Smoothing Level: none

3.3 Frame Size: match FFT size

4.0-FFT Waterfall-repetimos os dados de LPC Waterfall (item 2.0)

5.0-LTA Power Spectrum (long term average FFT options):

repetimos os dados de FFT Power Spectrum (item 3.0)



6.0-Cepstrum Analysis/Cepstrum Display Options:

6.1 time (x-axis) (msec): *interval

: * minimun: 0.10

: *maximun: 12.00

6.2 level (y-axis): *minimun: -200 - *maximun: 200

7.0-Spectogram

7.1 Analysis:

7.1.1 analysis size♣: 100 points (323.00 Hz)

8.0-Formant History-Formant Analysis Options

8.1 Frame Length: 10 msec

8.2 Frame Advance: 10 msec

8.3 Filter Order: 24

8.4 Pre-emphasis: 0,980

8.5 Bandwidth limit: bandwidth <500Hz

9.0-Voice Periods Marks-Impulse Analysis Options

9.1 Impulse Location: negative peak

9.2 Analysis Range: *minimun: 70 - *maximun: 300

9.3 Zero Offset: 0

9.4 Min Peak: 1000

10.0-Voicing Analysis-Voicing Statistic Options:

10.1 min: *50 Hz

10.2 min. energia: *0 dB

♣ bandwidth for analysis of default source.



II. Editing:

A. Signal Offset-Offset Options:

1.0 Automatic

B. Copy:

1.0 Channels:

1.1 Displayed channel

1.2 Copy as 1 (one)

2.0 Attributes:

2.1 Impulse marks

2.2 IPA transcript

2.3 Tags

2.4 Palatometer images

C. Append Signal Options:

1.0 All channels

2.0 Attributes: idem 2.0

D. Filter Options:

1.0 Filter Order: 100

E. Source Signal Duration-Rate Synthesis Options:

1.0 Increase 150% of original

2.0 Generate new signal

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Não digitalizamos a conversa espontânea em todo o seu curso e duração. Como nosso propósito é averiguar o funcionamento discursivo das pausas no início dos turnos conversacionais dos parkinsonianos, fizemos recortes no texto (oral) que nos mostrassem, no espectro da fala, os momentos que confirmassem a presença (ou ausência) das pausas no início dos turnos, tanto de P1 e P2, quanto de G1 e G2 – já que, para observarmos as especificidades dos parkinsonianos, vamos compará-los com sujeitos sem lesão neurológica.

Para realizarmos esses recortes para as digitalizações, tomamos a idéia de turno conversacional como base e, então, selecionamos desde os momentos finais do turno do interlocutor até a primeira porção de fala[40] dos sujeitos entrevistados, o que nos possibilitou focalizar e medir a duração das pausas que ocorrem no início dos turnos conversacionais. A título de exemplificação, conferir Anexo II.

Assim, com os trechos digitalizados, pudemos, em nossas investigações, não apenas constatar a ausência e a presença de pausas no início dos turnos discursivos de nossos sujeitos, como ainda obter medidas de duração dessas pausas. Esse procedimento, porém, será mais bem desenvolvido no próximo item.

2.4 Seleção das pausas

Digitalizados os trechos de fala, ou seja, desde as vocalizações finais do turno conversacional do interlocutor até as primeiras vocalizações da primeira porção de fala dos sujeitos gravados, duplicamos, então, a digitalização de cada

[40] A 'primeira porção de fala' deve ser compreendida como o agrupamento resultante da produção das primeiras palavras que iniciam os turnos de P1, P2, G1e G2.

trecho, de modo que não corrêssemos o risco de perder informações acústicas que pudessem ser relevantes para nossas investigações, principalmente porque precisaríamos fazer recortes de sinais acústicos da fala para salientarmos apenas as pausas em início do turno conversacional de cada sujeito de cada grupo de análise. Assim, das digitalizações duplicadas dos trechos de fala, numa delas mantivemos seus dados de origem e na outra, trabalhamos com os recortes dos sinais acústicos de fala para delimitarmos as pausas.

Para delimitarmos as pausas de seu início a seu fim, ou seja, do momento em que o interlocutor silencia o vozeamento de sua fala até o momento em que o sujeito da pesquisa inicia seu vozeamento de fala[41], levamos em consideração advertências feitas por Kent & Read (1992), tais como:

> *... there are two hidden limitations. The main one is the difficulty of judging exactly where a speech segment begins and ends. In this case, is the left cursor precisely at the beginning of the vowel? How much difference would it make if the user decided that the vowel begins later, where the waveform becomes periodic or where it first exceeds some voltage (amplitude) threshold? Should the right cursor be moved inward to the last regular*

[41] Constatamos, em nosso estudo, que o momento em que o locutor silencia o vozeamento de sua fala e seu interlocutor inicia o vozeamento de sua fala coincide com o momento em que se dá a alternância dos turnos discursivos, no qual há o encerramento do enunciado deste turno para que outro enunciado se inicie no turno do interlocutor. Para melhor compreender esse fenômeno, adotamos idéias de Bakhtin (2000) sobre o acabamento de um enunciado. Devemos lembrar, ainda, que essa idéia de acabamento foi introduzida nos estudos de Neurolingüística por Novaes-Pinto (1999). Para Bakhtin (op. cit) "a unidade real da comunicação verbal é o enunciado" e, segundo o autor, "a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala" (p.293). Ainda para o autor, "as fronteiras do enunciado concreto (...) são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores" (p.293 e 294). Bakhtin acrescenta que "o acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o '*dixi*' conclusivo do locutor (...) O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente de adotar uma atitude responsiva para com ele (...) É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado." (p.299)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> *period of the vowel? Such questions become critical in attempting to make reliable measurements, especially of different types of speech sounds or sounds in different contexts. To say that the potential resolution is 0.045ms is misleading, because no one can locate boundaries of speech units that precisely. Articulation takes time, so speech sounds begin an end gradually. The second limitation is that while the potential resolution is 0.045ms, the smallest cursor movement may be larger than that, depending on the duration of sound displayed. In this case, one cursor movement was 0.4ms, so that was the effective resolution. If we had displayed several sounds of speech, the resolution would have been coarse. For both these reasons, we cannot always take (or offer) duration measurements at face value.* (p.62, 63)

Os sons da fala começam e terminam gradualmente; devemos lembrar que essa gradiência também aparecerá no espectro onde identificamos os momentos da pausa, uma vez que, antecedendo o início de uma pausa, temos a dissipação da energia da fala e, da mesma forma, temos o início da concentração de energia ao final das pausas, indicando um momento seguinte de fala.

Portanto, a partir do espectro dos trechos de fala que digitalizamos, procuramos identificar auditiva e visualmente os momentos de ocorrência das pausas: auditivamente, ao ouvirmos repetidas vezes cada trecho digitalizado antes de estabelecermos definitivamente os locais de corte dos sinais acústicos de fala; e visualmente, ao procurarmos identificar as pausas no espectro através de seu traçado linear situado entre as ondas periódicas da fala.

Assim, no que se refere à gradiência alertada por Kent & Read quanto ao início e fim de um som da fala, procuramos assim respeitá-la, desconsiderando o



máximo possível qualquer sinal de vozeamento que pudesse (mesmo que em baixa concentração de energia) 'contaminar' o momento da pausa. Com base nesse critério, além de delimitarmos as pausas, pudemos também extrair as medidas de duração (em segundos) de cada delas.

Como dissemos, realizamos tal procedimento em cada momento em que houve alternância de turno conversacional entre o interlocutor e os sujeitos da pesquisa. Entretanto, não consideramos todas as pausas que aconteceram nesse momento de transição do turno conversacional; consideramos apenas aquelas que apresentaram duração em medida igual ou superior a 0.5seg.

Estabelecemos esse critério para a seleção das pausas com base em três fatos com os quais defrontamos no desenvolvimento de nosso estudo: o primeiro deles de ordem empírica; o segundo e o terceiro, de ordem teórica.

Quanto ao primeiro fato – o empírico – que nos serviu de base para a seleção das pausas com duração igual ou maior que 0,5seg, decorreu de uma observação da duração das pausas em início de todos os turnos conversacionais dos sujeitos parkinsonianos em comparação com a duração das pausas em início de todos os turnos conversacionais dos sujeitos sem lesão neurológica. Com base nessa comparação, verificamos que um dos fatores lingüísticos-discursivos que mostra uma diferença entre a atividade verbal espontânea dos sujeitos parkinsonianos em relação à mesma atividade dos sujeitos sem lesão neurológica é a duração das pausas com valor igual ou superior a 0,5seg.

Vistos, assim, os resultados empíricos, recorremos à literatura que dedica atenção às pausas para nos certificarmos sobre qual(is) eram o(s) critério(s)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

empregado pelos autores ao investigarem as pausas e sua duração, ou seja, o segundo fato – agora de natureza teórica – que fundamentou nossa seleção de pausas. Não encontramos, porém, nesses estudos, um critério constante e recorrente de análise de pausas, nem quanto à sua duração, nem quanto ao local de sua ocorrência. Vejamos, por exemplo, Butterworth (1980:156). O autor, ao citar um dos estudos realizados por Goldman-Eisler[42], observa que "desde que Goldman-Eisler se interessou pelos processos cognitivos, ela passou a considerar apenas as pausas superiores a 0.25seg". Isso porque, para essa autora, esse é o tempo suficiente de transição entre duas consoantes 'suspensas', acima do qual indicaria situações nas quais muitas vezes se podem detectar problemas articulatórios.

Numa breve revisão de alguns estudos realizados por Goldman-Eisler (1958a, 1958b, 1961 e 1965), constatamos esse critério da autora. Em seu artigo de 1958a, por exemplo, ela destaca que, além da função cognitiva das pausas iguais ou superiores a 0.20seg ou 0.25seg, essas pausas podem ocorrer como efeito tardio de (in)habilidades articulatórias ou entre a produção de sons plosivos.

Desse modo, encontramos, aí, o terceiro fato que nos serviu de base para a opção metodológica de dedicarmos atenção às pausas com duração igual ou maior que 0,5seg, ou seja, as alterações (motoras) da fala de parkinsonianos, tão bem retratadas pela literatura sobre a doença de Parkinson. Com efeito, uma vez que, nestes estudos, há autores que apontam para as dificuldades que esses sujeitos apresentam de fonação (cf. Canter, 1965b; Matthews, 1979; Lemos, 1992; Lamônica, 1997), bem como de produzirem sons plosivos (cf. Chacon, s/d; no prelo), se

---

[42] "Determinants of the rate of speech and their mutual relations", In: *Journal of Psychonomic Resarch*, 2, 1956

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

associarmos essas informações àquelas que obtivemos na análise empírica de nossos dados e as correlacionarmos, ainda, às informações trazidas pela literatura sobre pausa, podemos perceber que o critério que empregamos em nosso estudo não infringe as contribuições da literatura e, ainda, é condizente com as informações empíricas que obtivemos em nossa análise.

Outros estudos também forneceram subsídios para esse nosso estabelecimento de prioridade. Reich (1980:385) e Alpert *et al* (1994:751), por exemplo, embora tenham destacado pausas com duração a partir de 0.2seg, tiveram como resultado maior relevância na funcionalidade das pausas de duração superior a 0.3seg. Por outro lado, Prather *et al* (1994), ao compararem o tempo de atividade para o acesso lexical de um afásico não-fluente e um sujeito sem comprometimento neurológico, observam que o tempo de duração das pausas pode de 0.5seg até 1.8seg no sujeito afásico, diminuindo para 0.5seg a 0.8seg no sujeito sem comprometimento neurológico. Beattie (1980), por sua vez, estabelece como critério de seleção de pausas preenchidas aquelas de duração igual ou superior a 0.2seg e, de pausas silenciosas, aquelas de duração igual ou superior a 0.3seg. No entanto, ao citar Boomer[43], lembra que, para este último, as pausas preenchidas com medidas de duração igual ou superior a 0.5seg têm tanto função cognitiva como lingüística. Lay & Paivio (1969), buscando um elo de ligação entre a atividade cognitiva e as variações do estado emocional, principalmente o quadro de ansiedade, consideraram como relevantes as pausas com duração igual ou superior a 1seg.

---

[43] "Hesitation and grammatical encoding", In: *Language and Speech,* 8, 1965

unesp

Como mencionamos previamente, as características acústicas que destacamos das pausas referem-se à sua duração e às suas qualidades de preenchimento ou não. Assim, categorizaremos as pausas de acordo com essas características acústicas de modo que fiquem didaticamente expostas e compreensíveis.

Quanto à medida de duração das pausas, estas foram classificadas em breves, médias e longas. Dentre as pausas breves, temos aquelas que variam sua duração de 0.5seg a 1,00seg. Dentre as pausas médias temos aquelas que variam sua duração de 1.01seg a 1.51seg. Já dentre as pausas longas, temos todas aquelas que têm duração igual ou superior a 1.52seg.

Quanto às qualidades de preenchimento ou não das pausas, adotamos o mesmo critério de Chacon (no prelo). Ou seja, classificamos as pausas como silenciosas, preenchidas e mistas (quanto às pausas mistas, ver, também, Goldman-Eisler, 1961 e Swerts, 1998). Como silenciosas, entendemos aquelas pausas que não comportam nenhum tipo de sinal acústico durante a atividade de fala. Como preenchidas, entendemos aquelas pausas que são constituídas por algum sinal acústico durante a atividade de fala. Enfim, como mistas, entendemos aquelas pausas que são constituídas por alternâncias entre um momento de silêncio (sem sinal acústico) e um momento em que observamos sinal acústico referente à atividade de fala. Assim, as pausas mistas podem se dispor da seguinte forma: silêncio+preenchimento; preenchimento+silêncio; ou ainda, silêncio+preenchimento+silêncio.



2.4.1 relação entre pausas e fatores lingüístico-discursivos:

Levando em consideração tanto as características acústicas das pausas (de duração, bem como de silêncio e preenchimento) quanto sua distribuição no processo conversacional, procuramos observá-las não como fenômenos que ocorrem aleatoriamente no discurso. Ao contrário, para compreendermos os possíveis papéis que desempenham na atividade discursiva, buscamos vê-las em referência a possíveis relações que manteriam com a organização da conversação em tópicos e turnos discursivos. Para tanto, buscamos contribuições em Fávero *et al* (1996).

Para Fávero *et al*, o par dialógico é definido "por uma dupla ligação: a uma pergunta segue-se uma resposta e esta, por sua vez, é decorrente de uma pergunta". (p.474) As autoras lembram, porém, que tal caráter circular pode, em alguns casos, ser interrompido, uma vez que uma pergunta pode ser seguida de uma outra pergunta. Observam, também, que "uma pergunta é um pedido de informação não conhecida e que aquilo que é vinculado a uma pergunta, ou seja, a resposta, é o enunciado que proporciona tal informação". (p.475)

Ainda para as autoras, outro fato importante a respeito do par dialógico é sua relação com o tópico discursivo:

> Por estar associado ao tópico discursivo, o par pergunta-resposta coloca-se como fator que concorre para o estabelecimento da coerência conversacional... [...] par dialógico e tópico discursivo estão intimamente relacionados, na medida em que a conversação se organiza, entre outros mecanismos, por meio de tópico, e estes podem se estabelecer através de pares dialógicos. (p.481)

Além disso, para as autoras "o estreito relacionamento entre pergunta e resposta pode ser manifestado não só por meio da coesão léxico-semântica, mas também pela integração dos elementos semânticos, prosódicos e pragmáticos"(p.484), fato que nos remete à importância de investigarmos a funcionalidade da pausa – enquanto elemento prosódico – numa relação direta com a atividade discursiva e não com o fato ligado exclusivamente à produção isolada de palavras e/ou frases.

Fávero *et al* (1996) categorizam, ainda, o par dialógico de acordo com sua função, sua natureza e sua forma.

Quanto à função do par dialógico, seu papel seria o de introduzir um (sub)(super) tópico discursivo, de dar continuidade a esse tópico, e de redirecionar ou, até mesmo, mudá-lo.

Quanto à natureza, as autoras classificam os pares dialógicos em:

(a) pedido de informação: pode ser entendido como algo que o interlocutor deseja saber e, assim, sua resposta implica no fornecimento e/ou esclarecimento da informação solicitada. Vejamos exemplos de pedido de informação em nosso *corpus*, nas partes sublinhadas dos pares dialógicos que seguem:

***exemplo 1:** *conversa entre L. e C. (P1) sobre alguns hábitos de C:*

L. o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?
C. leio eu eu sô::: sócio do:: Brasil Parkinso ++ me mandam::: muito boa: ++ ah:: ah:: são boletins ++ muito bem explicativos dá pra gente tê uma idéia ++ sabe que o Parkinso foi detectado + por um médico né?

***exemplo 2:** *conversa entre L. e J. (P2) sobre a cidade onde J. nasceu:*

L. da onde o senhor é?
J. [de Minas] mineira

***exemplo 3:** *conversa entre L. e X. (G1) sobre o curso de pilotagem que X. cursou na cidade de Catanduva:*

L. o senhor chegô a pilotá?
X. pilotei: (...)

***exemplo 4:** *conversa entre L. e V. (G2) sobre a carreira de músico de V., quando tocava em bailes de carnaval:*

L. o senhor tocava só no carnaval?
V. não já toquei em orquestra + tive conjunto um bom tempo (...)

(b) pedido de confirmação: pode ser entendido como a solicitação de sustentação ou certificação da informação dada pelo interlocutor na resposta anterior. Vejamos as partes sublinhadas dos seguintes exemplos de nosso *corpus*:

***exemplo 5:** *conversa entre L. e C. sobre a atividade profissional de C.:*

C. eu fui::: pra reserva como coronel ++ eu sou coronel ++ da reserva
L. da reserva?

***exemplo 6:** *conversa entre L. e J. sobre o nome da mãe de J.:*

J. + (0.83) Ema (incompreensível) Pavarini
L. Pavarin?
J. PavariNI
L. NI?

***exemplo 7:** *conversa entre L. e X. sobre o fato de ter abandonado a idéia de ser piloto de avião:*

X. [é é é:: a vida vai a gente vai se encaminhando nu nu nu na vida de de de tornando uma série de hábitos entendeu? + que:: de
L. [também]
repente cê não tem nada a vê + por exemplo quando o meu filho se formaram eu tenho dois filhos + são militares
L. os dois?

***exemplo 8:** *conversa entre L. e V. sobre a namorada do neto de V., a qual mora na cidade de São José do Rio Preto e não na cidade de Londrina, onde o neto de V. cursa a faculdade:*

V. não ele já tem uma aqui
L. ah já?

(c) pedido de esclarecimento: pode ser entendido como o momento em que o interlocutor não consegue ter compreensão (auditiva ou não) do enunciado que lhe foi apresentado. Vejamos os destaques dos seguintes exemplos de nosso *corpus*:

***exemplo 9:** *L. e C. conversando sobre o nome de alguns de seus familiares:*

L. e a netinha?
C. a netinha:: chama:: Estela
L. como?

***exemplo 10:** *L. e J. conversando sobre a descendência dos pais de J.:*

J. por parte de pai de mãe:: ++ baiano + mas minha mãe diz que não tinha culpa disso ((risos))
E. ((risos))
L. ele era o que que eu não entendi?

***exemplo 11:** *L. e V. conversando sobre a época que V. trabalhava numa agência bancária e L. questiona se V. saiu da cidade ouse saiu da agência bancária:*

V. eu + lá e aqui né + eu saí de Paulo de Faria em cinqüenta e quatro e vim pra cá + fiquei aqui alguns anos depois retornei pra Paulo de Faria + que foi quando:: eu casei né + em cinqüenta e nove + cinqüenta e nove + em sessenta eu saí neste
L. [cinqüenta e nove?]
banco que eu trabalhei
L. o senhor saiu:: de lá?

(d) pergunta retórica: pode ser entendido como uma pergunta que não exige resposta, uma vez que o falante elabora e responde à pergunta, mantendo seu turno ou estabelecendo contato. Neste caso, não apresentaremos exemplos, uma vez que não constatamos a ocorrência de uma pergunta desta natureza na atividade discursiva dos quatro sujeitos de nossa pesquisa.

Ainda quanto à natureza do par dialógico, proporemos, em nosso estudo, uma categoria a qual denominaremos de comentário, que designaria a exposição de uma opinião ou de uma idéia do falante sobre o assunto tratado no turno de seu interlocutor. Embora não tenha caráter interrogativo, o comentário exige que o interlocutor (também) faça uma exposição de idéias e/ou de argumentos para que haja progressão tópica. É o que se pode ver a partir das partes sublinhadas dos seguintes trechos:

***exemplo 12:** *conversa entre L. e C.:*

L. quantas revistas o senhor já leu?
C. + (1.33) sobre o assunto?
L. é
C. + (0.83) ah várias + (assunto à base de) parkinsoniano ++ tem parkinsoniano qui::: se aprofunda:: (na:: na) no assunto
L. dizem que é a melhor maneira de:: + de lidá com a doença é estudá sobre ela
C. é:: (0.85) conhecê:: a::: + eu sei eu tenho uma idéia muito bem:: + formada ++ porque:: ++ num é tão difícil num é complicado num é ++ difícil:: a informação é:: simples ++ é uma enzima + que faz falta no cérebro ++ e:::ssa enzima:: dizem
L. [isso]
que:: treme né? + num sei eu tô tomando um remédio muito bom ++ num tenho tremido muito

***exemplo 13:** *conversa entre L., J. e E.:*

L. seu (Jurandir) o senhor vai querê passá perfume?
E. ((risos))
J. + (3.53)
L. vai?
J. (ainda tenho de pedi pra ela)
L. ah:: tem de pedi ((risos))
E. então passa bem porque depois quando elas forem ver o filme + vão sentir + o cheiro e vai ter saudade de você ((risos))
J. + (0.65) mas é isso que eu quero

Quanto à forma do par dialógico, esta "pode ser considerada decorrente do processo interacional e não interior a ele" (Fávero *et al,* 1996:496). A forma do par dialógico é apresentada da seguinte maneira:

(a) pergunta fechada: pode ser entendida como uma pergunta que exige uma resposta com o uso de "sim/não", ou que mantenha esse mesmo valor semântico. Vejamos alguns exemplos de pergunta fechada em nosso *corpus*:

***exemplo 14:** *L. e C. conversando sobre a doença de Parkinson:*

C. da reserva ((vozeamento gutural)) + depois eu resolvi ++ passá pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ o o: problema meu + problema grave é:::
L. [ah:: tá]
é Parkinson ++ tive Parkinson há::: ++ dez anos + é muito difícil + tem que tá com a cabeça boa + se não eu não agüenta não
L. não?
C. não ((vozeamento gutural)) se não tivé bem:: ++ bem:: orientado ++ o Parkinson é uma doença doença::: ++ implacável ++ não deixa ((disfluência)) não deixa a gente pensá + incrível
L. não deixa?
C. não deixa + a gente pensá ((só fica pensando na doença))

***exemplo 15:** *L. e J. conversando sobre a atividade profissional de J. no IBGE:*

L. toda vida o senhor trabalhô lá?
J. toda vida único emprego
L. no:ssa

***exemplo 16:** *L. e X. conversando sobre o costume de X. de colecionar informações sobre a data de nascimento e falecimento de alguns personagens militares e personagens de renome na mídia:*

L. e o senhor já fazia isso?
X. + (0.82) eu comecei a fazer mais tarde não foi naquela época não + mas eu tomei conhecimento na ocasião + morava no Rio de Janeiro o noticiário era mais fácil lá que lá era a capital da república né + então o noticiário chegava mais fácil [continua]

***exemplo 17:** *L. e V. conversando sobre as condições de moradia e de locomoção do neto de V,. que está morando na cidade de Londrina:*

L. ele tá com carro lá também ou não?
V. não não tá + não tem idade também

(b) pergunta aberta: pode ser entendida como uma pergunta que, geralmente iniciada por um pronome interrogativo, exige uma resposta que esteja vinculada à condição do pronome utilizado. Vejamos alguns exemplos extraídos de nosso *corpus*:

***exemplo 18:** *L. e C. conversando sobre a personalidade dos netos de C.:*

L. V.? ++ qual que é o mais arteiro?
C. o mais arteiro acho que é a:: J.

***exemplo 19:** *L. e J. conversando sobre algumas atividades que J. realiza após a sua aposentadoria:*

L. o que que o senhor mais gosta de fazê hoje?
J. + (0.81) hoje? + mexê com ferramenta

***exemplo 20:** *L. e X. conversando sobre a relação que X. mantém com os netos para ensinar sobre seus próprios hábitos de colecionar informações como lembrança dos acontecimentos históricos:*

L. e como o senhor procura passá isso pros netos por exemplo + a a questão da lembrança o valor que isso tem?

unesp

X. + (2.37) não aí aí já já se torna um outro problema + é muito mais difícil hoje em dia + por::que:: hoje em dia tem televisão + né + tem:: Mc Donald's tem [continua]
L. [((risos))]

***exemplo 21:** *L. e V. conversando sobre as escalas e as partituras musicais:*

L. que que é isso?
V. a escala cromática é a divisão das notas em tonalidade + e:: meio ponto acima um ponto acima né

Com base, então, nessas observações teóricas, consideraremos em nosso estudo a forma do par dialógico conjugada a sua natureza, verificando, então, co-ocorrências dessas categorias no desenvolver da atividade discursiva dos sujeitos que integram nossa análise.

É oportuno lembrarmos, aqui, que esses fatores lingüístico-discursivos serão retomados em sua correlação com a presença (ou não) de pausas no início do turno discursivo durante a apresentação dos resultados. Além dessa correlação, procuraremos observar correlações entre pausas e: (a) o desenvolvimento (ou não) dos turnos discursivos; (b) a presença de elementos verbais do turno discursivo do interlocutor no turno discursivo dos sujeitos de nossa análise; e (c) a presença de fala cristalizada para iniciar o turno discursivo.

unesp

III. Resultados

Em nossa investigação, vimos assumindo o princípio de que a doença de Parkinson é uma patologia na qual algumas condições enunciativas podem estar correlacionadas (ou necessariamente estão em correlação) com alterações de outra ordem, como por exemplo, aquelas de ordem motora. É, pois, com base nesse princípio que apresentaremos, aqui, os resultados a que pudemos chegar em nossas investigações.

Nossa apresentação se dará em três etapas. Na primeira delas, os resultados serão expressos a partir de seu número de ocorrência na atividade conversacional dos sujeitos.Na segunda, buscaremos nos resultados relações entre esse número de ocorrência e o funcionamento da dinâmica da conversação dos sujeitos. Por fim, na terceira, as diferenças de condições enunciativas dos sujeitos serão mais sintetizadas, à luz dos valores quantitativos e percentuais a que chegamos.

3.0 Um primeiro olhar sobre os dados

O quadro abaixo apresenta os resultados a que chegamos quando direcionamos nossa atenção: (a) à duração da atividade discursiva dos sujeitos gravados; (b) ao número de turnos discursivos dessa mesma atividade; (c) ao número de turnos discursivos iniciados sem pausa; (d) ao número de turnos discursivos

iniciados com pausas; e (e) ao número de assalto a turnos discursivos por parte dos sujeitos gravados.

	Parkinsoniano-1 (P1)	**Controle-1 (G1)**	**Parkinsoniano-2 (G2)**	**Controle-2 (G2)**
Duração da atividade discursiva	28'09''	29'06''	31'44''	32'09''
Número total de turnos discursivos	175	47	192	116
Turnos iniciados sem pausa	115	40	108	108
Turnos iniciados com pausa	60	07	84	08
Número de assalto a turnos	10	16	06	48

Quadro 01: disposição geral dos resultados baseados nos turnos discursivos de P1, de G1, de P2 e de G2

Para comentarmos esses dados, organizaremos nossa exposição em duas partes. Na primeira delas, faremos uma comparação entre os resultados do sujeito parkinsoniano 1 (P1) e o sujeito sem lesão neurológica 1 (G1), seu respectivo controle. Essa primeira parte, por sua vez, será subdividida em duas etapas, a primeira delas mais centrada nos resultados referentes aos **turnos discursivos**, e a segunda,

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto

unesp

mais voltada aos resultados relativos à ocorrência de **pausas**. De modo análogo, faremos, na segunda parte, uma comparação entre os resultados do sujeito parkinsoniano 2 (P2) e os do sujeito sem lesão neurológica 2 (G2), seu respectivo controle.

3.0.1 Resultados obtidos a partir da comparação entre P1 e G1

3.0.1.1 quanto aos turnos discursivos:

Como pudemos observar, o tempo de **duração da atividade discursiva** de P1 e de G1 é bem próximo, havendo uma diferença de apenas 57", valor que acreditamos ser pouco significativo para justificar as diferenças[44] que observamos entre a atividade discursiva desses dois sujeitos, como, por exemplo, o número de ocorrência de pausas em início de turno discursivo.

Diferente dos valores encontrados na duração da atividade discursiva, vemos uma significativa diferença no que se refere ao **número de turnos** que organiza a atividade discursiva de P1 e o número de turnos que organiza a atividade discursiva de G1, a saber: P1 organiza sua atividade discursiva com 128 turnos a mais do que G1.

---

[44] As diferenças encontradas na atividade discursiva de P1 quando comparada à atividade discursiva de G1 não serão vistas negativamente, nem mesmo serão entendidas como um fato de natureza essencialmente patológica. Embora seja essa a postura adotada nos estudos clínicos, entenderemos as diferenças na atividade discursiva de P1 (em comparação à de G1) como processos a que esse sujeito parkinsoniano, semelhantemente ao sujeito sem lesão neurológica, pode ou não recorrer para garantir sua efetividade enunciativa. Portanto, não direcionaremos nosso pensamento àquilo que é categorizado como 'patológico' ou 'errado' na atividade verbal dos parkinsonianos. Ao contrário, buscaremos mostrar que P1 ainda consegue utilizar-se de recursos naturais da conversação para manter seu jogo de interlocução. Lembremos, ainda, que este mesmo raciocínio será empregado na análise dos resultados obtidos a partir da comparação entre a atividade discursiva de P2 e de G2.

unesp

Além disso, quando observamos como se dá a ocorrência de **pausas iniciais de turnos** discursivos, observamos que as diferenças são tão significativas quanto àquelas referentes ao número de turnos discursivos. Ou seja, enquanto P1 inicia 115 turnos sem pausa e 60 turnos com pausa, G1 inicia 40 turnos sem pausa e apenas 7 (sete) com pausa. Em termos percentuais, 34,28% dos turnos de P1 são iniciados com pausa, enquanto apenas 14,98% dos turnos apresentam pausa inicial. Visto de outro modo, P1 apresentou 19,30% a mais de pausa em início de turno discursivo do que G1.

Quanto ao **número de assalto a turnos** discursivos por parte dos sujeitos gravados sobre os turnos discursivos do interlocutor, constatamos, mais uma vez, uma diferença significativa entre a atividade lingüístico-discursiva de P1 e de G1. Com efeito, enquanto P1 assalta apenas 10 turnos de seu interlocutor, G1 o faz 16 vezes. Em dados percentuais, isso significa que, em 175 turnos discursivos, P1 fez assaltos a turnos em apenas 5,71% de sua atividade discursiva, ao passo que tal procedimento ocorreu 5,95 vezes a mais em G1, ou seja, em 34,04% de sua atividade discursiva.

Além da diferença entre o número de turnos e o de assalto a turnos na atividade discursiva de P1 e de G1, percebemos, também, uma diferença entre o número de turnos discursivos desenvolvidos[45] (ou não) por esses dois sujeitos. É o que nos mostra os seguintes gráficos:

---

[45] Visto que cada turno é composto por um enunciado e que os turnos se organizam alternadamente entre os interlocutores de forma que cada interlocutor tenha uma atitude responsiva ao turno do outro, entendemos como turno desenvolvido aqueles que, além do falante (co)responder às solicitações enunciadas pelo interlocutor, ele – o falante- se estende no seu dizer, progredindo sua fala de modo a acrescentar e enriquecer a informação por ele elaborada.

unesp

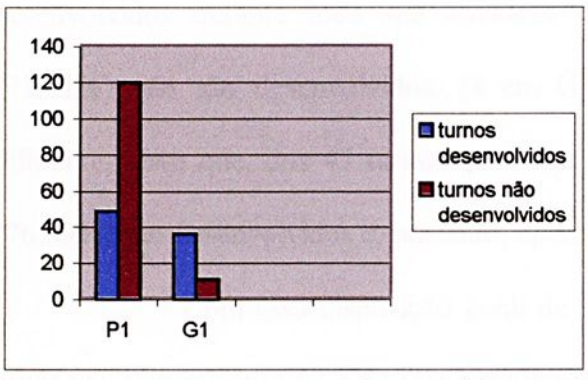


Gráfico 01: número de turnos desenvolvidos por P1 e por G1

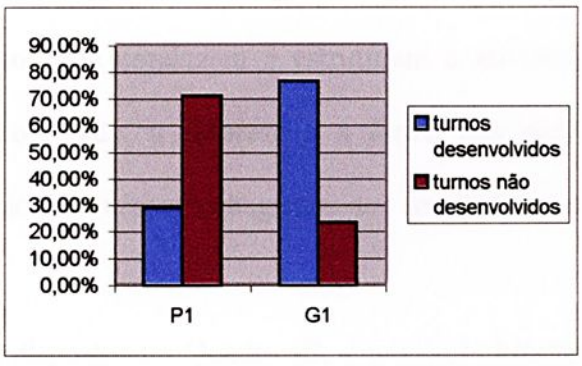


Gráfico 02: percentual de turnos desenvolvidos por P1 e por G1

Mais uma vez, observa-se que a atividade discursiva de P1 e a de G1 se apresentam de modo diferente. Para melhor compará-las, porém, é preciso esclarecer que, dos 175 turnos que compõem a atividade discursiva de P1, seis deles foram estruturados com trecho de fala incompreensível[46] e, portanto, foram desconsiderados ao realizarmos o levantamento do número de turnos desenvolvidos e do número de turnos não desenvolvidos. Feita essa observação, é possível verificar, portanto, que, de 169 turnos, apenas 49 (28,99%) desses turnos discursivos de P1 são

[46] Os trechos de fala incompreensíveis de P1 têm como característica principal uma imprecisão articulatória significativa, assemelhando-se a um 'murmúrio' ou, simplesmente, a um vozeamento gutural, fatores estes que dificultaram a transcrição do que foi verbalizado por esse sujeito.

desenvolvidos durante toda sua atividade discursiva, ou, inversamente, que 120 (71,01%) não são desenvolvidos. Já em G1, esse percentual é significativamente diferente, visto que, dos 47 turnos que organizam sua atividade discursiva, 36 deles (76,59%) são desenvolvidos e, portanto, apenas 11 (23,40%) não são desenvolvidos.

Com essa disposição geral de como os turnos se distribuem durante a atividade discursiva de P1 e de G1, procuraremos, agora, apresentar, de maneira mais específica, como esses turnos discursivos estão organizados quando os correlacionamos com os pares dialógicos que conduzem e estruturam a atividade discursiva desses sujeitos. Considerando, então, a natureza e a forma dos pares dialógicos e correlacionando-os aos turnos discursivos, chegamos aos resultados que constam do Quadro 02[47].

Com base nos resultados dispostos no Quadro 02, é possível observar que a atividade discursiva de P1 e de G1 se organiza, principalmente, em perguntas e respostas do tipo 'comentário/forma aberta'. Ou seja, em P1, vemos que, dos seus 175 turnos discursivos, 33,14% estão organizados com base no par dialógico do tipo 'comentário/forma aberta', sendo que os demais turnos estão organizados com os demais tipos de pares dialógicos. Em G1, por sua vez, 74,46% dos turnos discursivos estão organizados com base no par dialógico do tipo 'comentário/forma aberta' e, assim como em P1, os demais turnos estão organizados com base nos demais tipos de pares dialógicos – com exceção do tipo 'esclarecimento/forma aberta', que não ocorre nenhuma vez em G1.

---

[47] Devemos lembrar aqui que o número total de turnos que organizam a atividade discursiva tanto de P1 quanto de G1 não coincide com o número total de turnos somados a partir dos tipos de pares dialógicos, uma vez que há momentos na atividade discursiva desses sujeitos que eles é quem direcionam a pergunta ao interlocutor ou, ainda, introduzem um tópico. O mesmo fato se dá com os sujeitos P2 e G2.

unesp

Par dialógico Natureza/forma	P1		G1	
	N=175	%	N=47	%
Informação/aberta	28	16,00	01	2,12
Informação/fechada	37	21,14	08	17,02
Comentário/aberta	58	33,14	36	74,46
Confirmação/fechada	28	16,00	02	4,25
Esclarecimento/aberta	08	4,57	00	00

Quadro 02: distribuição dos pares dialógicos em correlação com os turnos discursivos de P1 e de G1

3.0.1.2 quanto às pausas:

Continuando, então, a apresentação dos resultados de nosso estudo, nesta segunda etapa da comparação entre os resultados de P1 e de G1, vamos nos centrar na incidência de pausas no início dos turnos discursivos. Para tanto, vamos nos basear, novamente, em quadros e gráficos que favoreçam uma visualização conjunta desses resultados. Passemos, pois, aos gráficos 03 e 04, nos quais estão dispostos o total de turnos discursivos iniciados com pausa e a organização desses turnos quanto ao seu desenvolvimento.

Podemos perceber, novamente, a diferença entre os turnos de P1 e de G1 não só quanto ao número de ocorrência de pausas que iniciam esses turnos, como também entre o número de turnos iniciados com pausa que são desenvolvidos (ou não) por P1 e por G1.

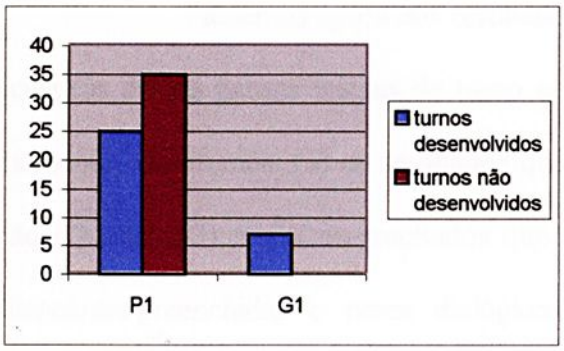


Gráfico 03: número de turnos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P1 e G1

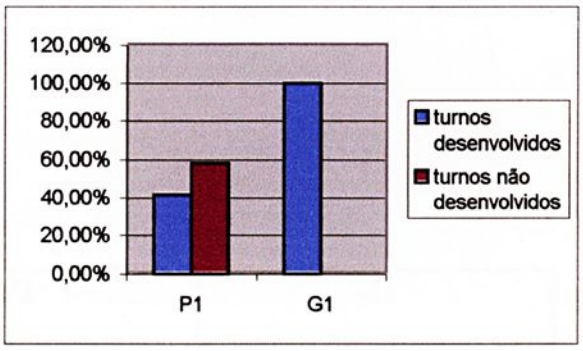


Gráfico 04: percentual de turnos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P1 e G1

Como já vimos, 34,28% dos turnos que organizam a atividade discursiva de P1 são iniciados com pausa, porcentagem que se reduz a 14,98% no caso de G1. Além disso, essa diferença se acentua quando comparamos seus turnos desenvolvidos com pausa. Valendo-nos novamente dos Gráficos 03 e 04, podemos ver que P1 desenvolveu apenas 41,66% desses turnos, ao passo que 100% deles foram desenvolvidos por G1, o que, visto de outro modo, equivale a dizer que P1 não conseguiu desenvolver 58,33% de seus turnos iniciados por pausa, porcentagem que vai a zero no caso de G1.

Passemos agora aos resultados que obtivemos quanto às características acústicas dessas pausas iniciais de turno em P1 e em G1. Para tanto, num primeiro momento, exporemos: (a) os resultados que dizem respeito ao seu preenchimento ou não (Quadro 03); e (b) os resultados que dizem respeito à correlação entre pausas silenciosas/preenchidas e pares dialógicos que organizam os turnos discursivos iniciados com pausa (Quadro 04). Num segundo momento, exporemos, então, as características acústicas das pausas quanto à sua duração, baseando-nos, para tanto, no Quadro 05 e no Gráfico 05.

Tipos de pausa	P1		G1	
	N=60	%	N=7	%
Silenciosa	40	66,66	07	100
Preenchida	08	13,33	00	00
Mista	12	20,00	00	00

Quadro 03: características acústicas (de preenchimento) das pausas em início de turnos discursivos de P1 e G1

Com base nas características acústicas de preenchimento ou não das pausas, vemos que tanto em P1 como em G1 as pausas de maior ocorrência no início dos turnos discursivos foram as silenciosas. Em P1, essas pausas ocorrem em 66,66% dos turnos iniciados com pausa, enquanto que as preenchidas ocupam apenas 13,33% desse mesmo tipo de turno e as pausas mistas, 20%. Em G1, do total de turnos

iniciados com pausa, todos (100%) apresentam apenas pausa silenciosa, não havendo, portanto, nenhuma ocorrência de pausa preenchida ou de pausa mista.

As características acústicas de preenchimento ou não das pausas também podem ser vistas em correlação com os tipos de pares dialógicos – consideradas sua natureza e forma – que organizam os turnos discursivos. Como já vimos que as pausas silenciosas se distribuem na atividade discursiva de P1 e de G1 em maior número, é, pois, certo que essas pausas sejam as que mais se apresentem em relação com os pares dialógicos. Constatemos essa relação no Quadro 04.

No entanto, esse mesmo quadro desperta nossa atenção para o fato de que, em P1, as pausas – independente de suas características acústicas de preenchimento ou não – se concentram em maior número diante dos pares dialógicos do tipo 'comentário/forma aberta' e do tipo 'informação/forma aberta'. Com efeito, vemos que, das 60 pausas iniciais[48] presentes na atividade lingüístico-discursiva de P1, 40% delas ocorrem no início de turnos discursivos que se organizam pelo par dialógico 'comentário/forma aberta'. No segundo tipo – informação/forma aberta – sua correlação com as pausas resulta um percentual de 28,33%, valor este um pouco menor, porém não menos importante, especialmente quando observada a ocorrência de pausas iniciais nos demais tipos de pares dialógicos. Já em G1, a distribuição dessas pausas em relação aos pares dialógicos se dá de maneira mais equilibrada.

Um fato interessante a ser observado é o de que, ao compararmos os valores percentuais com que as pausas se distribuem em relação aos pares dialógicos

[48] A propósito das 60 pausas que ocorrem em início de turnos discursivos de P1, 4 co-ocorrem com momentos em que P1 introduz ou retoma (sub)tópico discursivo. No entanto, como nosso enfoque prioriza a natureza e a forma dos pares dialógicos, não levaremos em consideração esse fato relativo à função dos pares dialógicos.

unesp

do tipo 'comentário/forma aberta', vemos que a atividade lingüístico-discursiva de P1 e de G1 tende a se aproximar, pois, das sete pausas que iniciam os turnos discursivos de G1, 42,85% ocorrem em pares dialógicos do tipo 'comentário/forma aberta'. Em contrapartida, não ocorre essa aproximação entre P1 e G1 quando observamos o par dialógico 'informação/forma aberta', já que em G1, apenas 14,28% das pausas ocorrem nessas circunstâncias discursivas.

Par dialógico Natureza/forma	**Tipo de pausa**	**P1**		**G1**	
		N=60	**%**	**N=07**	**%**
Informação/aberta	Pausa silenciosa	13	21,66	01	14,28
	Pausa preenchida	03	5,00	00	00
	Pausa mista	01	1,66	00	00
Informação/fechada	Pausa silenciosa	04	6,66	03	42,85
	Pausa preenchida	02	3,33	00	00
	Pausa mista	02	3,33	00	00
Comentário/aberta	Pausa silenciosa	16	26,66	03	
	Pausa preenchida	03	5,00	00	00
	Pausa mista	06	10,00	00	00
Confirmação/fechada	Pausa silenciosa	04	6,66	00	00
	Pausa preenchida	00	00	00	00
	Pausa mista	02	3,33	00	00
Esclarecimento/aberta	Pausa silenciosa	00	00	00	00
	Pausa preenchida	00	00	00	00
	Pausa mista	00	00	00	00

Quadro 04: correlação entre pausas (quanto ao seu preenchimento) e os tipos de pares dialógicos em P1 e em G1

unesp

Quanto à característica acústica de duração dessas pausas, podemos observar o Quadro 05 e o Gráfico 05 e, assim, constatarmos, mais uma vez, diferenças na atividade lingüístico-discursiva de P1 e na de G1.

Pausas	P1		G1	
	N=60	%	N=07	%
Breve	21	35,00	05	71,42
Média	22	36,66	01	14,28
Longa	17	28,33	01	14,28

Quadro 05: referente ao número de pausas e sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P1 e de G1

Com base nesses dados, a primeira informação que nos chama a atenção é a de que 71,42% das pausas de G1 têm duração breve; apenas 14,28% delas são médias e 14,28% longas. Já em P1, a variação de duração das pausas é mais homogênea, havendo diferenças menores entre os três grupos. Essa variação mais homogênea, porém, nos mostra diferenças importantes em relação a G1: 35% das pausas de P1 são breves, 36,66% são médias e 28,33% são longas. Vistos esses dados por outro ângulo, observamos que G1 apresenta 36,48% a mais de pausas breves do que P1, ao passo que P1 apresenta 22,38% a mais de pausas médias e 14,05% a mais de pausas longas quando comparados seus percentuais com os percentuais de ocorrência dessas pausas em G1.

unesp

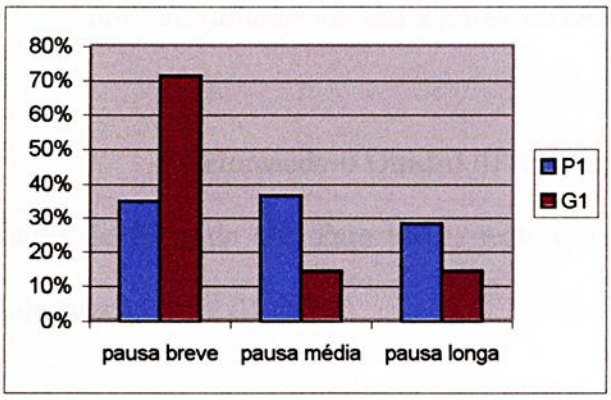


Gráfico 05: percentual de pausas quanto à sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P1 e de G1

Como se pode observar, as diferenças entre os resultados da atividade lingüístico-discursiva de P1 e a de G1 são significativas. Poucos são os momentos em que os percentuais que registram a ocorrência de algum fenômeno lingüístico da atividade verbal de P1 se assemelham aos de G1. Vale lembrar, porém, que tais diferenciações despertam a atenção não sob um prisma negativo, mas sim, sob uma perspectiva em que P1, utilizando-se de recursos enunciativos semelhantes aos de G1, o faz de modo alternativo em sua enunciação. Além disso, se retomarmos o que diz a literatura sobre a doença de Parkinson, lembraremos que os comprometimentos (motores) da fala merecem destaque. Assim, a combinação entre uma utilização diferenciada de recursos comuns da conversação e comprometimentos motores característicos da doença de Parkinson parece fornecer a base sobre a qual os sujeitos parkinsonianos buscam garantir sua eficácia enunciativa, mesmo em condições que lhe são adversas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

3.0.2 Resultados obtidos a partir da comparação entre P2 e G2:

Retomando o Quadro 01 apresentada na página 100, compararemos os dados de P2 e de G2. Para tanto, seguiremos os mesmos percursos utilizados na comparação entre P1 e G1.

3.0.2.1 quanto aos turnos discursivos:

Transpondo para o Quadro 06 os resultados mais gerais da atividade lingüístico-discursiva de P2 e G2 que já constam do Quadro 01, podemos comparar os primeiros resultados dessa atividade nos dois sujeitos:

	P2	**G2**
Duração da atividade discursiva	31'44''	32'09''
Número total de turnos discursivos	192	116
Turnos iniciados sem pausa	108	108
Turnos iniciados com pausa	84	08
Número de assalto a turnos	06	48

Quadro 06: disposição geral dos resultados baseados nos turnos discursivos de P2 e de G2

unesp

Observa-se que o tempo de **duração da atividade discursiva** de P2 e de G2 é praticamente o mesmo, havendo uma diferença mínima de apenas 25". A nosso ver, assim como ocorre com P1 e G1, essa diferença não é significativa no sentido de explicar fatos que diferenciam a atividade lingüístico-discursiva de P2 quando comparada à de G2, tais como, por exemplo, **número de turnos** discursivos que organizam a atividade verbal desses sujeitos. Como se pode verificar, P2 organizou sua atividade verbal com 76 turnos discursivos a mais que G2.

Ao compararmos, então, o número de ocorrência de pausas em início de turno discursivo em P2 e G2, as diferenças se tornam ainda mais significativas: enquanto P2 apresenta 43,75% de seus turnos iniciados com pausa, G2 apresenta apenas 6,89% de seus turnos iniciados com pausa, o que resulta numa diferença percentual de 36,86% a mais de turnos discursivos iniciados com pausa por P2 em relação a G2.

Quanto ao **número de assalto a turnos** discursivos por parte dos sujeitos gravados sobre os turnos discursivos do interlocutor, verificamos, novamente, uma diferença no emprego dessa estratégia lingüístico-discursiva entre P2 e G2. Enquanto P2 assalta 06 turnos de seu interlocutor, G2 o faz 48 vezes. Em valores percentuais, isso significa que, em 192 turnos discursivos, P2 fez assaltos a turno em apenas 3,12% de sua atividade discursiva, valores percentuais que chegam a 41,37% em G2.

Assim como entre P1 e G1, também percebemos em P2 e em G2 uma diferença entre o número de turnos discursivos desenvolvidos (ou não) por esses dois sujeitos. É o que nos mostram os Gráficos 06 e 07.

unesp

Observa-se que a atividade lingüístico-discursiva de P2 e G2 apresenta valores significativamente diferentes: dos 192 turnos discursivos que organizam a atividade verbal de P2, apenas 66 (34,37%) deles são desenvolvidos, valores que atingem um total de 84 (72,41%) em G2. Ou seja, G2 desenvolve 38,04% de turnos a mais que P2.

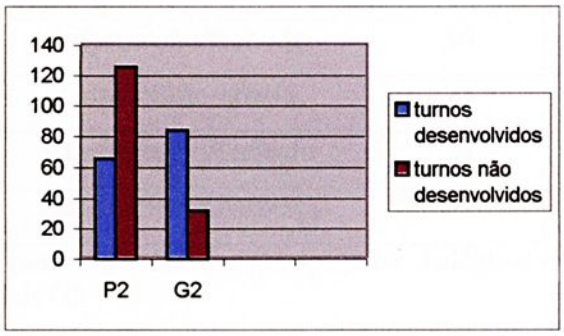


Gráfico 06: número de turnos discursivos desenvolvidos por P2 e por G2

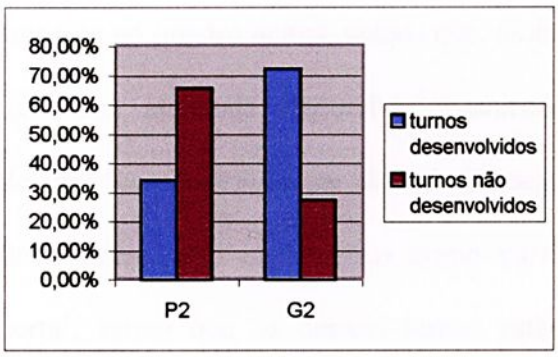


Gráfico 07: percentual de turnos discursivos desenvolvidos por P2 e por G2

Além da diferença de resultados quanto ao desenvolvimento (ou não) dos turnos discursivos de P2 e de G2, diferenças significativas também podem ser notadas ao correlacionarmos a distribuição desses turnos discursivos de P2 e de G2

com a natureza e com a forma dos pares dialógicos que organizam e estruturam esses turnos. Para tanto, observemos o Quadro 07[49].

Par dialógico	P2		G2	
Natureza/forma	N=192	%	N=116	%
Informação/aberta	39	20,31	15	12,93
Informação/fechada	36	18,75	30	25,86
Comentário/aberta	75	39,06	46	39,65
Confirmação/fechada	24	12,50	19	16,37
Esclarecimento/aberta	07	3,64	03	2,58

Quadro 07: distribuição dos pares dialógicos em correlação com os turnos discursivos de P2 e de G2

Com base nos resultados dispostos no quadro acima, vemos que, assim como P1 e G1, também P2 e G2 têm sua atividade discursiva organizada principalmente por perguntas e repostas do tipo 'comentário/forma aberta'. Ou seja, dos 192 turnos discursivos de P2, 39,06% deles estão organizados como pares dialógicos do tipo 'comentário/forma aberta', sendo que os demais turnos estão organizados com base nas outras categorias de pares dialógicos. Em G2, por sua vez, esse percentual aumenta (mesmo que pouco) para 39,65% e, assim como para P2, seus demais turnos discursivos estão organizados por meio de outras categorias de pares dialógicos.

[49] Assim com na nota 48, lembramos que o número total de turnos que organizam a atividade discursiva tanto de P2 quanto de G2 não coincide com o número total de turnos somados a partir dos tipos de pares dialógicos, uma vez que há momentos na atividade discursiva desses sujeitos que eles é quem direcionam a pergunta ao interlocutor ou, ainda, introduzem um tópico.

unesp

3.0.2.2 quanto às pausas:

Nesta segunda etapa da comparação entre os resultados de P2 e de G2, vamos nos centrar na incidência das pausas no início de seus turnos discursivos. Para isso, vamos nos basear, uma vez mais, em gráficos e Quadros que favoreçam uma visualização conjunta desses resultados. Passemos aos Gráficos 08 e 09, nos quais estão dispostos o total de turnos discursivos iniciados com pausa e a relação entre a presença de pausas no início desses turnos e o seu desenvolvimento (ou não).

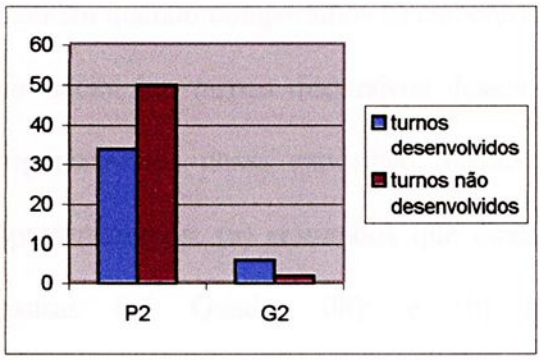


Gráfico 08: número de turnos discursivos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P2 e G2

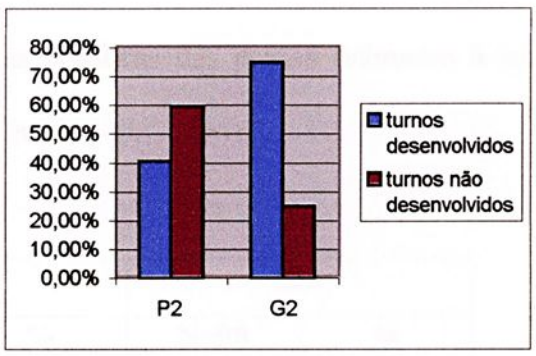


Gráfico 09: percentual de turnos discursivos (desenvolvidos e não desenvolvidos) iniciados com pausa em P2 e G2

Assim como assinalamos em P1 e G1, vemos que em P2 e G2 também são significativas as diferenças não só em relação ao número de turnos iniciados com

pausa, como também em relação aos turnos iniciados com pausa que são ou não desenvolvidos por estes dois últimos sujeitos. Isso porque, dos 84 turnos discursivos que P2 inicia com pausa, 40,47% deles são desenvolvidos, ao passo que G2 desenvolve 75% de seus (8) turnos iniciados com pausa. Assim, P2 reúne um montante de 59,52% de turnos iniciados com pausa não desenvolvidos, ao passo que G2 não desenvolve apenas 25% de seus turnos iniciados com pausa.

Além disso, veremos que as diferenças entre P2 e G2 também se mantêm quando comparamos as características acústicas das pausas que se encontram no início dos turnos discursivos desses sujeitos. Para evidenciar essas diferenças, organizaremos nossa exposição, novamente, em duas etapas. Na primeira delas, apresentaremos: (a) resultados que dizem respeito ao preenchimento (ou não) das pausas (cf. Quadro 08); e (b) resultados da correlação entre pausas silenciosas/preenchidas e pares dialógicos que organizam os turnos discursivos iniciados com pausas dos dois sujeitos (cf. Quadro 09 e Gráfico 10). Numa segunda etapa, apresentaremos, então, características acústicas das pausas referentes à sua duração e, para isso, remetemos o leitor ao Quadro 10.

Pausas	**P2**		**G2**	
	N=84	**%**	**N=08**	**%**
Silenciosa	72	85,71	08	100
Preenchida	02	2,38	00	00
Mista	10	11,90	00	00

Quadro 08: número de pausas e sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P2 e de G2

De modo semelhante ao que vimos em P1 e em G1, podemos observar, no quadro acima, que P2 e G2 também apresentam uma incidência maior de pausas silenciosas no início de seus turnos discursivos. Em P2, por exemplo, 85,71% de seus turnos discursivos iniciados com pausas apresentam, nesse início, uma pausa silenciosa, percentagem que atinge 100% em G2. Em P2, porém, vemos ainda que, dos 84 turnos iniciados com pausa, 11,90% deles apresentam, nesse início, uma pausa mista e 2,38% uma pausa preenchida.

Portanto, ao correlacionarmos as características acústicas de preenchimento ou não das pausas com os tipos de pares dialógicos, teremos uma presença maior das pausas silenciosas diante das categorias dos pares dialógicos, tal como nos mostra o Quadro 09.

Assim como P1, P2 também tem suas pausas (independentemente de suas características acústicas) concentradas em maior número em pares dialógicos do tipo 'comentário/forma aberta' e do tipo 'pedido de informação/forma aberta'. Como se pode observar, nos 84 turnos discursivos de P2 iniciados com pausa, 36,90% da incidência dessas pausas estão correlacionados com turnos discursivos que se organizam pelo par dialógico do tipo 'comentário/forma aberta'. No segundo tipo de par dialógico – pedido de informação/forma aberta –, sua correlação com as pausas resulta em um percentual de 29,76%, valor este bem próximo ao que encontramos em P1.

Próxima também está a distribuição das pausas no início dos turnos de G2 em comparação com a distribuição das pausas no início dos turnos de G1. Ou seja, da mesma forma, G2 também têm suas pausas (independentemente de suas



características acústicas de preenchimento ou não) distribuídas de modo equilibrado na atividade discursiva quando correlacionadas com os pares dialógicos (considerando sua natureza e sua forma).

Par dialógico	Tipo de pausa	P2		G2	
		N=84	%	N=08	%
Informação/aberta	Pausa silenciosa	22	26,19	04	50,00
	Pausa preenchida	00	00	00	00
	Pausa mista	03	3,57	00	00
Informação/fechada	Pausa silenciosa	18	21,42	00	00
	Pausa preenchida	01	1,19	00	00
	Pausa mista	01	1,19	00	00
Comentário/aberta	Pausa silenciosa	24	28,57	03	37,5
	Pausa preenchida	01	1,19	00	00
	Pausa mista	06	7,14	00	00
Confirmação/fechada	Pausa silenciosa	04	4,76	01	12,5
	Pausa preenchida	00	00	00	00
	Pausa mista	00	00	00	00
Pedido de esclarecimento	Pausa silenciosa	02	00	00	00
	Pausa preenchida	00	00	00	00
	Pausa mista	00	00	00	00

Quadro 09: correlação entre pausas (quanto ao seu preenchimento) e tipos de pares dialógicos em P2 e G2



Além disso, quando comparamos, agora, P2 e G2 quanto à concentração de pausas nas diferentes categorias de pares dialógicos, observamos (também) uma aproximação entre a atividade lingüístico-discursiva desses dois sujeitos. Queremos dizer que, assim como em P2, também em G2 há uma porcentagem importante de ocorrência de pausas nos pares dialógicos do tipo 'comentário/forma aberta' e do tipo 'pedido de informação/forma aberta'. Como se pode constatar, das oito pausas que ocorrem no início de turnos discursivos de G2, 37,5% delas estão correlacionadas com turnos discursivos que se organizam pelo par dialógico 'comentário/forma aberta'. Esse percentual, porém, aumenta no par dialógico 'pedido de informação/forma aberta', já que 50% das pausas em início de turnos discursivos de G2 estão correlacionados com esta categoria de par dialógico.

Passemos, agora, à segunda etapa da comparação entre os resultados de P2 e de G2 quanto à característica acústica de duração de suas pausas iniciais de turnos. Esses resultados podem ser visualizados no Quadro 10 e no Gráfico10:

Pausas	P2		G2	
	N=84	%	N=08	%
Breve	25	29,76	04	50,00
Média	25	29,76	02	25,00
Longa	34	40,47	02	25,00

Quadro 10: número de pausas e sua característica acústica de duração no início dos turnos discursivos de P2 e de G2

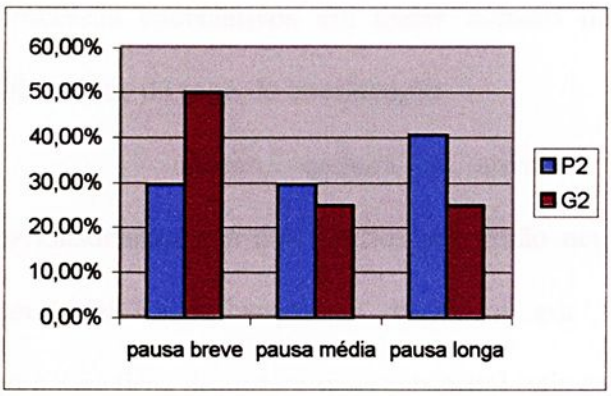


Gráfico 10: percentual de pausas quanto à sua característica acústica de duração nos turnos discursivos de P2 e de G2

Tendo como base os resultados acima, percebemos que, assim como em G1, a maioria das pausas iniciais de turnos discursivos de G2 tem duração breve. Em valores percentuais: 50% das pausas iniciais são breves, 25% médias e 25% longas. Já em P2, essa variação de duração é mais homogênea, com diferenças quantitativas menores entre elas. Como se pode observar, 29,76% de suas pausas iniciais de turnos são breves, 29,76% são médias e 40,47% são longas. Esses valores voltam a mostrar diferenças entre a atividade lingüístico-discursiva de P2 e a de G2, uma vez que este último – G2 – tem 20,24% a mais de pausas breves nos turnos discursivos iniciados com pausa do que P2, e este, por sua vez, tem 4,76% a mais de pausas médias e 15,47% a mais de pausas longas em início de turnos discursivos em relação à G2.

Com base na ênfase que dispensamos aos turnos discursivos e às pausas, vemos, então, que as diferenças apontadas entre a atividade lingüístico-discursiva de P2 e de G2 (tal como em P1 e em G1) parecem indicar que, correlacionadas às dificuldades motoras, P2 também recorre a ajustes (naturais) de

processos enunciativos em maior número de vezes do que G2 para garantir a efetividade do jogo de interlocução.

Assim, embora a atividade lingüístico-discursiva dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica apresentem semelhanças, em geral tais semelhanças se verificam em menor número e se restringem a características de ordem mais estrutural, tais como as observadas na correlação entre turnos discursivos e pares dialógicos, bem como na correlação entre características acústicas das pausas e pares dialógicos. No entanto, no que se refere ao funcionamento dos fenômenos lingüístico-discursivos que constituem a atividade verbal dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica, os resultados que aqui descrevemos nos despertam a atenção para condições diferenciadas de uso da linguagem por parte desses dois pares de sujeitos. Lembremos, no entanto, mais uma vez, que tais condições diferenciadas baseiam-se, ainda, em recursos freqüentes da atividade conversacional, de modo a garantirem, mesmo em condição de dificuldades motoras, o desenvolvimento do processo enunciativo por parte dos sujeitos parkinsonianos.

Na terceira parte deste mesmo Capítulo, centraremos nossa discussão nos aspectos que acreditamos estar mais fortemente presentes nessa diferenciação de condição enunciativa. Mas antes, em nosso segundo olhar sobre os dados, buscaremos vincular os resultados expostos até o momento ao funcionamento da atividade conversacional de nossos sujeitos.



3.1 Um segundo olhar sobre os dados

Como pudemos observar nos resultados apresentados até o momento, há, de um lado, semelhanças entre a atividade lingüístico-discursiva de P1 e de P2 e, de outro lado, entre essa atividade em G1 e G2. Observamos, porém, que há diferenças entre a atividade lingüístico-discursiva dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica. Procuraremos, então, caracterizar tais semelhanças e diferenças pela observação de como esses dois grupos de sujeitos colocam a linguagem em funcionamento.

Para tanto, organizaremos nossa exposição em duas etapas. Na primeira delas, priorizaremos a discussão de fatos envolvidos na distribuição dos **turnos discursivos** na atividade verbal dos dois grupos de sujeitos. Na segunda etapa, enfocaremos questões relativas ao funcionamento das **pausas** que ocorrem no início de turnos discursivos desses mesmos sujeitos. Com esse procedimento, buscaremos agrupar as semelhanças e as diferenças de funcionamento da linguagem desses dois grupos de sujeitos.

3.1.1 fatos relativos aos turnos discursivos

Conforme antecipamos, nesta etapa de nosso estudo vamos comparar a distribuição dos turnos discursivos na atividade verbal de nossos dois grupos de sujeitos. Para tanto, consideraremos, por um lado, a forma como esses turnos foram iniciados e, por outro, a forma como eles se desenvolveram.

unesp

Iniciando nossa comparação, lembremos que P1, por exemplo, desenvolveu apenas 49 (28,99%) de seus 175 turnos, enquanto G1 chegou a desenvolver 36 (76,59%) dos 47 turnos discursivos que organizam sua atividade verbal (cf. Gráficos 01 e 02). Semelhantemente, dos 192 turnos discursivos que organizam a atividade verbal de P2, apenas 66 (34,37%) deles são desenvolvidos, enquanto que G2 chega a desenvolver 84 (72,41%) dos 116 turnos discursivos que organizam sua atividade verbal (cf. Gráficos 03 e 04).

Para melhor compreendermos alguns recursos utilizados por P1, por G1, por P2 e por G2 no desenvolvimento de seus turnos discursivos, observemos o Gráfico 11, o qual nos permite uma visualização conjunta do desempenho lingüístico-discursivo dos quatro sujeitos. Vejamos, primeiro, a forma como os turnos foram iniciados.

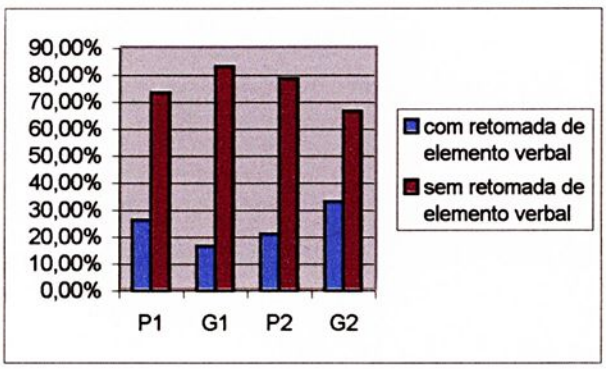


Gráfico 11: turnos desenvolvidos por P1, G1, P2 e G2, iniciados (ou não) com retomada de elemento verbal do turno do interlocutor

Com base nas informações expostas no Gráfico 11, verificamos que a atividade lingüístico-discursiva dos quatro sujeitos de nossa análise, no que se refere à retomada de elemento verbal do turno de seus (respectivos) interlocutores,

apresenta semelhanças. Contudo, veremos que a dinâmica dessa atividade aponta para algumas diferenças entre o grupo de sujeitos parkinsonianos e o grupo de sujeitos sem lesão neurológica.

Em P1, pudemos verificar que, de seus 49 turnos desenvolvidos, 13 (26,53%) deles foram iniciados com retomada de algum elemento verbal do turno de seu interlocutor. No entanto, cinco (38,46%) desses turnos iniciados com retomada de elemento verbal co-ocorreram com os turnos iniciados (também) com pausa. Vejamos alguns exemplos:

***exemplos 22, 23, 24 e 25 :** *L. e C. conversando sobre o nome da filha e dos netos que estavam presentes na casa de C. durante a gravação. Observemos os destaques:*

***exemplo 22:**

L. e a netinha?
C. a netinha:: chama:: Estela

***exemplo 23:**

L. Júlia? e o menino?
C. + (0.78) o menino é:: ++ Vitor

***exemplo 24:**

L. Vitor? ++ qual que é o mais arteiro?
C. o mais arteiro acho que é a:: Júlia

***exemplo 25:**

L. como que ela chama essa filha do senhor?
C. + (1.02) a filha Claúdia

Além disso, também pudemos verificar que, dos 49 turnos desenvolvidos por P1, 36 (73,46%) foram iniciados sem que P1 retomasse algum elemento verbal do turno de seu interlocutor. No entanto, dos 36 turnos em que P1 não retomou elemento verbal do turno de seu interlocutor, 6 (16,66%) foram iniciados com o uso de fala cristalizada[50] e 20 (55,55%) foram iniciados com pausa. Esses fatos podem ser verificados nos destaques dos exemplos abaixo:

***exemplo 26:** *L. e C. conversando sobre as atividades de leitura de C. Ressalta-se que o trecho em destaque já havia aparecido na fala espontânea de C. em outras gravações, bem como em situações de fonoterapia.*

L. ô seu C. além da revista de Parkinson que o senhor lê + o senhor gosta de lê alguma outra coisa?
C. eu tenho problema de:: visão dupla + por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas quando eu vô assisti televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo num é num
L. [ah tá]
faz parte do Parkinson ++ mas é desagradável a visão dupla

***exemplo 27:** *L. e C. conversando sobre a amizade de C. e de J., a saber, o sujeito P2 de nosso estudo.*

L. escuta + conta pra mim o senhor é amigo do seu J.?
C. demais

***exemplo 28:** *L. solicitando a C. que cante uma música, com base no comentário feito pela esposa (E.) de C. de que este 'canta muito bem':*

[50] A propósito, cf. Scarpa (1995).

L. vai que o senhor fica famoso tá sendo filmado e tudo ++ já pensô?
C. [ah:]
((som de criança tossindo))
C. + (3.49) vamo lá vai

Fatos semelhantes ocorrem com P2. De seus 66 turnos desenvolvidos, 14 (21,21%) deles são iniciados com retomada de elemento verbal do turno de seu interlocutor. Desses últimos, sete (50%) co-ocorrem com turnos (também) iniciados com pausa. Vejamos os destaques dos exemplos seguintes:

***exemplo 29:** *L. e J. conversando sobre a profissão de J. como agente do IBGE:*

L. toda vida o senhor trabalhô lá?
J. toda vida único emprego

***exemplo 30:** *L. e J. conversando sobre a cidade onde J. nasceu e morou antes de se mudar para Marília:*

J. sô de Colina
L. Colina?
J. São Paulo +
L. fica perto da onde?
J. + m:: (1.63) mais perto de Barretos ++ Bebedouro
L. ah:: a terra da laranja
J. terra da + da CUTRALE

Pudemos verificar também que, dos 66 turnos desenvolvidos por P2, 52 desses turnos (78,78%) foram iniciados sem que P2 retomasse elemento verbal do turno de seu interlocutor. Contudo, dos 52 turnos discursivos desenvolvidos e

iniciados sem retomada de elemento verbal, cinco deles (9,61%) foram iniciados com o uso de fala cristalizada e 27 (51,92%) foram iniciados com pausa. É o que veremos nos exemplos abaixo:

***exemplo 31:** *L. e J. conversando sobre um mini distrito da cidade de Marília, onde J. morou quando criança, trabalhando na lavoura:*

L. ah::: em Avencas
J. lugar bonito

***exemplo 32**: *T. e J. conversando sobre o período em que freqüentava a Clínica de Fonoaudiologia da UNESP/Marília e sobre as pessoas que conheceu no loca:*

T. se o senhor conheceu bastante fono lá
J. + (0.64) no::ssa demais ++

***exemplo 33:** *L. e J. conversando sobre os nome dos pais de J. Observe-se, aqui, que embora esperássemos que J. mencionasse o nome de seus pais de maneira mais automática, constatamos a presença de pausa antes que a nomeação fosse apresentada:*

L. e e o nome dos pais do senhor? qual era?
J. + (1.23) Antônio Pavarini
L. e da mãe?
J. + (0.83) Ema (incompreensível) Pavarini

Procedimentos diferentes desses de P1 e P2 são verificados nos sujeitos sem lesão neurológica. Dos 36 turnos desenvolvidos de G1, seis deles

(16,66%) foram iniciados com retomada de elemento verbal do turno de seu interlocutor, mas nenhum desses seis turnos foi iniciado com pausa. É o que nos mostram os seguintes exemplos:

***exemplo 34:** *L., X e E. conversando sobre o curso de pilotagem que X. fez quando mais jovem na cidade de Catanduva. A título de informação, E. é a esposa de X. Observemos os destaques:*

L. o senhor chegô a pilotá?
X. pilotei: (...)
E. tirou o BREVÊ
X. tirei o BREVÊ

***exemplo 35:** *E. e X. informando a L. sobre o costume de X. de caminhar no calçadão da cidade de São José do Rio Preto aos sábados para se encontrar com os netos:*

E. [antes do calçadão
X. ã?
E. antes do calçadão
X. é antes do calçadão (...)

Em outras palavras, dos 36 turnos desenvolvidos por G1, 30 deles (83,33%) foram iniciados sem que G1 retomasse elemento verbal do turno de seu interlocutor e, principalmente, sem que G1 utilizasse fala cristalizada. Lembremos, porém, que desses 30 turnos que G1 iniciou sem retomar elemento verbal do turno de seu interlocutor, sete deles (23,33%) co-ocorreram com turnos iniciados com pausa, como nos mostram os exemplos abaixo:

unesp

***exemplo 36:** *L. e X. conversando sobre o sonho de X. de pilotar aviões:*

L. mas nem por hobby assim?
X. + (0.88) deu vontade mas aí:: eu já:: sei lá a gente começa achá + injusto + tá gastando esse dinheiro à toa com diversão né de-deixa pra lá deixa pra outro dia e:: sei lá + é talvez tenha passado a fase né (...)

***exemplo 37:** *L. e X. conversando sobre as práticas de escrita de X.*

L. e o senhor ainda faz poesia ou não?
X. + (0.77) nã::o hoje em dia eu parei entendeu + parei + d-d-dei um tempo parei + tem muita coisa que começa começa a fervê assim xui não pára com isso aí chega (...)
L. [não não pode reprimi isso é um (...)

Em relação aos 84 turnos desenvolvidos de G2, 28 deles (33,33%) foram iniciados com retomada de elemento verbal do turno de seu interlocutor, mas apenas um (1,19%) foi iniciado com pausa:

***exemplo 38:** *L. e V. conversando sobre a ambição:*

L. mas hoje em dia + eu perguntei isso pro senhor porque eu vejo assim + a ambição hoje em dia prevalece sobre: qualquer coisa + sobre até a:: própria vontade até o próprio sonho o: ideal de vida até
V. + (0.74) prevalece sim + mas o:: o que muito faz da ambição é uma premonição que a pessoa tem e não sabe dá valor + porque se ele tivesse a ambição de fazê o bem + que maravilha que seria + mas ele tem a ambição com egoísmo né + [continua]

Isso significa dizer também que, dos 84 turnos desenvolvidos por G2, 56 (66,66%) foram iniciados sem que G2 retomasse elemento verbal do turno de seu interlocutor, além de que esse sujeito se utilizou de fala cristalizada para iniciar apenas um (1,78%) desses turnos, fato que mostraremos no exemplo a seguir:

***exemplo 39:** *L. pedindo esclarecimento sobre uma das atividades profissionais que V. exerceu:*

L. não + como é que fala quando:: quando vende carro?
V. então (aí) isso eu comentei eu fui trabalhei numa agência + da Volkswagen (...)
L. [não não é na agência o senhor vendia por conta
V. ah sim

Contudo, dos 56 turnos desenvolvidos e iniciados sem que G2 retomasse elemento verbal do turno de seu interlocutor, cinco deles turnos (8,92%) co-ocorreram com turnos iniciados com pausa, como nos mostram os exemplos abaixo:

***exemplo 40:** *L. e V. conversando sobre o tempo de dedicação ao ensino superior:*

L. agora ó + há quatro anos atrás eu me formei + vim pro Hospital de Base + fiquei dois anos eu trabalhava mais de quarenta horas na semana + porque eu entrava as:: sete horas às vezes eu ia chegá em casa depois das sete da noite + era direto trabalhando + tê filho como?
V. + (0.69) é o:: o tempo de estudo é muito grande + pra fazê um:: uma escola cê vê a faculdade é cinco + né meu meu neto mesmo parece que é cinco e mais um de mestrado + cinco anos só só só de superior?



***exemplo 41:** *V. contando à L. sobre as atividades recreativas de um clube japonês da cidade de São José do Rio Preto:*

L. ah vô até passá lá pra vê nunca vi
V. + (1.04) eles tem eu sei porque eu tenho uma amiga aí que:: que é casada com um japonês e a filha dela tá tomando aula de dança lá sabe + eles não eles não perdem a origem + né então (...) eles tem tem dança

É importante destacarmos que, embora Fávero *et al* (1996: 484) considerem que seja natural que as respostas sejam *formuladas a partir da repetição* (total ou parcial) *dos elementos lingüísticos da estrutura da pergunta*, verificamos que o modo como P1 e P2 organizam esse processo lingüístico-discursivo é diferente do modo como G1 e G2 o fazem, principalmente quando o correlacionamos com outros fatores lingüísticos, tais como a fala cristalizada e a presença de pausa. Podemos visualizar essa diferença no Gráfico12 e no Gráfico 13, mais à frente.

Encerradas nossas considerações sobre o modo pelo qual os quatro sujeitos de nosso estudo iniciam seus turnos desenvolvidos, enfocaremos, agora, o modo pelo qual esses turnos se estenderam em seu desenvolvimento. Quanto à extensão dos turnos desenvolvidos, observamos que as diferenças lingüístico-discursivas entre os sujeitos parkinsonianos e os sujeitos sem lesão neurológica voltam a aparecer e registram, novamente, percentuais diferentes entre a atividade verbal desses dois grupos.

unesp

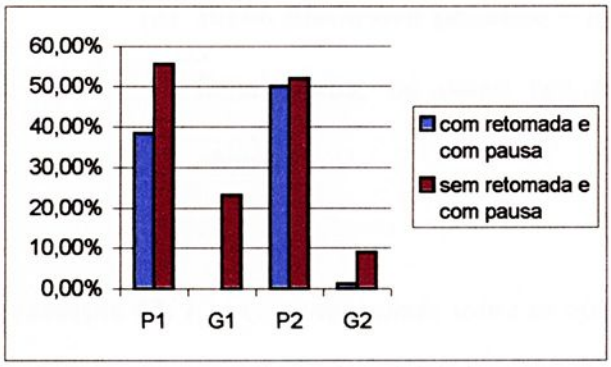


Gráfico 12: turnos discursivos iniciados com e sem retomada de elemento verbal, co-ocorrendo com turnos iniciados com pausa

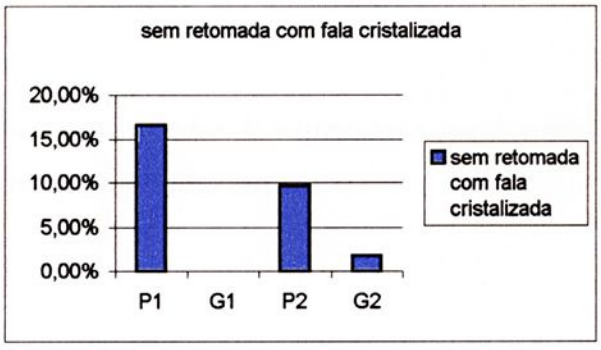


Gráfico 13: turnos discursivos iniciados sem retomada de elemento verbal e iniciados com fala cristalizada

Para analisar a extensão dos turnos desenvolvidos[51], estabelecemos um critério gráfico[52], que resultou na criação de três categorias de turnos discursivos:

[51] Como já mencionamos na nota de rodapé de número 46, entendemos como turnos desenvolvidos aqueles que, além do falante (co)responder às solicitações enunciadas pelo interlocutor, ele – o falante – se estende no seu dizer, progredindo sua fala de modo a acrescentar e enriquecer a informação por ele elaborada. Devemos lembrar, também, que consideramos um turno acabado quando se dá a alternância entre os interlocutores. Ou seja, a fronteira de um enunciado acontece quando o locutor termina seu dizer, apresentando condições ao interlocutor para que este assuma uma atividade responsiva ao 'já dito', de modo que explicite, também, o seu dize,r que, por sua vez, terá sua fronteira determinada a partir do mesmo procedimento.

[52] Esse critério baseia-se na disposição dos turnos discursivos tal como ocorre na transcrição das sessões de gravação dos quatro sujeitos (cf. Anexo 0I).

(a) **turno discursivo pequeno** = aquele cuja transcrição não excede uma linha escrita, tal como nos mostram os destaques dos exemplos abaixo:

***exemplo 42:** *L. e C. conversando sobre as visitas que J. faz a C.:*

L. ele vem sempre aqui ou não?
C. e::o:: (1.39) vem vem pouco aqui ++ ele tem:: dificuldade também de locomoção né

***exemplo 43:** *T. e J. conversando sobre as atividades de marcenaria que J. realiza numa pequena oficina que tem no fundo de sua própria casa:*

T. o senhor gosta seu Jurandir?
J. demais + eu tenho uma oficininha aí no fundo ++
L. [ah::]

***exemplo 44:** *E. e X. contanto a L. sobre os costumes de X. de registrar fatos e nomes de pessoas que ele considera importante em sua vida e/ou para população em geral:*

E. (ainda que você esqueceu de falá uma coisa) + isso inclui amigos + não amigos
X. [é]
X. é amigos não amigos alguns artista que entusiasmaram a vida da gente é:: (...)

***exemplo 45:** *L. e V. conversando sobre a dificuldade de mulheres casadas conseguirem emprego:*

L. então + imagina uma firma bancá um funcionário cinco meses sem trabalhá (...)
V. ah mais a mulher tem que ter mais privilégio ela é a base da vida e do mundo

(b) **turno discursivo médio** = aquele cuja transcrição se desenvolve em duas linhas escritas:

***exemplo 46:** *C. contando a L. que, além da doença de Parkinson, também tem diabetes:*

L. nossa + mas faz o regime certinho?
C. faz ++ tem que fazê né? ++ há uns anos atrás (essa mão tremia que) num podia pará + de jeito nenhum ++ mas:: vamos tocando devagar (...)

***exemplo 47:** *J. contando a L. sobre algumas de suas atividades na marcenaria que tem em casa:*

L. e o senhor chegou fazê alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?
J. + (1.26) conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo ++ conserto um pouco de: eletricidade + um pouco de encanamento
L. [ah:]

***exemplo 48:** *X. contando a L. sobre alguns hábitos de quando mais jovem:*

L. e o senhor ainda faz poesia ou não?
X. + (0.77) nã::o hoje em dia eu parei entendeu + parei + d-d-dei um tempo parei + tem muita coisa que começa começa a fervê assim xui não pára com isso aí chega

***exemplo 49:** *V. contando a L. sobre uma de suas primeiras profissões:*

L. foi alfaiate também?
V. fui alfaiate + eu fui alfaiate de:: cinqüenta a sessenta + de sessenta a sessenta e sete + eu fui bancário

(c) **turno discursivo grande** = aquele cuja transcrição de conversa espontânea se desenvolve em mais do que duas linhas escritas:

***exemplo 50:** *C. contando para L. sobre sua decisão de tentar ingressar na academia militar:*

L. e quando o senhor decidiu entrá pra academia?
C. + ah:: (1.96) eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazê um serviço na casa dele ele falô pô se tá fazendo o que? ++ tô no ginásio ++ num qué entrá pra academia da força pública? era força pública ++ vô pensá em casa meu pai + qué que seja militar mas militar profissional + porque eles
L. [ãhã]
pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a primeira vez fui reprovado + na segunda vez eu falei
L. [ah::]
agora eu vô pra entrá + de noite de dia ++ o sistema era bem rigoroso (...)

***exemplo 51:** *J. contando à T., a L. e a E. sobre especificidades de seu trabalho no IBGE:*

T. eu acho que é populoso quando é::: o número de habitantes total e povoado é o número de habitantes por quilômetro quadrado
L. tá vendo que primor de menina
E. [falô e disse
J. é porque agora pode pode ser considerado povoado lá ++ o êxodo rural foi muito grande ++ e é uma curiosidade lá a::: maior população + não a maior mas acredito que quase que noventa por cento eram japoneses + aprendemos muito com japonês viu

***exemplo 52:** *X. contando a L. sobre o hino que compôs para cerimônia militares:*

E. começa as nove da manhã (...)
X. [é eu num sei exatamente o dia porque o dia 24 de maio é o dia da batalha do Tuiuti ou Rai Riachuelo não lembro mais ((risos)) e:: é o dia que eles
L. [ã]

comemoram é:: +essa fase essa essa:: esse esse episódio da da história do Brasil e:: é
E. [a quarta feira]
o dia (...) que eles fazem a entrega do espadim + né + o espadim é um uma espada pequenininha + chama espadim mesmo né simbolizando a miniatura da espada de Tobias de Aguiar que foi o primeiro + é: fundador ele era presidente do estado + criô a po a força pública naquela época a força policial + então a miniatura da espada dele + antigamente militar andava de espada o dia inteiro né + assim como no exército o cadete do exército tem seu espadim que é a miniatura do Caxias a espada que o Caxias usava + então:: naquela época:: no tempo de academi::a:: eu fiz eu fiz fiz o hino foi aprova:do e:: até hoje cantam + tem mais de quarenta ano + mais de quarenta ano? nós tamo em:: é mais de quarenta ano foi: deve ter sido em cinqüenta e três + cinqüenta e três cinqüenta e quatro cê já vê que tem quarenta e cinco anos pelo menos + cantando (...)

***exemplo 53:** *V. contando a L. como aprendeu a tocar instrumentos musicais:*

L. tudo de ouvido ou o senhor fez escola? (...)
V. não eu conheço música né não eu fiz escola na época nós estudávamos tinha + sempre os maestro da cidade pequena né + e a cidade pequena na minha época + era era:: fábrica de músico + porque toda cidade pequena tinha sua bandinha né

Feitas essas considerações sobre a extensão dos turnos, voltemos aos resultados de nossos dois grupos de sujeitos quanto a esse aspecto conversacional. Para tanto, observemos o Gráfico 14:

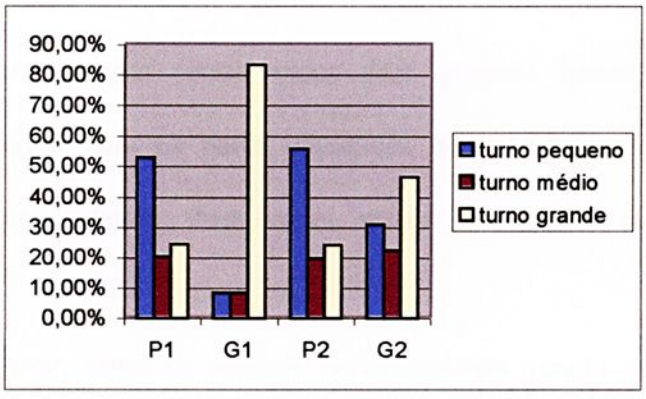


Gráfico 14: extensão dos turnos desenvolvidos por P1, por G1, por P2 e por G2

Como se pode observar, dos 49 turnos desenvolvidos de P1, 26 (53,06%) são pequenos, 10 (20,40%) são médios e 12 (24,48%) são grandes. Esses valores são bem próximos àqueles de P2, já que, de seus 66 turnos desenvolvidos, 37 (56,06%) são pequenos, 13 (19,69%) são médios e 16 (24,24%) são grandes.

Percebemos, porém, que os percentuais de turnos discursivos pequenos diminuem significativamente em G1 e em G2 e, em ordem proporcionalmente inversa, esses percentuais aumentam consideravelmente quando se trata de turnos discursivos grandes. Como se pode observar, de 36 turnos desenvolvidos por G1 durante sua atividade verbal, apenas três (8,33%) são pequenos e apenas três (8,33%) são médios. Os 30 restantes (83,33%) correspondem a turnos discursivos grandes. Em G2, contudo, esses valores variam um pouco. Mesmo assim, observamos que os turnos discursivos grandes (também) prevalecem sobre os turnos discursivos pequenos e médios. Com base no Gráfico 14, vemos que, de 84 turnos discursivos desenvolvidos por G2, 26 (30,95%) são pequenos, 19 (22,61%) são médios e 39 (46,42%) são grandes.

Embora, até o momento, tenhamos focalizado as diferenças entre a atividade verbal dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica, é possível observarmos algumas semelhanças (entre esses dois grupos) quando correlacionamos os turnos discursivos com os pares dialógicos que conduzem a atividade lingüístico-discursiva desse sujeitos. Para tanto, vamos nos basear no Quadro 11 abaixo.

Como se pode observar, tanto os sujeitos parkinsonianos quanto os sujeitos sem lesão neurológica organizaram a maioria de seus turnos discursivos em

unesp

combinação de perguntas e respostas do tipo 'comentário/forma aberta'. Quanto ao segundo tipo de par dialógico que organiza um número importante de turnos discursivos dos sujeitos, trata-se do 'pedido de informação/forma fechada', em P1, G1 e G2 e do 'pedido de informação/forma aberta' em P2.

Par dialógico Natureza/forma	**Turnos**	**P1**		**G1**		**P2**		**G2**	
		N=	**%**	**N=**	**%**	**N=**	**%**	**N=**	**%**
		169[53]	**%**	**47**	**%**	**192**	**%**	**116**	**%**
Informação/ aberta	Desenvolve	09	5,32	01	100	13	33,33	11	73,33
	Não desenvolve	19	11,24	00	00	26	66,66	04	26,66
Informação/ fechada	Desenvolve	11	6,50	06	75,00	06	16,66	20	66,66
	Não desenvolve	26	15,38	02	25,00	30	83,33	10	33,33
Comentário/ aberta	Desenvolve	18	10,65	27	77,14	37	49,33	35	77,77
	Não desenvolve	37	21,89	08	22,85	38	80,66	10	22,22
Confirmação/ fechada	Desenvolve	09	5,32	01	50,00	06	25,00	12	66,66
	Não desenvolve	19	11,24	01	50,00	18	75,00	06	33,33
Pedido de esclarecimento	Desenvolve	01	0,59	00	00	01	14,28	02	66,66
	Não desenvolve	07	4,14	00	00	06	85,71	01	33,33

Quadro 11: desenvolvimento dos turnos discursivos de P1, de G1, de P2 e de G2, correlacionados com a natureza e a forma dos pares dialógicos

[53] Quando analisamos o desenvolvimento (ou não) dos 175 turnos que constituem a atividade conversacional de P1, seis deles foram desconsiderados, já que são formados por trechos de fala incompreensíveis.



No entanto, ao correlacionarmos o desenvolvimento desses turnos discursivos de acordo com o tipo (enquanto natureza e forma) de par dialógico que os estrutura, novamente observamos diferenças. Para melhor entendê-las, destacaremos, primeiramente, o desenvolvimento dos turnos discursivos que se organizam por meio do par dialógico do tipo 'comentário/forma aberta', já que este aparece em maior número nos quatro sujeitos de nossa análise.

Inicialmente, esclarecemos que, dos 58 turnos discursivos organizados por meio desse tipo de par dialógico – comentário/forma aberta – em P1, três deles são seguidos de respostas com trechos de fala incompreensíveis e, assim, serão desconsiderados no percentual de nossa análise. Quanto ao desenvolvimento dos 55 turnos restantes, P1 desenvolve 18 (32,72%) e não desenvolve 37 (67,27%) desses turnos. Esses valores aumentam em P2. Mesmo assim, esse aumento não é suficiente para diferenciar a atividade lingüístico-discursiva de P1 e de P2. Neste último – P2 –, de seus 75 turnos organizados com o par dialógico 'comentário/forma aberta', 37 (49,33%) são desenvolvidos e 38 (50,66%) não são desenvolvidos.

Fatos diferentes ocorrem quando observamos os dados relativos à atividade lingüístico-discursiva de G1 e G2. Conforme o Quadro (11) acima, dos 35 turnos de G1 organizados por meio do par dialógico 'comentário/forma aberta', 37 (77,14%) são desenvolvidos e oito (22,85%) não são desenvolvidos. Em G2, por sua vez, esses valores quase se repetem: de 45 turnos organizados por meio do par dialógico em questão, 35 (77,77%) são desenvolvidos e dez (22,22%) não são desenvolvidos.

unesp

Quanto às organizações dos turnos discursivos em correlação com os demais tipos de pares dialógicos, é possível verificar que, independentemente do tipo, os percentuais de turnos desenvolvidos são maiores nos sujeitos sem lesão neurológica do que nos sujeitos parkinsonianos. Esses valores constam dos Gráficos 15, 16, 17 e 18 abaixo:

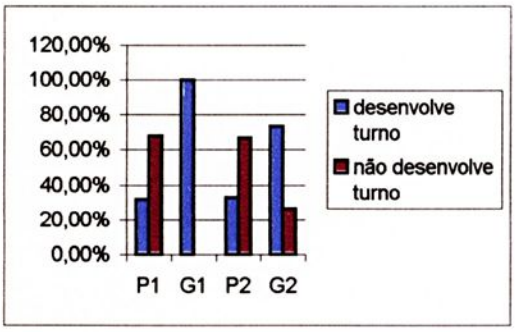


Gráfico 15: desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo informação/aberta

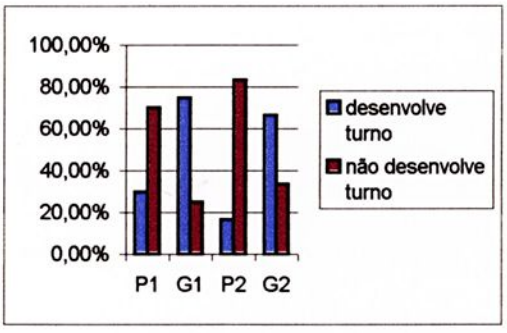


Gráfico 16: desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo informação/fechada

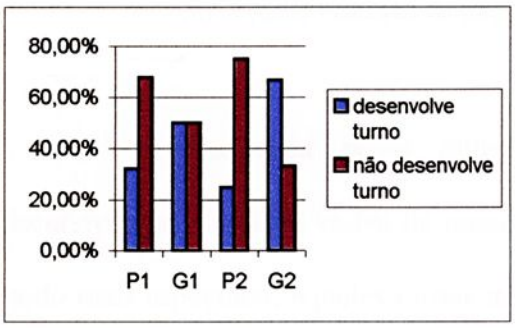


Gráfico 17: desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo confirmação fechada

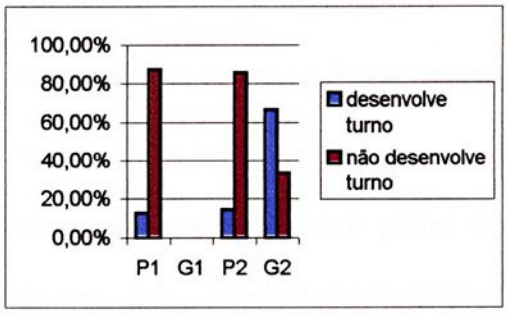


Gráfico 18: desenvolvimento de turnos discursivos organizados com o par dialógico do tipo pedido de esclarecimento

3.1.2 fatos relativos às pausas

Encerrada nossa comparação sobre a distribuição dos turnos discursivos na atividade verbal de nossos dois grupos de sujeitos, vamos enfocar, de modo mais específico, aqueles turnos iniciados com pausa, para melhor compararmos o funcionamento desse elemento prosódico nos sujeitos parkinsonianos e nos sujeitos sem lesão neurológica. Assim, nossa exposição se centrará, num primeiro momento, em aspectos relativos à distribuição das pausas em início de turnos discursivos e, num segundo momento, em aspectos relativos às características acústicas dessas pausas, tais como seu preenchimento (ou não) e sua duração.

Veremos que, tal como observamos na comparação mais global dos turnos discursivos, as aproximações entre, de um lado, a atividade lingüístico-discursiva de P1 e de P2, e, de outro, a de G1 e de G2, se mantêm, bem como as discrepâncias entre o grupo dos sujeitos parkinsonianos e o grupo dos sujeitos sem lesão neurológica.

Já vimos que, dos 175 turnos discursivos que organizam a atividade verbal de P1, 60 (34,28%) são iniciados com pausa. Vimos, também, que desses 60 turnos iniciados com pausa, 25 (41,66%) são desenvolvidos e 35 (58,33%) não são desenvolvidos. Se lembrarmos, ainda, que, dos 175 turnos discursivos de P1, seis deles foram desconsiderados – por serem constituídos de trechos de fala incompreensíveis –, e 49 deles são desenvolvidos, isto significa que 25 desses 49 turnos, ou seja, 51,02%, co-ocorrem com turnos discursivos iniciados com pausa. Em

unesp

sentido inverso, temos, então, que, dos 120 turnos discursivos que P1 não desenvolve, 35 (29,16%) co-ocorrem com turnos iniciados com pausa.

No entanto, se focalizarmos, agora, apenas os turnos discursivos de P1 iniciados com pausa e se os correlacionarmos com os momentos em que P1 retoma (ou não) elemento verbal do turno de seu interlocutor, teremos, pois, percentuais diferentes do que encontramos quando tratamos de todos os seus turnos discursivos (item 3.1.1 deste mesmo capítulo). Assim, vamos observar que, dos 25 turnos discursivos desenvolvidos que P1 inicia com pausa, cinco deles (20%), além de serem iniciados com pausa, co-ocorrem com momentos de retomada de elemento verbal do turno do interlocutor, o que equivale dizer que, nos 20 (80%) restantes, P1 não retoma elemento verbal do turno de seu interlocutor. Quanto aos 35 turnos iniciados com pausa que P1 não desenvolve, em oito deles (22,85%), esse sujeito retoma elemento verbal do turno de seu interlocutor e em 27 (77,14%) P1 não retoma.

Em outras palavras, de 60 turnos que P1 inicia com pausa, em 13 (21,66%) – independente de serem ou não desenvolvidos –, além da presença da pausa, ocorre retomada de elemento verbal do turno de seu interlocutor. Além disso, em cinco (8,33%) desses turnos iniciados com pausa, uma porção de fala cristalizada segue essa pausa inicial. Portanto, em 18 (30%) turnos iniciados com pausa, além da presença desse elemento prosódico, verifica-se, também, o emprego de expressões mais cristalizadas ou retomada de elemento verbal do turno do interlocutor. Ë o que se pode observar nos destaques dos exemplos abaixo:

unesp

***exemplos 54 e 55:** *em ambos os exemplos trata-se do momento da conversa em que C. está contando a L. que costuma cair com freqüência devido à falta de equilíbrio, a qual atribui à doença de Parkinson:*

***exemplo 54:**

C. também eu eu um um ou ou dois tombo por semana
L. minha nossa
C. (vozeamento gutural) (1.24) num tem jeito

***exemplo 55:**

L. se o senhor usasse uma bengala alguma coisa assim
C. eu tenho:: andador
J. [ele tem uma bengala]
L. tem?
C. + (1.93) eu tenho uma bengala mas bengala eu num gosto

Fatos semelhantes podem ser verificados em P2. Como já vimos, dos 192 turnos discursivos que organizam sua atividade verbal, 84 (43,75%) são iniciados com pausa. Vimos, também, que, desses 84 turnos, P2 desenvolve 34 (40,47%) e não desenvolve (portanto) 50 (59,52%). Se lembrarmos, ainda, que, dos 192 turnos discursivos de P2, 66 são desenvolvidos, isto significa que 34 (51,51%) desses 66 turnos co-ocorrem com turnos iniciados com pausa. Visto de outro modo, dos 126 turnos que P2 não desenvolve, 50 (39,68%) co-ocorrem com turnos iniciados com pausa.

Se utilizarmos o mesmo procedimento feito para P1, ou seja, enfocarmos, em P2, apenas os turnos discursivos iniciados com pausa, correlacionando-os com momentos em que P2 retoma (ou não) elemento verbal do

turno de seu interlocutor, chegaremos a percentuais diferentes daqueles encontrados no item 3.1.1 deste mesmo capítulo, que tinha como foco os turnos discursivos em sua soma total.

De seus 34 turnos desenvolvidos e iniciados com pausa, em sete deles (20,58%) P2 retoma elemento verbal do turno de seu interlocutor. Já nos 27 (79,41%) restantes, P2 não faz retomadas. Por sua vez, dos 50 turnos iniciados com pausa que P2 não desenvolve, em cinco deles (10%) esse sujeito retoma elemento verbal do turno de seu interlocutor para iniciar seu próprio turno, processo que não se verifica nos demais 45 (90%) turnos.

Assim, de seus 84 turnos iniciados com pausa, independentemente de serem ou não desenvolvidos, em 12 deles (14,28%), além da pausa, P2 recorreu a elementos verbais do turno de seu interlocutor em seu próprio turno. Além disso, observamos, também, que desses 84 turnos iniciados com pausa, 11 (13,09%) co-ocorreram com fala cristalizada. Portanto, 23 (27,38%) turnos iniciados com pausa ou se serviram de expressões cristalizadas ou de retomada de elemento verbal do turno do interlocutor. Vejamos esses fatos em exemplos que se seguirão:

***exemplo 56:** *nesse momento da conversação, L. está questionando se J. sabe qual a cidade onde L. mora:*

L. o LC. não disse?
J. + (0.98) de onde?
L. + o LC.? + não disse pro senhor de que cidade que eu que eu vim?
J. num falô
L. só pra conhecê o senhor
J.+ (1.01) verdade? ++ e você eu já conhecia

***exemplo 57:** *L. querendo saber sobre outros tipos de atividades já realizadas por J.:*

L. o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seu C. disse que fazia::: como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor num fazia nada disso?
J. nunca +
L. nunca nunca?
J. + (1.21) nunca porque na na ++ bom na infância eu morei na na lavoura né até os::
L. [((espirro))]
E. [saúde]
L. [que assim seja]
dez anos nós chegamos aqui no aniversário ++ num estado muito difícil + foi em sessenta e nove mais ou menos ((distorção)) dia quatro foi quando nós chegamos aqui em Marília ++ eu tinha s::eis anos de idade + com isso eu falei minha idade pra vocês

Em contrapartida, vimos em G1 que apenas sete (14,89%) de seus 47 turnos são iniciados com pausa e que todos esses sete (100%) são desenvolvidos. Além disso, vimos que desse total de 47 turnos, 36 deles (76,59%) são desenvolvidos, portanto co-ocorrem com sete (19,44%) turnos iniciados com pausa. Dentre os 11 turnos não desenvolvidos por G1 em toda sua atividade verbal, porém, nenhum deles co-ocorre com turnos iniciados com pausa.

Além disso, em nenhum dos 36 turnos discursivos desenvolvidos por G1, inclusive aqueles iniciados com pausa, houve retomada de elemento verbal do turno do interlocutor; tampouco verificamos a presença de expressões cristalizadas no desenvolvimento desses turnos. Observemos os destaques dos exemplos abaixo:

***exemplo 58:** *L. e X. conversando sobre carrinhos de cachorro-quente que ficavam no calçadão da cidade de S.J.R.P. há alguns anos:*

unesp

L. porque hoje tem essas Van's né + essas peruinhas que o pessoal vende cachorro
X. [é é é]
quente de maneira mais moderna também + antes era aqueles carrinhos aqueles que
E. [é é]
empurrava
X. + (0.56) ali:: era o Miola não me lembro se ele vendia + pipoca e cachorro quente alguma outra num:

***exemplo 59:** *L. e X. conversando sobre um encontro de amigos de X.:*

L. tinha que tê pegado a moto
X. + (1.07) não mas não deu pra ir por alguma coisa eu tive que ficá + não deu pra ir então:: senão teria ido de moto com ela mesmo [continua]

Semelhantemente a G1, dos 116 turnos discursivos verificados na atividade verbal de G2, apenas oito (6,89%) são iniciados com pausa. Dentre esses oitos, seis deles (75%) são desenvolvidos e dois (25%) não. Como já mencionado, dos 116 turnos discursivos da atividade verbal de G2, 84 (72,41%) são desenvolvidos, o que nos permite concluir que seis deles (7,14%) co-ocorrem com turnos iniciados com pausa. Dentre os 32 turnos não desenvolvidos, apenas dois deles (6,25%) co-ocorrem com turnos iniciados com pausa.

Quanto aos seis turnos iniciados com pausa que G2 desenvolve, em apenas um deles (16,66%) verificamos o recurso a elementos verbais do turno do interlocutor; portanto, cinco (83,33%) desses turnos foram desenvolvidos sem que G2 recorresse a algum elemento verbal do turno de seu interlocutor. Nos dois turnos iniciados com pausa que G2 não desenvolve, o procedimento lingüístico-discursivo de G2 foi o mesmo, ou seja, não retomou elemento verbal do turno de seu

interlocutor e não se utilizou de expressões cristalizadas em seu turno. Os destaques abaixo exemplificam esses resultados:

***exemplo 60:** *momento referente ao início da gravação da conversa entre L. e V., quando V. ainda se mostrava inibido diante dos equipamentos de filmagem:*

L. o que que o senhor vai começá contando pra mim?
V. + (1.73) ((risos)) aí é que eu não sei né
L. conta do carnaval ué + o senhor não tava falando de carnaval? + que ainda toca + de toda sua vida + de músico + não pode pensá muito
V. + (2.59) tá ligado já?

***exemplo 61:** *neste momento da conversação, V. está tentando convencer L. das vantagens de se realizar um casamento logo após terminar um curso de graduação. L., ao contrário, procura destacar evidenciar os pontos negativos dessa conduta mostrando como foi o período seguinte à sua formatura:*

L. agora ó + há quatro anos atrás eu me formei + vim pro Hospital de Base + fiquei dois anos eu trabalhava mais de quarenta horas na semana + porque eu entrava as:: sete horas às vezes eu ia chegá em casa depois das sete da noite + era direto trabalhando + tê filho como?
V. + (0.69) é o:: o tempo de estudo é muito grande + pra fazê um:: uma escola cê vê a faculdade é cinco + né meu meu neto mesmo parece que é cinco e mais um de mestrado + cinco anos só só só de superior?

Feitas essas considerações sobre a distribuição das pausas em início de turnos discursivos, em sua correlação com fatores lingüísticos como retomada de elemento verbal (do turno do interlocutor) e uso de expressões cristalizadas – conferir

Gráfico 19 –, podemos, agora, nos dedicar às suas características acústicas: de preenchimento (ou não) e de duração.

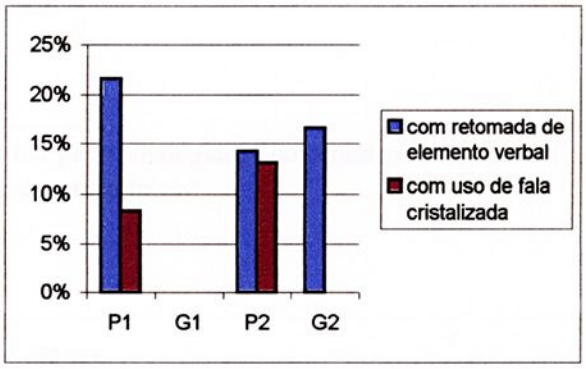


Gráfico 19: turnos iniciados com pausa e combinados com retomada de elemento verbal ou com fala cristalizada

Quanto às características acústicas de preenchimento (ou não) das pausas, já vimos que as pausas silenciosas aparecem em maior número, tanto nos sujeitos parkinsonianos, quanto nos sujeitos sem lesão neurológica. Dessa forma, ao correlacionarmos as características acústicas das pausas com os tipos de pares dialógicos que organizam os turnos discursivos, verificamos (portanto) que as pausas silenciosas ganhavam destaque, ao passo que as pausas preenchidas e as pausas mistas pouco apareciam. No entanto, dois fatores nos despertam a atenção: (a) de modo geral, como as pausas em início de turnos co-ocorrem com os tipos de pares dialógicos; e (b) de modo mais específico, como as pausas preenchidas e as pausas mistas ocorrem em início de turnos discursivos dos sujeitos parkinsonianos.

Os Gráficos 20 e 21 expõem a co-ocorrência entre pausas e diferentes tipos de pares dialógicos:

unesp

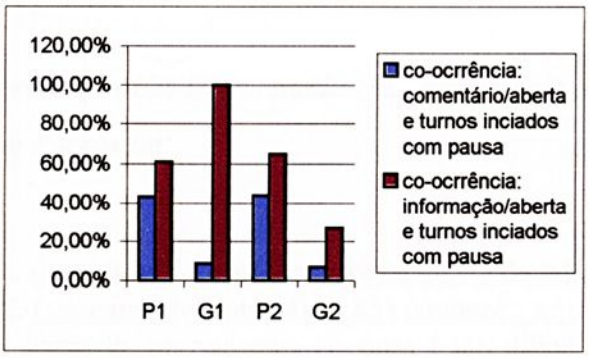


Gráfico 20: turnos organizados por meio dos pares dialógicos 'comentário/forma aberta' e 'informação/forma aberta' que co-ocorrem com pausa inicial

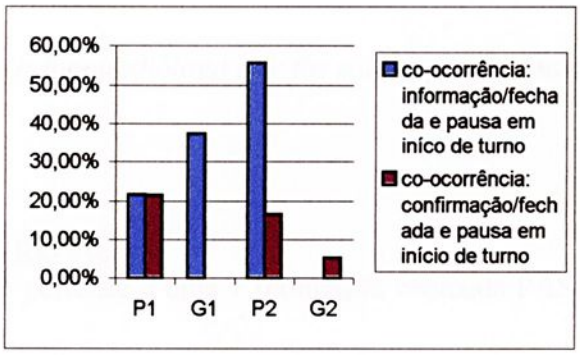


Gráfico 21: turnos organizados por meio dos pares dialógicos 'informação/forma fechada' e 'confirmação/forma fechada' que co-ocorrem com pausa inicial

Com base no Gráfico 20, vemos que o percentual de co-ocorrência de pausas em início de turnos discursivos organizados pelo par dialógico do tipo 'comentário/forma aberta' é maior nos sujeitos parkinsonianos do que nos sujeitos sem lesão neurológica. Em P1, por exemplo, de seus 58 turnos discursivos organizados pelo par dialógico 'comentário/forma aberta', 25 (43,10%) co-ocorrem com pausas em iniciais de turno. Em P2, por sua vez, de seus 75 turnos de mesma natureza, 31 (41,33%) co-ocorrem com pausa inicial. Vejamos alguns exemplos:

P1:

***exemplo 62:** *C. contando a L. que lê com freqüência informativos sobre a doença de Parkinson:*

L. dizem que é a melhor maneira de:: + de lidá com a doença é estudá sobre ela
C. (vozeamento gutural) (0.85) conhecê:: a::: + eu sei eu tenho uma idéia muito bem:: + formada ++ porque:: ++ num é tão difícil num é complicado num é ++ difícil:: a informação é:: simples ++ é uma enzima + que faz falta no cérebro ++ e:::ssa
L. [isso]
enzima:: dizem que:: treme né? + num sei eu tô tomando um remédio muito bom ++ num tenho tremido muito

***exemplo 63:** *L. e C. conversando sobre a fonoaudióloga que faz o acompanhamento terapêutico de C.:*

L. ela dá aula na faculdade de fono lá em Rio Preto
C. + eh::: (2.12) esqueci o lugar aqui ++ pertence a uma + (coligação chamada PAS) + IAPAS

P2:

***exemplo 64:** *neste momento da gravação, J. permanecia calado, mesmo quando L. lhe faz uma pergunta. Assim E. (esposa de J.) interfere fazendo o comentário em destaque:*

E. pode conversar bem ((risos))
J. + (1.21) pode conversar?

***exemplo 65:** *neste momento da conversação, J. estava contando sobre as coisas que considerava errada no setor onde trabalhava e L. faz uma brincadeira com J. e T. (fonoaudióloga de J.):*

unesp

L. cuidado que tá gravando hein
T./E. ((risos))
J. [está? então limpa aí ((risos))
T. [nã::o agora vai deixá ((risos))
J. ((risos)) + eh::: (2.02) estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele qué os dados (disfluência) + ele qué como que ele qué e não como é e na hora de fornecê ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ massante

Em contrapartida, apenas três (8,57%) dos turnos discursivos de G1 que estão organizados por meio desse tipo de par dialógico co-ocorrem com pausa inicial, ao passo que, em G2, esse percentual (de co-ocorrência) é ainda menor, já que, de 46 turnos dessa natureza, apenas três (6,52%) se iniciam com pausa. Vejamos alguns exemplos:

G1:

***exemplo 66:**

L. tinha que tê pegado a moto
X. + (1.07) não mas não deu pra ir por alguma coisa eu tive que ficá + não deu pra ir então:: senão teria ido de moto com ela mesmo + ela vai comigo de vez em quando a gente sai por aí ((risos)) é gostoso + a (incompreensível) se ela não vai comigo ela não atrapalha não interfere num num num opõe é:: nenhum problema e a gente vai
L. [que bárbaro]
vivendo + e agora?

***exemplo 67:**

L. ele falô assim:: com um:: um gosto muito grande + um orgulho muito grande de tê feito a academia + né acho que é por isso que eu me empenhei e falei assim + eu preciso achá alguém seu C. vai vai gostá porque tudo que eu faço eu procuro depois divulgá pros outros também que eu tô gravando + que eu conheci + então com certeza eu chego na segunda conto pra ele ele vai + acredito que ele vai se emocioná

X. + (0.93) é:: a gente:: + fez essa academia né que é a nossa escola + (...) de
E. [é a casa né durante cinco anos
é a casa (incompreensível) na semana
Formação durante cinco anos a gente fica ali come e dorme convive com um grupo de companheiros não é + [continua]

G2:

***exemplo 68:** *V. contando a L. sobre sua cirurgia cardíaca:*

L. mas hoje em dia + eu perguntei isso pro senhor porque eu vejo assim + a ambição hoje em dia prevalece sobre: qualquer coisa + sobre até a:: própria vontade até o próprio sonho o: ideal de vida até
V. + (0.74) prevalece sim + mas o:: o que muito faz da ambição é uma premonição que a pessoa tem e não sabe dá valor + porque se ele tivesse a ambição de fazê o bem + que maravilha que seria + mas ele tem a ambição com egoísmo né + só ele só eu ou tem [continua]

***exemplo 69:** *L. e V. conversando sobre um clube japonês da cidade de S.J.R.P.:*

L. ah vô até passá lá pra vê nunca vi
V. + (1.04) eles tem eu sei porque eu tenho uma amiga aí que:: que é casada com um japonês e a filha dela tá tomando aula de dança lá sabe + eles não eles não perdem a origem + né então (...) eles tem tem dança

Ainda com base no Gráfico 20, é possível observar, também, como se dá a co-ocorrência das pausas em início de turnos discursivos organizados pelo par dialógico 'pedido de informação/forma aberta'. Assim, vemos que o percentual dessa co-ocorrência está distribuído de forma mais uniforme entre os sujeitos de nossa análise, exceto em G2.

De 28 turnos discursivos organizados por meio do par dialógico 'pedido de informação/forma aberta' de P1, 17 (60,71%) co-ocorrem com pausas iniciais. Já em P2, esse percentual chega a 64,10% (25 de 39 turnos), ao passo que, em G1, a única incidência de turno discursivo organizado por meio do par dialógico 'pedido de informação/forma aberta' co-ocorre com pausa inicial, portanto, 100% de co-ocorrência. Vejamos, novamente, alguns exemplos:

P1:

***exemplo 70:** *L. e C. conversando sobre o descobridor da doença de Parkinson:*

L. a pessoa que descobriu? o próprio médico? (...)
C. [o próprio médico +
L. da onde ele é?
C. + eh:: (0.94) acho que é da Inglaterra se eu num me engano

***exemplo 71:** *neste momento da conversação, a filha de C. passa pela sala onde está sendo feita a gravação e comenta com pai sobre o cigarro:*

F. pai o senhor num apagô o cigarro
C. + (1.14) chegô a polícia já +++
L. [((risos))] + por que polícia?
C. + (1.07) fica::: (policiando o passo) da gente

P2:

***exemplo 72:** *J. contando a L. sobre sua atividade profissional como agente do IBGE:*

unesp

L. e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?
J. + (1.06) IBGE:: + é o que se fala sinônimo de mentira + a::: estatística

***exemplo 73:** *neste momento da conversação J. está contando a L. como conheceu a esposa:*

L. é::: como que o senhor conheceu + a esposa do senhor?
J. + (1.91) num congresso de:: + ah não o irmão dela morava aqui ++ ele era pastor +
L. [ah::]
por sinal ele ele: ele era muito ligado à faculdade de vocês e ele foi o autor da criação + da faculdade + ele e o prefeito da época (incompreensível) várias vezes (incompreensível) da criação naquele tempo era o Juca do Alves o presidente + ele tinha muitas pessoas envolvidas + ele conseguiu a criação (incompreensível) fotografia + nos anais aí deve deve deve tá o nome dele + Álvaro Simões

G1:

***exemplo 74:** *X. E L. conversam sobre divulgação de pessoas que tiveram importância no passado de X.:*

L. e como o senhor procura passá isso pros netos por exemplo + a a questão da lembrança o valor que isso tem?
X. + (2.37) não aí aí já já se torna um outro problema + é muito mais difícil hoje em dia + por::que:: hoje em dia tem televisão + né + tem: Mc Donald's tem shopping::
L. [((risos))]
tem um monte de coisa que atrai mais a atenção deles do que:: + antigamente cê não tinha muito [continua]

Já quando comparamos os valores percentuais encontrados em P1, P2 e G1 com aquele encontrado em G2, verificamos que esse valor percentual de co-ocorrência de pausa em início de turnos discursivos organizados por meio do par dialógico 'pedido de informação/forma aberta' é significativamente menor, ou seja,

26,66% (4 de 15 turnos). No entanto, se compararmos esse percentual com o que encontramos (ainda em G2) nas demais co-ocorrências das pausas em início de turno com outros tipos de pares dialógicos, veremos que se trata da única porcentagem. Observemos os destaques dos exemplos abaixo:

***exemplos 75 e 76:** *ambos os destaques referem-se ao início da gravação e retratam a inibição de V. diante os equipamentos de gravação:*

L. o que que o senhor vai começá contando pra mim?
V. + (1.73) ((risos)) aí é que eu não sei né

***exemplo 76:** *observe que os destaques dão continuidade ao primeiro pedido de informação, daí serem considerados, também, como pedido de informação para que V. assumisse uma postura responsiva à solicitação de informação de L.:*

L. conta do carnaval ué + o senhor não tava falando de carnaval? + que ainda toca + de toda sua vida + de músico + não pode pensá muito
V. + (2.59) tá ligado já?

Por sua vez, com base no Gráfico 20, é possível observar a porcentagem de co-ocorrência de pausas iniciais tanto em turnos organizados pelos pares dialógicos 'pedido de informação/forma fechada', quanto naqueles organizados pelo par 'pedido de confirmação/forma fechada'.

Quanto à primeira forma de co-ocorrência, de um total de 37 turnos organizados por esse tipo de par em P1, oito deles (21,62%) co-ocorrem com pausa

inicial. Em P2, esse valor aumenta, apontando 55,55% (20 de 36 turnos) de co-ocorrência de pausa inicial com esse tipo de par dialógico. G1, por sua vez, tem um percentual menor do que P2, ou seja, 37,5%, correspondendo a três de oito turnos. Finalmente, em G2 esse percentual é zero, já que, de um total de 30 turnos organizados pelo par dialógico 'pedido de informação/forma fechada', nenhum co-ocorre com pausa inicial. Observemos os destaques dos exemplos abaixo, lembrando, porém, que, em G2, os destaques mostrarão a não ocorrência de pausa em início de turnos organizados com esse tipo de par dialógico:

P1:

***exemplo 78:** *C. contando a L. sobre a melhora de suas dificuldades motoras:*

L. depois do medicamento que parô + o tremor?
C. + (1.57) é + (um determinado medicamento) + tem o médico que me acompanha + de vez em quando vai lá ele faz a verificação do remédio + ele é muito bom [contnua]

P2:

***exemplo 79** *J. contando aL. sobre a descendência de sua esposa (E.):*

L. é portuguesa?
J. (vozeamento gutural) + (1.33) portuguesa ((risos))

G1:

***exemplo 80:** *neste momento da conversação, X. está contando à L. sobre suas atividades quando mais jovem:*

L. e o senhor ainda faz poesia ou não?
X. + (0.77) nã::o hoje em dia eu parei entendeu + parei + d-d-dei um tempo parei + tem muita coisa que começa começa a fervê assim xui não pára com isso aí chega (...)
L. [não não pode reprimi isso é um (...)

G2:

***exemplo 81:** *L. pergunta a V. sobre qual de seus dois filhos ele está comentando:*

L. o P.?
V. não o V.

Quanto à segunda forma de co-ocorrência – pausa inicial em turnos discursivos organizados pelo par dialógico 'pedido de confirmação/forma fechada' – ,verificamos que os resultados chegam a 21,42% (seis de 28 turnos) em P1 e a 16,66% (quatro de 24 turnos) em P2. Não encontramos em G1 incidência alguma dessa co-ocorrência, fato verificado, em G2, apenas uma vez (5,26%) nos seus 19 turnos que apresentam essa mesma co-ocorrência de turnos discursivos. Vejamos alguns exemplos:

P1:

***exemplo 82:** *neste momento da conversação C. comenta sobre suas dificuldades de memória:*

L. não ô seu Célio eu moro em São José do Rio Preto + lembra que eu falei pro
C. [ah:]
senhor? + eu moro em São José do Rio Preto (...)
C. [ah:] [eu tenho uma memória horrível viu?

L. tem?
C. + (1.20) pra certas coisas eu sô bom agora outras coisa ++ passado da família isso aí eu sô bom ++ (incompreensível) num dá certo não

P2:

***exemplo 83:** *neste momento da conversação T. pergunta a J. sobre a cidade de origem de sua esposa:*

T. a dona E. é de lá seu J.?
J. é de São Paulo
T. de São Paulo?
J. + (0.97) nasceu e crio + cri:: + só saiu pra casá + + (...) e mui e muito bem
T. [como que +

G1: *observemos que os destaques do exemplo seguinte mostram a ausência de co-ocorrência de pausa em início de turno discursivo organizado pelo par dialógico 'pedido de confirmação/forma fechada':*

***exemplo 84:** *X. contando a L. sobre a escolha profissional de seu filho:*

X. [continuando o turno] o meu filho mais novo + que hoje é primeiro tenente da polícia florestal + o meu filho mais novo + tava prestando exame + pra aeronáutica também (...)
L. ah:: ele também queria aeronáutica?
X. [é (...)
A. [um de bigode?

G2:

***exemplo 85:** *L. e V. conversando sobre o filho de V. que viajou para os EUA e se utilizou da internet para manter contato com a família no Brasil:*

unesp

L. o P.?
V. não o V.
L. ah ele?
V. + (1.45) é porque ele tinha dois cunhado lá nos Estados Unidos né + e::: ele foi de férias ficô um mês lá + [continua]

Com relação à co-ocorrência de pausa inicial e par dialógico do tipo 'pedido de esclarecimento/forma aberta', que não consta no Gráfico acima, duas observações serão feitas.

Quanto à primeira observação, queremos lembrar que, devido à co-ocorrência de pausa inicial e turnos organizados pelo par dialógico 'pedido de esclarecimento/forma aberta' acontecer apenas na atividade verbal de P2, não a apresentamos nos Gráficos 19 e 20 acima. Preferimos, então, abordá-la separadamente, expondo os dados de P2: de sete turnos organizados pelo par dialógico do tipo 'pedido de esclarecimento/forma aberta', dois deles (28,57%) co-ocorrem com pausa inicial. Vejamos alguns exemplos:

P2

***exemplo 86:** *L. e J. conversando sobre atitudes extrovertidas de J.:*

L. o senhor é brincalhão né?
J. + eh::: (2.68) deveria sê como antes
L. [que]
L. como assim?
J. + (1.01) ah o Parkinson tira muito a:: a alegria da gente

***exemplo 87:** *neste momento da conversação, a filha de J. nos oferece um pedaço de torta de chocolate e a esposa (E.) de J. comenta que essa filha faz tortas e doces sob encomenda. J., por sua vez, lembra que havia prometido dar um bombom à sua terapeuta e L., não compreendendo a fala de J., pede esclarecimento do que foi enunciado:*

E. [é que ela faz torta pra fora e ela tava fazendo um pra casa e outro pra fora
L. [ah] [nossa]
J. [eu prometi +
eu prometi pra Juliana que eu ia dar um bombom pra ela hoje ++
T. ah é? eu não tava lembrada não seu Jurandir
L. [dá o que?
J. + (2.03) um bombom

Quanto à segunda observação, trata-se da presença de pausa inicial em turnos discursivos nos quais os sujeitos de nossa análise fazem um pedido de esclarecimento ao interlocutor. Nos cinco momentos (de toda a atividade verbal) em que P1 se dirige ao interlocutor para fazer um pedido de esclarecimento, três deles (60%) co-ocorrem com pausa inicial. Em P2, esse percentual é bem próximo ao que encontramos em P1, já que, dos dez momentos (de toda a atividade verbal) em que esse sujeito se dirige ao interlocutor para fazer um pedido de esclarecimento, cinco (50%) são iniciados com pausa. Alguns exemplos merecem destaques:

P1

***exemplo 88:** *neste momento da conversação, L. pergunta a C. se ele aceitaria fazer uma atividade de escrita após a gravação da conversação. L. sugere que C. escreva para o professor LC.. No entanto, como há alguns instantes havíamos falado de seu amigo J., C. pede esclarecimentos a quem, afinal, escrever um bilhete:*

L. mas então o senhor pode escrevê isso mesmo até uma carta + ou um bilhete pro LC. pra eu entregá pra ele + porque ele foi buscá a JN. e a LB. + que é:: que é
C. [ah]
professora na faculdade + e aí o senhor escreve um bilhete pra ele
C. + (1.98) escrevo pro: pro J.?
L. pro LC.

***exemplo 89:** *L. e C., num contexto temático mais amplo sobre dificuldades de memória de C., conversam sobre a cidade de origem de L.:*

L. lembra eu sô de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?
C. conheço
L. conhece?
C. conheço
L. que que o senhor foi fazê por lá?
C. + (1.33) nós tamo falando de que cidade mesmo?
L. São José do Rio Preto

P2:

***exemplo 90:** *neste momento da conversação, ao comentar com L. sobre algumas peças que pretende fazer em sua marcenaria, J. promete convidá-la para conhecer essas peças. L., por sua vez, procurando lembrar J. que não mora na cidade de Marília, questiona se ele (J.) sabe a cidade de origem de L.:*

L. o senhor sabe de onde eu sou?
J. + (1.13) onde?
L. da onde eu sou
J. não sei
L. o LC. não disse?
J. + (0.98) de onde?

***exemplo 91:** *neste momento da conversação, J. está contando a L. quem foi o primeiro fonoaudiólogo que o atendeu na clínica de fonoaudiologia da UNESP/Marília:*

L. + ah:: então não porque quando a EL. começô a atendê eu saí da clínica ++ foi em noventa e cinco que o senhor (incompreensível)
J. quem estava na mesma época + era oh:: H.
L. ah o H. é da minha turma
J. + (1.01) seu primo?

Por outro lado, em nenhum dos três momentos nos quais G1 pede esclarecimento ao interlocutor verifica-se a presença de pausa inicial. Esse fato não pôde ser observado em G2, já que esse sujeito não faz pedido de esclarecimento ao interlocutor em momento algum de sua atividade verbal. Vejamos, então, alguns exemplos em G1:

***exemplo 92:** *neste momento da conversação, X. está contando à L. sobre o baile de formatura do filho na Academia Militar:*

L. é assim + o homem é rei ou um príncipe por um dia e a:: a namorada ou mãe até se
X. [é e a mulher também]
sente a::: princesa (...)
X. [é é são as princesas e as rainhas vai todo mundo bem vestido + de luxo né
E. só entra de longo
X. ã?
L. [nossa
X. é é só entra de longo + é coisa fina mesmo até hoje + então + (...)

***exemplo 93:** *neste momento da conversação, X. está contando a L. sobre seu hábito de freqüentar o calçadão da cidade de SJRP todos os sábados:*

L. naquela esquina assim + da minha infância o que eu lembro + é o cachorro quente que ficava ali + quando o tio do cachorro quente num tava a gente comia o cachorro quente da Americana ((riso))
X. [((risos)) naquela outra esquina né do do Miola se eu não me engano + era o Miola que vendia cachorro quente ali num era? era

L. [não]
L. num sei + tinha um tiozinho que vendia cachorro quente ali naqueles carrinhos anti:gos ainda num tem (...) mais num é igual agora
E. [antes do calçadão
X. ã?
E. antes do calçadão

No entanto, embora destacando a diferença desse procedimento lingüístico-discursivo entre os sujeitos parkinsonianos e os sujeitos sem lesão neurológica, faremos, aqui, uma observação importante em relação a P1 e a P2. Queremos dizer que, mesmo com a presença de pausa em início de turnos em que P1 e P2 fizeram pedido de esclarecimento ao interlocutor, não podemos desconsiderar a importância desse procedimento conversacional em razão do papel fático que ele pode desempenhar. Ou seja, trata-se de estabelecer *laços de união* entre os interlocutores, de se estabelecer aquilo que Malinowski (*apud* Benveniste, 1989:88) chamou de *comunhão fática*. Visto sob essa perspectiva, o fato de as pausas marcarem o início de alguns turnos discursivos de P1 e de P2 quando fazem pedido de esclarecimento ao interlocutor não desvaloriza o jogo de interlocução que esses sujeitos buscam, assim, preservar. Preservado, pois, esse jogo de interlocução, podemos supor que as pausas em P1 e em P2 não marcam desinteresse desses sujeitos pela atividade conversacional. Podem, sim, indicar um processo alternativo (e produtivo) ao qual esses sujeitos parkinsonianos recorrem para garantir a enunciação. Além disso, como os procedimentos de interlocução utilizados por P1 e por P2 são os mesmos utilizados por G1 e por G2, enfatizamos que a diferença entre esses dois grupos de sujeitos está no número e no local de ocorrência desses fenômenos,

unesp

levando-se em conta o fato de que, em nosso estudo, enfocamos apenas as pausas em início de turno discursivo. A nosso ver, essas diferenças podem ser decorrentes de uma correlação entre: (a) processos de elaboração e formulação do que será enunciado; e (b) processos de planejamento e execução do gesto articulatório[54].

Dessa forma, vemos que, em nossos sujeitos parkinsonianos, as pausas iniciais podem indicar características enunciativas de sua interlocução, já que, nesses eventos de pausa, P1 e P2 não apenas interagem em momentos dialógicos de resposta ao interlocutor, mas ainda buscam, em outros momentos, criar condições enunciativas que mobilizam a atividade verbal de seu interlocutor. Assim, reforçam o princípio de que

> Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. (Benveniste, 1989:90)

[54] A propósito do gesto articulatório, cf. Albano (1999).

unesp

3.2 Diferenças enunciativas

Para esclarecermos um pouco mais as diferenças mostradas entre a dinâmica discursiva dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica, gostaríamos de retomá-las – as diferenças – tais como as descrevemos em três momentos de nossa análise: (a) o primeiro, referente aos turnos discursivos; (b) o segundo, referente às pausas e sua distribuição nos turnos discursivos; e (c) o terceiro, referente às características acústicas (de preenchimento ou não e de duração) das pausas.

3.2.1 quanto aos turnos discursivos:

Retomando nossos resultados, um fato a ser destacado é o de que P1 e P2, tal como apontado por Koch (2000) e Marcuschi (1997) a propósito de qualquer atividade conversacional, desenvolvem essa atividade sob forma de turnos discursivos. No entanto, P1 e P2 organizaram-na com maior número de turnos discursivos do que G1 e G2. A nosso ver, isto se deve ao fato de que, raras vezes, P1 e P2 estendem seus turnos e o próprio tópico discursivo, fato que, acontece com freqüência em G1 e em G2.

Com efeito, G1 e G2 desenvolvem seus turnos discursivos em percentual significativamente maior do que P1 e P2, além de que, dentre os turnos discursivos desenvolvidos por estes sujeitos parkinsonianos, prevalecem os pequenos, ao passo que, em G1 e em G2, prevalecem os grandes. A esse respeito, é digno de

destaque que, em sua maioria, os turnos grandes de P1 e de P2 desenvolvem-se com base em fatos mais concretamente vivenciados por esses sujeitos, vinculados a acontecimentos mais remotos de sua existência. É o que ocorre naqueles turnos (grandes) em que esses sujeitos parkinsonianos falam a respeito, por exemplo, de sua profissão, de sua infância, de sua doença, ou ainda, naqueles turnos discursivos em que estes sujeitos comentam sobre um fato acontecido em tempo mais distante, cantam uma música, ou contam uma piada[55]. Vejamos os exemplos:

P1

***exemplo 94:** *C. contando a L. sobre sua decisão de ingressar na Academia Militar:*

L. e quando o senhor decidiu entrá pra academia?
C. + ah:: (1.96) eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazê um serviço na casa dele ele falô pô cê tá fazendo o que? ++ tô no ginásio ++ num qué entrá pra academia da força pública? era força pública ++ vô pensá em casa meu pai + qué que seja militar mas militar profissional + porque eles
L. [ãhã]
pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a primeira vez fui reprovado + na segunda vez eu falei
L. [ah::]
agora eu vô pra entrá + de noite de dia ++ o sistema era bem rigoroso (...)

***exemplo 95:** *nesse momento da conversação, L. e C. estão conversando sobre as artimanhas dos netos de C. e, aproveitando o tema, L.pergunta a C. sobre suas atividades quando criança:*

---

[55] A propósito, quando, por exemplo, P1 canta uma música e P2, por sua vez, conta uma piada, é possível observar variações prosódicas na fala desses sujeitos que nos levam a perceber maior variação de curva entonacional, maior variação de acento, maior variação de *pitch* e de *loudness*. Esse fato, a nosso ver, mereceria maior atenção, especialmente em razão de a fala dos parkinsonianos ser considerada monótona por autores como Critchley (1981), Murdoch *et al* (1989); Lemos (1992), Lê Dorze *et al* (1992), Solomon *et al* (1993) e Lamônica, (1997).

unesp

L. e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia ou não?
J. [o vô o Vi já foi trocá de roupa já]
C. (vozeamento gutural) + (1.31) eu morei ++ eu morei eu morei na:: ++ numa casa ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ isso::: provocô + minha aptidão para o
L. [em Jundiaí?]
ginásio de esporte não que eu seja craque + eu era estrela um pouco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de calção ++ nadando jogando banquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? + depois fui para escola mi: militar ++ e::: me dei bem no esporte ++

***exemplo 96:** *L. e C. conversando sobre o cargo profissional ocupado por C. após cursar a Academia Militar de Barro Branco; contudo, C. desvia-se do tema principal – a profissão – e introduz um subtópico referente à doença de Parkinson:*

L. da reserva?
C. da reserva ((vozeamento gutural)) + depois eu resolvi ++ passá pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ o o: problema meu + problema grave
L. [ah:: tá]
é::: é Parkinson ++ tive Parkinson há::: ++ dez anos + é muito difícil + tem que tá com a cabeça boa + se não eu não agüenta não
L. não?
C. não ((vozeamento gutural)) se não tivé bem:: ++ bem:: orientado ++ o Parkinson é uma doença doença::: ++ implacável ++ não deixa ((disfluência)) não deixa a gente pensá + incrível

P2

***exemplo 97:** *nesse momento da conversação L. e J. estão conversando sobre uma monografia que J. escreveu a respeito da cidade de Marília, quando ainda trabalhava como agente do IBGE:*

L. Marília? que que o senhor conta na monografia?
J. + (1.53) bom + primeiramente a verdade né? ++ ((risos))
L. ai eu desisto desse jeito ((risos))
J. ((risos)) porque diz que es-estatística + a gente falava que era sinônimo de mentira + agora eu não menti + uma uma parte da da estatística + porque + o meu
L. [ãh]

unesp

maior sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++ isso me esgotou muito + então:: lutava contra o informante + (tem::) na hora do licenciamento o pessoal ficava brigando <por que Bauru deu mais + maior população que Marília? ++ por que Rio Preto é maior que Marília?> falava <por que? + vai lá contá + eu não sou obrigado a sabê porque foi feito o licenciamento + com o maior rigor + deu maior população + agora + por que que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque na época os vereadores não eram remunerados + eles vinham:: + me procurava + para atestá maior população + <eu não vou fazê isso não> + então a gente tinha muito atrito + entende (disfluência) o que eu falo? + a estatística só é boa pra eles quando favorece + na hora de fornecer os dados + ((vozeamento gutural)) corretos eles não não fornece + (incompreensível) estranhava o acordo porque:: quem mente no fim sempre aparece né ++ chegavam lá <ah eu queria o número de veículos de Marília? + ah tem sessenta mil + ah o senhor tá louco tem mais de cento e vinte mil + mas como assim? ah quem é que não vê? + mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? + Marília tem quarenta e cinco mil prédio + como é que pode ter mais de cento e cinqüenta mil veículos? é::> ++ mas era era cho-chocante viu ++ ma::s eu

L. [era desgastante]

eu cheguei lá hoje eu não tenho nenhuma vontade de (incompreensível) ir naquela parte +não vô mesmo

***exemplo 98:** *nesse momento da conversação, L. e J. estão conversando sobre como este conheceu E.(sua esposa):*

L. é::: como que o senhor conheceu + a esposa do senhor?

J. + (1.91) num congresso de:: ++ ah não o irmão dela morava aqui ++ ele era

L. [ah::]

pastor ++ por Sinal ele ele: ele era muito ligado à faculdade de vocês e ele foi o autor da criação + da faculdade + ele e o prefeito da época (incompreensível) várias vezes (incompreensível) da criação naquele tempo era o Juca do Alves o presidente + ele tinha muitas pessoas envolvidas + ele conseguiu a criação (incompreensível) fotografia + nos anais aí deve deve deve tá o nome dele + Álvaro Simões

L. [hum-hum]

***exemplo 99:** *nesse momento da conversação, L. pede para que J. conte alguma piada sobre português, já que tanto o esposa de L. quanto a esposa de J. são descendentes de portugueses:*

L. não? eu também num sei contá piada + eu até sei a reposta mas eu num sei contá a piada ((risos))
T. eu menos ainda
J. eu tenho um primo que pra contá piada de (da de:) português eu nunca vi coisa igual + uma das que eu gostei muito que marcou mais que fala ++ <um português ++ passô numa (disfluência) padaria e perguntou onde é que ficava tal lugar + o português explicô olha o senhor vai quinhentos metro pra cá e volta mil e oitocentos cá> ((risos)) valha-me Deus ((risos)) a gente morre de ri viu porque ele imita o
T./L./J. [((risos))]
português muito bem + <então o senhor desce quinhentos metro aqui e volta mil e oitocentos> ((risos)) ele olhou pro (incompreensível) não entendi nada vô embora ((risos))

Em contrapartida, de modo mais geral, G1 e G2 desenvolvem seus turnos discursivos independentemente do tema apresentado na atividade dialógica, correspondendo não só às solicitações de informação feitas pelo interlocutor[56], mas acrescentando e enriquecendo a informação e, até, subdividindo.

Outro fato importante que devemos retomar sobre os turnos discursivos refere-se aos recursos utilizados por nossos sujeitos para iniciarem seus próprios turnos. Verificamos que os quatro sujeitos retomam elementos verbais dos turnos de seus respectivos interlocutores, recurso lingüístico-discursivo considerado corriqueiro em atividades conversacionais, de acordo com Fávero *et al* (1996:484) e também Marcuschi (1997:38). Entretanto, a incidência desse recurso é significativamente maior nos sujeitos parkinsonianos, além de que, muitas vezes, o turno de P1 e de P2 é constituído apenas por esses elementos verbais que foram retomados, sem o desenvolvimento desse turno e sem, portanto, progressão tópica. Vejamos os exemplos:

[56] Em razão de sua extensão, não apresentaremos, aqui, exemplos de turnos grandes desenvolvidos por G1 e G2. No entanto, esses procedimento lingüístico-discursivo pode ser verificado nas transcrições de suas sessões de conversa espontânea no Anexo I deste estudo.

unesp

P1

***exemplo 100:** *nesse momento da conversação C. está se queixando de sua dificuldade de memória. O assunto surgiu a propósito da cidade de origem de L., e esta, por sua vez, retoma a informação, ajudando C. a se recordar daquilo que lhe havia dito antes:*

L. lembra eu sô de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?
C. conheço
L. conhece?
C. conheço

***exemplo 101:** *nesse momento da conversação, a filha de C. passa pela sala onde estava sendo feita a gravação e C., apresentando sua filha a L., conta sobre sua neta, internada à época da gravação:*

((filha de C. passa pela sala))
C. minha filha + mais nova
F. pai o senhor num apagô o cigarro
C. + (1.14) chegô a polícia já +++
L. [((risos))] + por que polícia?
C. + (1.07) fica::: (policiando o passo) da gente
L. não ela só orientô o senhor
C. + (1.36) ela tá com a neném no hospital
L. ah: é filhinha dela?
C. filhinha dela ++

***exemplo 102:** *sabendo que C. praticava leitura com freqüência, L. pergunta à C., nesse momento da conversação, sobre os gêneros de leitura de que gosta. C., por sua vez, queixa-se de dificuldades de visão:*

C. eu tenho problema de:: visão dupla + por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas quando eu vô assisti televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo num é num
L. [ah tá]

faz parte do Parkinson ++ mas é desagradável a visão dupla
L. é por causa da diabete num é?
C. da diabete acho

P2

***exemplo 103:** *L. e J. conversando sobre a cidade de origem de J.:*

J. sô de Colina
L. Colina?
J. São Paulo +
L. fica perto da onde?
J. + m:: (1.63) mais perto de Barretos ++ Bebedouro
L. ah:: a terra da laranja
J. terra da + da CUTRALE

***exemplo 104:** *J. contando a L. sobre sua atividade profissional no IBGE:*

J. ((risos)) + eh::: (2.02) estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele qué os dados (disfluência) + ele qué como que ele qué e não como é e na hora de fornecê ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ massante
L. toda vida o senhor trabalhô lá?
J. toda vida único emprego
L. no:ssa

***exemplo 105:** *L. e J. conversando sobre a época em que J. começou a namorar E., sua esposa:*

J. + (1.09) e depois a gente começô querê namorá (lá) em São Paulo + nós tivemos um congresso:: lá no Mackenzi + e a portuguesa conseguiu conquistá ele ((risos)) ++
L. [hum]
L./T. ((risos))
L. é portuguesa?
J. (vozeamento gutural) (1.33) portuguesa ((risos))

Em contrapartida, nos momentos em que G1 e G2 recorrem a este procedimento de retomada de estruturas lingüísticas do turno do interlocutor para iniciarem seus próprios turnos, verificamos que, em sua grande maioria, tais estruturas lingüísticas servem como alavanca para que esses sujeitos sem lesão neurológica desenvolvam seus turnos discursivos e, como decorrência, o próprio tópico discursivo. Vejamos os exemplos abaixo com atenção aos destaques. Observemos os exemplos:

G1

***exemplo 106:** *X. contando a L. sobre as atividades profissionais de seus filho:*

L. o: o R. que é o marido da V. (...)
X. [é o R. + é + e:: a minha filha hoje trabalha no Banco do Brasil + mas o que eu quero dizê é o seguinte + complementando aquela idéia da da digamos assim da rotina que a gente é:: + é envolvido + ãh::: quando o F. se formô + naturalmente aquela solenidade de formatura + entrega de espada aquela coisa + à noite tem um baile né + e nós fomos: é muito lindo é::: ((disfluência)) não sei se você chegô a ver
L. [dizem que é muito bonito]
aquele baile ((disfluência)) aquele filme Sissi a a uma princesa da Alemanha num sei o que

***exemplo 107:** *X. contando a L. sobre o baile de formatura de um de seus filhos, que também concluíram a Academia Militar Barro Branco:*

L. é assim + o homem é rei ou um príncipe por um dia e a:: a namorada ou mãe
X. [é e a mulher também]
até se sente a::: princesa (...)
X. [é é são as princesas e as rainhas vai todo mundo bem vestido + de luxo né

***exemplo 108:** *X. contando a L. sobre seu hábito de freqüentar o calçadão da cidade onde mora e permanecer sempre na mesma esquina nos finais de semana:*

L. naquela esquina assim + da minha infância o que eu lembro + é o cachorro quente que ficava ali + quando o tio do cachorro quente num tava a gente comia o cachorro quente da Americana ((riso))
X. [((risos)) naquela outra esquina né do do Miola se eu não me engano + era o Miola que vendia cachorro quente ali num era? era
L. [não]

G2

***exemplo 107:** *V. contando a L. sobre uma suas atividades profissionais:*

L. foi alfaiate também?
V. fui alfaiate + eu fui alfaiate de:: cinqüenta a sessenta + de sessenta a sessenta e sete + eu fui bancário

***exemplo 110:** *V. e L. conversando sobre a atividade profissional de músico exercida por V. na cidade de São José do Rio Preto:*

L. o senhor chegô tocá na orquestra daqui da prefeitura?
V. [cheguei: + não na sinfônica não + eu toquei na orquestra aqui Orquestra Para Todos + era do meu amigo R. hoje já falecido + então:: mas uma orquestra completa com quatro saxs três trombone três pistão + cantor + ritmo + violão na época né + contrabaixo + antes + de ter o
L. [ã]
denorex + o teclado que parece que é mas não é + né + então sempre na música + agora + eu tive que fazê uma pequena cirurgia né + quatro safena + e uma mamária +
L. [nossa]
eu tô tirando uma férias da música (...)

***exemplo 111:** *V. e L. conversando sobre o tempo em que V. tocava pistão nos bailes de carnaval:*

L. no caso o pai a mãe do senhor deixava:: (...)
V. deixava com autorização de pai e mãe com ((disfluência)) autorização judicial + que quatorze anos não podia e não ficava + na noite né + então catô o mesmo juiz de

Direito ((disfluência)) quatorze anos + quinze anos eu trabalhei com + com autorização do juiz de Direito + agora depois já era outro juiz aí não precisou mais

***exemplo 112:** *V. e L. identificando os netos de V.:*

L. [o VI.é filho (...)
V. [fil o caçul é o mais velho e filho do VA. né d-dos meus netos + seis neto + o VI. + o VI. é número um né + o F. número dois +o G. número três + a
L. [então vai]
A. + número quatro + a M. número cinco e a I. + número seis com três anos
L. [quero vê até]
L. é a loirinha?
V. é a loirinha linda aquela que tá ali que cê falô que parece comigo né + que eu quero um documento registrado em cartório

Dos recursos utilizados principalmente por P1 e por P2 para iniciarem seus turnos discursivos, devemos lembrar, também, dos momentos em que esses sujeitos parkinsonianos recorrem ao uso de fala cristalizada (cf. Scarpa, 1995). Esse recurso lingüístico-discursivo, porém, não ocorre na atividade conversacional de G1 e só está presente no início de um turno discursivo de G2. Além disso, como vimos na exposição dos resultados, há momentos da atividade lingüístico-discursiva de P1 e de P2 que, além de esses sujeitos utilizarem a fala cristalizada para iniciar seus turnos, é possível identificar, ainda, a presença de pausa inicial nesses turnos. Trata-se, pois, a nosso ver, de mais uma marca de distinção entre a atividade lingüístico-discursiva dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeito sem lesão neurológica. Ou seja, embora oso quatro sujeitos se utilizem de estratégias conversacionais semelhantes, o modo como os sujeitos parkinsonianos o fazem e a freqüência com que ocorrem tais estratégias

marcam diferenças entre esses dois grupos. Para tanto, podemos (re)ver alguns exemplos:

P1

***exemplo 113:** *L. e C. conversando sobre as leituras que C. já realizou para se informar sobre a doença de Parkinson:*

C. + (1.33) sobre o assunto?
L. é
C. + (0.83) ah várias + (assunto a base de) parkinsoniano ++ tem parkinsoniano que::: se aprofunda:: (incompreensível) no assunto

***exemplo 114:** *sabendo que C. gostava de ler sobre a doença de Parkinson, L. pergunta sobre outros assuntos pelos quais C. se interessava na leitura. (Como observação, informamos que o trecho destacado já esteve presente em outras gravações de conversa espontânea de C.; daí, o trecho destacado ser identificado como uma fala mais cristalizada):*

L. ô seu C. além da revista de Parkinson que o senhor lê + o senhor gosta de lê alguma outra coisa?
C. eu tenho problema de:: visão dupla + por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas quando eu vô assisti televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo num
L. [ah tá]
é num faz parte do Parkinson ++ mas é desagradável a visão dupla

P2

***exemplo 115:** *este trecho da transcrição da conversa espontânea de J. refere-se a seu estado emocional no início da gravação:*

E. pode conversar bem ((risos))
J. + (1.21) pode conversar?
L. tá emocionado
J. + (0.59) demais
L. por quê?
J. + (2.74) com vocês qualquer um se emociona

***exemplo 116:** *nesse momento da conversação, L. quer saber o nome dos pais de J. Observe-se, porém, que, mesmo supondo que J. dissesse o nome de seus pais de modo mais 'automático', a pausa em início de turno fez-se presente:*

L. e e o nome dos pais do senhor? qual era?
J. + (1.23) Antônio Pavarini
L. e da mãe?
J. + (0.83) Ema (incompreensível) Pavarini
L. Pavarin?
J. PavariNI

G2

***exemplo 117:** *nesse momento da conversação, L. está tentando se recordar de uma das atividades profissionais exercidas por V.:*

L. o senhor o senhor foi coisa também + como é que fala?
V. corretor imobiliário
L. não + como é que fala quando:: quando vende carro?
V. então (aí) isso eu comentei eu fui trabalhei numa agência + da Volkswagen (...)
L. [não não é na agência o senhor vendia por conta
V. ah sim

Por fim, um último fato a propósito dos turnos discursivos diz respeito à semelhança que pudemos constatar entre a atividade lingüístico-discursiva dos

sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica em relação à forma como os pares dialógicos encontram-se organizados. Ou seja, tanto em P1 e P2, quanto em G1 e G2, verificamos que grande parte dos turnos discursivos se desenvolve por meio do par dialógico 'comentário/forma aberta'. No entanto, verificamos, também, que em P1 e P2 o desenvolvimento desses turnos é significativamente menor dos turnos do que em G1 e em G2. Além disso, um número importante de turnos discursivos organizados por meio desse par dialógico em P1 e em P2 co-ocorreram com pausa inicial, fato de que trataremos no próximo item.

3.2.2 quanto à distribuição das pausas nos turnos discursivos:

Retomando, agora, nossos resultados referentes à distribuição das pausas iniciais de turnos em sua correlação com os diferentes tipos de pares dialógicos, é possível verificar que, de modo geral, a incidência dessas pausas nos sujeitos parkinsonianos é maior nos pares dialógicos que exigem processos verbais mais elaborados. É o caso, por exemplo, dos pares dialógicos do tipo 'comentário/forma aberta' e 'pedido de informação/forma aberta'. Desses pares dialógicos, como se sabe, consta um fato que exige do interlocutor desenvolver uma ou mais circunstâncias da informação solicitada. Os pares dialógicos que apresentam forma aberta reduzem a possibilidade de o interlocutor usar respostas do tipo sim/não, ou palavras que tenham valor semântico equivalente a estas últimas. Desse modo, o vínculo entre esses tipos de pares dialógicos e a presença de pausas iniciais pode ser

mais bem entendido, uma vez que se trata de estruturas dialógicas que, por solicitarem um alto conteúdo informacional e por privarem o interlocutor de usar como recurso respostas do tipo sim/não, exigem dele maior elaboração e expressividade lingüístico-discursiva.

Em contrapartida, é menor a ocorrência de pausas em início de turnos baseados em pares dialógicos que exigem, num primeiro momento, uma resposta fundamentada no uso de sim/não, ou de palavras que tenham valor semântico equivalente a estas últimas. É o caso dos pares dialógicos 'pedido de informação/forma fechada' e 'pedido de confirmação/forma fechada'. A nosso ver, no par dialógico 'pedido de informação/forma fechada', embora no pedido esteja implícita a solicitação de uma informação, a resposta pode ser inicialmente estruturada com o uso de sim/não antes de o sujeito prosseguir no desenvolvimento de seu turno, com o esclarecimento da informação solicitada[57]. Já no par dialógico 'pedido de confirmação/forma fechada', entendemos que tanto a natureza quanto a forma da pergunta admitem uma resposta baseada predominantemente no uso de sim/não, já que não necessariamente ocorre a exigência de desenvolvimento da resposta do sujeito. Desse modo, neste tipo de par dialógico, é exigido um menor grau de elaboração da resposta, já que o primeiro recurso que se tem em mãos para atender à solicitação já está elaborado, seja sob forma de sim/não, seja sob forma de retomada de elementos lingüísticos da própria pergunta, tal como o próprio verbo.

Devemos destacar, porém, que o percentual de co-ocorrência de pausa em início de turno com o par dialógico do tipo 'pedido de informação/forma fechada'

[57] O que, para nós, voltaria a exigir planejamento e elaboração do texto a ser apresentado como resposta.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

é maior em G1 e em P2, principalmente em decorrência de esses sujeitos geralmente não elaborarem suas respostas por meio de sim/não. Essa atitude, a nosso ver, desencadeia, então, uma maior necessidade de planejar e organizar as informações a serem fornecidas, fato que pode estar marcado pela presença de pausa. Os exemplos que seguem são estruturações conversacionais freqüentes em G1 (sujeito sem lesão neurológica) e em P2 (sujeito parkinsoniano):

G1:

***exemplo 118:** *L. e X. conversando sobre o curso de aviação que X. freqüentou quando mais jovem:*

L. mas nem por hobby assim?
X. + (0.88) deu vontade mas aí:: eu já:: sei lá a gente começa achá + injusto + tá gastando esse dinheiro à toa com diversão né de-deixa pra lá deixa pra outro dia e:: sei lá + é talvez tenha passado a fase né (...)

***exemplo 119:** *L. e X. conversando sobre seu arquivo pessoal, do qual constam notas de nascimento e falecimento de personagens que X. considera importantes. (Destaque-se, neste exemplo, a grande extensão do turno. A título de informação, E. é a esposa de X. e A. foi a pessoa que ajudou L. a realizar a gravação):*

L. e o senhor já fazia isso?
X. + (0.82) eu comecei a fazer mais tarde não foi naquela época não + mas eu tomei conhecimento na ocasião + morava no Rio de Janeiro o noticiário era mais fácil lá que lá era a capital da república né + então o noticiário chegava mais fácil é tinha muita revista então cada navio que afundô + cada:: + número de perdas pelo menos
E. [(incompreensível) (tinha revista)]
não dava pa ter o nome de todos + né mas o número de perdas + entendeu + então eu guardei isso aí guardei fulano de tal + o:: o Fred Astaire + era um excelente dançarino + entendeu + extasiava + olhava o Fred Astaire dançando no cinema na televisão aquilo era delicioso ai se eu pudesse fazer aquilo né ((risos)) mas pelo menos eu lembro do Fred Astaire ((risos)) + lembro lá do do + eu tive um amigo vizinho não
L. [((risos))]

unesp

era meu amigo + era vizinho:: nosso + era um PRETO + um sargento da aeronáutica PRETO + eu achava eu sabia que ele era músico + né + era vizinho da nossa rua + sabia que ele era músico da aeronáutica + eu o perdi de vista + porque eu vim pra São Paulo inclusive jovem né + mas um dia levando meus filhos nós fomos de férias ao Rio de Janeiro + é: eu resolvi visitá o Museu da Aeronáutica que tem lá na base aérea dos Afonso no Rio de Janeiro + l:ocal próximo aonde inclusive nós morávamos + nós morávamos no tempo de solteiro né + e:: lá era a escola da aeronáutica que hoje é
L. [ãhã]
em Pirassununga então eles aproveitaram pra outras atividades inclusive tem um
L. [ah: eu sei]
MUSEU + da aeronáutica lá + e eu sempre gostei muito de avião vô lá + e entre as maravilhas que são coisas que atrai a curiosidade né + ali tinha:: uniforme do:: Brigadeiro Eduardo Gomes quando ele era tenente + num episódio dos Dezoito do Forte + são coisas que a gente sabia naquela ocasião e agora como mais adulto mais experiente mais vivido mais:: vamos chamar assim + politizado né + que entende um pouco mais a história do Brasil + quando a gente jovem não percebia essas coisas + mas fui vê o uniforme dele e:: furado + à bala + e isso e aquilo e de repente eu vi um negócio que me pareceu um altarzinho + iluminado bonitinho + e:: eu me aproximei + pra vê + do que se tratava e tinha a figura + dum cidadão + PRETO fardado + que me pareceu familiar + ah:: lá todo mundo é igual né mas aí eu fui lê e descobri o nome do tenente Nascimento não lembro o nome dele todinho + esse vizinho nosso ele era ali + denominado patrono das bandas das forças aéreas da América do Sul + percebeu + patrono das bandas militares das forças aéreas da América do Sul + poxa
A. [nossa]
+ nessa hora assim + a coisa emociona viu + ((lágrima nos olhos)) puxa vida conheci esse cara né bacana rapaz + então essas coisas eu a gente vai guardando vai guardando vai amuntuando sei lá é uma cultura + vai:

P2:

***exemplo 120:** *J. e L. no início da gravação. Observe-se que a resposta ao pedido de informação/forma fechada está desenvolvida no turno grifado, sem que J. use sim/não, ou qualquer outra palavra de mesmo valor semântico:*

L. seu (Jurandir) o senhor vai querê passá perfume?
E. ((risos))
J. + (3.53)
L. vai?
J. (ainda tenho de pedi pra ela)

***exemplo 121:** *J. e L. conversando sobre as atividades escolares e atividades profissionais de J.:*

L. e o senhor estudô fez alguma:::?
J. + (1.51) eu sou semi-analfabeto ++ de pai e mãe ((risos))
L. de pai e mãe ((risos))

Devemos destacar, ainda, que, embora seja freqüente encontrarmos na atividade verbal de P2 pausas em início de turnos organizados por meio do par dialógico 'pedido de informação/forma fechada' nos quais P2 não estrutura sua resposta com o uso de sim/não, é freqüente, porém, encontrarmos pausas iniciais também em turnos nos quais a resposta retoma estruturas lingüísticas da pergunta ou então se baseia no uso de sim/não (ou palavras equivalentes). É o que se pode verificar nos trechos abaixo:

P2:

***exemplo 122:** *neste momento da conversação, L. faz uma brincadeira com J. dizendo que T. (fonoaudióloga de J.) é uma pessoa de personalidade brava e J., por sua vez, diz não acreditar nessa hipótese. T., procurando manter a brincadeira, faz a seguinte colocação:*

T. o senhor vai vai deixá de fazê os exercícios pra me vê brava é?
J. + (2.00) não deixá eu não deixo ++ não totalmente como deveria se f-fazê ++ mas eu procuro aproxima

***exemplo 123:** *L. e J. conversando sobre a descendência da esposa de J. (E.):*

L. é portuguesa?
J. (vozeamento gutural) + (1.33) portuguesa ((risos))

Esse procedimento, a nosso ver, tanto pode indicar possíveis dificuldades de P2 de elaboração do texto a ser enunciado quanto pode indicar uma possível correlação entre tais dificuldades e outras relativas à execução dos movimentos de produção da fala.

Esses mesmos fatos podem explicar, também, as porcentagens significativamente maiores de P1 e P2 (em relação a G1 e G2) de pausas em início de turnos baseadas no par dialógico 'pedido de confirmação/forma fechada'. Vejamos nos exemplos:

P1:

***exemplo 124:** *neste momento da conversação C. pergunta à L. se esta mora na cidade de Marília. L., por sua vez, diz que não e questiona se C. não, relembrando C. de que ela (L.) já havia comentado que é da cidade de SJRP. A partir dessa observação, C. se queixa de sua dificuldade de memória:*

C. [eu tenho uma memória horrível viu?
L. tem?
C. + (1.20) pra certas coisas eu sô bom agora outras coisa ++ passado da família isso aí eu sô bom ++ (incompreensível) num dá certo não

***exemplo 125:** *antes deste momento da conversação, C. cantou a música 'Only You' e L., tentando disfarçar seu entusiasmo com o desempenho verbal de C., desvia-se do tema e questiona a C. sobre a amizade que mantém com J. (a lembrar, sujeito parkinsoniano 2 deste nosso estudo):*

L. escuta + conta pra mim o senhor é amigo do seu Jurandir?
C. demais
L. é?
C. + ((vozeamento gutural)) (0.85) quero ele muito bem

P2:

***exemplo126:** *L. e J. conversando sobre outras atividades, que não as de ordem profissional, que J. exerceu:*

L. nunca nunca?
J. + (1.21) nunca porque na na ++ bom na infância eu morei na na lavoura né até os::
L. [((espirro))]
E. [saúde]
L. [que assim seja]
dez anos nós chegamos aqui no aniversário ++ num estado muito difícil + foi em sessenta e nove mais ou menos ((distorção)) dia quatro foi quando nós chegamos aqui em Marília ++ eu tinha s::eis anos de idade + com isso eu falei minha idade pra vocês

***exemplo 127:** *neste momento da conversação, J. contava a T. e a L. sobre seu trabalho na lavoura, junto com uma colônia de japoneses, quando L., brincando com J., pergunta se este último aprendeu falar japonês:*

T. mas aprendeu?
J. + (1.28) eu convivia muito com japonês ++

Como se pode observar, há momentos na atividade verbal de P1 e de P2 que, mesmo organizados com base em estruturas dialógicas que permitem uma resposta fundamentada (num primeiro momento) apenas no uso de sim/não (ou palavras equivalentes) estas estruturas são antecipadas por pausas. Isso nos remete, novamente, à idéia de uma possível correlação entre a dificuldade de elaboração do texto falado (tanto no âmbito do planejamento enunciativo desse texto quanto no

âmbito do planejamento dos movimentos a serem executados durante a fala) e a dificuldade de produção (articulatória) desse texto.

3.2.3 quanto às características acústicas das pausas:

Encerradas nossas considerações sobre a correlação entre pausas iniciais de turnos e diferentes tipos de pares dialógicos, faremos, agora, algumas considerações sobre a característica acústica de preenchimento da pausa na atividade verbal de P1 e P2, já que na atividade verbal dos sujeitos sem lesão neurológica não houve incidência nem de pausa preenchida, nem de pausa mista.

Como pudemos observar no **Capítulo III** deste nosso estudo (páginas **89 e 98),** de um total de 60 pausas iniciais em turnos discursivos da atividade verbal de P1, oito (13,33%) são pausas preenchidas e 12 (20%) são pausas mistas. Já em P2, de 84 pausas iniciais em turnos discursivos de sua atividade verbal, 2 (2,38%) são pausas preenchidas e 10 (11,90%) são pausas mistas.

Esses dois tipos de pausa (preenchida e mista) parecem desempenhar papel fundamental na atividade verbal desses sujeitos, principalmente na conquista e na manutenção de seu turno discursivo.

Vimos destacando que as situações discursivas que exigem maior grau de elaboração do enunciado são, em geral, acompanhadas, principalmente em P1 e em P2, por pausas – independentemente de serem silenciosas, preenchidas ou mistas. Vimos, ainda, destacando que, além de esses sujeitos parkinsonianos necessitarem de

unesp

um tempo maior para formularem seus enunciados, necessitam de maior tempo para executarem os gestos articulatórios da fala a ser enunciada, Desse modo, em vários momentos de sua atividade verbal, P1 e P2, ao invés do silêncio, parecem preferir o recurso ao vozeamento para preencher lacunas de planejamento. Parecem, assim, conquistar a chance de iniciarem seu próprio turno discursivo. Portanto, essas pausas, preenchidas e mistas, podem estar, ao mesmo tempo, mascarando momentos de dificuldades de elaboração e de execução da fala e garantindo a P1 e P2 a continuidade de seus processos enunciativos. Vejamos os exemplos:

P1:

***exemplo 128:** *L. e C. conversando sobre a amizade entre este último e J.:*

L. escuta + conta pra mim o senhor é amigo do seu Jurandir?
C. demais
L. é?
C. + ((vozeamento gutural)) (0.85) quero ele muito bem
L. ele vem sempre aqui ou não?
C. eh::oh:: (1.39) vem vem pouco aqui ++ ele tem:: dificuldade também de locomoção né

***exemplo 129:** *neste momento da conversação, L. e C. estão falando sobre a fonoaudióga que o atendia em domicílio. A título de observação, pode-se pensar, neste exemplo, na possibilidade de a pausa preenchida e a mista serem indicativas, também, de uma possível dificuldade de memória:*

L. ela dá aula na faculdade de fono lá em Rio Preto
C. + eh::: (2.12) esqueci o lugar aqui ++ pertence a uma + (coligação chamada PAS) + IAPAS

P2:

***exemplo 130:** *nesse momento da conversação, J. está contando sobre dificuldades de sua atividade profissional como agente no IBGE:*

T. [nã::o agora vai deixá ((risos))
J. ((risos)) + eh::: (2.02) estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele qué os dados (disfluência) + ele qué como que ele qué e não como é e na hora de fornecê ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ massante
L. toda vida o senhor trabalhô lá?
J. toda vida único emprego
L. no:ssa
J. + aí:: ih::: (4.29) (incompreensível) a aposentadoria:: né + num tenho saudade
L. não?

***exemplo 131:** *L. e J. conversando sobre o distrito de Avencas:*

L. não sei já me falaram isso que lá é muito bonito
J. [acho::: é o::: (panorama) que tem nela + cê cê não gostou aquele dia? ((voltando-se para a esposa))
E. eu gostei
J. + ((vozeamento gutural)) (2.29) mas lá é:::
L. {cês foram lá

Com base nesses exemplos, é possível observar que, em nenhuma das ocorrências, as pausas tiveram duração inferior a 1,2seg. Aliás, em sua grande maioria, nos dois sujeitos, pausas preenchidas e mistas têm duração acima de 2,0seg. Averiguando as demais ocorrências desses dois tipos de pausas em P1 e P2, pudemos verificar que a média de duração das pausas preenchidas e das pausas mistas em P1 é igual a 1,23seg e 1,33seg, respectivamente, e, em P2, 0,99seg e 2,54seg, respectivamente. O fato de a grande maioria dessas pausas com presença de

unesp

vozeamento ter duração acima de 1,0seg pode, pois, ser mais um indício de correlação entre as atividades planejamento e formulação enunciativa, seja no plano mais textual, seja no plano de execução dos gestos empregados para dizer o enunciado.

No que se refere à característica acústica de duração das pausas, vista em correlação com os diferentes tipos de pares dialógicos, vejamos as informações que constam do Quadro 12.

Par dialógico Natureza/forma	**Tipo de pausa**	**P1**		**G1**		**P2**		**G2**	
		N=60	**%**	**N=07**	**%**	**N=84**	**%**	**N=08**	**%**
Informação/aberta	Breve	08	13,33	00	00	09	10,71	02	25,00
	Média	06	10,00	00	00	06	7,14	00	00
	Longa	03	5,00	01	14,28	10	11,90	02	25,00
Informação/fechada	Breve	03	5,00	03	42,85	05	5,95	00	00
	Média	03	5,00	00	00	06	7,14	00	00
	Longa	02	3,33	00	00	09	10,71	00	00
Comentário/aberta	Breve	06	10,00	02	28,57	09	10,71	02	25,00
	Média	10	16,66	01	14,28	09	10,71	01	12,5
	Longa	09	15,00	00	00	13	15,47	00	00
Confirmação/ fechada	Breve	04	6,66	00	00	02	2,38	00	00
	Média	01	1,66	00	00	02	2,38	01	12,5
	Longa	01	1,66	00	00	00	00	00	00
Esclarecimento/ aberta	Breve	00	00	00	00	00	00	00	00
	Média	00	00	00	00	01	1,19	00	00
	Longa	00	00	00	00	01	1,19	00	00

Quadro 12: correlação entre a característica acústica de duração da pausa e os tipos de pares dialógicos



Com base nas informações que constam do Quadro 12, percebe-se que a característica acústica de duração também pode contribuir para o esclarecimento do papel desempenhado pelas pausas em início de turno discursivo durante a atividade verbal dos sujeitos de nossa análise. Para melhor entendermos essa contribuição, vamos correlacionar: (a) o percentual de ocorrência de pausas – breve, média, longa – e os diferentes tipos de pares dialógicos; e (b) a duração média dessas pausas e, mais uma vez, os tipos de pares dialógicos.

Recorremos, para tanto, respectivamente, aos dados expostos no Quadro 12 e no Gráfico 22:

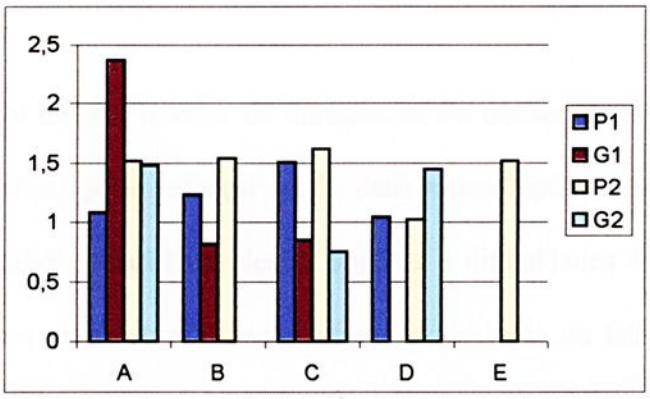


Gráfico 22: duração média das pausas em relação aos tipos de pares dialógicos: (A) pedido de informação/forma aberta; (B) pedido de informação/forma fechada; (C) comentário/forma aberta; (D) pedido de confirmação/forma fechada; e (E) pedido de esclarecimento/forma aberta

De acordo com o Quadro 13, verificamos que a distribuição de pausas quanto à sua característica acústica de duração é diversificada entre os sujeitos de nosso estudo. No entanto, devemos destacar que, principalmente em P1 e P2, as

pausas longas se apresentam com maior freqüência em pares dialógicos que exigem maior grau de formulação da resposta a ser enunciada.

Dessa forma, quando correlacionamos a duração média das pausas iniciais e os diferentes tipos de pares dialógicos, vemos que, no par 'pedido de informação/forma aberta', essa duração é de 1,08seg em P1, 1,52seg em P2, 2,37seg em G1 e 1,48seg em G2. Devemos lembrar, porém, que, tanto em G1 quanto em G2 houve apenas uma ocorrência (em cada sujeito) de pausa longa e esta, por sua vez, em combinação com o par dialógico 'pedido de informação/forma aberta'. Além disso, não descartamos a possibilidade de essa longa duração ter ocorrido, em G1, em razão do tópico discursivo[58] e, em G2, em momento de inibição desse sujeito perante os equipamentos de gravação.

Por sua vez, em P1 e em P2, o valor da duração média dessas pausas (bem como seu número de incidência) pode reforçar ainda mais nossa hipótese de correlação entre possíveis dificuldades enunciativas desses sujeitos e dificuldades de planejamento e execução dos gestos articulatórios necessários à enunciação da fala.

Essa idéia pode ser ainda mais acentuada se compararmos, agora, a duração média dessas pausas iniciais nos demais tipos de pares dialógicos. Como se pode observar, de modo geral, essa duração média é significativamente maior em P1 e em P2 do que em G1 e G2. Além disso, podemos verificar em P1 e em P2 que,

---

[58] A saber, o tópico discursivo nesse momento da conversação diz respeito: (a) ao receio de G1 ser esquecido pelos netos após sua morte; e (b) ao modo como os netos vêm sendo educados. Percebemos, então, que não se trata do tópico discursivo em si, mas o que emocionalmente pode ter influenciado na formulação e no modo de expressão do enunciado, fatos estes – formulação e modo de expressão – que podem ter relação com a presença da pausa em início de turno. Vejamos o exemplo:
L. e como o senhor procura passá isso pros netos por exemplo + a a questão da lembrança o valor que isso tem?
X. + (2,37) não aí aí já já se torna um outro problema + é muito mais difícil [continua o turno]

unesp

tanto um percentual maior de pausas longas, quanto a maior duração média dessas pausas, ocorrem em turnos discursivos organizados pelo par dialógico do tipo 'comentário/forma aberta', no qual, como já postulamos, supõe-se a exigência de uma resposta com maior complexidade de elaboração e, conseqüentemente, maior expressividade lingüística por parte do sujeito.

Em contrapartida, vemos que a maioria das pausas que ocorrem no início de turnos baseados no par dialógico 'pedido de confirmação/forma fechada' tem uma duração média menor, além de que o percentual de ocorrência de pausas breves nesse tipo de par dialógico é maior. Esse fato poderia ser justificado, novamente, pela natureza e pela forma desse par dialógico que, em princípio, exige uma resposta com menor dificuldade de elaboração, já que pode basicamente se sustentar no emprego de sim/não ou palavras equivalentes.

No entanto, como a duração média das pausas iniciais de P1 e P2 em situações do tipo 'pedido de informação/forma fechada' é superior a 1seg, esse fato também pode subsidiar o que vimos buscando compreender: a pausa como sinalizador de condições enunciativas mais características de P1 e de P2[59]. É o que nos parece indicar os exemplos abaixo, que, a nosso ver, não apontam para questões enunciativas que inviabilizariam ou dificultariam o início e desenvolvimento de turnos discursivos de P1 e de P2 tais como os sublinhados:

---

[59] Se em P2, associarmos esse fato: (a) à presença de pausa em início de turnos discursivos organizados pelo par dialógico 'pedido de esclarecimento/forma aberta'; e (b) à duração média dessas pausas (1,52seg), reforçamos, mais uma vez, a possibilidade de que as pausas estejam, nesse(s) sujeito(s) parkinsoniano(s) indicando características enunciativas mais peculiares a sujeitos com doença de Parkinson, no sentido de garantir tanto a chance do dizer quanto a efetividade desse dizer.

unesp

P1:

***exemplo 132:** *C. e L. conversando a respeito de como e quando C. ingressou na Academia Militar:*

C. + ah:: (1.96) eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazê um serviço na casa dele ele falô pô se tá fazendo o que? ++ tô no ginásio ++ num qué entrá pra academia da força pública? era força pública ++ vô pensá em casa meu pai + qué que seja militar mas militar profissional + porque eles
L. [ãhã]
pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a primeira vez fui reprovado+ na segunda vez eu falei
L. [ah::]
agora eu vô pra entrá + de noite de dia ++ o sistema era bem rigoroso (...)
L. até hoje né?
C. + eh::: (0.88) muito procurado né + e fui lá e faturei
L. [ãhã]
L. olha só

P2:

***exemplo 133:** *mais uma vez, aqui consta um trecho da transcrição da conversação em que J. conta que trabalhou na lavoura junto à uma colonização japonesa:*

L. o senhor aprendeu a falá japonês?
J. + (1.05) esqueci +
T. ((risos))
J. logo aquele povo de lá
E. ((risos))
T. mas aprendeu?
J. + (1.28) eu convivia muito com japonês ++

Com base nos exemplos acima, é possível afirmar que as primeiras palavras que poderiam surgir nas respostas de ambos os sujeitos poderiam ser recuperadas tanto da fala do interlocutor, quanto da fala do próprio sujeito (sem, no entanto, tornar inviável a construção de um outro enunciado de resposta à pergunta do interlocutor). Mesmo assim, os turnos discursivos desses sujeitos foram, aí, marcados por uma pausa inicial.

Desse modo, nossos resultados parecem apontar para diferenças significativas entre a atividade lingüístico-discursiva dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos sem lesão neurológica. No entanto, a título de conclusão desta etapa de nosso estudo, dois fatos mereceriam destaque.

O primeiro deles diz respeito aos processos conversacionais empregados pelos quatro sujeitos de nosso estudo. Queremos dizer que, tanto os sujeitos parkinsonianos, quanto os sujeitos sem lesão neurológica, empregam processos conversacionais semelhantes em suas atividades verbais. Ou seja, a fala espontânea de P1, de P2, de G1 e de G2 está estruturada em turnos conversacionais, organizados. Por sua vez, com os mesmos tipos de pares dialógicos, num percentual de ocorrência aproximado. Além disso, vimos ainda que, no que diz respeito à presença das pausas em início de turno discursivo, tanto nos sujeitos parkinsonianos quanto naqueles sem lesão neurológica essas pausas aparecem (freqüentemente) em condições enunciativas semelhantes, ou seja, em condições em que há necessidade de maior elaboração e organização do enunciado, bem como em condições em que o tipo de tópico é fator determinante no processo de elaboração do enunciado, tais como nos casos de maior familiaridade com o assunto, bem como nos casos em que o tópico

unesp

desencadeia alterações emocionais no (inter)locutor. A diferença, então, entre esses dois grupos se mostra primordialmente no número de ocorrência das pausas e nas suas características acústicas.

O segundo fato a merecer destaque é o de que, embora P1 e P2, quando comparados a G1 e G2: (a) precisaram organizar a atividade verbal com maior número de turnos discursivos; (b) desenvolveram menos turnos discursivos e, dos turnos desenvolvidos, prevaleceram os pequenos; (c) apresentaram maior número de pausas em início de turnos; (d) apresentaram tanto pausas preenchidas e mistas, quanto pausas silenciosas; e (e) tiveram pausas com maior duração, não podemos deixar de realçar que esses sujeitos parkinsonianos ainda preservam características comversacionais importantes, tais como: (a) jogo de interlocução; (b) atenção e progressão do tópico discursivo; e (c) interação dialógica.

O que parece fazer a diferença, então, é que, mesmo mantendo processos conversacionais importantes e mesmo utilizando os mesmos recursos conversacionais que G1 e G2, os sujeitos parkinsonianos o fazem de modo peculiar. Conseqüentemente, a nosso ver, essa peculiaridade parece mostrar que os sujeitos parkinsonianos utilizam tais recursos como formas alternativas de enunciação, de modo a suprir suas dificuldades de elaboração e formulação do discurso, dificuldades estas que podem estar (ou necessariamente estão) vinculadas às dificuldades desses sujeitos de planejar e executar o gesto articulatório do texto a ser enunciado.

unesp

IV. Considerações finais

Canter (1963; 1965b) já alertava para o fato de que, mesmo com o tratamento cirúrgico – embora houvesse grande melhora nas condições motoras globais – , os sujeitos parkinsonianos continuavam apresentando dificuldades de fala. Com base nesse alerta, o autor sugeriu, então, que fosse dedicada maior atenção a essas dificuldades.

No entanto, a grande maioria dos estudos que investigam as dificuldades de fala nos parkinsonianos (cf. Murdoch *et al*, 1989; Solomon *et al*, 1993); Lê Dorze *et al*, 1992) enfocam essencialmente o aspecto motor dessa atividade lingüística. Preocupam-se, então, fundamentalmente com aspectos da fala que exigem principalmente a coordenação de atividades musculares, como por exemplo, respiração, produção de alguns fonemas, vibração de pregas vocais e número de sílabas produzidas por um intervalo de tempo.

Como vimos nestes estudos, os autores explicam as dificuldades de fala dos parkinsonianos com base nas conseqüências motoras desencadeadas pela doença. Mesmo em autores como Asnis (1977), Matthews *et al* (1979), Buck & Duffy (1980), Katsikitis *et al* (1991), Liberman *et al* (1992), Chrischilles *et al* (1998), Iansek (1999) e Limongi (s/d), que mencionam alterações cognitivas, dificuldades de memória e alterações de humor nos parkinsonianos, não verificamos correlação entre a atividade de fala e tais atividades de cognição, de memória e de ordem emocional.

Outro fato que nos despertou a atenção é o de que, de modo geral, quando autores como Critchley (1981), Lemos (1992), Volkmann *et al* (1992),

unesp

Hammem *et al* (1994) e Lamônica (1997) descrevem as dificuldades de fala dos parkinsonianos, caracterizam-nas como resultando em uma 'fala monótona', tida ora como conseqüência de uma disartria hipocinética, ora como causa desta disartria. A disartria hipocinética é, por sua vez, definida por Darley, Aronson e Brown (1975:2 e 3) como uma desordem na fala decorrente de uma alteração neurológica (central ou periférica). Para os autores, essa alteração acarreta um distúrbio no controle neuromuscular do mecanismo da fala, resultando no comprometimento de algum dos processos motores envolvidos na execução da fala. Devemos lembrar, porém, que apenas em Lima *et al* (1997) a fala é entendida como um modo de enunciação da linguagem, ao passo que, nos demais estudos, essa atividade de linguagem é reduzida aos aspectos motores envolvidos em sua execução.

Ainda um outro fato importante que observamos na literatura é o de que, quando alguns autores fazem menção à disartria hipocinética da fala dos parkinsonianos, atribuem como característica dessa disartria a pouca variação prosódica da fala desse sujeitos. No entanto, devemos destacar que, desses estudos (cf. Canter, 1963; Kent *et al,* 1982; Canter *et al*, 1985; Darkins *et al*, 1988; Illes *et al*, 1988; Blonder *et al*, 1989; Caekebeke *et al*, 1991; e Hird *et al*, 1993) os aspectos prosódicos preferenciais (senão exclusivos) mencionados pelos autores são o *pitch*, o *loudness* e a velocidade de fala. Segundo os autores, isso se deve ao fato de que tais aspectos são fáceis de mensuração, ou seja, passíveis de quantificação. Além disso, muitas vezes esses estudos não se preocupam em caracterizar os aspectos prosódicos em si, mas sim em determinar a dominância hemisférica desempenhada pelo cérebro quanto à prosódia da fala. Além de esses estudos centrarem-se quase que

exclusivamente na topografia prosódica no cérebro, preocupam-se, também, em fazer distinção entre aquilo que chamam de 'prosódia emocional' e 'prosódia lingüística'.

Embora Abercrombie (1967) e Cagliari (1992a) destaquem outros aspectos prosódicos (que não apenas *pitch*, *loudness* e velocidade de fala), tais como entonação, ritmo, tessitura, registro e pausa, apenas Canter (1963) e Illes *et al* (1988) dispensam maior atenção a este último aspecto – as pausas. Darkins *et al* (1988) e Hird *et al* (1993), por vez, também mencionam o papel desse aspecto prosódico na fala de parkinsonianos, contudo com menor importância em relação a outros.

Além disso, apenas Illes *et al* (1988) desenvolvem um estudo baseado na análise da fala espontânea, ao passo que todos os demais estudos até aqui mencionados que investigam a fala de sujeitos parkinsonianos são fundamentados numa metodologia que emprega a aplicação de testes estruturados com base em: repetição de lista de palavras e de frases; nomeação de figuras; leitura de palavras e frases; e, raras vezes, elaboração oral de uma narrativa a partir de uma figura ou tema preestabelecidos.

Entretanto, de acordo com Lebrun (1988) e com Coudry (1996), as baterias de teste de avaliação de linguagem, além de assumirem uma posição taxonômica, adotam também uma posição em que não se valoriza a interlocução entre os sujeitos. Entendemos com esses autores que, partindo de uma avaliação que tem uma bateria de teste como alicerce, não se tem como resultado o retrato de uma fala espontânea, mas sim o emprego de uma fala induzida, portanto pouco elaborada. Além disso, sendo os testes o retrato de fala induzida, perde-se o perfil de uma atividade conversacional real, ou seja, aquela empregada no dia-a-dia. Dessa forma,

unesp

entendemos, com os autores, que os testes deixam incertezas quanto ao uso efetivo da fala pelo sujeito cérebro-lesado, bem como pouco explicam sobre as condições enunciativas ainda preservadas por esses sujeitos, uma vez que os teste enfocam exclusivamente as dificuldades metalingüísticas dos sujeitos cérebro-lesados.

Visto, porém, que nosso objetivo era entender um pouco mais sobre a atividade discursiva de sujeitos parkinsonianos, além de que nosso intuito maior era de averiguar o funcionamento do elemento prosódico pausa nessa atividade, optamos por uma metodologia que, além de assumir uma posição não localizacionista da linguagem no cérebro, estivesse fundamentada no uso espontâneo da linguagem. Isto é, adotamos as contribuições de Luria (1979 e 1987 – conferir também Kagan *et al*; 1997) quanto à proposta de sistema funcional do cérebro e procuramos entender, assim, o funcionamento da linguagem em seu todo fisiológico e no seu todo lingüístico-discursivo.

Além disso, vimos com Cagliari (1992b) que os aspectos prosódicos são muito mais do que 'enfeites' da fala; daí merecerem maior atenção. Com base em sua afirmação de que "somente com a incorporação do discurso como objeto de estudo da Lingüística mais recente, é que tem sido possível entender melhor a natureza, a função e os usos da prosódia na linguagem oral", recorremos à literatura que entende a pausa como um aspecto prosódico que tem uma representação funcional na fala em uso.

Abercrombie (1967), Cruttenden (1997) e Cagliari (1992a), por exemplo, destacam o papel aerodinâmico da pausa na fala contínua, ou seja, os momentos em que o falante interrompe sua fala (mesmo que brevemente) para

unesp

respirar enquanto sua fala está em uso. Esse papel, em nosso estudo, foi enriquecido por contribuições Jubran (1993b), Hilgert (1993) Koch (2000), Koch *et al* (1990, 1996), Silva e Koch (1996) e Marcuschi (1996, 1999), que destacam, da pausa, seu papel na organização da atividade conversacional, subsidiando e reforçando ainda mais nossa proposta metodológica.

Relembrando Jubran (1993b), as pausas podem ser entendidas como momentos de vacância verbal e, por isso, podem marcar um esgotamento tópico e, assim, propiciar a introdução de um novo tópico. Nessa mesma perspectiva, Hilgert (1993) complementa que as pausas podem ter vínculo direto com a atividade de formulação textual, na medida em que essa atividade exige investimento cognitivo e, conseqüentemente, remete a uma organização temporal específica para cada tópico abordado, principalmente se levado em consideração o grau de dificuldade de cada texto a ser formulado.

Koch (2000), por sua vez, retoma essa idéia de tempo para o planejamento do discurso, que, como mencionamos, aparece concretizado sob forma de pausa (cf. Siva e Koch, 1996).

Embora na literatura especializada sobre a doença de Parkinson a pausa, entendida como uma ruptura na fala, é vista como um erro ou até como um distúrbio de fluência, Marcuschi (1999), Goldman-Eisler (1958b) Rochester (1977) nos mostram que a pausa pode ter motivações discursivas. Desse modo, a fluência da fala pode não se perde (necessariamente) com a presença da pausa, mas sim se houver a combinação deste fator prosódico com demais fatores conversacionais implicados neste momento da então chamada disfluência.

unesp

Em se tratando de disfluência, vimos com Scarpa (1995) que esses chamados momentos de disfluência nada mais são do que momentos que exigem maior expressividade lingüística por parte do sujeito falante. Trata-se, pois, de lugares de subjetivação daquele que enuncia (cf. Coudry, 1996; e Coudry e Morato, 1988).

Além de a pausa poder marcar lugares de subjetivação, autores como Marcuschi (1999), Goldman-Eisler (1954, 1958a/b, 1980), Henderson *et al* (1965, 1966), Reich (1980), Butterworth (1980), Beattie (1980), Schenkein (1980) e Swerts (1998) estabelecem estreita relação entre o funcionamento da pausa e as atividades de ordem mais: (a) cognitiva; (b) mnemônica; (c) sintático-semântica; ou ainda (d) fonológica; e até aquelas (e) de ordem mais emocional. Em todos esses aspectos, porém, procuram vincular à pausa o papel no planejamento e organização da linguagem.

Outro aspecto importante a ser relembrado é a funcionalidade da pausa não só na atividade verbal do falante, mas também essencialmente na atividade verbal do ouvinte, o interlocutor, que, de acordo com aquilo que foi enunciado, deverá assumir, então, o papel de locutor e mostrar, assim, o que compreendeu sobre aquilo que foi dito. Tal funcionamento da pausa não pôde, porém, ser visto no estudo de Scliar-Cabral *et al* (1994), já que as autoras não destacam a importância da pausa para o ouvinte, restringindo sua funcionalidade ao dizer do falante.

No entanto, este estudo de Scliar-Cabral *et al* (1994) foi o único com o qual tivemos contato e que nos apresenta uma correlação mais direta entre as pausas em início de enunciados e a atividade de planejamento – a lembrar, nosso principal objeto de análise foi as pausas em início de turno discursivo.



De acordo com o que encontramos na literatura geral sobre pausa, pudemos constatar que há uma grande diferença entre a posição teórica adotada por seus autores e aqueles que investigam a atividade de fala dos sujeitos parkinsonianos. Primeiramente observamos que, na literatura sobre a doença de Parkinson, os aspectos prosódicos além de serem compreendidos apenas como *pitch*, *loudness* e velocidade de fala, são vistos, também, como um fator extrínseco à linguagem, ao passo que, do ponto de vista dos estudos lingüísticos, os aspectos prosódicos, além de serem compreendidos de maneira mais ampla, são vistos também como elementos intrínsecos à linguagem.

Outro fato que também marca a diferença entre o ponto de vista adotado pela literatura sobre a doença de Parkinson e aquele adotado pelos estudos lingüísticos sobre pausa é que, enquanto a literatura sobre a doença de Parkinson atribui à fala alterações prosódicas como conseqüência de problemas motores (quando muito não entendem tal processo como um 'distúrbio'), a literatura que investiga a atividade de fala em sujeitos sem lesão neurológica atribui aos aspectos prosódicos, em especial às pausas, um caráter natural e inerente à atividade verbal, passível de ocorrer na fala espontânea de qualquer sujeito falante. Eis, então, o que nos levou à proposta metodológica comparativa entre os dois grupos de nossa análise: um de sujeitos parkinsonianos (P1 e P2) e outro de sujeitos sem lesão neurológica (G1 e G2)[60].

[60] Gostaríamos de destacar aqui que, embora nos estudos clínicos propostos (em geral) pelas ciências biológicas a metodologia comparativa entre um grupo de sujeitos com alguma patologia e outro grupo sem qualquer patologia – tido então como normal – tem como pressuposto designar aquilo que não é normal, ou aquilo que é distúrbio e/ou patológico, nossa proposta metodológica tem aqui o pressuposto contrário. Ou seja, nossa análise comparativa tem como pressuposto mostrar que o funcionamento da linguagem de um grupo de sujeitos lesados cerebrais pode se organizar e se estruturar da mesma

Foi com base, então, numa perspectiva teórica que entende a pausa como um elemento intrínseco à linguagem e numa proposta metodológica que tinha como pressuposto entender melhor o funcionamento da pausa na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson quando comparada à atividade discursiva de sujeitos sem lesão neurológica que demos prosseguimento às nossas investigações quanto ao papel da pausa no planejamento, na organização e na execução da linguagem, por parte de parkinsonianos.

De acordo com nossas investigações, chegamos, assim, a resultados que, a nosso ver, nos remetem a questões importantes não só quanto ao funcionamento das pausas na atividade discursiva dos sujeitos parkinsonianos, como também, à atividade verbal desses sujeitos vista de modo mais amplo. Essas questões podem ser retomadas com base em dois momentos de nossa análise: (a) o primeiro, referente às semelhanças entre a atividade lingüístico-discursiva dos dois grupos de nossa análise; e (b) o segundo, referente às diferenças entre a atividade lingüístico-discursiva desses dois grupos.

No que concerne às semelhanças entre a atividade lingüístico-discursiva dos sujeitos parkinsonianos (P1 e P2) e a dos sujeitos sem lesão neurológica (G1 e G2), pudemos levantar dados que nos permitem compreender o quanto a atividade verbal dos sujeitos parkinsonianos está preservada se comparada à dos sujeitos sem lesão neurológica. Vejamos, assim, quais resultados nos permitem tal conclusão:

---

maneira que a de um grupo de sujeitos sem lesão neurológica. A nosso ver, esse pressuposto muito contribui para evitarmos cair no perigo de tudo patologizar e/ou considerar o diferente como erro ou distúrbio.

a) o tempo de duração da atividade discursiva de P1 e de P2 é próximo ao tempo de duração da atividade discursiva de G1 e de G2, respectivamente;

b) a atividade discursiva de P1 e de P2 está organizada de modo semelhante à atividade discursiva de G1 e de G2, ou seja, em turnos discursivos estruturados em pares dialógicos que permitem o jogo de interlocução entre os falantes da conversação;

c) os tipos de pares dialógicos que compõem a conversação de P1 e de P2 estão dispostos em valores percentuais semelhantes aos de G1 e aos de G2;

d) os pares dialógicos de natureza 'comentário' e de forma 'aberta' formam o maior número de turnos discursivos tanto da atividade verbal de P1 e de P2, quanto da atividade verbal de G1 e a de G2;

e) as pausas em início de turnos discursivos ocorreram tanto na atividade discursiva de P1 e de P2 quanto na atividade discursiva de G1 e de G2;

f) as pausas em início de turnos discursivos, tanto de P1 e de P2 quanto de G1 e de G2, ocorreram em maior percentual em pares dialógicos nos quais a solicitação de informação exigiu maior elaboração do interlocutor, ou seja, nos pares dialógicos que tinham sua natureza atrelada a uma forma aberta;

g) as pausas em início de turnos discursivos foram menos freqüentes em situações de 'falas cristalizadas', tanto na atividade verbal de P1 e de P2, quanto na de G2 (com ressalva de que não encontramos o uso de fala cristalizada iniciando turnos discursivos de G1 em nossos dados);

unesp

h) as pausas em início de turno discursivo também foram menos freqüentes naqueles turnos em que tanto P1 e P2, quanto G1 e G2, recorreram a elementos do turno do interlocutor para iniciar o próprio turno.

No que concerne, agora, às diferenças entre a atividade lingüístico-discursiva dos sujeitos parkinsonianos (P1 e P2) e a dos sujeitos sem lesão neurológica (G1 e G2), pudemos levantar dados que nos permitem compreender como os sujeitos parkinsonianos empregam de modo diferente recursos conversacionais semelhantes aos de G1 e de G2 para garantirem a efetividade de sua atividade verbal. Vejamos, assim, quais resultados nos permitem tal conclusão:

a) P1 e P2 organizaram suas atividades verbais com maior número de turnos discursivos do que G1 e G2;

b) P1 e P2 recorreram em percentual significativamente menor do que G1 e G2 a assaltos ao turno discursivo de seus interlocutores;

c) P1 e P2 apresentaram um percentual menor de turnos desenvolvidos do que G1 e G2; lembremos ainda que, dos turnos desenvolvidos por P1 e por P2, prevaleceram os turnos pequenos, ao passo que em G1 e em G2 prevaleceram os turnos grandes;

d) P1 e P2 recorreram ao uso de falas cristalizadas em maior percentual do que G1 e que G2 para iniciarem seus turnos discursivos;

e) P1 e P2 também recorreram à estratégia de retomada de elemento verbal do turno do interlocutor em maior percentual do que G1 e G2 para iniciarem seus turnos discursivos;

unesp

f) P1 e P2 apresentaram um valor significativamente maior de pausas em início de turnos discursivos do que G1 e G2;

g) P1 e P2 apresentaram, em início de turnos discursivos, um maior percentual de pausas de duração média e longa, ao passo que em G1 e em G2 o maior percentual foi de duração breve e média;

h) P1 e P2 apresentaram tanto pausas preenchidas, quanto mistas e silenciosas; já em G1 e em G2 constatamos apenas a presença de pausas silenciosas;

Vistas, assim, as principais semelhanças e as principais diferenças entre as atividades verbais dos sujeitos parkinsonianos e as dos sujeitos sem lesão neurológica, verificamos que as pausas têm papel ativo na organização do discurso como um todo. Além disso, e tal como nos mostram os estudos realizados pelo *Projeto da Gramática do Português Falado* e por autores como Goldman-Eisler e Henderson, as pausas na atividade lingüístico-discursiva desses quatro sujeitos parecem estar diretamente vinculadas:

a) aos momentos de elaboração e formulação textual;

b) às atividades epinlingüísticas do funcionamento da linguagem;

c) a atividades de memória;

d) aos lugares de subjetivação do falante;

e) aos momentos de conquista e/ou manutenção do turno discursivo;

f) ao acesso e/ou à escolha lexical;



O que nos desperta a atenção em nossos resultados é a maior freqüência com que as pausas aparecem no início de turnos discursivos, sua diversidade acústica e a forma com que são empregadas por P1 e por P2. Especialmente o número recorrente de vezes em que as pausas aparecem no início dos turnos discursivos desses sujeitos parkinsonianos e o modo pelo qual essas pausas iniciais se encontram combinadas com fatores conversacionais como o emprego de fala cristalizada, retomada de elemento do turno do interlocutor, turnos desenvolvidos (ou não), extensão dos turnos discursivos, bem como as características acústicas de preenchimento (ou não) e de duração que acompanham essas pausas, nos permitem concluir que as pausas estão sendo empregadas por P1 e por P2 como um processo alternativo de enunciação e, assim, sinalizando:

(a) uma possível necessidade de um tempo maior para o planejamento e para a elaboração do texto a ser enunciado;

(b) uma possível necessidade de um tempo maior para o planejamento e para a programação dos gestos articulatórios a serem empregados na enunciação por meio da fala;

(c) uma possível necessidade de um tempo maior para a execução, portanto, para a realização motora dos gestos articulatórios da fala;

(d) uma possível necessidade de um tempo maior para a coordenação aerodinâmica a ser empregada na fonação;

(e) uma possível correlação entre a necessidade de um tempo maior para o planejamento e elaboração do texto a ser enunciado, e a necessidade de um tempo maior para o planejamento e para a programação dos gestos

articulatórios, atrelada, ainda, à necessidade de um tempo maior para a execução dos gestos articulatórios, bem como à necessidade de uma maior coordenação aerodinâmica a ser empregada na fala.

Em síntese, de acordo com o que vimos na literatura, podemos entender, então, que o funcionamento das pausas em início de turnos discursivos de P1, de P2, de G1 e de G2 acompanha de perto o que nos mostra a literatura sobre pausas. Especialmente no que se refere às pausas iniciais dos turnos dos sujeitos parkinsonianos, também não podemos deixar de apontar as contribuições da literatura especializada sobre doença de Parkinson e a relação que alguns estudos estabelecem entre fatores prosódicos e aspectos motores da fala. No entanto, os resultados encontrados em P1 e em P2 parecem estar (também) mais particularmente de acordo com Marcuschi (1999:177), para quem, como já vimos, "as hesitações [lembrando que para o autor a pausa é uma forma de hesitação] não são estratégias de formulação textual e sim indícios ou sintomas de dificuldades de processamento cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática." (destaque nosso) Ainda para o autor, "a hesitação é vista como um índice problemático da formulação e não uma atividade formulativa." (1999:181)[61] (destaque nosso)

Com base nessas considerações, acreditamos que este nosso estudo pode trazer contribuições para um melhor entendimento de um aspecto particular da atividade verbal de parkinsonianos – a saber, o funcionamento das pausas iniciais de turnos – tanto no âmbito científico quanto no âmbito clínico (embora especialmente

[61] Quanto aos problemas de formulação textual, conferir Hilgert (1992; 1993).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

em razão de lidarmos com um número reduzido de sujeitos, nossos resultados não possam ser generalizados a todo o conjunto de sujeitos com doença de Parkinson).

Com efeito, no que se refere ao âmbito científico, acreditamos, sobretudo, em contribuições de ordem metodológica, já que desenvolvemos nosso estudo com base em uma metodologia pouco (ou raramente) verificada na grande maioria dos estudos que investigam 'problemas de fala, de linguagem e de prosódia' em sujeitos parkinsonianos (ou mesmo em sujeitos com outros tipos de lesões cerebrais). Desse modo, pudemos obter informaçòes importantes tanto a respeito da dinâmica da linguagem nesses dois sujeitos parkinsonianos, quanto a respeito do funcionamento da pausa em sua atividade enunciativa, resultados, a nosso ver, que seriam muito mais difíceis de serem obtidos a partir de uma repetição de palavras ou leitura de frases e textos.

No que se refere ao âmbito clínico, acreditamos que nosso estudo pode proporcionar subsídios teóricos para que médicos e terapeutas da fala não restrinjam as conseqüências da doença de Parkinson apenas aos problemas de ordem motora, mas que passem a enxergá-los em correlação com problemas de outras ordens, tais como a mental, ou como propusemos, a enunciativa.

Mais particularmente a esse respeito, e atítulo de conclusão, sugerimos a realização de outros estudos que, também fundamentados numa análise discursiva/enunciativa, investiguem:

(a) fatores conversacionais que possam (ou não) estar vinculados a possíveis alterações de memória em parkinsonianos;

unesp

(b) fatores conversacionais que possam (ou não) estar vinculados a possíveis alterações no nível da compreensão da linguagem em parkinsonianos;

(c) a contribuição (ou não) de fatos concretos de enunciação para o desenvolvimento (ou não) de tópicos e turnos discursivos;

(d) as pausas que seguem a primeira porção de fala dos turnos discursivos desses sujeitos, ou seja, as pausas que seguem o primeiro 'bloco' de palavras que iniciam os turnos discursivos desses sujeitos;

(e) o papel das características acústicas das pausas no desenvolvimento de turnos discursivos;

(f) a ocorrência (ou não) de pausa em início de turnos discursivos de outros sujeitos parkinsonianos que não P1 e P2, numa análise comparativa de diferentes grupos de parkinsonianos.

Além disso, gostaríamos de enfatizar, ainda, a necessidade de:

- maiores intercâmbios teórico-científicos no sentido de esclarecer fatos sobre a doença de Parkinson que só têm sido explicados pela ótica das ciências médicas;
- mais investigações teóricas para subsidiar e fornecer bases teóricas mais sólidas para a intervenção fonoaudilógica com sujeitos com doença de Parkinson;



- uma visão mais abrangente sobre o sujeito 'empírico' com doença de Parkinson, de modo a observá-lo como sujeito psíquico e também lingüístico, que tem sua base tanto biológica, quanto psíquica e social.

E, finalizando este estudo com palavras de Albano (2001: 248), que nos lembra que o gesto articulatório não é apenas resultado de uma *vocalização*, mas, também, resultado da ação de um *sujeito* que fala:

> Quando crianças, somos sujeitos do gesto fônico enquanto descobrimos, ainda que inconscientemente, como com ele construir um léxico e a sua gramática implícita, que talvez sirvam de ancoragem para a descoberta e construção de outras gramáticas, de bases físicas menos visíveis – ao menos no momento. Quando adultos, usamos o gesto fônico automaticamente em suas versões simbólicas ou físicas, pouco exercendo de fato esse aspecto da nossa subjetividade na fala cotidiana ... Mas somos, de novo, sujeitos do gesto fônico quando improvisamos uma fala em que há uso criativo de recursos fônicos, em que se faz sentido do som ...
>
> Se, por um lado, gestos fônicos de outros às vezes nos arrastam a uma mera repetição rítmica, isso não é a negação da subjetividade, a afirmação de que somos sempre "agidos" ao invés de agir. Quem poderia viver em sociedade sem a capacidade de se apropriar rapidamente de falas que não domina ou sequer entende? A apropriação da cultura tem graus – é gradiente, como tantos outros fenômenos humanos ... São esses mesmos graus que constituem o terreno vago entre o primata afeito aos rituais sociais e o sujeito.



Referências Bibliográficas

ABERCROMBIE, D. Voice quality and voice dynamics. In: *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Universaty Press, 1967, cap.6, p. 89-110.

ALBANO, E. C. O gesto articulatório como unidade fônica abstrata. In: LAMPRECHT, R. L. (Org). *Aquisição de Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1999. cap.9, p. 139-165.

ALBANO, E. C. Para um traçado preciso das fronteiras vagas do campo fônico. In: *Gesto e suas bordas: um esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro.* Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. FAPESP, cap.7, p.221-249, 2001.

ALPERT, M.; CLARCK, A.; POUGET, E. R. The syntactic role of pause in the speech of schizophrenic patients with alogia. *Journal of Abnormal Psychology*, v.103(4), p. 750-757, 1994.

ALVES, M. I. P. M. & CASTRO, M. G. O fenômeno da hesitação na língua falada. *Estudos Lingüísticos XXIII* (Ribeirão Preto), v.1, p.485-492, 1994.

ASNIS, G. Parkinson disease, depression, and ECT: a review and a case study. *American Journal Psychiatry*, v.134(2), p.191-5, february, 1977.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *A estética da comunicação verbal.* (Trad. Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes. 3ª. edição, 2000. pp.277-326.

unesp

BARBOSA, E. R. & TEIVE. H. A. G. Doença de Parkinson: aspectos históricos. In: ANDRADE, L. A. F.; BARBOSA, E. R.; CARDOSO, F. & TEIVE, H. A. G. (editores) *Doença de Parkinson: estratégias atuais de tratamento*.São Paulo: Lemos Editorial, cap.1, p.20, 1999.

BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: Problemas de Lingüística Geral II. Trad. Guimarães, E. *et al*. Campinas: Pontes. cap. 4, p. 68-80, 1989.

BENVENISTE, E. Aparelho formal da enunciação. In: Problemas de Lingüística Geral II. Trad. Guimarães, E. *et al*. Campinas: Pontes. cap. 5, p. 81-90, 1989.

BENVENISTE, E. Da subjetividade da linguagem. In: Problemas de Lingüística Geral I. 4ª. edição. Campinas: Pontes. cap.21, p.284-293, 1995.

BEATTIE, G. W. The role of language production process in the organization of behavior in face-to-face interaction. In: BUTTERWORTH, B. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, part.4, p.69-107, 1980.

BEVILACQUA, F.; BENSOUSSAN, E.; JANSEN, J. M.; SPÍNOLA e CASTRO, F. & CARVALHAES, L. P. Manual de Fisiopatologia Clínica. São Paulo: Livraria Atheneu. 2ª. edição, 1979. p.629-639.

BLONDER, L. X.; GUR, R. E.; GUR, R. C. The effects of right and left hemiparkinsonism on prosody. *Brain and Language*, v. 36(2), p. 193-207, february, 1989.

BLONDER, L. X.; PICKERING, J. E.; HEATH, R. L.; SMITH, R. L. *et al* Prosodic characteristics of speech pre-and post-right hemisphere stroke. *Brain and Language*, v.51, p.318-335, 1995.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

BOOMER. D. S. & DITTMAN, A.T. Speech rate, filled pauses, and body movement in interviews. *The Journal of Nervous and Mental Disease.* v.139, p. 324-327, 1964.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: editora da UNICAMP, 1997. parte II, p.91-104.

BRITO, C. A pausa como elemento estruturador do texto conversacional. *Estudos Lingüísticos XXIII* (Ribeirão Preto), p.536-543, 1994.

BUCHHOLZ, D. W. Neurologic disorders of swallowing. In: GROHER, M. E. *Dysphagia: diagnosis and management.* Library of Congress: cap.3, p.37-72, 1997.

BUCK, R. & DUFFY, R. J. Nonverbal communication of affect in brain-damage patients. *Cortex*, v.16, p.351-362, 1980.

BUTTERWORTH, B. Evidence from pause in speech. In: *Language and production: speech and talk.* London: Academic Press, part.7, p.155-175, 1980.

CAEKEBEKE, J. F. V.; JENNEKENS-SCHINKEL, A.; Van der LINDEN, M. E.; BURUMA, O. J. S. *et al.* The interpretation of dysprosody in patients with Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v.54, p.145-8, 1991.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.23, p.137-151, jul/dez, 1992a.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

CAGLIARI, L.C. A importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português falado: níveis de análise lingüística.* 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v.2, p.39-64, 1992b.

CANTER, G. J. Speech Characteristics of patients with Parkinson's disease: I. Intensity, pitch, and duration. *Journal of Speech, and Hearing Disorders*, v.28(3), p.221-229, august, 1963.

CANTER, G. J. Speech Characterisitcs of patients of with Parkinson's disease: II physiological support for speech. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v.30(1), p.44-49, 1965a.

CANTER, G. J. Speech characteristic of patients with Parkinson's disease: III articulation, diadochokineses, and over-all speech adequacy. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v.30(3), p.217-224, 1965b.

CANTER. G. J. & Van LANCKER, D. R. Disturbance of temporal organization of speech following bilateral thalamic surgery in a patient with Parkinson's disease. *Journal of Communication Disorders*, v.18, p.329-349, 1985.

CHACON, L. A pontuação e a indicação de características da dimensão fônica da linguagem. *Estudos Lingüísticos*, Taubaté. v.26, p.455-460, 1997.

CHACON, L. *O ritmo da escrita*: *uma organização do heterogêneo da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHACON, L. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 2002. (no prelo)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

CHAMBERS, J. K. Correlations. In: *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1996. cap.1, p. 2-33.

CHRISCHILLES, E. A.; RUBENSEIN,L. M.; VOELKER, M. D.; *et al.* The health of Parkinson's disease. *Movement Disorder*, v.13(3), p.406-13, 1998.

CORRÊA, M. L. G. A escrita como objeto de pesquisa. In: *O modo heterogêneo de constituição da escrita.* Tese de doutorado. Campinas, 1997. pp-1-88.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia.* 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COUDRY, M. I. H. & MORATO, E. M. A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.15, p.117-135, jul/dez, 1988.

CRITCHLEY, E. Speech disorders of parkinsonism: a review. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v.44, p.751-758, 1981.

CRUTTENDEN, A. The forms of intonation. In: *Intonation*, 2a. edição. Cambridge University Press: Cambridge, 1997. p.30,31, 32.

DAHLET, V. Pontuação, língua, discurso. *Estudos Lingüísticos XXIV* (FFLHC/USP), p.337-340, 1994.

DAMASCENO, B. P. Neuropsicologia e neurolingüística. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.32, p.89-94, jan/jun., 1997.

DARLEY, F. L.; ARONSON, A. E.; BROWN, J. R. *Motor speech disorders.* Library of Congress: cap.1, p.1-15, 1975.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

DARKINS, A. W.; FROMKIN, V. A. & BENSON, D. F. A characterization of the prosodic loss in Parkinson's disease. *Brain and Language*, v.34, p.315-327, 1988.

De BLESER, R. & OPEC, K. Análisis of prosody in the spontaneous speech of patients with cv-recurring utterances. *Cortex*, v.21, p.405-416, 1985.

EAGLETON, T. *Marx e a liberdade*. Trad. Marcos B. de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

EMMOREY, K. D. The neurological substrates for prosodic aspects of speech. *Brain and Language*, v.30(2), p.305-320, march, 1987.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, A. T. & BASILIO, M. (Org.) *Gramática do Português falado: estudos descritivos.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996a. v.4, p.473-508.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: KATO, M. (Org.) *Gramática do Português falado: convergências*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996b. v.5, p.355-66.

FERREIRA, A. M. C. A linguagem originária e o silêncio. *Discurso: revista do departamento de Filosofia da USP, v.30, p.101-130, 1999.*

FREITAS, M. S. Alterações Fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado, 1997. p.11-57.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETTI, D. (Org) 2ª. edição. *Análise de Textos Orais*, v.1, p.55-79, 1995.

GOLDMAN-EISLER, F. On the variability of the speed of talking and on its relation to the length of utterances in conversation. *British Journal of Psychology*, v. 45, p.94-107, 1954.

GOLDMAN-EISLER, F. Speech production and predictability of words in context. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v.10, p.96-106, 1958a.

GOLDMAN-EISLER, F. The precictabily of words in context and the length of pauses in speech. *Language and Speech*, v.1, p.226-231, 1958b.

GOLDMAN-EISLER, F. A comparative Study of two Hesitation phenomena. *Language and Speech*, v.4(1), p.19-27, jan/march, 1961.

GOLDMAN-EISLER, F. Temporal patterns of cognitive activity and breath control in speech. *Language and Speech*, v.8, p.236-242, 1965.

GOLDMAN-EISLER, F. Psychological mechanism of speech production as studied the analysis of simultaneous translation. In: BUTTERWORTH, B. *Language and production: speech and talk.* London: Academic Press, part.6, p.143-153, 1980.

HAMMEN, V. L.; YORKSTON, K. M. & MINIFIE, F. D. Effects of temporal alterations on speech intelligibility in parkinsonian dysarthria. *Journal of Speech and Hearing Research*, v.37, p.244-253, april, 1994.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

HENDERSON, A.; GOLDMAN-EISLER, F. & SKARBEK, A. Temporal patterns of cognitive activity and breath control in speech. *Language and Speech*, v.8(4), p.237-243, oct/dec, 1965.

HENDERSON, A.; GOLDMAN-EISLER, F. & SKARBEK, A. Sequential temporal patterns in spontaneous speech. *Language and Speech*, v.9(4), p.207-217, sept/dec, 1966.

HILGERT, J. G. Problemas de formulação. *Estudos Lingüísticos XXI* (Franca), v.2, p. 823-829, 1992.

HILGERT, J. G. Esboço de uma fundamentação teórica para estudo das atividades de formulação textual. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: as abordagens.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v.3, p.99-115.

HIRD, K. & KIRSNER, K. Dysprosody following acquire neurogenic impairment. *Brain and Language*, v.45, p.46-60, 1993.

IANSEK, R. Key points in the management of Parkinson's disease. *Australian Family Physician*, v.28(9), p.897-901, September, 1999.

ILLES, J.; METTER, E. J.; HANSON, W. R. & IRITANI, S. Language production in Parkinson's disease: acoustic and linguistic consideration. *Brain and Language*, v.33(1), p.146-160, january, 1988.

JONES, D. L.; PHILLIPS, J.G.; BRADSHAW, J. L.; *et al*. Impairment in bilateral alternating movements in Parkinson's disease? *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v.55, p.503-6, 1992.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

JUBRAN, C. C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: as abordagens.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993a. v.3, p.61-73.

JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; KOCH, I.G.V.; *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português falado: níveis de análise lingüística.* 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993b. v.2, p.359-97.

KAGAN, A. & ALING, M. M. *Uma introdução à afasiologia de Luria: teoria e aplicação.* Trad. PITA, D. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KATSIKITIS, M. & PILOWSKY, I. A controlled quantitative study of facial expression in Parkinson's disease and depression. *The Journal Nervous and Mental Disease*, v.179(11), p. 683-88, 1991.

KENT, R. D. & READ, C. *The acoustic analysis of speech.* San Diego, California: McNaughton & Gunn, 1992. cap.1,2,3,4.

KENT, R. D. & ROSENBEK, J. C. Prosodic disturbance and neurologic lesion. *Brain and Language*, v.15, p.259-291, 1982.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem.* 5ª. edição. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: a ordem.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990. v.1, p.144-84.

KOCH, I. G. V.; SILVA, M. C. P. S. Atividade de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A. T. & BASILIO, M. (Org.) *Gramática do*

unesp

Português falado: estudos descritivos. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. v.4, p.379-410.

LAMÔNICA, D. A. C. Distúrbios da comunicação em pacientes portadores da doença de Parkinson. *Revista Mimesis*-EDUSC, v.18(1), p.109-118, 1997.

LAY, C. H. & PAVIO, A. The effects of task difficulty and anxiety on hesitations in speech. *Canadian Journal of Behavioral Science*, v.1, p.25-37, 1969.

LEBRUN, Y. Avaliação da afasia. In: *Tratado de Afasia*. São Paulo: Panamed Editorial, 1983. p.95-105.

Le DORZE, G.; DIONEA, L.; RYALLS, J.; JULIEN, M. & OUELLET, L. The effects of speech and language therapy for a case of dysarthria associated with Parkinson's disease. *European Journal of Disorders of Communication*, v.27, p.313-324, 1992.

LEMOS, D. C. H. *Disartria.* 2ª. edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

LEWITT, P. Micrographia as a focal sign of neurological disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*,v.46 (12), p.1152-3, Dec, 1983.

LIEBERMAN, P.; KAKO, E.; FRIEDMAN, J. *et al*. Speech production syntax comprehension, and cognitive deficits in Parkinson's disease. *Brain and Language*, v. 43, p. 169-189, 1992.

LIMA, S. S. P.; QUAGLIATO, E. M. CAGLIARI, L. C. *et al*. Linguagem e isolamento no mal de Parkinson. *Revista Brasileira de Fonoaudiologia*, ano1, n.2, p. 5-13, 1997.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

LIMONGI, J. C. P. *Conhecendo melhor a doença de Parkinson: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia*. Sem Editora e s/d.

LURIA, A. R. A organização cerebral da atividade verbal. Patologia da enunciação. In: *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Lúria*. Trad. Diana M. Lichtenstein [et al]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. cap.15, p.212-235.

LURIA, A. R. O cérebro e os processos psíquicos. In: *Curso de psicologia geral: introdução evolucionista à psicologia*.Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira , 1991. Vol. I, cap.4, p.85-115.

McNAMARA, P.; OBLER, L. K; AU, R. *et al*. Speech monitoring skills in Alzheimer's disease, Parkinson's disease and normal aging. *Brain and Language*, v. 42, p.38-51, 1992.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do Português Falado: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 1999. v.7, p.159-194.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001. pp.15-43.

MARSDEN, C. D. Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v.57 (6), p.672-81, Jun, 1994.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

MATTHEWS, C. G.; HAALAND, K. Y. The effect of symptom duration on cognitive and motor performance in parkinsonism. *Neurology*, v.29, p.951-56, july, 1979.

MORAES, J. A. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.25, p.101-111, jul/dez, 1993.

MORATO, E. M. A pesquisa em neurolingüística: problemas e perspectivas. *Estudos Lingüísticos XXVI* (Taubaté), p.300-327, 1997.

MORATO, E. M. & FREITAS, M. S. Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolingüístico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.25, p.161-173, jul/dez, 1993.

MURDOCH, B. E.; CHENERY, H. J.; BOWLER, S.; INGRAM, J. C. L. Respiratory function in Parkinson's disease subjects exhibiting a perceptible speech deficts: a kinematic and spirometric analysis. *Journal of Speech and Hearing Disorder*, v.54, p.610-626, November, 1989.

NOVAES-PINTO, R. A linguagem como atividade constitutiva do sujeito e a contribuição de conceitos bakhtinianos para o estudo discursivo das categorias clínicas. In: *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínica*. Tese de doutorado. Campinas, 1999. pp.147-175.

PRATHER, P.; ZURIF, E.; STERN, C. & ROSEN, T. J. Slowed lexical access in nonfluent aphasia: a case study. *Brain and Language*, 43, p.336-348, 1992.

PRETTI, D. & URBANO, H. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1988.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

REICH, S. S. Significance of pauses for speech perception. *Journal of Psycholinguistic Research*, v.9(4), p.379-389, 1980.

ROCHESTER, S. R. The significance of pauses in spontaneous speech. *Journal of Psycholinguistics Research*, v.2(1), p.51-81, 1973.

SAFFRAN, E. M.; SCHWARTZ, M. F.; MARIN, O. S. M. Evidence from aphasia: isolating the components of a production model. In: BUTTERWORTH, B. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press. vol.1, p.221-241, 1980.

SALOMON, N. P. & HIXON, T. J. Speech breathing in Parkinson's disease. *Journal of Speech and Hearing Research*, v.36, p.294-310, april, 1993.

SARRÓ, E. T. Doenças Neurodegenerativas do Sistema Nervoso Central. In: FARRERAS, V. P. & ROZMAN, C. (Org). *Medicina Interna-tomo III.* Editora Guanabara Koogan. 10ª. edição, 1982. p.1334-1347.

SCARPA, E. M. Desenvolvimento da entonação e a organização da fala inicial. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.14, p.65-84, jan/jun., 1988.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.29, p.163-184, jul/dez, 1995.

SCHENKEIN, J. A taxonomy form repeating action sequences in natural conversation. In: BUTTERWORTH, B. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, part.2, p.21-47, 1980.

SCLIAR-CABRAL, L. & RODRIGUES, B. B. Discrepância entre a pontuação e as pausas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.26, p.63-77, jan/jun., 1994.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

SHAPIRO, B. & DANLY, M. The role of the right hemisphere en the control of speech prosody in prepositional and affective contexts. *Brain and Language*, v.25(1), p.19-36, may, 1985.

SHIPLEY-BROWN, F.; DINGWALL, W. O.; BERLIN, C. I.; YENI-KOMSHIAN, G. *et al.* Hemispheric processing of affective and linguistic intonation contourns in normal subjects. *Brain and Language*, v.33(1), p.16-26, january, 1988.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. G. V. A dimensão ilocutória. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: as abordagens.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v.3, p.19-29.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. G. V. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, M. (Org.) *Gramática do Português falado: convergências.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. v.5, p.327-38.

SWERTS, M. Filled pauses as markers of discourse struture. *Journal of Pragmatics*, v.30(4), p.485-496, octuber, 1998.

TASHIRO, K.; MATSUMOTO, A.; HAMADA, T.; MORIWAKA, F. The aetiology of mirror writing: a new hypothesis. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v.50 (12), p.1572-8, Dec, 1987.

TEULINGS, H. L.; CONTRERAS-VIDAL, J.; STELMACH, G. E., *et al.* Parkinsonism reduces coordenation of fingers, wrist, and arm in fine motor control. *Experimental Neurology*, v.146 (1), p.159-70, Jul, 1997.

URBANO, H. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: as abordagens.* Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v.III, p.75-97.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

URBANO, H. Variedades de planejamento no texto falado e no escrito. *Estudo de língua falada: variações e confrontos*. PRETTI, D. (org). v.3, p.131-151,1999.

VOLKMANN, J.; HEFTER, H.; LANGE, H. W. & FREUND, H. J. Impairment of temporal organization of speech in basal ganglia diseases. *Brain and Language*, v.43, p.386-399, 1992.

ZANIBONI, L. F. Escrita e oralidade na produção escrita de sujeitos parkinsonianos. *XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos*, Marília, p.361-362, 2001.

unesp

ZANIBONI, L. F. *The assessing of pauses during the discoursive activity of subjects with Parkinson's Disease* São José do Rio Preto, 2002. 226p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

ABSTRACT

Parkinson's disease is a progressive neurodegenerative disease which attacks basal ganglia. Research on the disease is centered in motor aspects, including those of speaking. In this study, however, a comparisson between spontaneous conversation of two subjects with parkinson disease and two subjects with any kind of neurologic lesion (control subjects) was made, pauses at the beginning of a discoursive turn being the primordial focus. The recording and digitalization of the conversation of these subjects were made in order to highlight the acoustic features (silence/noise as well as duration) of the pauses. It was observed that pauses: a) occur in a higher number in parkinsonians than in the controls; b) have a greater duration in parkinsonians than in the controls; c) appear in a filled, mixed and silent form in parkinsonians yet they are always silent in the controls; d) appear in the parkinsonians as well as in the controls with a strong connection to the discoursive structure of the verbal activity, for example with the type of dialogical pairs that organize the conversation. The difference between the discoursive activity of the parkinsonians and the controls is, therefore, the higher number of occurences of initial pauses and acoustic features of these pauses. This difference may be understood not as a consequence of (motor) difficulties of speaking in parkinsonians but as an alternative process of enunciation to which parkinsonians should ask for help to keep the effectiveness of the dialogical activity.

Keywords: Parkinson's disease; pause, discourse.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

ANEXO I

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 13 de março de 2002.

LILIAN FÁTIMA ZANIBONI

unesp

ANEXO I

SUJEITO COM DOENÇA DE PARKINSON

(parkinsoniano 1)

unesp

Sujeito <u>com</u> lesão neurológica 1 – P1

Legenda:

C. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;

L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com C.;

G. é a esposa de C. que participa da gravação da conversa espontânea;

A. é o ajudante de L. para a realização da gravação da conversa espontânea;

J. é a neta de C. que participa da gravação da conversa espontânea;

V. é o neto de C. que participa da gravação da conversa espontânea;

F. é a filha de C. que participa da gravação da conversa espontânea.

Transcrição

C. eu fui::: pra reserva como coronel ++ eu sou coronel ++ da reserva
L. da reserva?
C. da reserva ((vozeamento gutural)) + depois eu resolvi ++ passá pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ o o: problema meu + problema grave
L. [ah:: tá]
é::: é Parkinson ++ tive Parkinson há::: ++ dez anos + é muito difícil + tem que tá com a cabeça boa + se não eu não agüenta não
L. não?
C. não ((vozeamento gutural)) se não tivé bem:: ++ bem:: orientado ++ o Parkinson é uma doença doença::: ++ implacável ++ não deixa ((disfluência)) não deixa a gente pensá + incrível
L. não deixa?
C. não deixa + a gente pensá ((só fica pensando na doença))
L. o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?
C. leio eu eu sô::: sócio do:: Brasil Parkinso ++ me mandam::: muito boa: ++ ah:: ah:: são boletins ++ muito bem explicativos dá pra gente tê uma idéia ++ sabe que o Parkinso foi detectado + por um médico né?
L. por um médico? (...)
C. por um médico + ele ((disfluência)) testô a doença nele mesmo
L. como ele chama?
C. Parkinson
L. a pessoa que descobriu? o próprio médico? (...)
C. [o próprio médico +
L. da onde ele é?
C. + eh:: (0.94) acho que é da Inglaterra se eu num me engano

unesp

L. o senhor já o senhor já conseguiu vê nesses boletins quanto tempo faz que descobriram a + a doença?
C. ah: foi em mil oitocentos e pouco +
L. quantas revistas o senhor já leu?
C. + (1.33) sobre o assunto?
L. é
C. + (0.83) ah várias + (assunto a base de) parkisoniano ++ tem parkisoniano qui::: se aprofunda:: (na:: na) no assunto né
L. dizem que é a melhor maneira de:: + de lidá com a doença é estudá sobre ela
C. (vozeamento gutural) (0.85) conhecê:: a::: + eu sei eu tenho uma idéia muito bem:: + bem formada ++ porque:: ++ num é tão difícil num é complicado num é ++ difícil:: a informação é:: simples ++ é uma enzima + que faz falta no cérebro +
L. [isso]
e::: essa enzima:: dizem que:: treme né? + num sei eu tô tomando um remédio muito bom ++ num tenho tremido muito
L. o senhor toma algum medicamento?
C. tomo:: seis medicamento + (parkinso) (...)
L. [seis medicamento?
C. + (0.67) misturado com a diabete ++ tenho diabete também pra acompanhá
L. nossa + mas faz o regime certinho?
C. faz ++ tem que fazê né? ++ há uns anos atrás (essa mão tremia que) num podia pará + de jeito nenhum ++ mas:: vamos tocando devagar (...)
L. depois do medicamento que parô + o tremor?
C. + (1.57) é + (um determinado medicamento) + tem o médico que me acompanha ++ de vez em quando vai lá ele faz a verificação do remédio ++ ele é
L. [ah tá]
muito bom (o tratamento do médico)
L. qual o nome do médico?
C. + (0.77) Melgis
L. ah o doutor Melgis? ((ruído de cadeira arrastando)) ele é muito::+ ele foi meu professor
C. foi seu professor?
L. foi + enquanto professor ele era muito bom + agora médico + atuação clínica eu num:: num pude conhecê
C. é bom ++ é bom ((distorção)) trata com amizade + médico tem que sê amigo do:: ++ cliente +++ (...)
L. e hoje em dia é (...)
C. [paciente
L. hoje em dia é difícil
C. + (0.72) difícil mas tem que sê assim ++ a gente pegô amizade ++ (domingo almoçando no Hardiuim) ++ ele tava do outro lado da rua falô <oh seu Nabuco comé que tá aquela força que num sei o que> ++ (distorção) + bom dia ++ Fernanda +
((a neta de C. chega na sala onde está sendo feira a gravação))
L. Fernanda ela é? ((voltando-se para a neta de C.))
C. você é Fernanda não? ((voltando-se para L.))

L. não eu sô Lilian
C. preciso falá umas duas três vezes pra lembrá
L. Li-lian
C. + (1.69) (vocês::) mora aqui em Marília?
L. não ô seu Célio eu moro em São José do Rio Preto + lembra que eu falei pro
C. [ah:]
senhor? + eu moro em São José do Rio Preto (...)
C. [ah:] [eu tenho uma memória horrível viu?
L. tem?
C. + (1.20) pra certas coisas eu sô bom agora outras coisa ++ passado da família isso aí eu sô bom ++ (mas as coisa recente) num dá certo não
L. não?
C. não
L. lembra eu sô de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?
C. conheço
L. conhece?
C. conheço
L. que que o senhor foi fazê por lá?
C. + (1.33) nós tamo falando de que cidade mesmo?
L. São José do Rio Preto
C. eu f: eu fui jogá uma vez lá jogá vôlei
L. o senhor jogava volei?
C. jogava vôlei basquete ++ nadava ++ era:: seleção da academia
L. da academia militar?
C. academi::a Barro Branco ++ Gerseí ++ (aqui) ++
L. [ah:]
((C. faz pausa para ascender o cigarro))
C. São José do Rio Preto é uma cidade boa hein?
L. quente
C. quente ((murmúrio))
L. bem mais quente que Marília
C. bem mais quente que Marília?
L. mais quente ++ lá em Rio Preto a gente saiu + tava: tava mormaço cerca de vinte e oito trinta graus + aqui em Maríla deve tá: com quanto?
C. num sei num tenho idéia
L. não? + quanto tempo faz que o senhor num num faz uma atividade física um esporte?
C. + (0.72) ah faz uns dez anos +
L. num quis fazê mais?
C. ah num tive condições né +
L. por quê?
C. + (1.60) por causa do Parkinson
L. mas aí que o senhor deveria fazê
C. (mas aí é) outro tipo (de:: de esporte da pessoa é) recomendado
L. ah: tá + o senhor faz fisioterapia?

unesp

C. [faço fisioterapia faço fono aqui em casa
L. a fono vem aqui?
C. vem aqui
L. quem que é a fono do senhor agora?
C. a fono é:: Gisele
L. ah é a Gisele + ela trabalha em Rio Preto também
C. trabalha?
L. ela dá aula na faculdade de fono lá em Rio Preto
C. + eh::: (2.12) esqueci o lugar aqui ++ pertence a uma + (coligação chamada PAS) + IAPAS
L. ah: o IAPAS
C. [((murmúrio))]
((filha de C. passa pela sala))
C. minha filha + mais nova
F. pai o senhor num apagô o cigarro
C. + (1.14) chegô a polícia já +++
L. [((risos))] + por que polícia?
C. + (1.07) fica::: (policiando o passo) da gente
L. não ela só orientô o senhor
C. + (1.36) ela tá com a neném no hospital
L. ah: é filhinha dela?
C. filhinha dela ++
L. como que ela chama essa filha do senhor?
C. + (1.02) a filha Claúdia
L. Claúdia?
C. Claúdia
L. e a netinha?
C. a netinha:: chama:: Estela
L. como?
C. Estela
L. Estela?
C. e essa que tava rondando aqui que eu chamei ++ é:: Júlia
L. Júlia? e o menino?
C. + (0.78) o menino é:: ++ Vitor
L. Vitor? ++ qual que é o mais arteiro?
C. o mais arteiro acho que é a:: Júlia
L. é a Júlia? é a mais nova?
C. mais nova não é a do meio
L. a do meio? + então é o Vitor + é o mais velho?
C. é o mais velho
L. a Júlia (...)
C. [Júlia + e a Estela
L [e a Estela] + eles já vão na escolinha?
C. já vão
L. já?
C. já

L. o senhor ajuda eles fazerem a lição de casa?
C. eu num ajudo nada
L. por quê?
C. + (0.87) porque eu num tenho jeito pra coisa ++
L. e que que é tê jeito pra coisa?
C. + (0.52) pra mim num complicá ++ primeiro lugar né
L. não complicá?
C. cê gosta né? ((voltando-se para A.))
L. ((risos)) ++ não é uma boa resposta do senhor
C. ((vozeamento gutural))
L. ô seu Célio além da revista de Parkinson que o senhor lê + o senhor gosta de lê alguma outra coisa?
C. eu tenho problema de:: visão dupla + por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas quando eu vô assisti televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo num
L. [ah tá]
é num faz parte do Parkinson ++ mas é desagradável a visão dupla
L. é por causa da diabete num é?
C. da diabete acho
((a neta de C. passa correndo e gargalhando))
L. dizem que é::: que é por causa da diabete que acontece essa alteração ++ na visão mas eu também sô leiga eu num ++ num sei dizê ++ pode vim aqui Vitor ++ chama o Vitor pra vim aqui
C. Vitor
F. Vi
C. vem co vovô aqui
F. num tá filmano ainda filho ((riso))
C. {Vitor + a moça qué:: sabê + (de você na escola) ++ vem aqui co vovô + ele é muito tímido +
L. ele é tímido?
C. tímido
L. ele tem cara que é arteiro
C. + a:: (1.17) arteiro pode sê tímido né
L. pode?
C. pode
L. faz a arte debaixo de um quieto
C. isso é isso mesmo
L. e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia ou não?
J. [o vô o Vi já foi trocá de roupa já]
C. (vozeamento gutural) + (1.31) eu morei ++ eu morei eu morei na:: ++ numa casa ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ isso::: provocô +
L. [em Jundiaí?]
minha aptidão para o ginásio de esporte não que eu seja craque + eu era estrela um pouco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de

calção ++ nadando jogando basquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? + depois fui para escola mi: militar ++ e::: me dei bem no esporte ++
L. e quando o senhor decidiu entrá pra academia?
C. + ah:: (1.96) eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazê um serviço na casa dele ele falô pô cê tá fazendo o que? ++ tô no ginásio ++ num qué entrá pra academia da força pública? era força pública ++ vô pensá em casa meu pai + qué que seja militar mas militar profissional + porque
L. [ãhã]
eles pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a primeira vez fui reprovado+ na segunda vez eu
L. [ah::]
falei agora eu vô pra entrá + de noite de dia ++ o sistema era bem rigoroso (...)
L. até hoje né?
C. + eh::: (0.88) muito procurado né + e fui lá e faturei
L. [ãhã]
L. olha só
C. + (1.78) lá:: em Sorocaba ++ três eh::: foi + aprovado ++ e aí eu comecei carreira
L. e gostô da carreira que o senhor escolheu?
C. ah: eu podia escolhê melhor ++ eu queria coisa melhor +++ minha voz tá melhorando
L. tá? + o senhor qué fazê algum exercício pra melhorá a voz ou não?
C. não agora não
L. não?
C. não não não
L. a pequininha tá aí atrás ó
C. + (1.06) a Júlia? + Júlia vem cá conversá com o vovô + essa aqui é a menina
J. [((risos))]
mais arteira do Brasil porque eu num conheço outros países ++ ela chegô aqui um dia que uma médica veio me visitá e eu tava com a médica na outra sala ++ aí ela::: chegô e falô + você é médica? + médico? você é médico? ela falô sô sô médico do seu seu avô + quantos anos você tem? aí ela olhô pra mim eu falei vai
F. [pronto Vitor pode ir ((sobreposição de vozes))]
lá falô quarenta ++ aí ela olhô falô quarenta e quatro ano pu:::xa ++ mas é arteira demais viu? imagina a situação ++ cê imagina a situação da médica ãh
L. deve tê ficado constrangida
C. ah:: + (1.16) não pode menti quarenta e quatro
F. pronto agora ele diz que já lavô o rosto
L. então fala um bom dia pra todo mundo pro seu avô
V. [bom dia]
C. {bom dia ++ ele é amigão do vovô
A. {bom dia
L. amigão do vô? + cê cuida bem dele? ((voltando-se para V.))
C. ontem quase que derrubô vovô hein?
F. ceis quase caíram né
G. {vem cá Ju

unesp

C. + (1.49) ontem ele chegô toda vez que chega ele pega na mão né? + pega no
L. [ãh]
braço + eu tava na copa ele pegô na minha mão puxô eu caí + logo tava a:: Júlia ++ e pur trás veio a mãe né? ++ foi assim Vitor? a mamãe veio por trás né +
V. [ãhã]
((toca o telefone))
L. mas o senhor machucô?
C. não mas quase caí (encostei a:::)
L. ah quase caiu
C. também eu eu um um ou ou dois tombo por semana
L. minha nossa
C. (vozeamento gutural): (1.24) num tem jeito
L. mas o senhor tropeça?
C. + (0.74) perde o perde o:: sentido perde o::: prumo ++ dá um desequilíbrio (...)
L. [ah::] [ah tá
+ mais tem que + vai sempre segurando na parede num é melhor?
C. é:: e no quarto tudo tem tubo ((vozeamento gutural)) aqui onde nós tamo ++ eu ando aqui em último caso a:::qui num tem ++pegador + (num sei o:: /distorção/
L. [ãhã]
num sei o que que eu faço)
L. se o senhor usasse uma bengala alguma coisa assim
C. eu tenho:: andador
J. [ele tem uma bengala]
L. tem?
C. + (1.93) eu tenho uma bengala mas bengala eu num gosto
G. {vamo saí com a vovó
L. não?
C. de:: andador ++ ((olha em direção à esposa))
G. abomina
L./J .((risos))
C. {((sobreposição de vozes))
G. {deixa eu só falá uma coisa pra você a voz dele quando ele canta + parece outra pessoa
L. jura? + que música o senhor gosta de cantá seu Célio?
C. música:: ++ música:: ++ que música que eu gosto? ((voltando-se para a esposa))
((enquanto G., L. e F. continuam conversando, C. faz uma pausa longa, sem atenção ao que está sendo dialogado, como que buscando recordar alguma música para cantar))
G. é ele ele gosta de música popular algumas músicas antigas e ele canta hino de igreja
L. ah:: que legal
C. + ah:: (0.75) (...)
G. [e a hora que ele canta sabe igual gago que a pessoa gaga quando tá cantando num gagueja nada ? + e a voz dele fica super forte
L. o senhor num qué cantá alguma coisa pra gente ouvi?

unesp

C. acho que não
L. por quê?
G. acho que não ((risos)) + depois cê canta mais tarde num é melhor eu sai com as crianças?
L. não fica a vontade num precisa + se preocupá
G. canta o pendão real ++ canta
L. nem que for um trecho
G. é importante pra eles ++ vem aqui Vitor
((toca o telefone))
L. vai que o senhor fica famoso tá sendo filmado e tudo ++ já pensô?
C. [ah:]
((som de criança tossindo))
C. + (3.49) vamo lá vai
L. então vai eu num num sei como é que é a música
C. ah cê num vai sabê ((C. pigarreia antes de cantar)) ++ "um pendão real ((distorção)) retornou ao rei a vós soldados te::us + corajoso foi em tudo defender marchando para o cé ++ epa + o valor sem temor conquista o pão ((distorção)) + bem alto erguei o seu pendão firme sempre até morrer" fim
L. que bonito ++ e o senhor treina sempre a cantá ou não?
C. ah::: (1.02) quando:: fazia: fono: ((vozeamento gutural)) (...)
((J. mexe no microfone da gravação))
L. viu só depois que o senhor que o senhor cantô a voz ficô mais limpa
G. ele tirô muito alto né mas canta otimamente [((sobreposição de vozes)) tanto é
J. [já cantô]
que eu dei esse aparelhinho pra ele de Natal /vem pra cá Ju/ eu dei esse aparelho
L. [NÃO num faz isso] ((voltando-se para J. que mexia nos equipamentos de gravação))
de na eh:::de natal de presente pra ele pra ele ouvi + e cantá junto mas ele tem
L. [que bacana]
cantado pouco qué que eu tire as crianças daqui?
L. não deixa eles aqui deixa a vontade num precisa se preocupá
G. vamo a vovó vai saí vamo com a vovó dá uma volta? + vamo? + vamo sim pega a
J. [vocêtambém + mãe o Vitor num qué ir mãe vai (a pé) então ((J. fala gritando))
bolsa da vovó
G. então vamo nós dois nós duas vamo?
C. (vocês tiveram uma mostra da) porcaria que eu faço
L. como?
C. cantado mal cantado é uma grande porcaria
L. por quê?
C. ah porque:: tem a:: questão da::: afinação tem:: + a questão da:: do volume
L. não mas tá bonito ficô bonito o senhor cantando
C. + (0.82) acha?
L. eu achei
C. vê se:: arruma uma: uma um:: contrato pra mim
L. ((risos)) só se eu for a empresária se não não

unesp

C. + (1.14) ela parece a Maitê Proença né? (...)
L. acha que eu sô bonita daquele jeito?
C. + (0.95) bonita
L. nã::o:: (...)
C. cê sabe que eh::: o pai dela matô a mãe na faca?
L. que horror
C. + eh::: (1.36) faz muito tempo isso ele era promotor + tô tô:: meio cansado (...)
L. o senhor qué pará? se o senhor quisé pará a gente para
C. [não não não não]
C. + eh:: (2.02) o pai era promotor e matô a:: ela era menina + o pai matô a faca +
L. [que horror]
L. a troco de que?
C. em Campinas ++ dizem que foi crimi:: ++ como é que é? é::: romântico né?
L. passional?
C. passional + exatamente
L. acha que paixão é essa?
C. ((sobreposição de vozes))
L. {paixão que ++ paixão que mata num é paixão é?
C. de jeito nenhum (não é sadio)
L. ex: exatamente (sai do juízo) ++ que horror
C. mas você parece com ela ++ num parece? ((voltando-se a A))
L. a Maitê Proença? (...)
C. num parece? ((voltando-se para A.))
A. oi ? parece com quem?
L. com a Maitê Proença
C. {com a Maitê Proença
A. é por causa do cabelo que ela cortô
L. + eu cortei o cabelo igual o dela
C. ah é?
L. meu cabelo era maior que o da Gisele ++ aí eu cortei ++ igual o da Maitê Proença + qué vê? ((L. solta o cabelo))
C. [ah:] ((C. faz pausa esperando L. soltar o cabelo)) + tá igualzinho
L. ((risos)) + a Maitê Proença é uma das mulheres mais bonitas do Brasil
C. e daí?
L. imagina que eu chego aos ++ num passo nem perto
C. + (1.58) num acho isso não +
L. num acha não? ((risos))
C. + (0.71) eu acho você muito bonita
L. obrigada seu Célio ++ escuta o senhor já tá cansado + o senhor qué pará?
C. absolutamente
L. o senhor qué lembrá uma outra música e cantá? +++ pode sê uma:: ++ uma música popular ++ então algum hino da igreja mesmo ++ é igreja que diz?
C. igreja + congregação
L. congregação
C. + (4.08)
L. nenhuma mais?

unesp

C. não (já já dei) vexame já
L. que vexame nada ++ isso quem vai vê sô eu + o Lourenço + provavelmente a Juliana + mais + ninguém ++ então:: o senhor fica a vontade + o Lourenço o senhor conhece num conhece?
C. conheço bem
L. a Juliana é lá da clínica + é aluna da faculdade ++ o senhor conhece?
C. conheço
L. eu o senhor tá conhecendo agora + então:: + canta mais uma
C. + (1.51) "only you::" ((só pôde ser compreendido "only you")) ô ô only you::
L. [quero ver agora] [bravo]
(and make) e você:: atrapalhô
L. ((palmas))]
L. ((risos)) essa o senhor me passô o tapete
C. (cê:: bateu palma então::) + me atrapalhô
L. ((risos)) desculpa é que eu fiquei emocionada
C. ah:: (1.11) brio-brincadeira tem limite hein?
L. não eu num imaginei que o senhor fosse cantá essa música ++ é uma das músicas que eu mais gosto + te juro + tô:: to arrepiada ++ muito bonita
C. [a é?]
C. (os Platers)
L. ãh?
C. (os Platers os cantores é os Platers) (...)
L. [não fiquei fiquei emocionada foi isso ++ desculpa
C. ãh:
L. escuta + conta pra mim o senhor é amigo do seu Jurandir?
C. demais
L. é?
C. + ((vozeamento gutural)) (0.85) quero ele muito bem
L. ele vem sempre aqui ou não?
C. e::o:: (1.39) vem vem pouco aqui ++ ele tem:: dificuldade também de locomoção né
L. como?
C. ele tem dificuldade de locomoção também
L. ah tá
C. + (0.85) ele veio aqui um dia pegô no no andador fico andando na casa inteira
L. [((risos))]
+ (gozado) viu + eu num suporto:: aquele andador
L. por que não?
C. ah:: (1.83) é chato eu eu num tenho (paciência) pra ++ pra andá com ele
L. pra comê o senhor tá sentindo alguma dificuldade ou não? (...)
C. [não nada
L. eu conheci um senhor com Parkinson + que num consegue + segurá o garfo ou a colher
C. manejá o garfo
L. isso + ele ele segura com as duas mãos + pra podê comê + o senhor é:: o senhor num tem esse tipo de dificuldade?

unesp

C. não num tenho
L. o tremor foi controlado todinho com o remédio?
C. foi controlado (olha aqui o::) ((C. estica os braços mostrando o tremor à L.))
L. qual remédio que é?
C. eu tomo (Tegretol) ((C. permanece com os braços esticados))
L. + mas é muito pouco + o senhor lembra o:: os nome dos remédio ou não?
C. [(tremo um pouquinho)]
C. ah::: (1.23) a:gora num vô lembrá (Tegretol Frontal + Tegretol Frontal ah::) sô ruim de lembrá
L. o Sinemet o senhor toma?
C. não ++ (distorção) que mais + se eu num olhá escrito) é difícil de gravá sabe
L. ué então não tem problema eu perguntei porque cada um toma um tipo de
C. [eh::]
remédio né então era:: mais pra eu sabê
C. (ah:: carbohitro) + e pra dormir (neurohil)
L. hoje de manhã o senhor tomô qual?
C. + (1.76) tomei::: num vô lembrá porque a minha mulher é que (me dá) cedo
L. ah tá depois eu fa + pergunto pra ela aí anoto fica mais fácil
C. eu tenho eu tenho a relação eu dô pra você
L. tá bom ++ pode sê também ++ escuta a gente já tem vinte e cinco minutos de gravação + pra mim é o suficiente + o senhor prefere pará e a gente escreve alguma coisa + ou o senhor qué continuá conversando?
C. + (0.97) continuá conversando
L. qué continuá conversando? + escrevê o senhor num qué escrevê nada hoje?
C. não eu::: sô ruim de escrevê viu +
L. por que o senhor diz?
J. [o vó:: ((sobreposição de vozes))]
C. + (1.21) eu num gosto muito de escrevê + às vezes uma carta um bilhete ++
L. [por que?]
às vezes: às vezes eu escrevo muito pouco
L. mas então o senhor pode escrevê isso mesmo até uma carta + ou um bilhete pro Lorenço pra eu entregá pra ele + porque ele foi buscá a Juliana e a Larissa + que
C. [ah]
é:: que é professora na faculdade + e aí o senhor escreve um bilhete pra ele
C. + (1.98) escrevo pro: pro Jurandir?
L. pro Lorenço
C. pro Lorenço
L. isso se o senhor quisé esvrevê pro seu Jurandir o Lorenço entrega pra ele
C. + é:: (1.55) (pro Jurandir e) tá resolvido
L. tá resolvido? ++ o senhor conhece seu Jurandir da onde?
C. é:: (0.50) da:: fono
L. da fono?
C. é
L. o Lorenço disse que ele vai a igreja também num vai?
C. (ele e a família) +++ Júlia vem cá ++ vem cá fica perto do vô ++ (gostoso isso né)

L. [vem aqui]
L. deve ser a coisa mais abençoada
C. (distorção)
J. tô aqui atraz i:
L. (o senhor da::) (...)
C. e isso aí é gravadora?
L. é filmadora
C. filmadora
L. o gravador é esse aqui
C. + (2.77) agora tá certinho né? + cê conhece essa moça aqui? ((voltando-se para J.))
J. [ó::uó:: ai vô bati a cabeça]
G. xi::u Júlia vem cá + Júlia
C. é uma gracinha
L. [ela é linda ++ tem uma pele linda parece um rosto de maçã + corada
C. [ah:]
G. [vem aqui]
C. + (2.05) saiu ao avô
L. oi?
C. saiu ao avô
L. só o senhor de avô?
C. saiu ao AVÔ
L. ah:: saiu ao avô o que + ((barulho forte de fundo)) ai que susto + saiu igual ao avô o senhor tá muito convencido
C. não isso é brincadeira
L. ((risos)) também tô brincando com o senhor ++ escuta vamo escrevê um pouquinho?
C. + (0.95) vamo
L. um bilhete que seja +
C. + (1.42)
L. tudo bem?
C. tudo bem
L. então tá bom

SUJEITO COM DOENÇA DE PARKINSON

(parkinsoniano 2)

unesp

Sujeito <u>com</u> lesão neurológica 2 – P2

Legenda:

J. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;

L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com J.;

E. é a esposa de J. que participa da gravação da conversa espontânea;

A. é o ajudante de L. para a realização da gravação da conversa espontânea;

T. é a terapeuta de J.;

F. é a filha de J. que participa da gravação da conversa espontânea.

Transcrição

L. seu (Jurandir) o senhor vai querê passá perfume?
E. ((risos))
J. + (3.53)
L. vai?
J. (ainda tenho de pedi pra ela)
L. ah:: tem de pedi ((risos))
E. então passa bem porque depois quando elas forem ver o filme + vão sentir + o cheiro e vai ter saudade de você ((risos))
J. + (0.65) mas é isso que eu quero
E./L./T./ J. ((risos))
L. [a:::cha
L. o senhor conheceu bastante fono lá na clínica seu Jurandir?
J. + (1.94) se eu faço?
T. se o senhor conheceu bastante fono lá
J. + (0.64) no::ssa demais ++
L. seu Jurandir tá dando problema aqui aperta stop lá Ju fazendo favor
((parada para ajuste da filmadora))
L. eu não sabia o pior é que eu não sei mexê nesse negócio não ++ por quê que o senhor tá quieto?
J. + (2.08)
L. tá olhando pra Juliana por quê?
J. + (1.62)
E. pode conversar bem ((risos))
J. + (1.21) pode conversar?
L. tá emocionado
J. + (0.59) demais
L. por quê?

unesp

J. + (2.74) com vocês qualquer um se emociona
L. ah::: que declaração
J. a bondade é muito grande
L. bondade?
J. bondade atenção ++ incentivo (...)
L. [o senhor não me viu brava
L. incentivo?
J. e acho que nem vô vê brava
L. por quê?
J. ãh?
L. por que não?
J. + (1.16) porque todos dali não são bravos
L. não?
J. não
L. a Juliana é
J. {não é não
E. {com essa carinha
T. deixa o senhor não fazê as coisa direito que o senhor vê seu Jurandir vô ficá brava
J. + ((vozeamento gutural)) (2.97) e::u vô esperá isso pra vê ((risos))
T. o senhor vai vai deixá de fazê os exercícios pra me vê brava é?
J. + (2.00) não deixá eu não deixo ++ não totalmente como deveria se f-fazê ++ mas eu procuro aproximá
T. então o senhor não vai me vê brava mesmo
J. ((risos))
L. a Juliana + se ela pudesse assim + andá com + com uma nuvem num pé e uma nuvem no outro + de tão calma assim
E. [ê beleza]
L. ela anda na mansidão + o senhor (...)
J. [(puxa vida) + é bem próprio do estado dela né? + (...)
L. da onde o senhor é?
J. [de Minas] mineira
L. a Juliana é mineira e o senhor?
J. sô de Colina
L. Colina?
J. São Paulo +
L. fica perto da onde?
J. + m:: (1.63) mais perto de Barretos ++ Bebedouro
L. ah:: a terra da laranja
J. terra da + da CUTRALE
L. é verdade e o senhor trabalhava no que lá seu Jurandir?
J. + (0.61) eu vim de lá com cinco anos de idade + fazem setenta e um que estou aqui
L. [ah:::]
L. e já e de lá o senhor veio direto pra cá?
J. direto

unesp

L. e o senhor estudô fez alguma:::?
J. + (1.51) eu sou semi-analfabeto ++ de pai e mãe ((risos))
L. de pai e mãe ((risos))
J. não foi tudo aqui + né Erminda só + fiz o primeiro grau
L. só? o senhor é um privilegiado
J. + (0.95) porque? será?
L. são poucos os que tem condição de fazê pelo menos o primeiro grau
J. + (1.60) se-será?
L. + com toda certeza sabe porque? + tem alguns outros que:: que eu + conversei
J. [ãh]
pra fazê entrevista + só o seu Célio + que pode estudá um pouquinho mais + e agora o senhor os outros não
J. ((riso)) + ((vozemento gutural)) (3.48) isso me dificultou muito a:: exercê o cargo que eu: ex-exerci +
L. exercê:?
J. o cargo que eu exerci
L. qual que é o cargo?
J. eu fui agente do IBGE ++ todo o tempo + praticamente aqui em Marília ++
L. [ah::]
trabalhei só um pouquinho em Pompéia + e Quintana + e aqui foi quase quanto? vinte e cinco anos né Erminda?
L. e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?
J. + (1.06) IBGE:: + é o que se fala sinônimo de mentira + a::: estatística
T./E. [((risos))]
L. cuidado que tá gravando hein
T./E. ((risos))
J. [está? então limpa aí ((risos))
T. [nã::o agora vai deixá ((risos))
J. ((risos)) + eh::: (2.02) estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele qué os dados (disfluência) + ele qué como que ele qué e não como é e na hora de fornecê ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ massante
L. toda vida o senhor trabalhô lá?
J. toda vida único emprego
L. no:ssa
J. + aí:: ih::: (4.29) ((distorção)) a aposentadoria:: né + não tenho saudade
L. não?
J. não nem um pouco
L. o que que o senhor faria se fosse hoje? se o senhor tivesse condição o que que o senhor faria?
J. + (1.39) eu ia montá uma firma de marceneiro
T. o senhor gosta seu Jurandir?
J. demais + eu tenho uma oficininha aí no fundo ++
L. [ah::]
L. e o senhor chegou fazê alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?

unesp

J. + (1.26) conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo ++ conserto um pouco de: eletrecidade + um pouco de encanamento
L. [ah:]
L. mas e de marcenaria mesmo?
J. + (1.90) (serv-serviço) assim o corriqueiro né +++
L. como o corriqueiro?
J. + (0.80) como o corriqueiro? + conserto um guarda-roupa + faço:: alguma peça que tem vontade de fazê
L. o senhor que fez esse banquinho aqui?
J. + (0.98) não esse aí não + coloquei essas dobrinhas aqui + tem algumas peça lá no fundo ++ vô fazê uma gaveta embaixo disso + tô com a esperança de faze né +
L. [o senhor que]
L. aonde?
J. aí aí embaixo da cama ++ quando ficá pronto eu vô te chamá pra vê
L. oh::: que eu venho
J. vem sim ((risos))
L. o senhor sabe de onde eu sou?
J. + (1.13) onde?
L. da onde eu sou
J. não sei
L. o Lourenço não disse?
J. + (0.98) de onde?
L. + o Lourenço? + não disse pro senhor de que cidade que eu que eu vim?
J. num falô
L. só pra conhecê o senhor
J.+ (1.01) verdade? ++ e você eu já conhecia
E./T./L./ ((risos))
L. conhece e não sabe (conhecer) ((risos))
J. de onde você é?
L. de São José do Rio Preto
J. num diga
L. o senhor conhece lá?
J. conheço + (...)
L. quente ou frio?
J. namorei lá
T. já morô lá?
J. namorei
L. namorô?
J. namorei ((risos))
L. por isso que ele olhô pros lados
J. foi ((risos))
T. ãh:: ((risos))
J. é você é de lá então é?
L. eu sou
J. boa cidade viu + maior que Marília
L. [lá é]

unesp

L. i::xi lá é grande + Marília não cresceu muito
J. [((vozeamento gutural))]
J. + (2.10)
T. a dona Erminda é de lá seu Jurandir?
J. é de São Paulo
T. de São Paulo?
J. + (0.97) nasceu e crio + cri:: + só saiu pra casá + + (...) e mui e muito bem
T. [como que +
T. como que f:: ((risos)) ah::: modéstia à parte muito bem (...)
J. [modéstia à parte ((risos))
L. é::: como que o senhor conheceu + a esposa do senhor?
J. + (1.91) num congresso de:: ++ ah não o irmão dela morava aqui ++ ele era
L. [ah::]
pastor ++ por sinal ele ele: ele era muito ligado à faculdade de vocês + e ele foi o autor da criação + da faculdade + ele e o prefeito da época (foram em reunião) várias vezes (tentar a) criação naquele tempo era o Juca do Alves o presidente + ele tinha muitas pessoas envolvidas + ele conseguiu a criação + (distorção) fotografia + nos anais aí deve deve deve tá o nome dele + Álvaro Simões
L. [hum-hum]
L. como?
J. Álvaro Simões
L. Álvaro Simões
J. + (1.09) e depois a gente começô querê namorá (lá) em São Paulo + nós tivemos um congresso:: lá no Mackenzi + e a portuguesa conseguiu conquistá ele ((risos)) ++
L. [hum]
L./T. ((risos)) +
L. é portuguesa?
J. ((vozeamento gutural)) (1.33) portuguesa ((risos))
L. o meu é português
J. + (2.54) num vô falá mais nada não + viu + que que o Nabuco::: não não foi o
L. [((risos))]
Nabuco não + falô foi o doutor ++ delegado ((murmúrio)) que:: <português é inteligente mesmo> ((risos)) agora eu num vô falá nada porque o pai dela o pai dela é por ::: o pai?
L. meu marido
J. + (1.12) ah eu ((murmúrio)) vi a aliança mas + pensei que fosse noiva
L. não noiva é nessa mão
J. + (0.69) ah está certo
L. eu sô recém-casada (...)
J. [ele é portuguesinho + mas você é descendente de português mas eu não sou não
L. não?
J. gostaria até de ser viu ++ ((risos))
T./L. ((risos))
L. o senhor é brincalhão né?

J. + eh::: (2.68) deveria sê como antes
L. [que]
L. como assim?
J. + (1.01) ah o Parkinson tira muito a:: a alegria da gente
L. ih::: [imagina que tira
T. [imagina
L. não tô vendo nada de desalegria aqui não
J. + (0.76) ih mas olha + ((vozeamento gutural)) (...)
L. o senhor era mais (...) do que isso?
J. [((sobreposição de vozes))]
J. no:ssa era mais (...)
L. [então o senhor era triste?
T./E. ((risos))
J. como?
L. o senhor era triste de tão alegre o senhor era TRISTE TERRÍVEL (...)
J. [demais demais me ajudô muito né a vencê isso
L. que bom + o senhor sabe alguma piada de português?
E. ((risos))
J. + (3.14) eu já ouvi muitas mas num (guardo)
L. não? eu também num sei contá piada + eu até sei a reposta mas eu num sei contá a piada ((risos))
T. eu menos ainda
J. eu tenho um primo que pra contá piada de (da de:) português eu nunca vi coisa igual + uma das que eu gostei muito que marcou mais que fala ++ <um português ++ passô numa (disfluência) padaria e perguntou onde é que ficava tal lugar + o português explicô olha o senhor vai quinhentos metro pra cá e volta mil e oitocentos cá> ((risos)) valha-me Deus ((risos)) a gente morre de ri viu porque ele
T./L./J. [((risos))]
imita o português muito bem + <então o senhor desce quinhentos metro aqui e volta mil e oitocentos> ((risos)) ele olhou pro (e falou) não entendi nada vô embora ((risos))
L. a senhora é descendente mesmo de de português?
E. [eu? os meus pais eram
L. da onde eles eram?
E. o:: papai era parece que (Vilarinhos) + né e a mamãe era de Coimbra
L. [ãh]
((J. continua conversando com T., mas a sobreposição de vozes torna o trecho incompreensível))
L. de Coimbra? minha sogra é de:: da Ilha da Madeira
E. a mamãe veio com dois anos pra cá né então ela pode ser considerada como brasileira né + aí papai veio com vinte e seis anos com vinte e sete casou com a
L. [ãhã]
portuguesinha ((risos))
L. ah tá
T. quer mais ? ((voltando-se para J.))
L. e o senhor? é descendente do que?

J. + (1.40) meus avós eram italianos ++
L. [ah::]
E. por parte de pai
J. por parte de pai de mãe:: ++ baiano + mas minha mãe diz que não tinha culpa disso ((risos))
E. ((risos))
L. ele era o que que eu não entendi?
J. [(né)] ((voltando-se para E.))
E. descendente de baiano mas a mãe dele dizia que não tinha culpa disso ((risos))
T. e o seu pai era descendente do que seu Jurandir?
J. italiano
L. Jesus amado ((risos))
J. ((risos))
E. é a (língua) das nações aqui em casa ((risos))
L. acha que pode?
E./T./J. ((risos))
L. muita maldade isso ((risos))
J. ((risos))
E. o pai dela era português + mas o:: o pai filho de português o pai dela + e a:: o lado da mãe eram:: italianos
L. e e o nome dos pais do senhor? qual era?
J. + (1.23) Antônio Pavarini
L. e da mãe?
J. + (0.83) Ema (distorção) Pavarini
L. Pavarin?
J. PavariNI
L. NI?
J. NI + gente boa viu ++
T. o senhor é modesto hein seu Jurandir
E. ((risos))
J. por parte da minha mãe agora por parte do meu pai + ((risos))
L. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como era o trabalho do senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia lá?
J. + (0.76) coleta de dados
L. na rua?
J. + (1.58) é: junto ao informante
E. licenciamento
J. + (2.24) fala + fazia de toda a toda a::: área de educação é:: agricultura + comércio + indústria ++ o que mais? ((volta-se para E.))
E. licenciamento
J. + (0.65) licenciamento era mais pra adiante ++ muito cansativo viu ++ ge geralmente quase todo funcionário de lá aposentava pirado
((som da campanhia))
L. e o senhor?
J. eu saí semi pirado ((risos))

unesp

E. ((risos))
T. semi? ((risos))
L. o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seu Célio disse que fazia::: como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor num fazia nada disso?
J. nunca +
L. nunca nunca?
J. + (1.21) nunca porque na na ++ bom na infância eu morei na na lavoura né até os:: dez anos nós chegamos aqui no aniversário ++ num estado muito difícil + foi
L. [((espirro))]
E. [saúde]
L. [que assim seja]
em sessenta e nove mais ou menos ((distorção)) dia quatro foi quando nós chegamos aqui em Marília ++ eu tinha s::eis anos de idade + com isso eu falei minha idade pra vocês
T. ((risos))
L. mas isso é segredo de estado num sai daqui
J. não sai?
L. não
J. obrigado ((risos))
L. não há de que ((risos))
J. + ih:: (2.84) nós ficamos na lavoura até::: mil novecentos e quarenta +++ fiz o curso primário ne-ne-ne nesse distrito + Avencas (...)
L. ah::: em Avencas
J. lugar bonito
L. + eu nunca fui mas dizem que é muito bonito mesmo + principalmente quando é lua cheia
J. que?
L. dizem que é muito bonito + principalmente quando é lua cheia
J. + (1.37) ((risos)) porque?
L. não sei já me falaram isso que lá é muito bonito
J. [acho::: é o::: (panorama) que tem nela + cê cê não
E. [é né]
gostou aquele dia? ((voltando-se para a esposa))
E. eu gostei
J. + ((vozeamento gutural)) (2.29) mas lá é:::
L. {cês foram lá
E. ãh? fomos passear esses dias lá
L. ah:::
J. + (0.85) lá tem o panorama muito bonito viu ++ e::: o distrito naquela época era super popu-populoso
L. qual que é a diferença de populoso e povoado?
J. + (3.53) populoso é:: su: + super povoado ++ naquela tempo naquele tempo era
L. [o senhor trabalhô no]
considerado:: é:: populoso ((sobreposição de vozes))

unesp

L. [te peguei de calça curta agora ó:: o senhor trabalhou tudo esse tempo lá no IBGE e não aprendeu?
J. + (1.19) vô vô aprendê agora
L. num vai porque eu também num sei explicá ((risos))
E./T. ((risos))
J. ((risos)) você fala
L. eu ((risos)) (...)
T. eu acho que é populoso quando é::: o número de habitantes total e povoado é o número de habitantes por quilômetro quadrado
L. tá vendo que primor de menina
E. [falô e disse
J. é porque agora pode pode ser considerado povoado lá ++ o êxodo rural foi muito grande ++ e é uma curiosidade lá a::: maior população + não a maior mas acredito que quase que noventa por cento eram japoneses + aprendemos muito com japonês viu
L. o senhor aprendeu a falá japonês?
J. + (1.05) esqueci +
T. ((risos))
J. logo aquele povo de lá
E. ((risos))
T. mas aprendeu?
J. + (1.28) eu convivia muito com japonês ++
L. o que que o senhor fazia lá na lavoura?
J. + (1.76) enganava
L. gente do céu ele não conversa sério
J. ((risos)) [meu pai que falava que eu era muito preguiçoso
T. ((risos))
L. ((risos)) o senhor não conversa sério
J. ((risos))
L. o senhor plantava + que tipo de plantação que era lá?
J. bom a principal cultura na época era + algodão ++ Marília foi a cidade que mais produziu algodão ++
L. verdade?
J. verdade
L. porque agora tudo o que o senhor fala eu tenho que confirmá porque:::
J. (ah::: (0.66) eu) conf-confirmo + eu tenho uma monografia aí eu vô te mostrá + fui eu que fiz + caprichado
T. [ah é?] [quero vê seu Jurandir]
L. uma mo mono-monografia?
J. é ++ de Maríla
L. Marília? que que o senhor conta na monografia?
J. + (1.53) bom + primeiramente a verdade né? ++ ((risos))
L. ai eu desisto desse jeito ((risos))
J. ((risos)) porque diz que es-estatística + a gente falava que era sinônimo de mentira + agora eu não menti + uma uma parte da da estatística + porque + o meu
L. [ãh]

unesp

maior sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++ isso me esgotou muito + então:: lutava contra o informante + (tem::) na hora do licenciamento o pessoal ficava brigando <por que Bauru deu mais + maior população que Marília? ++ por que Rio Preto é maior que Marília?> falava <por que? + vai lá contá + eu não sou obrigado a sabê porque foi feito o licenciamento + com o maior rigor + deu maior população + agora + porque que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque na época os vereadores não eram remunerados + eles vinham:: + me procurava + para atestá maior população + <eu não vou fazê isso não> + então a gente tinha muito atrito + entende (disfluência) o que eu falo? + a estatística só é boa pra eles quando favorece + na hora de fornecer os dados + ((vozeamento gutural)) corretos eles não não fornece + (depois de muita briga) estranhava o acordo porque:: quem mente no fim sempre aparece né ++ chegavam lá <ah eu queria o número de veículos de Marília? + ah tem sessenta mil + ah o senhor tá louco tem mais de cento e vinte mil + mas como assim? ah quem é que não vê? + mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? + Marília tem quarenta e cinco mil prédio + como é que pode ter mais de cento e cinqüenta mil veículos? é::> ++ mas era era cho-chocante viu ++ma::s eu eu cheguei lá + hoje eu não

L. [era desgastante]

tenho nenhuma vontade de (ir naquela parte) + não vô mesmo

L. o que que o senhor mais gosta de fazê hoje?

J. + (0.81) hoje? + mexê com ferramenta

L. eu ia falá assim fala verdade

J. + (0.74) verdade

L. isso é verdade? + eu pensei que que o senhor fosse falá assim <ah eu gosto de ir lá na clínica que:: gosto de (...)

T. [eu também achei ((risos)) eu tava aqui ah:::

J. não mas como:: + como primeira ocupação é mesmo + cê vê que eu quase não falto né Juliana

E. não falta

L. o senhor falta mais da fono ou na fisioterapia?

J. + (0.89) dos dois + gosto mesmo viu

E. [é mesmo]

L. não qual o senhor mais FALTA?

J. + (4.49) (acho que em quantidades iguais)

E. [em nenhum dos dois]

L. a fisioterapia o senhor faz aonde?

J. + (0.90) agora eu tô fazendo aí no asilo

L. ah:: tá

J. eu vou contá uma da da Percila

L. quem que é a Priscila?

T. Percila

L. Percila?

J. Percila + a primeira vez que ela me atendeu a segunda +

T. mas conta pra ela quem que é a Percila que ela não conhece não seu Jurandir

L. num sei quem é tô chegando hoje



J. + (1.15) verdade? eu já lhe vi aqui
T. mas ela saiu e retornô só depois seu Jurandir
L. [eu tô (...)
J. [ah foi?
L. eu tô VOLTANDO hoje
J. na verdade cê tá voltando? + de férias?
L. [é] não de férias + eu me formei + fui embora pra Rio Preto + e agora eu tô voltando pra podê estudá mas eu não vô ficá morando aqui + eu tenho que trabalhá
J. [ai que pena]
L. que pena ((risos))
T. ela vem te visitá seu Jurandir
J. verdade?
L. mais ou menos uma vez por mês eu devo passá por aqui
J. + (1.49) eu vou esperá ++ uma vez por mês né?
E. [((risos))]
L. + provavelmente só se o Lourenço tivé assim muito atarefado mas eu acho que uma vez por mês
J. + (1.68) eu tenho uma sobrinha que está::: que vai estar fazendo estágio lá
L. lá onde?
J. em Rio Preto
L. estágio em que?
J. + em::: (2.10) terapia
L. terapia?
J. é formô esse ano
L. fisioterapia?
J. fisioterapia ++
L. [ah::] ela se formô onde?
J. aqui
L. na UNIMAR?
J. é + tá contente lá viu
L. onde que é? no hospital?
J. + (0.68) no hospital ++ é num é Erminda?
E. eu não sei direito + ela foi pra trabalhá numa numa clínica eh:: chegou lá já começou arrumá outros: trabalhos né outros:: + é ela tá muito contente lá viu
L. [ai que bom]
L. que bom mas é + e como é que chama? Percila? quem é essa?
J. + (1.05) é aluna + ela ela assumiu a independência esse mês né + esse ano parece + naquele tempo ela foi me atende + ela falô <seu Jurandir onde o senhor tá fazendo fisioterapia?> + falei que tava fazendo na UNIMAR + seis anos né Erminda? + seis anos + depois a Dona Virgínia que é a supervisora aqui
E. [é]
T. como é que ela chama a supervisora?
J. a supervisora
T. como que ela chama?
J. Virgínia ++ muito boa como vocês

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

T. [Virgínia]
T. ((risos)) imagina
L. tô começando a ficá encabulada
J. ((risos))
T. eu falei pra ele que ele me deixa com vergonha
L. eu tô começando a acreditá já
J. mmas é pra acreditá mesmo + ela me convidô:: + eu e a Erminda pra vim pra cá + aí eu falei que estava aí no asilo + a Percila olhô <nossa mas o senhor é muito novo pra ficá no asilo> ((risos)) ela pensô que eu tava internado no asilo + mas foi
T./L./E. [((risos))]
(desejável/ formidável) com ela viu né Erminda? <ai desculpa seu Jurandir> ((risos)) não que eu tô velho eu sei disso
T. mas que nada ela disse que o senhor tava novo seu Jurandir e tá mesmo
J. aí depois ela falô que eu tava + eu quase acreditei
L. a velhice a velhice não tá na idade tá aqui tá aqui ó + né tem tanta gente aí nova e já com uma cabeça de:: ultrapassada + acho que o senhor ainda é muito jovem tem muita juventude ainda pra viver + tem muito baile pra ir ainda
J. será?
L. ah tem eu tô sabendo que o senhor vai de vez em quando nos baile lá no asilo
J. ((risos)) + (1.79) n-nós tivemos lá ((distorção)) + eu conheci (distorção)
L. a notícia corre
T. eu já dedei
J. ãh?
L. a notícia corre
T. [eu já dedei já]
L. gente ela trouxe o doce mesmo
T. {eu que contei
((filha de J. traz um pedaço de torta))
L. deixa pra depois a gente comê + ou o senhor qué comê agora? a gente pára
T. [é depois a gente come]
E. [não é pra elas (voltando-se para J. que queria o pedaço de torta)
F. [eu não trouxe nem pra ele eu trouxe pra vocês
J. [eu acho que eu:
L. [já aproveita e traz um pedaço pra ele
F. ah é?
L. é ele come aqui com a gente pode ser?
J. + (1.11) pode
F. pra você vê a mastigação dele?
L. é já aproveita e já vê tudo num é?
T. [é]
J. vê tudo ((risos))
L. ah já que tá aqui
E. é:: isso mesmo
T. {é mesmo
J. {ma:s:: você falô que vinha pra almoçá ou jantá
T. eu volto depois seu Jurandir não tem problema pode comê agora que eu volto

E. [pode?]
de novo depois
J. será que acabô o sorvete Erminda?
E. ã?
L./T. ((risos))
T. seu Jurandir desse jeito o senhor vai engordar a gente
J. sorvete não é comum
E. que bem?
J. o sorvete será que acabô?
E. a Norma vai buscá + mas ((sobreposição de vozes))
L. não mas só o bolo não precisava
J. não mas só a opinião + depois
E. [é que ela faz torta pra fora e ela tava fazendo um pra casa e outro pra fora
L. [ah] [nossa]
J. [eu prometi +
eu prometi pra Juliana que eu ia dar um bombom pra ela hoje ++
T. ah é? eu não tava lembrada não seu Jurandir
L. [dá o que?
J. + (2.03) um bombom
L. um bombom?
T. o senhor tá com a memória ó melhor que a minha
J. ((risos))
F. [posso por lá?
L. pode
E. ele é bomboleiro ambulante né ele::: (...)
T. eu já ganhei bombom bala
E. {é quando ele vai ele leva bombom tanto na fono quanto na fisio
L. ai meu Deus
T. que paciente bom olha só
E. ((risos))
L. o senhor não qué morá lá em Rio Preto? eu vô atendê o senhor
E. fala que <de Marília ele não sai>
F. ele vai fazê um sacrifício agora que vocês vão ver + porque ele não gosta de bolo viu
L. não?
F. não + não gosta de doce
T .{ai que pena
L. {não gosta seu Jurandir?
F. {não gosta pouco ((risos))
J. {((sobreposição de vozes)) pareço formigão
E. sorvete então minha filha
L. o senhor gosta mais de que de bolo ou de sorvete?
J. + ah: (1.12) os dois
E. os dois ((risos))
L. se pudé comê os dois o senhor come?



J. (até já contornei controlei que eu tomava muito sorvete) + agora eu vou tomá água a Juliana vai falá um pouco
T. tá gelada?
J. + (0.80) num tá
T. não?
F. vocês querem água?
T. não obrigada
E. depois do bolo elas tomam ((risos))
L. pode bebê
J. {cês querem tomá?
T. não obrigada
J. esse aqui minha:: minha filha trouxe + dos Estados Unidos no mês:: de outubro + (o que era mais prático ((distorção)) pra mim era isso)
T. prático
J. é
L. o senhor é chique hein garrafinha importada
E. ((risos))
J. pois é
L. o senhor é um luxo
J. + (1.45) não ofereço porque é anti-higiênico né
T. ((risos))
((J. pára para beber água))
J. de primeiro eu levava lá na fono esse de ((distorção)) + esse aí
L. qual?
E. aquele vidrinho pequenininho
L. aquele ali?
E. é
J. ((distorção)) + acho que foi a Ana + não não foi não + foi a Élis + eu já falei dela pra você
T. acho que não
L. como é que é nome? acho que eu::
J. + (0.58) você conheceu + Élis
L. a Élis?
J. é
L. uma bem morena?
J. + (0.62) e bonita
L. bonita?
J. muito bonita
L. + ah então eu conheci o senhor sim eu era de uma turma antes
J. num diga + conheceu eu tô falando que você lá ((disfluência))
L. quem foi a primeira fono do senhor? o senhor lembra?
J. foi a primeira
L. a Élis?
J. é
L. + ah:: então não porque quando a Élis começô a atendê eu saí da clínica ++ foi em noventa e cinco que o senhor ((sobreposição de vozes))

unesp

T. [((sobreposição de vozes))]
J. quem estava na mesma época + era oh:: Heraldo
L. ah o Heraldo é da minha turma
J. + (1.01) seu primo?
L. da nossa TURMA ele se formô comigo
J. [ah da sua turma
T. o Heraldo foi terapeuta dele
E. é
L. ah não acredito
J. + (0.62) é + ele teve aqui em casa
E. [foi]
L. o Heraldo?
J. o Heraldo + fiz amizade com ele
L. ai gente eu não posso tá tão ruim assim
E. porque?
L. de eu não lembrá eu guardo todos os pacientes eu guardo eu lembro de até + o senhor lembra do seu Antônio?
J. + (1.71) ((murmúrio))
E. {que tinha Parkinson?
L. que tinha Parkinson do olhinho azul
E. é aquele seu Antônio
J. ah sim sim
L. então eu atendi ele
J. + (1.68) não diga (...)
E. [então e nós íamos] [ah lá na fono cê atendia né?
L. é lá na clínica
E. não nós o conhecemos na fisio não foi ?
J. {(ah eu conheci)
J. ã?
E. foi na fisio que nós conhecemos seu Antônio não foi?
J. na UNIMAR
E. na UNIMAR
J. [não mas eu já conhecia seu Antônio há muitíssimo + por sinal eu fiquei muito
E. [bom eu sei + mas na época]
chateado quando eu vi ele lá na + na UNIMAR ele tava me reconhecendo e eu não tava reconhecendo ele + foi desagradável viu
L. é igual o senhor tá me reconhecendo e ((risos))
T./E./J. ((risos))
L. me perdoa
J. + (3.14) mas aí um:: dia ele falou pra mim cê eu tava fazendo fono + eu falei que não ele falô <cê não qué ir lá na:: na UNESP?> + ele já tava de cadeira de roda naquela época <óó:: seu Antônio não não pensei nisso> eh:: ele falô <eu vou falá lá se surgi alguma vaga pra você> + daí dois dias ele nos encontramos lá novamente e ele falô <eu falei mandaram você aguardá uma telefonema> e me telefonaram foi um grande dia pra mim + fiquei conhecendo figuras lá que: fabulosa + dignas + dignas de serem (imitadas)



E./T. [((risos))]
L. [figura ((risos))]
L. escuta vamo pará a gente come + pode sê?
J. pode comê
T. o senhor também

SUJEITO SEM LESÃO NEUROLÓGICA

(sujeito 1 do grupo controle)

Sujeito <u>sem</u> lesão neurológica 1 – G1

Legenda:

X. é o sujeito sem lesão neurológica que integra nossa análise;

L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com X.;

E. é a esposa de X. que participa da gravação da conversa espontânea;

A. é o ajudante de L. para a realização da gravação da conversa espontânea.

Transcrição:

L. se o senhor quisé começá contando como é que foi + a época de academia + quisé contá um pouquinho como foi a amizade do senhor com o Seu Célio + o senhor fica à vontade
X. bem a minha academia foi assim + eu:: morava no Rio de Janeiro né + tinha terminado o ginásio + tava no colegial + chamava é:: curso científico naquela época + mas eu queria ser militar + né meu pai era da aeronáutica e eu queria sê militar + e::: na aeronáutica eu não consegui classificação + aí: o:: meu pai como era um dos antigos da força aérea + foi conversá com o ministro da aeronáutica + era o Nero Moura e ele disse então você vai pra São Paulo + entra pro exército +
L. [ah::]
que é a es a escola preparatória do exército + de Campinas hoje era em São Paulo você vai pra São Paulo + ingressa + no final do ano eu vô baixá uma portaria permitindo:: a permuta entre os cadetes que queiram permutá num é (...)
L. não é o exército que igual o pessoal pres: faz + como é que fala? tiro de guerra? + (...) porque em São Paulo
X. [não não a escola é a academia do exército + pra ser oficial pra fazer carreira
L. [academia?]
tenente capitão major + que nem essa que eu fiz + só que essa é estadual né da polícia militar + então essa escola de Campinas hoje + a escola preparatória de cadete do exército de Campinas + ela e:ra em São Paulo na capital + então como eu não consegui ingressá na aeronáutica por caus por falta de:: pontos né classificação aquela coisa + então eu vim pra São Paulo + ocorre que:: + vindo pra São Paulo eu também descobri a academia da da polícia militar + naquela época era força pública + e e:u:: optei pelas duas + num é + consegui ingressá nas duas mas eu peguei a força pública + primeira academia da força pública + que
L. [ãh]
começava dez de fevereiro e o exército começava quinze de março + aí eu pensei vou pegar essa aqui pra me garanti né + bom até quinze de março eu já tinha esquecido daquele meu objetivo ((risos)) e já estava envolvido com os problemas da da da minha academia num é + e:: segui carreira + o interessante é que:: eu já

estava aposentado + trinta anos depois + trinta e dois anos depois + e:: o meu filho mais novo + que hoje é primeiro tenente da polícia florestal + o meu filho mais novo + tava prestando exame + pra aeronáutica também (...)
L. ah:: ele também queria aeronáutica?
X. [é (...)
A. [um de bigode?
X. {s:: é + você conhece o Rogério? + é ele:: tava prestando
A. [da televisão]
exame para::es escola de sargentos da aeronáutica num é + e como eles sempre viveram no interior não conhecia São Paulo foi criado aqui estudou aqui sempre né + a minha sogra morô no Rio de Janeiro a minha mãe morô no Rio de Janeiro então a gente saía daqui e ia direto pro Rio de Janeiro + num parava em São Paulo + eles não conheciam nada por isso + então eu estava com ele + ele já tinha seus dezesseis anos e eu estava com ele em São Paulo + e numa tarde nós estávamos: no quartel da quarta zona aérea + é:: ele estava fazendo o exame de campo + exame físico + e:: + eu fique ali à toa sentado lendo um jornal uma revista + tinha que esperá terminá aquilo + era à tarde toda né + e houve um momento em que: + passaram alguns oficiais da aeronáutica + e eles vieram conversando uns quatro ou cinco tenente capitão ali passaram conversando + e eu já tava na reserva já tava aposentado + eles passaram conversando eu olhei + e:: e verifiquei que eles tavam que eles usavam o uniforme azul + o atual uniforme da aeronáutica + e eu lembrei aí a mente começa a vagá né eu me lembrei meu pai trabalhô a vida toda na aeronáutica vinte e cinco ano + ele começou como soldado + do exército + no exército criaram uma seção de aviação + que mais tarde se transformou em aviação militar e mais tarde virou a força aérea brasileira + qué dizê meu pai uso
L. [nossa]
o uniforme verde do exército e usô o uniforme AMARELO da aeronáutica daquela época + mas não chegô a usa esse uniforme azul + nisso a mente vai e
L. [hum]
volta vai e volta e eu lembrei + não é que eu:: vim pra São Paulo pra tentá + ingressá no exército e passá pra aeronáutica + e:: esqueci disso aí + já tava aposentado e esqueci + esquec ((risos)) esqueci acarreira da aeronáutica né: + o:::
L. [nossa depois de tanto tempo] [ãhã]
aí:::que eu fui lembrá + olha só e eu esqueci hein + gostava tanto da aviação + talvez tenha sido também porque na época de mil novecentos e sessenta + e:u:: me entusiasmei + já estava morando aqui + me entusiasmei e:: fui:: ffreqüentar o aeroclube de Catanduva + né + freqüentei lá voei bastante (...)
L. [ah::]
L. o senhor chegô a pilotá?
X. pilotei: (...)
E. tirou o BREVÊ
X. tirei o BREVÊ
A. (incompreensível)
L. nossa então:: (...)
X. [não é + e:: em seguida com:: aquela revolução + mil novecentos e sessenta e quatro aí atrapalhô a vida porque aí começa outra correria outros problemas e

muita pressão e muita coisa muita dor de cabeça + e:: parece que a vida foi ficando mais difícil + os filhos crescendo + aluguel subindo e:: pressão política aquele monte de coisa eu parei de voá também aí eu parei de voar + num é + parei de voá por muitos ano + e parei + de lá pra cá eu:: só voei como passageiro ((risos))

L. [((risos)) só pra passeio

X. [lá na TAM na VASP ((risos)) é

L. mas nem por hobby assim?

X. + (0.88) deu vontade mas aí:: eu já:: sei lá a gente começa achá + injusto + tá gastando esse dinheiro à toa com diversão né de-deixa pra lá deixa pra outro dia e:: sei lá + é talvez tenha passado a fase né (...)

L.o peso da responsabilidade aumenta em cada gasto que a gente vai: (...)

X. [é é é:: a vida vai a gente vai se encaminhando nu nu nu na vida de de de tornando uma série de hábitos entendeu? + que:: de

L. [também]

repente cê não tem nada a vê + por exemplo quando o meu filho se formaram eu tenho dois filhos + são militares

L. os dois?

X. é o mais velho é capitão tá em Campinas + o mais novo é primeiro tenente aqui (...)

L. o: o Rogério: que é o marido da Vivian (...)

X. [é o Rogério + é + e:: a minha filha hoje trabalha no Banco do Brasil + mas o que eu quero dizê é o seguinte + complementando aquela idéia da da digamos assim da rotina que a gente é:: + é envolvido + ãh::: quando o Fernando se formô + naturalmente aquela solenidade de formatura + entrega de espada aquela coisa + à noite tem um baile né + e nós fomos: é muito lindo é::: ((disfluência)) não sei se você chegô a ver aquele baile ((disfluência)) aquele

L. [dizem que é muito bonito]

filme Sissi a a uma princesa da Alemanha num sei o que

L. não

X. é uns filmes de bailes antigo + coisa linda coisa rica né + e::: no baile à noite + tudo de gala uniformes de gala aquelas coisas toda né + à noite eu tava pensando lá puxa vida + isso aqui é uma coisa + do outro mundo é é uma coisa assim que tá completamente fora + entendeu? + a rotina da vida da gente se encaminhou pra uma pra uma: vamo chamar assim a: uma certo modos vivende + e que de repente num + determinado dia eu estou num baile + num baile daqueles bailes maravilhosos + sei lá baile de de sonho mesmo uma coisa linda (...)

L. é assim + o homem é rei ou um príncipe por um dia e a:: a namorada ou mãe

X. [é e a mulher também]

até se sente a::: princesa (...)

X. [é é são as princesas e as rainhas vai todo mundo bem vestido + de luxo né

E. só entra de longo

X. ã?

L. [nossa

X. é é só entra de longo + é coisa fina mesmo até hoje + então + (...)

E. [a namorada do meu filho tinha (sobreposição de vozes) feito um vestido curtinho e não entrô ela (quis) voltá pra casa
L. [ai judiação]
X. é de repente eu eu ((disfluência)) reparei assim digo + que coisa eu negócio de baile nem nem pensava mais em baile né + eu fui sócio de clubes por aqui + por causa dos filhos eu mesmo não sou de freqüentá clube + num tenho essa:: esse costume esse prazer + eu vou no clube é capaz de eu ficá lá o dia inteiro + so-sozinho + me divirto sozinho lá quieto no meu canto observando eu gosto muito de observá + então:: + num sô muito num:: acho muito graça em freqüentá clube talvez seja porque + toda a vida a gente viveu num ((som do mensageiro do vento)) aglomerado de de pessoas né + envolvido com um monte de gente + do trabalho + então parece que a gente reage hoje em dia + num quero num me importa de estar na multidão desde que a multidão esteja por aqui sem se interceder comigo ou eu intervir na multidão + prefiro ficar observando + gosto de ir na cidade ficar parado ali na esquina vendo o pessoal passar + é gostoso + né + dificilmente se pára um amigo a gente conversa se num parar também num vou atrás de ninguém ((risos)) sei lá é:: (...)
E. [((risos)) de sábado pode contar + depois das nove das dez e meia
L. [((risos))]
você encontra ele lá esquina da Americana
X. [é eu paro por exemplo]
L. [(o lugar ali é movimentado) ali é:: ((risos))
X. eu paro ali
E. {as crianças já sabem quando vai à cidade então vamos vê o vô (...)
X. [mas eu tô fazendo ali um trabalho] + eu tô fazendo ali um trabalho de + sobrevivência de perpetuidade eu digo assim eu fico parado aqui + me distraio me divirto vejo gente conhecida vejo gente bonita né + vejo tudo que
L. [ãhã]
se passa observo e tal + mas eu digo assim + os meus netos também VÃO no sábado à cidade né + tanto os filhos do Rogério como os filhos da Valéria + vão com eles + e eles já sabem que o vô fica ali + entendeu
L. entendi
X. e o que acontece? + mais tarde quando houver o desaparecimento físico + eu
L. [ãhã]
tenho a impressão que pelo menos um deles vai passá e falá + <meu vô ficava naquela esquina ali> + será que não? + então é um trabalho de de: pra sobrevivê +
L. [ah:: com certeza]
((lágrimas-risos)) de uma certa forma é uma vontade que seja lembrado todo mundo quer ser perpetuado de alguma forma num é (...)
L. naquela esquina assim + da minha infância o que eu lembro + é o cachorro quente que ficava ali + quando o tio do cachorro quente num tava a gente comia o cachorro quente da Americana ((riso))
X. [((risos)) naquela outra esquina né do do Miola se eu não me engano + era o Miola que vendia cachorro quente ali num era? era
L. [não]

unesp

L. num sei + tinha um tiozinho que vendia cachorro quente ali naqueles carrinhos anti:gos ainda num tem (...) mais num é igual agora
E. [antes do calçadão
X. ã?
E. antes do calçadão
X. é antes do calçadão (...)
L. porque hoje tem essas Van's né + essas peruinhas que o pessoal vende
X. [é é é]
cachorro quente de maneira mais moderna também + antes era aqueles carrinhos
E. [é é]
aqueles que empurrava
X. + (0.56) ali:: era o Miola não me lembro se ele vendia + pipoca e cachorro quente alguma outra num:
L. mas é uma coisa que faz parte da história + o senhor tem razão (...)
X. [é] [então eu:: penso assim eu vou lá no sábado encontro amigos tal + mas eu encontro os netos também é:: pra vê se mais tarde eles lembram + que o meu avô ficava ali + né + tentando:: manter uma lembrança de alguma coisa a gente tem que fazer um trabalho de avô também (...)
L. uma lembrança boa né (...)
X. [é a gente não teve tempo muito tempo pros filhos porque tem que corrê atrás do prejuízo tinha que trabalhá aquela coisa toda + mas + pelo menos com os netos a gente já já dispende mais tempo e:: a gente tenta vê se + mantém alguma lembrança alguma memória + porque a gente é eterno até enquanto lembram da gente depois + desaparece mesmo se ninguém lembrá acabô + eu mesmo tenho uma agenda que + todo mundo conhecido todo mundo que de alguma forma atraiu a minha atenção + é:: eu anoto + faleceu dia tal eu ponho lá + entendeu? qué dizê eu vô lembrá + né é:: tô fazendo um trabalho também sei lá
L. [ãhã] [ãhã]
de humanidade sei lá chega chega:: + chega no por exemplo + é um pouco poético isso aí né + chega no último dia do fim do ano por exemplo + eu tenho u:ma:: lista
L. [num é + é interessante]
+ quando eu não sei a data + do falecimento da pessoa eu tenho uma lista + com os nomes à medida que eu tomo conhecimento à medida que e::: que eu:: fico sabendo + fulano foi fulano morreu etc eu anoto + no último dia + além de repassá a agenda toda dia-a-dia + eu também faço + uma vista d'olhos + naquela lista de nome de pessoas que de alguma forma eu notei (...)
E. (ainda que você esqueceu de falá uma coisa) + isso inclui amigos + não amigos
X. [é]
X. é amigos não amigos alguns artista que entusiasmaram a vida da gente é:: (...)
E. [vizinhos artistas pessoas assim + eminentes na:: mundiais né (...)
X. é alguém que que foi importante eu acho que esse sujeito tá lá na Rússia é:: o
E. [((sobreposição de vozes))]
fotógrafo que foi lá na Rússia filmá + o desastre de Chernobyl + ele foi lá filmá pra mostrá pro mundo ele tem uma profissão + e um dever a cumprir né no ano seguinte ele morreu + pela radiação entendeu + pô eu acho que esse cara + fez um

L. [ãhã]
trabalho pela pela humanidade ele foi mostrá os prejuízo lá + pra que fosse registrado e todo mundo tomasse conhecimento + fica perpetuado inclusive aquele desastre + né que é uma lição + então esse e outros a gente+ eu eu repasso assim
L. [hum-hum]
faço a minha oração tal + é um pouco poético: ((ruído))
L. não mai + assim se pará e pensá na:: na questão do: do aprendizado + o valor que tem você lembrá de alguém + de que meditá ou:: emiti energia ou sei lá a
X. [é é]
gente nunca se sabe pra onde é que a gente vai + né por mais conhecimento religioso que a gente tenha ou por mais que a ciência explique alguma coisa a gente realmente num tem certeza + né eu acho que:: que vale à pena a lembrança
X. [num tem certeza]
tem (...)
X. [é:: eu acho que sempre valeu à pena + a gente + EU é:: + guardá essa essa preocupação e:: + né + e relembrá:: sei lá eu anoto fulano de tal eu sempre lembro né lembro de fulano lembro de fulano às vezes é um orador que foi + o sujeito era brilhante nnna oratória dele + entendeu + coisa que atraía como + a gente mais jovem atraía:: a atenção da gente + né admirá poxa + fala toda vida esse cara bacana né + então:: eu anoto ele teve o seu valor + NA MINHA VIDA +
L. [reconhecimento num é]
alguém cruzô + às vezes no horizonte bem longe mas eu notei + e achei importante a trajetória dele + eu anoto é um trabalho pessoal né + tenho certeza que a hora que eu fechar os olhos aquele livro será fechado encostado e ninguém mais vai tomá conhecimento + mas não tem importância + eu tive a preocupação ó:: eu tenho:: posso ir falando né + é:: eu tô aqui pra falá né ((risos))
L. [claro]
L. [exatamente ((risos))
X. então tá certo ((risos))
E. tá gravando?
L. tá tá gravando (...)
X. [eu:: eu tenho a relação + gostava muito de aviação + eu tenho a relação dos aviadores brasileiros que morreram no dia que eles morreram + tenho o nome deles + cada um abatido no dia tal assim assim assim o tenente aviador fulano de tal eu tenho isso aqui entendeu + num sei se ainda sobrô gente da família dele pra lembrá disso + mas eu lembro + eu guardo + ela seria um passarinho um irmão de de ideais + né que:: foi derrubado + eu lembro dele+ cada navio brasileiro que foi afundado na II Guerra Mundial e eu era GAROTO nessa época (...)
L. e o senhor já fazia isso?
X. + (0.82) eu comecei a fazer mais tarde não foi naquela época não + mas eu tomei conhecimento na ocasião + morava no Rio de Janeiro o noticiário era mais fácil lá que lá era a capital da república né + então o noticiário chegava mais fácil
E. [((sobreposição de vozes)) (tinha revista)]
é tinha muita revista então cada navio que afundô + cada:: + número de perdas pelo menos não dava pa ter o nome de todos + né mas o número de perdas + entendeu + então eu guardei isso aí guardei fulano de tal + o:: o Fred Astaire + era



um excelente dançarino + entendeu + extasiava + olhara o Fred Astaire dançando no cinema na televisão aquilo era delicioso ai se eu pudesse fazer aquilo né ((risos)) mas pelo menos eu lembro do Fred Astaire ((risos)) + lembro lá do do +
L. [((risos))]
eu tive um amigo vizinho não era meu amigo + era vizinho:: nosso + era um PRETO + um sargento da aeronáutica PRETO + eu achava eu sabia que ele era músico + né + era vizinho da nossa rua + sabia que ele era músico da aeronáutica + eu o perdi de vista + porque eu vim pra São Paulo inclusive jovem né + mas um dia levando meus filhos nós fomos de férias ao Rio de Janeiro + é:: eu resolvi visitá o museu da aeronáutica que tem lá na base aérea dos Afonso no Rio de Janeiro + l:ocal próximo aonde inclusive nós morávamos + nós morávamos no tempo de solteiro né + e:: lá era a escola da aeronáutica que hoje é em
L. [ãhã]
Pirassununga então eles aproveitaram pra outras atividades inclusive tem um
L. [ah: eu sei]
MUSEU + da aeronáutica lá + e eu sempre gostei muito de avião vô lá + e entre as maravilhas que são coisas que atrai a curiosidade né + ali tinha:: uniforme do:: Brigadeiro Eduardo Gomes quando ele era tenente + num episódio dos Dezoito do Forte + são coisas que a gente sabia naquela ocasião e agora como mais adulto mais experiente mais vivido mais:: vamos chamar assim + politizado né + que entende um pouco mais a história do Brasil + quando a gente jovem não percebia essas coisas + mas fui vê o uniforme dele e:: furado + à bala + e isso e aquilo e de repente eu vi um negócio que me pareceu um altarzinho + iluminado bonitinho + e:: eu me aproximei + pra vê + do que se tratava e tinha a figura + dum cidadão + PRETO fardado + que me pareceu familiar + ah:: lá todo mundo é igual né mas aí eu fui lê e descobri o nome do tenente Nascimento não lembro o nome dele todinho + esse vizinho nosso ele era ali + denominado patrono das bandas das forças aéreas da América do Sul + percebeu + patrono das bandas militares das
A. [nossa]
forças aéreas da América do Sul + poxa + nessa hora assim + a coisa emociona viu + ((lágrima nos olhos)) puxa vida conheci esse cara né bacana rapaz + então essas coisas eu a gente vai guardando vai guardando vai amuntuando sei lá é uma cultura + vai:
L. e como o senhor procura passá isso pros netos por exemplo + a a questão da lembrança o valor que isso tem?
X. + (2.37) não aí aí já já se torna um outro problema + é muito mais difícil hoje em dia + por::que:: hoje em dia tem televisão + né + tem:: Mc Donald's tem
L. [((risos))]
shopping:: tem um monte de coisa que atrai mais a atenção deles do que:: + antigamente cê não tinha muito o que fazê cê ficava conversando + né + sei lá + meu pai não passô muita coisa pra mim não + minha mãe o que ela passô + claro passô muita coisa mas a gente lembra de alguns tópicos mais importantes que ficaram gravado + não o dia-a-dia + eu num sei se coisa pros meus netos ((risos))
L. [hum-hum]
eu canso de de dá conselho + de dá exemplos de falá + mas às vezes eu: sô chato + eu tenho a impressão que às vezes eu tô chato + sô sô tô incomodando né

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

((risos)) mas eu falo + né + chego pro neto e falo + olha teu pai teu pai trabalha o dia inteiro + teu pai viaja + teu pai arrisca a vida nessas estrada pra ganhá um dinheirinho pra você tê escola particular + pra você tê Mc Donald's pra você tê tê roupa + né pra não lhe faltá nada num sei que + quando ele chegá aqui + cê corre fala oi pai tudo bem abraça ele tal + pergunta se tá tudo bem num sei que + mas não adianta eles:: ficam lá na dele + o pai chega fala ã ã é é é é né mal responde

E. [((risos)) é verdade

(eles não consegue passá nada)]

eles tão n'outra outra idéia ele tão atrás do tal do:

L. por fim ou o pai e os filhos né + porque às vezes a criança chega também é:: receptiva pra abraçá pra beijá e o pai fala tô cansado depois eu te pego no colo vira as costas também

X. [((risos)) é tem essas coisa às vezes a pessoa num entende o momento importante + a gente se impressiona muito mais vendo a cena da televisão do que na vida real + eu sempre observo muito eu sempre me:: auto denominei assim em segredo + o:: como se fosse o:: eterno aprendiz eu gosto de observar tudo entendeu + pra vê se eu aprendo alguma coisa + porque afinal de contas é:: a gente muita gente passa pela vida aqui num vê nada não aprende nada né + principalmente quando está voltada pro próprio umbigo num vê nada + então pelo menos eu gosto eu tento entendê as coisa aprendê as coisa me:: me:: abri os olhos sei lá + e:: acho que é isso aí tive muito é:: + muito não digo assim é: a gente morou no Rio de Janeiro nasci lá + era menino + né + me divertia no carnaval hoje carnaval pra mim:: num:: há razão de sê pra mim carnaval porque:: (...)

E. [brincava o carnaval mesmo né]

naquela época

X. ã?

E. brincava mesmo

X. é eu brincava eu saía de casa e sumia entendeu

L./A. [((sobreposição de vozes))]

E. {((sobreposição de vozes)) quinze dezesseis anos dezessete a mãe dele fazia as fantasias

X. {mas eu ia brincar carnaval + né eu ia brincar carnaval + é:: era era inocente a brincadeira eu a conheci a Arlete a minha esposa aí é:: nos conhecemos no ginasial + né no tempo do ginásio ela era de outra escola + morava no:: no mesmo bairro né + nós nos conhecemos + vai fazê cinqüentani né? ((risos)) vai fazê

L. [((risos))]

cinqüenta anos que eu a conheço + meio século né + e:: a gente naquela época também era muito sonhador +

L. [no:ssa uma vida]

fazia poesia e:: e:: são fases da vida né

L. e o senhor ainda faz poesia ou não?

X. + (0.77) nã::o hoje em dia eu parei entendeu + parei + d-d-dei um tempo parei + tem muita coisa que começa começa a fervê assim xui não pára com isso aí chega (...)

L. [não não pode reprimi isso é um (...)

X. eu também acho que não deve reprimi é um desperdício mas + eu parei

L. é uma maneira do senhor perpetuá: + o seu nome a sua pessoa (...)
X. já tenho muita coisa eu tenho eu tenho material aí pra uns:: cinco livros +mas
L. [ah: não mas isso nunca
é demais nunca é demais
num publiquei num publiquei publiquei muita pouca coisa páginas e pastas e tal + o Célio vai lembrá de mim vai lembrá que:: eu fui o autor do hino da academia
A. nossa
L. não acredito
X. é: o hino que é cantado lá hoje + é que nós tamos em abril né dia vinte e quatro de maio + é a entrega do espadim + né + pros novos alunos + se você tivé a oportunidade de ir a São Paulo + na academia + cê vai vê que festa linda
L. mas mas é: é aberto?
X. é aberto ao público
E. começa as nove da manhã (...)
X. [é eu num sei exatamente o dia porque o dia 24 de maio é o dia da batalha do Tuiuti ou Rai Riachuelo não lembro mais ((risos)) e:: é o dia que
L. [ã]
eles comemoram é:: +essa fase essa essa:: esse esse episódio da da história do
E. [a quarta feira]
Brasil e:: é o dia que eles fazem a entrega do espadim + né + o espadim é um uma espada pequenininha + chama espadim mesmo né simbolizando a miniatura da espada de Tobias de Aguiar que foi o primeiro + é: fundador ele era presidente do estado + criô a po a força pública naquela época a força policial + então a miniatura da espada dele + antigamente militar andava de espada o dia inteiro né + assim como no exército o cadete do exército tem seu espadim que é a miniatura do Caxias a espada que o Caxias usava + então:: naquela época:: no tempo de academi::a:: eu fiz eu fiz fiz o hino foi aprova:do e:: até hoje cantam + tem mais de quarenta ano + mais de quarenta ano? nós tamo em:: é mais de quarenta ano foi: deve ter sido em cinqüenta e três + cinqüenta e três cinqüenta e quatro cê já vê que tem quarenta e cinco anos pelo menos + cantando (...)
L. [ah eu vou falá isso pro seu Célio ele vai vai delirá assim porquê lembra (...)
X. ele lembra + é contemporâneo meu ele não era da minha turma ele era contemporâneo meu + era era de outra turma
L. ele falô assim:: com um:: um gosto muito grande + um orgulho muito grande de tê feito a academia + né acho que é por isso que eu me empenhei e falei assim + eu preciso achá alguém seu Célio vai vai gostá porque tudo que eu faço eu procuro depois divulgá pros outros também que eu tô gravando + que eu conheci + então com certeza eu chego na segunda conto pra ele ele vai + acredito que ele vai se emocioná
X. + (0.93) é:: a gente:: + fez essa academia né que é a nossa escola + (...) de
E. [é a casa né durante formação
cinco anos é a casa ((sobreposição de vozes)) na semana
durante cinco anos a gente fica ali come e dorme convive com um grupo de companheiros não é + e se torna mais do que irmãos ali porque convive com os mesmos problemas aquela +o sofrimentos aquelas coisas toda + as preocupações

o estudo + então é muito gostoso é muito bom serviu a formação nossa + moral e:: nossa formação + sei lá legalista vamos dizê assim + vira na cabeça da gente uma série de noções de honestidade correção + isso e aquilo pontualidade + e:: então a gente vvive segue esse trilho entendeu + os dormentes vão: + vão segurando o trilho ((risos)) + a linha paralela na nossa vida e nós vamos seguindo em frente todo mundo + foi muito bom fo serviu a formação + graças a Deus + pra satisfação pessoal minha não digo graças a Deus digo mais pra satisfação minha + os meus dois filhos homens + ingressaram + né e eles ingressaram depois que eu já havia saído então:: não tive influência nenhuma + ((som do mensageiro do vento)) eu já tô na reserva há:: oitent dezessete anos vai fazer dezes esse ano faz dezessete ano que eu saí + né + tem gente que tá chegando na metade da carreira e não me conhece + ((risos)) não é e:: mas eles ingressaram por conta + começaram

L. [nossa]

trabalhando em São Paulo + quando se formaram + depois vieram pra Rio Preto + trabalharam aqui + eu já não estava mais + aí o mais velho + foi pra Campinas + o mais novo esteve no Guarujá uns dois anos na polícia florestal também + o Rogério + agora já faz alguns anos que ele tá aqui em Rio Preto + então a gente vem vindo aí + os companheiros antigos a gente deixa de vê durante muito tempo né (...)

E. a semana passada a gente ((sobreposição de vozes)) (...)

X. [é a semana passada minha turma se reuniu lá em:: Poços de Caldas mas eu tava com um problemas aqui + algum compromisso alguma prioridade e não deu pra ir num é

L. tinha que tê pegado a moto

X. + (1.07) não mas não deu pra ir por alguma coisa eu tive que ficá + não deu pra ir então:: senão teria ido de moto com ela mesmo + ela vai comigo de vez em quando a gente sai por aí ((risos)) é gostoso + (Fernanda) quando ela não vai

L. [que bárbaro]

comigo ela não atrapalha não interfere num num num opõe é:: nenhum problema + e a gente vai vivendo + e agora?

L. [((risos))]

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

SUJEITO SEM LESÃO NEUROLÓGICA

(sujeito 2 do grupo controle)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

estava aposentado + trinta anos depois + trinta e dois anos depois + e:: o meu filho mais novo + que hoje é primeiro tenente da polícia florestal + o meu filho mais novo + tava prestando exame + pra aeronáutica também (...)
L. ah:: ele também queria aeronáutica?
X. [é (...)
A. [um de bigode?
X. {s:: é + você conhece o Rogério? + é ele:: tava prestando
A. [da televisão]
exame para::es escola de sargentos da aeronáutica num é + e como eles sempre viveram no interior não conhecia São Paulo foi criado aqui estudou aqui sempre né + a minha sogra morô no Rio de Janeiro a minha mãe morô no Rio de Janeiro então a gente saía daqui e ia direto pro Rio de Janeiro + num parava em São Paulo + eles não conheciam nada por isso + então eu estava com ele + ele já tinha seus dezesseis anos e eu estava com ele em São Paulo + e numa tarde nós estávamos: no quartel da quarta zona aérea + é:: ele estava fazendo o exame de campo + exame físico + e:: + eu fique ali à toa sentado lendo um jornal uma revista + tinha que esperá terminá aquilo + era à tarde toda né + e houve um momento em que: + passaram alguns oficiais da aeronáutica + e eles vieram conversando uns quatro ou cinco tenente capitão ali passaram conversando + e eu já tava na reserva já tava aposentado + eles passaram conversando eu olhei + e:: e verifiquei que eles tavam que eles usavam o uniforme azul + o atual uniforme da aeronáutica + e eu lembrei aí a mente começa a vagá né eu me lembrei meu pai trabalhô a vida toda na aeronáutica vinte e cinco ano + ele começou como soldado + do exército + no exército criaram uma seção de aviação + que mais tarde se transformou em aviação militar e mais tarde virou a força aérea brasileira + qué dizê meu pai uso
L. [nossa]
o uniforme verde do exército e usô o uniforme AMARELO da aeronáutica daquela época + mas não chegô a usa esse uniforme azul + nisso a mente vai e
L. [hum]
volta vai e volta e eu lembrei + não é que eu:: vim pra São Paulo pra tentá + ingressá no exército e passá pra aeronáutica + e:: esqueci disso aí + já tava aposentado e esqueci + esquec ((risos)) esqueci acarreira da aeronáutica né: + o:::
L. [nossa depois de tanto tempo] [ãhã]
aí:::que eu fui lembrá + olha só e eu esqueci hein + gostava tanto da aviação + talvez tenha sido também porque na época de mil novecentos e sessenta + e:u:: me entusiasmei + já estava morando aqui + me entusiasmei e:: fui:: ffreqüentar o aeroclube de Catanduva + né + freqüentei lá voei bastante (...)
L. [ah::]
L. o senhor chegô a pilotá?
X. pilotei: (...)
E. tirou o BREVÊ
X. tirei o BREVÊ
A. (incompreensível)
L. nossa então:: (...)
X. [não é + e:: em seguida com:: aquela revolução + mil novecentos e sessenta e quatro aí atrapalhô a vida porque aí começa outra correria outros problemas e

muita pressão e muita coisa muita dor de cabeça + e:: parece que a vida foi ficando mais difícil + os filhos crescendo + aluguel subindo e:: pressão política aquele monte de coisa eu parei de voá também aí eu parei de voar + num é + parei de voá por muitos ano + e parei + de lá pra cá eu:: só voei como passageiro ((risos))

L. [((risos)) só pra passeio

X. [lá na TAM na VASP ((risos)) é

L. mas nem por hobby assim?

X. + (0.88) deu vontade mas aí:: eu já:: sei lá a gente começa achá + injusto + tá gastando esse dinheiro à toa com diversão né de-deixa pra lá deixa pra outro dia e:: sei lá + é talvez tenha passado a fase né (...)

L.o peso da responsabilidade aumenta em cada gasto que a gente vai: (...)

X. [é é é:: a vida vai a gente vai se encaminhando nu nu nu na vida de de de tornando uma série de hábitos entendeu? + que:: de

L. [também]

repente cê não tem nada a vê + por exemplo quando o meu filho se formaram eu tenho dois filhos + são militares

L. os dois?

X. é o mais velho é capitão tá em Campinas + o mais novo é primeiro tenente aqui (...)

L. o: o Rogério: que é o marido da Vivian (...)

X. [é o Rogério + é + e:: a minha filha hoje trabalha no Banco do Brasil + mas o que eu quero dizê é o seguinte + complementando aquela idéia da da digamos assim da rotina que a gente é:: + é envolvido + ãh::: quando o Fernando se formô + naturalmente aquela solenidade de formatura + entrega de espada aquela coisa + à noite tem um baile né + e nós fomos: é muito lindo é::: ((disfluência)) não sei se você chegô a ver aquele baile ((disfluência)) aquele

L. [dizem que é muito bonito]

filme Sissi a a uma princesa da Alemanha num sei o que

L. não

X. é uns filmes de bailes antigo + coisa linda coisa rica né + e::: no baile à noite + tudo de gala uniformes de gala aquelas coisas toda né + à noite eu tava pensando lá puxa vida + isso aqui é uma coisa + do outro mundo é é uma coisa assim que tá completamente fora + entendeu? + a rotina da vida da gente se encaminhou pra uma pra uma: vamo chamar assim a: uma certo modos vivende + e que de repente num + determinado dia eu estou num baile + num baile daqueles bailes maravilhosos + sei lá baile de de sonho mesmo uma coisa linda (...)

L. é assim + o homem é rei ou um príncipe por um dia e a:: a namorada ou mãe

X. [é e a mulher também]

até se sente a::: princesa (...)

X. [é é são as princesas e as rainhas vai todo mundo bem vestido + de luxo né

E. só entra de longo

X. ã?

L. [nossa

X. é é só entra de longo + é coisa fina mesmo até hoje + então + (...)

E. [a namorada do meu filho tinha (sobreposição de vozes) feito um vestido curtinho e não entrô ela (quis) voltá pra casa
L. [ai judiação]
X. é de repente eu eu ((disfluência)) reparei assim digo + que coisa eu negócio de baile nem nem pensava mais em baile né + eu fui sócio de clubes por aqui + por causa dos filhos eu mesmo não sou de freqüentá clube + num tenho essa:: esse costume esse prazer + eu vou no clube é capaz de eu ficá lá o dia inteiro + so-sozinho + me divirto sozinho lá quieto no meu canto observando eu gosto muito de observá + então:: + num sô muito num:: acho muito graça em freqüentá clube talvez seja porque + toda a vida a gente viveu num ((som do mensageiro do vento)) aglomerado de de pessoas né + envolvido com um monte de gente + do trabalho + então parece que a gente reage hoje em dia + num quero num me importa de estar na multidão desde que a multidão esteja por aqui sem se interceder comigo ou eu intervir na multidão + prefiro ficar observando + gosto de ir na cidade ficar parado ali na esquina vendo o pessoal passar + é gostoso + né + dificilmente se pára um amigo a gente conversa se num parar também num vou atrás de ninguém ((risos)) sei lá é:: (...)
E. [((risos)) de sábado pode contar + depois das nove das dez e meia
L. [((risos))]
você encontra ele lá esquina da Americana
X. [é eu paro por exemplo]
L. [(o lugar ali é movimentado) ali é:: ((risos))
X. eu paro ali
E. {as crianças já sabem quando vai à cidade então vamos vê o vô (...)
X. [mas eu tô fazendo ali um trabalho] + eu tô fazendo ali um trabalho de + sobrevivência de perpetuidade eu digo assim eu fico parado aqui + me distraio me divirto vejo gente conhecida vejo gente bonita né + vejo tudo que
L. [ãhã]
se passa observo e tal + mas eu digo assim + os meus netos também VÃO no sábado à cidade né + tanto os filhos do Rogério como os filhos da Valéria + vão com eles + e eles já sabem que o vô fica ali + entendeu
L. entendi
X. e o que acontece? + mais tarde quando houver o desaparecimento físico + eu
L. [ãhã]
tenho a impressão que pelo menos um deles vai passá e falá + <meu vô ficava naquela esquina ali> + será que não? + então é um trabalho de de: pra sobrevivê +
L. [ah:: com certeza]
((lágrimas-risos)) de uma certa forma é uma vontade que seja lembrado todo mundo quer ser perpetuado de alguma forma num é (...)
L. naquela esquina assim + da minha infância o que eu lembro + é o cachorro quente que ficava ali + quando o tio do cachorro quente num tava a gente comia o cachorro quente da Americana ((riso))
X. [((risos)) naquela outra esquina né do do Miola se eu não me engano + era o Miola que vendia cachorro quente ali num era? era
L. [não]

unesp

L. num sei + tinha um tiozinho que vendia cachorro quente ali naqueles carrinhos anti:gos ainda num tem (...) mais num é igual agora
E. [antes do calçadão
X. ã?
E. antes do calçadão
X. é antes do calçadão (...)
L. porque hoje tem essas Van's né + essas peruinhas que o pessoal vende
X. [é é é]
cachorro quente de maneira mais moderna também + antes era aqueles carrinhos
E. [é é]
aqueles que empurrava
X. + (0.56) ali:: era o Miola não me lembro se ele vendia + pipoca e cachorro quente alguma outra num:
L. mas é uma coisa que faz parte da história + o senhor tem razão (...)
X. [é] [então eu:: penso assim eu vou lá no sábado encontro amigos tal + mas eu encontro os netos também é:: pra vê se mais tarde eles lembram + que o meu avô ficava ali + né + tentando:: manter uma lembrança de alguma coisa a gente tem que fazer um trabalho de avô também (...)
L. uma lembrança boa né (...)
X. [é a gente não teve tempo muito tempo pros filhos porque tem que corrê atrás do prejuízo tinha que trabalhá aquela coisa toda + mas + pelo menos com os netos a gente já já dispende mais tempo e:: a gente tenta vê se + mantém alguma lembrança alguma memória + porque a gente é eterno até enquanto lembram da gente depois + desaparece mesmo se ninguém lembrá acabô + eu mesmo tenho uma agenda que + todo mundo conhecido todo mundo que de alguma forma atraiu a minha atenção + é:: eu anoto + faleceu dia tal eu ponho lá + entendeu? qué dizê eu vô lembrá + né é:: tô fazendo um trabalho também sei lá
L. [ãhã] [ãhã]
de humanidade sei lá chega chega:: + chega no por exemplo + é um pouco poético isso aí né + chega no último dia do fim do ano por exemplo + eu tenho u:ma:: lista
L. [num é + é interessante]
+ quando eu não sei a data + do falecimento da pessoa eu tenho uma lista + com os nomes à medida que eu tomo conhecimento à medida que e::: que eu:: fico sabendo + fulano foi fulano morreu etc eu anoto + no último dia + além de repassá a agenda toda dia-a-dia + eu também faço + uma vista d'olhos + naquela lista de nome de pessoas que de alguma forma eu notei (...)
E. (ainda que você esqueceu de falá uma coisa) + isso inclui amigos + não amigos
X. [é]
X. é amigos não amigos alguns artista que entusiasmaram a vida da gente é:: (...)
E. [vizinhos artistas pessoas assim + eminentes na:: mundiais né (...)
X. é alguém que que foi importante eu acho que esse sujeito tá lá na Rússia é:: o
E. [((sobreposição de vozes))]
fotógrafo que foi lá na Rússia filmá + o desastre de Chernobyl + ele foi lá filmá pra mostrá pro mundo ele tem uma profissão + e um dever a cumprir né no ano seguinte ele morreu + pela radiação entendeu + pô eu acho que esse cara + fez um

L. [ãhã]
trabalho pela pela humanidade ele foi mostrá os prejuízo lá + pra que fosse registrado e todo mundo tomasse conhecimento + fica perpetuado inclusive aquele desastre + né que é uma lição + então esse e outros a gente+ eu eu repasso assim
L. [hum-hum]
faço a minha oração tal + é um pouco poético: ((ruído))
L. não mai + assim se pará e pensá na:: na questão do: do aprendizado + o valor que tem você lembrá de alguém + de que meditá ou:: emiti energia ou sei lá a
X. [é é]
gente nunca se sabe pra onde é que a gente vai + né por mais conhecimento religioso que a gente tenha ou por mais que a ciência explique alguma coisa a gente realmente num tem certeza + né eu acho que:: que vale à pena a lembrança
X. [num tem certeza]
tem (...)
X. [é:: eu acho que sempre valeu à pena + a gente + EU é:: + guardá essa essa preocupação e:: + né + e relembrá:: sei lá eu anoto fulano de tal eu sempre lembro né lembro de fulano lembro de fulano às vezes é um orador que foi + o sujeito era brilhante nnna oratória dele + entendeu + coisa que atraía como + a gente mais jovem atraía:: a atenção da gente + né admirá poxa + fala toda vida esse cara bacana né + então:: eu anoto ele teve o seu valor + NA MINHA VIDA +
L. [reconhecimento num é]
alguém cruzô + às vezes no horizonte bem longe mas eu notei + e achei importante a trajetória dele + eu anoto é um trabalho pessoal né + tenho certeza que a hora que eu fechar os olhos aquele livro será fechado encostado e ninguém mais vai tomá conhecimento + mas não tem importância + eu tive a preocupação ó:: eu tenho:: posso ir falando né + é:: eu tô aqui pra falá né ((risos))
L. [claro]
L. [exatamente ((risos))
X. então tá certo ((risos))
E. tá gravando?
L. tá tá gravando (...)
X. [eu:: eu tenho a relação + gostava muito de aviação + eu tenho a relação dos aviadores brasileiros que morreram no dia que eles morreram + tenho o nome deles + cada um abatido no dia tal assim assim assim o tenente aviador fulano de tal eu tenho isso aqui entendeu + num sei se ainda sobrô gente da família dele pra lembrá disso + mas eu lembro + eu guardo + ela seria um passarinho um irmão de de ideais + né que:: foi derrubado + eu lembro dele+ cada navio brasileiro que foi afundado na II Guerra Mundial e eu era GAROTO nessa época (...)
L. e o senhor já fazia isso?
X. + (0.82) eu comecei a fazer mais tarde não foi naquela época não + mas eu tomei conhecimento na ocasião + morava no Rio de Janeiro o noticiário era mais fácil lá que lá era a capital da república né + então o noticiário chegava mais fácil
E. [((sobreposição de vozes)) (tinha revista)]
é tinha muita revista então cada navio que afundô + cada:: + número de perdas pelo menos não dava pa ter o nome de todos + né mas o número de perdas + entendeu + então eu guardei isso aí guardei fulano de tal + o:: o Fred Astaire + era

unesp

um excelente dançarino + entendeu + extasiava + olhara o Fred Astaire dançando no cinema na televisão aquilo era delicioso ai se eu pudesse fazer aquilo né ((risos)) mas pelo menos eu lembro do Fred Astaire ((risos)) + lembro lá do do +
L. [((risos))]
eu tive um amigo vizinho não era meu amigo + era vizinho:: nosso + era um PRETO + um sargento da aeronáutica PRETO + eu achava eu sabia que ele era músico + né + era vizinho da nossa rua + sabia que ele era músico da aeronáutica + eu o perdi de vista + porque eu vim pra São Paulo inclusive jovem né + mas um dia levando meus filhos nós fomos de férias ao Rio de Janeiro + é:: eu resolvi visitá o museu da aeronáutica que tem lá na base aérea dos Afonso no Rio de Janeiro + l:ocal próximo aonde inclusive nós morávamos + nós morávamos no tempo de solteiro né + e:: lá era a escola da aeronáutica que hoje é em
L. [ãhã]
Pirassununga então eles aproveitaram pra outras atividades inclusive tem um
L. [ah: eu sei]
MUSEU + da aeronáutica lá + e eu sempre gostei muito de avião vô lá + e entre as maravilhas que são coisas que atrai a curiosidade né + ali tinha:: uniforme do:: Brigadeiro Eduardo Gomes quando ele era tenente + num episódio dos Dezoito do Forte + são coisas que a gente sabia naquela ocasião e agora como mais adulto mais experiente mais vivido mais:: vamos chamar assim + politizado né + que entende um pouco mais a história do Brasil + quando a gente jovem não percebia essas coisas + mas fui vê o uniforme dele e:: furado + à bala + e isso e aquilo e de repente eu vi um negócio que me pareceu um altarzinho + iluminado bonitinho + e:: eu me aproximei + pra vê + do que se tratava e tinha a figura + dum cidadão + PRETO fardado + que me pareceu familiar + ah:: lá todo mundo é igual né mas aí eu fui lê e descobri o nome do tenente Nascimento não lembro o nome dele todinho + esse vizinho nosso ele era ali + denominado patrono das bandas das forças aéreas da América do Sul + percebeu + patrono das bandas militares das
A. [nossa]
forças aéreas da América do Sul + poxa + nessa hora assim + a coisa emociona viu + ((lágrima nos olhos)) puxa vida conheci esse cara né bacana rapaz + então essas coisas eu a gente vai guardando vai guardando vai amuntuando sei lá é uma cultura + vai:
L. e como o senhor procura passá isso pros netos por exemplo + a a questão da lembrança o valor que isso tem?
X. + (2.37) não aí aí já já se torna um outro problema + é muito mais difícil hoje em dia + por::que:: hoje em dia tem televisão + né + tem:: Mc Donald's tem
L. [((risos))]
shopping:: tem um monte de coisa que atrai mais a atenção deles do que:: + antigamente cê não tinha muito o que fazê cê ficava conversando + né + sei lá + meu pai não passô muita coisa pra mim não + minha mãe o que ela passô + claro passô muita coisa mas a gente lembra de alguns tópicos mais importantes que ficaram gravado + não o dia-a-dia + eu num sei se coisa pros meus netos ((risos))
L. [hum-hum]
eu canso de de dá conselho + de dá exemplos de falá + mas às vezes eu: sô chato + eu tenho a impressão que às vezes eu tô chato + sô sô tô incomodando né

((risos)) mas eu falo + né + chego pro neto e falo + olha teu pai teu pai trabalha o dia inteiro + teu pai viaja + teu pai arrisca a vida nessas estrada pra ganhá um dinheirinho pra você tê escola particular + pra você tê Mc Donald's pra você tê tê roupa + né pra não lhe faltá nada num sei que + quando ele chegá aqui + cê corre fala oi pai tudo bem abraça ele tal + pergunta se tá tudo bem num sei que + mas não adianta eles:: ficam lá na dele + o pai chega fala ã ã é é é é né mal responde

E. [((risos)) é verdade

(eles não consegue passá nada)]

eles tão n'outra outra idéia ele tão atrás do tal do:

L. por fim ou o pai e os filhos né + porque às vezes a criança chega também é:: receptiva pra abraçá pra beijá e o pai fala tô cansado depois eu te pego no colo vira as costas também

X. [((risos)) é tem essas coisa às vezes a pessoa num entende o momento importante + a gente se impressiona muito mais vendo a cena da televisão do que na vida real + eu sempre observo muito eu sempre me:: auto denominei assim em segredo + o:: como se fosse o:: eterno aprendiz eu gosto de observar tudo entendeu + pra vê se eu aprendo alguma coisa + porque afinal de contas é:: a gente muita gente passa pela vida aqui num vê nada não aprende nada né + principalmente quando está voltada pro próprio umbigo num vê nada + então pelo menos eu gosto eu tento entendê as coisa aprendê as coisa me:: me:: abri os olhos sei lá + e:: acho que é isso aí tive muito é:: + muito não digo assim é: a gente morou no Rio de Janeiro nasci lá + era menino + né + me divertia no carnaval hoje carnaval pra mim:: num:: há razão de sê pra mim carnaval porque:: (...)

E. [brincava o carnaval mesmo né]

naquela época

X. ã?

E. brincava mesmo

X. é eu brincava eu saía de casa e sumia entendeu

L./A. [((sobreposição de vozes))]

E. {((sobreposição de vozes)) quinze dezesseis anos dezessete a mãe dele fazia as fantasias

X. {mas eu ia brincar carnaval + né eu ia brincar carnaval + é:: era era inocente a brincadeira eu a conheci a Arlete a minha esposa aí é:: nos conhecemos no ginasial + né no tempo do ginásio ela era de outra escola + morava no:: no mesmo bairro né + nós nos conhecemos + vai fazê cinqüentani né? ((risos)) vai fazê

L. [((risos))]

cinqüenta anos que eu a conheço + meio século né + e:: a gente naquela época também era muito sonhador +

L. [no:ssa uma vida]

fazia poesia e:: e:: são fases da vida né

L. e o senhor ainda faz poesia ou não?

X. + (0.77) nã::o hoje em dia eu parei entendeu + parei + d-d-dei um tempo parei + tem muita coisa que começa começa a fervê assim xui não pára com isso aí chega (...)

L. [não não pode reprimi isso é um (...)

X. eu também acho que não deve reprimi é um desperdício mas + eu parei

L. é uma maneira do senhor perpetuá: + o seu nome a sua pessoa (...)
X. já tenho muita coisa eu tenho eu tenho material aí pra uns:: cinco livros +mas
L. [ah: não mas isso nunca
é demais nunca é demais
num publiquei num publiquei publiquei muita pouca coisa páginas e pastas e tal + o Célio vai lembrá de mim vai lembrá que:: eu fui o autor do hino da academia
A. nossa
L. não acredito
X. é: o hino que é cantado lá hoje + é que nós tamos em abril né dia vinte e quatro de maio + é a entrega do espadim + né + pros novos alunos + se você tivé a oportunidade de ir a São Paulo + na academia + cê vai vê que festa linda
L. mas mas é: é aberto?
X. é aberto ao público
E. começa as nove da manhã (...)
X. [é eu num sei exatamente o dia porque o dia 24 de maio é o dia da batalha do Tuiuti ou Rai Riachuelo não lembro mais ((risos)) e:: é o dia que
L. [ã]
eles comemoram é:: +essa fase essa essa:: esse esse episódio da da história do
E. [a quarta feira]
Brasil e:: é o dia que eles fazem a entrega do espadim + né + o espadim é um uma espada pequenininha + chama espadim mesmo né simbolizando a miniatura da espada de Tobias de Aguiar que foi o primeiro + é: fundador ele era presidente do estado + criô a po a força pública naquela época a força policial + então a miniatura da espada dele + antigamente militar andava de espada o dia inteiro né + assim como no exército o cadete do exército tem seu espadim que é a miniatura do Caxias a espada que o Caxias usava + então:: naquela época:: no tempo de academi::a:: eu fiz eu fiz fiz o hino foi aprova:do e:: até hoje cantam + tem mais de quarenta ano + mais de quarenta ano? nós tamo em:: é mais de quarenta ano foi: deve ter sido em cinqüenta e três + cinqüenta e três cinqüenta e quatro cê já vê que tem quarenta e cinco anos pelo menos + cantando (...)
L. [ah eu vou falá isso pro seu Célio ele vai vai delirá assim porquê lembra (...)
X. ele lembra + é contemporâneo meu ele não era da minha turma ele era contemporâneo meu + era era de outra turma
L. ele falô assim:: com um:: um gosto muito grande + um orgulho muito grande de tê feito a academia + né acho que é por isso que eu me empenhei e falei assim + eu preciso achá alguém seu Célio vai vai gostá porque tudo que eu faço eu procuro depois divulgá pros outros também que eu tô gravando + que eu conheci + então com certeza eu chego na segunda conto pra ele ele vai + acredito que ele vai se emocioná
X. + (0.93) é:: a gente:: + fez essa academia né que é a nossa escola + (...) de
E. [é a casa né durante formação
cinco anos é a casa ((sobreposição de vozes)) na semana
durante cinco anos a gente fica ali come e dorme convive com um grupo de companheiros não é + e se torna mais do que irmãos ali porque convive com os mesmos problemas aquela +o sofrimentos aquelas coisas toda + as preocupações

unesp

o estudo + então é muito gostoso é muito bom serviu a formação nossa + moral e:: nossa formação + sei lá legalista vamos dizê assim + vira na cabeça da gente uma série de noções de honestidade correção + isso e aquilo pontualidade + e:: então a gente vvive segue esse trilho entendeu + os dormentes vão: + vão segurando o trilho ((risos)) + a linha paralela na nossa vida e nós vamos seguindo em frente todo mundo + foi muito bom fo serviu a formação + graças a Deus + pra satisfação pessoal minha não digo graças a Deus digo mais pra satisfação minha + os meus dois filhos homens + ingressaram + né e eles ingressaram depois que eu já havia saído então:: não tive influência nenhuma + ((som do mensageiro do vento)) eu já tô na reserva há:: oitent dezessete anos vai fazer dezes esse ano faz dezessete ano que eu saí + né + tem gente que tá chegando na metade da carreira e não me conhece + ((risos)) não é e:: mas eles ingressaram por conta + começaram

L. [nossa]

trabalhando em São Paulo + quando se formaram + depois vieram pra Rio Preto + trabalharam aqui + eu já não estava mais + aí o mais velho + foi pra Campinas + o mais novo esteve no Guarujá uns dois anos na polícia florestal também + o Rogério + agora já faz alguns anos que ele tá aqui em Rio Preto + então a gente vem vindo aí + os companheiros antigos a gente deixa de vê durante muito tempo né (...)

E. a semana passada a gente ((sobreposição de vozes)) (...)

X. [é a semana passada minha turma se reuniu lá em:: Poços de Caldas mas eu tava com um problemas aqui + algum compromisso alguma prioridade e não deu pra ir num é

L. tinha que tê pegado a moto

X. + (1.07) não mas não deu pra ir por alguma coisa eu tive que ficá + não deu pra ir então:: senão teria ido de moto com ela mesmo + ela vai comigo de vez em quando a gente sai por aí ((risos)) é gostoso + (Fernanda) quando ela não vai

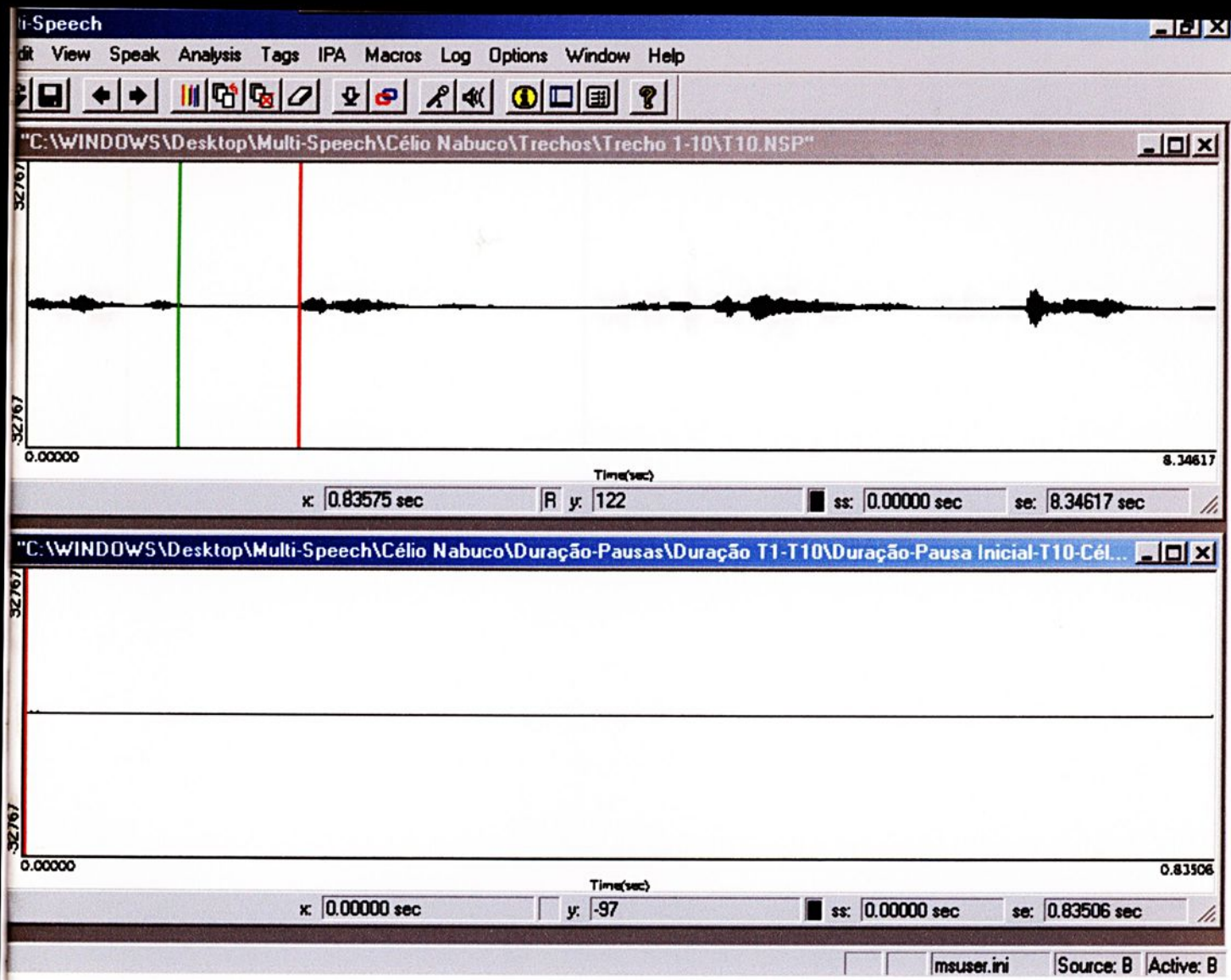
L. [que bárbaro]

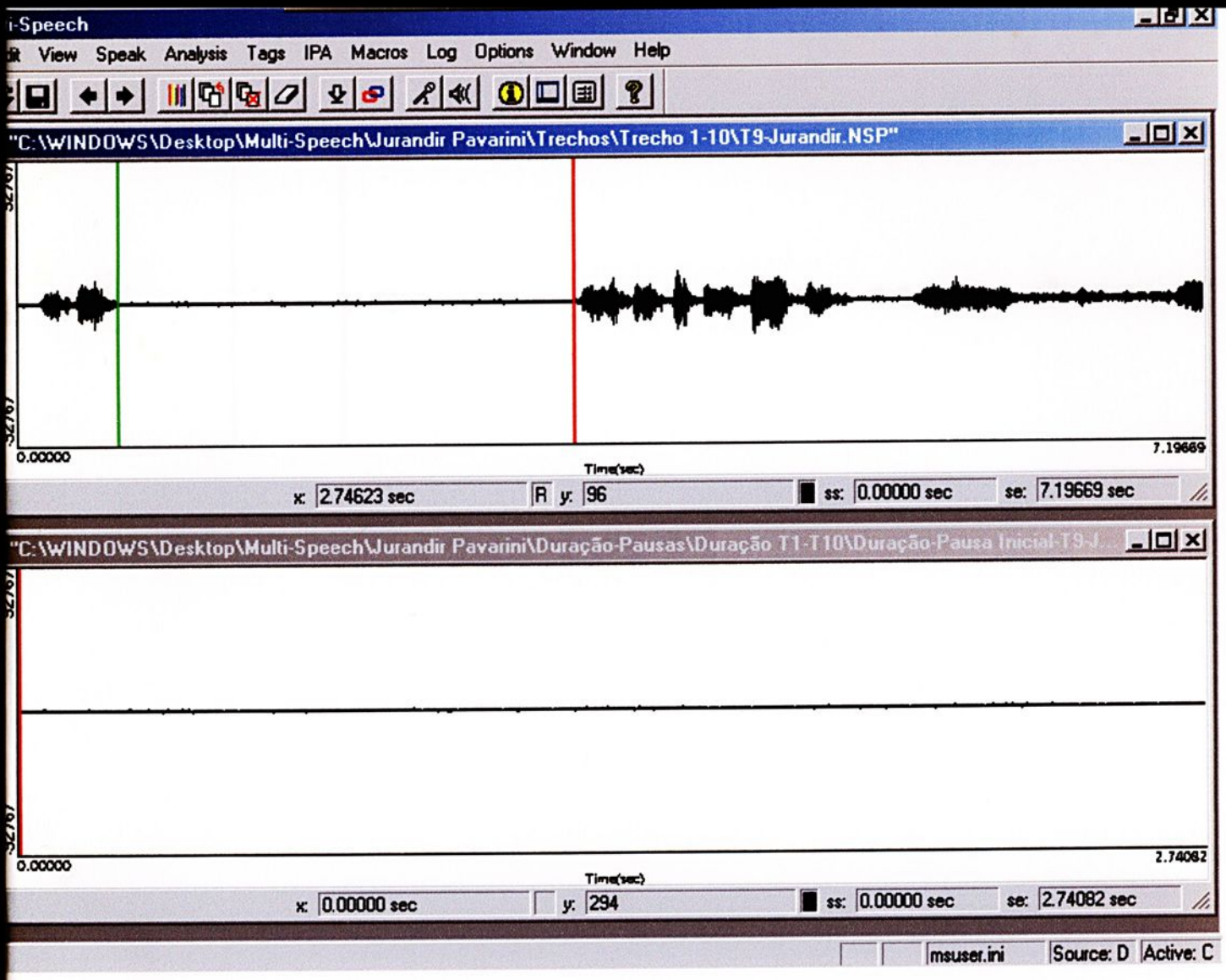
comigo ela não atrapalha não interfere num num num opõe é:: nenhum problema + e a gente vai vivendo + e agora?

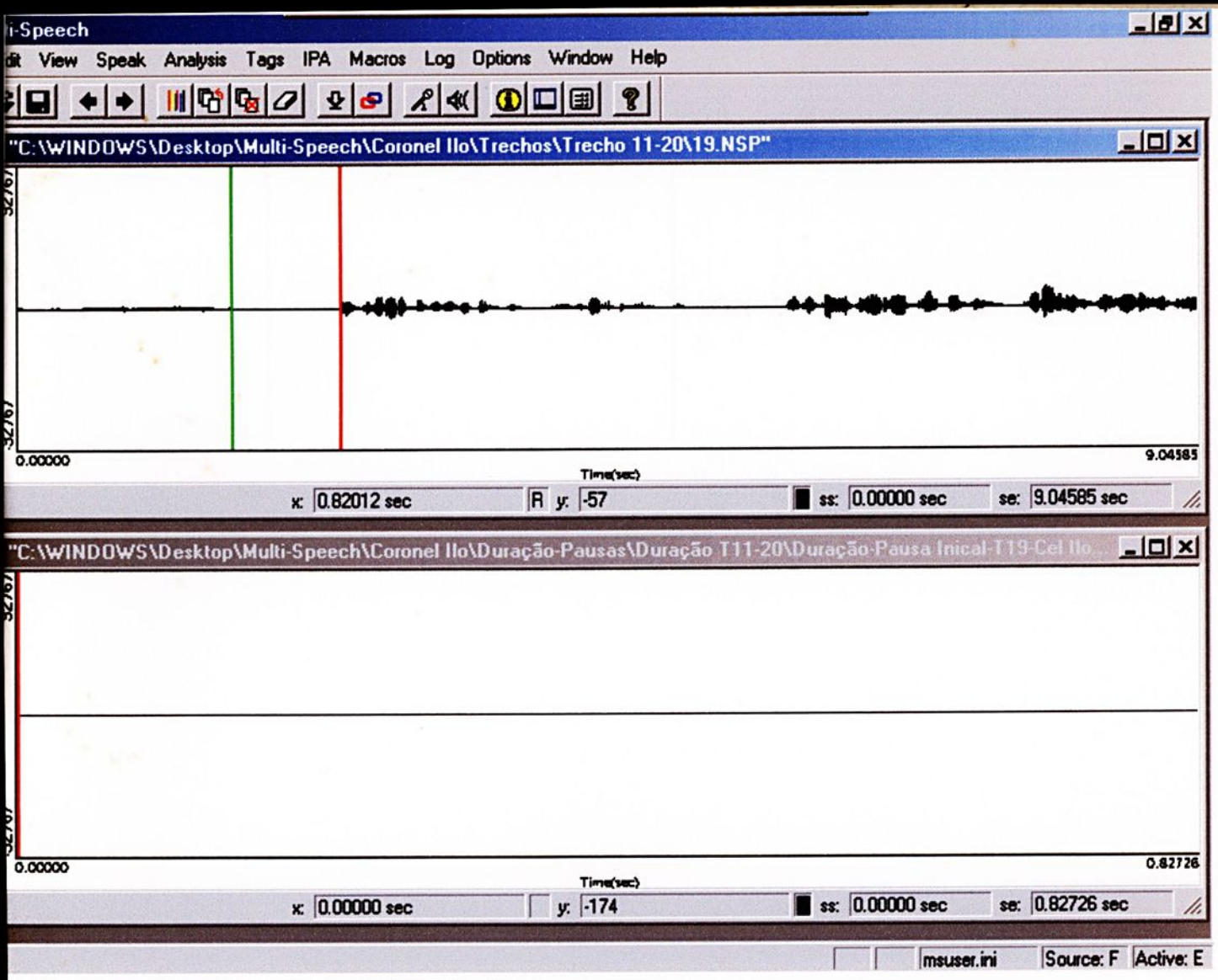
L. [((risos))]

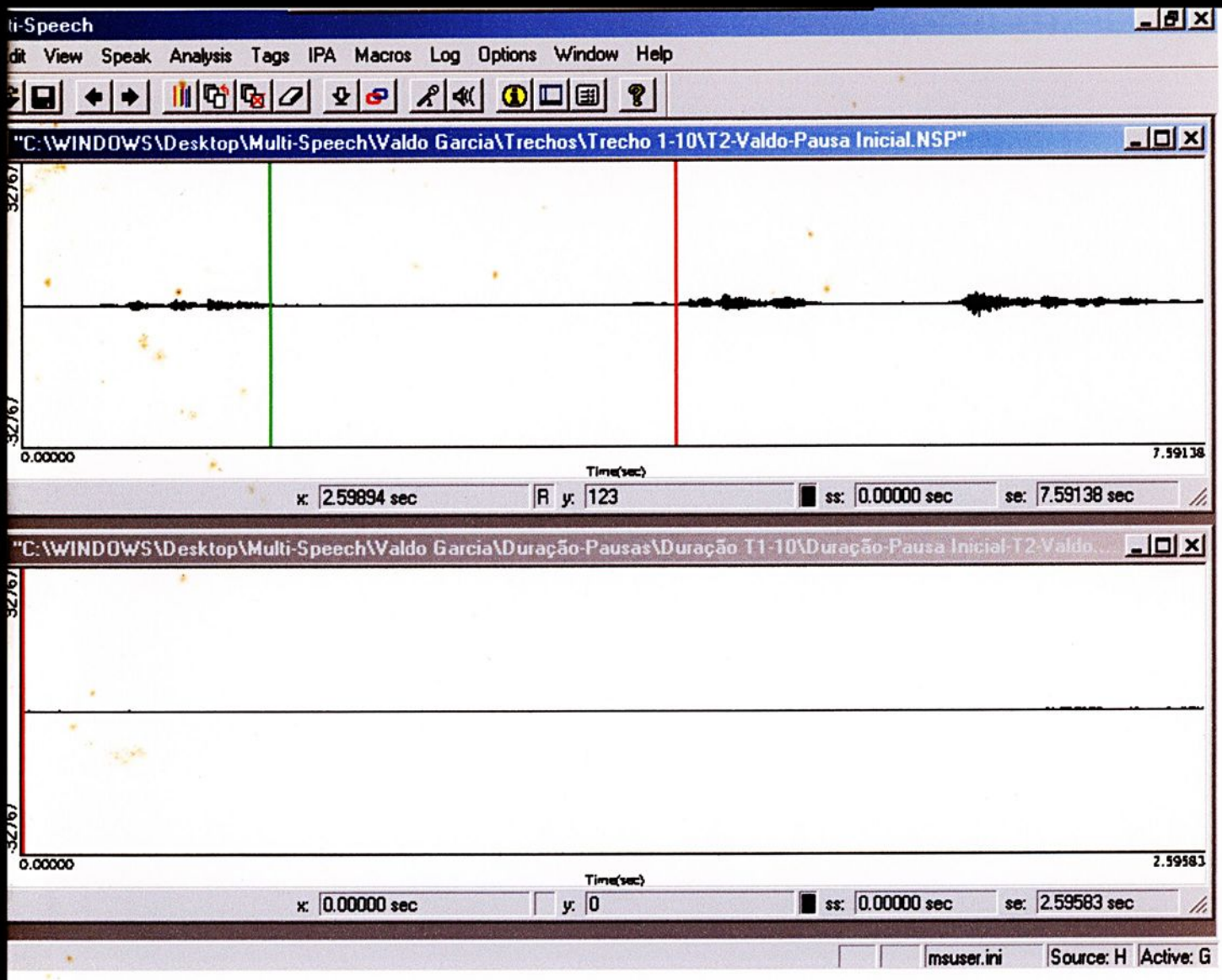
ANEXO II

unesp


i-Speech
dit View Speak Analysis Tags IPA Macros Log Options Window Help
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Célio Nabuco\Trechos\Trecho 1-10\T10.NSP"
32767
-32767
0.00000
8.34617
Time(sec)
x: 0.83575 sec
R y: 122
ss: 0.00000 sec
se: 8.34617 sec
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Célio Nabuco\Duração-Pausas\Duração T1-T10\Duração-Pausa Inicial-T10-Cél...
32767
-32767
0.00000
0.83506
Time(sec)
x: 0.00000 sec
y: -97
ss: 0.00000 sec
se: 0.83506 sec
msuser.ini
Source: B
Active: B


i-Speech
it View Speak Analysis Tags IPA Macros Log Options Window Help
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Jurandir Pavarini\Trechos\Trecho 1-10\T9-Jurandir.NSP"
32767
-32767
0.00000
7.19669
Time(sec)
x: 2.74623 sec
R y: 96
ss: 0.00000 sec
se: 7.19669 sec
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Jurandir Pavarini\Duração-Pausas\Duração T1-T10\Duração-Pausa Inicial-T9-J...
32767
-32767
0.00000
2.74082
Time(sec)
x: 0.00000 sec
y: 294
ss: 0.00000 sec
se: 2.74082 sec
msuser.ini
Source: D
Active: C


i-Speech
dit View Speak Analysis Tags IPA Macros Log Options Window Help
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Coronel Ilo\Trechos\Trecho 11-20\19.NSP"
32767
-32767
0.00000
9.04585
Time(sec)
x: 0.82012 sec
R
y: -57
ss: 0.00000 sec
se: 9.04585 sec
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Coronel Ilo\Duração-Pausas\Duração T11-20\Duração-Pausa Inical-T19-Cel Ilo
32767
-32767
0.00000
0.82726
Time(sec)
x: 0.00000 sec
y: -174
ss: 0.00000 sec
se: 0.82726 sec
msuser.ini
Source: F
Active: E


ti-Speech
dit View Speak Analysis Tags IPA Macros Log Options Window Help
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Valdo Garcia\Trechos\Trecho 1-10\T2-Valdo-Pausa Inicial.NSP"
32767
-32767
0.00000
7.59138
Time(sec)
x: 2.59894 sec
R y: 123
ss: 0.00000 sec
se: 7.59138 sec
"C:\WINDOWS\Desktop\Multi-Speech\Valdo Garcia\Duração-Pausas\Duração T1-10\Duração-Pausa Inicial-T2-Valdo...
32767
-32767
0.00000
2.59583
Time(sec)
x: 0.00000 sec
y: 0
ss: 0.00000 sec
se: 2.59583 sec
msuser.ini
Source: H
Active: G